

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Amanda Thomaz Monteiro

Subjetividade contemporânea e plataformas digitais: lógicas e atmosferas comunicacionais pelo Instagram

Juiz de Fora
2026

Amanda Thomaz Monteiro

Subjetividade contemporânea e plataformas digitais: lógicas e atmosferas comunicacionais pelo Instagram

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade

Orientador: Dr. Rennan Lanna Martins Mafra

Juiz de Fora
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Thomaz Monteiro, Amanda.

Subjetividade contemporânea e plataformas digitais : lógicas e atmosferas comunicacionais pelo Instagram / Amanda Thomaz Monteiro. -- 2026.

242 f. : il.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2026.

1. Subjetividades contemporâneas. 2. Plataformas digitais. 3. Atmosferas. 4. Escritas de si. 5. Gestão de si. I. Lanna Martins Mafra, Rennan, orient. II. Título.

Amanda Thomaz Monteiro

Subjetividade contemporânea e plataformas digitais: lógicas e atmosferas comunicacionais pelo Instagram

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 28 de agosto de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Christina Ferraz Musse

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Mariana Ramalho Procópio

Universidade Federal de Viçosa

Prof.^a Dr.^a Angela Cristina Salgueiro Marques

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Dr. Camila Maciel Campolina Alves Mantovani

Universidade Federal de Minas Gerais

Juiz de Fora, 24/08/2026.



Documento assinado eletronicamente por **RENNAN LANNA MARTINS MAFRA, Usuário Externo**, em 04/09/2026, às 08:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Ramalho Procopio Xavier, Usuário Externo**, em 04/09/2026, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ângela Cristina Salgueiro Marques, Usuário Externo**, em 04/09/2026, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Maciel Campolina Alves Mantovani, Usuário Externo**, em 05/09/2026, às 12:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christina Ferraz Musse, Professor(a)**, em 07/09/2026, às 14:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **3170952** e o código CRC **DD7DC835**.

A cada pessoa que, ao percorrer estas páginas,
se permita desacelerar o passo, abrir a escuta e
acolher as afetações mais sensíveis.

A quem não teme o sentir e encontra no
encontro com o texto uma brecha para a
transformação da própria existência.

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é quitar uma dívida, é reconhecer a recepção de um gesto inacessível ao cálculo financeiro ou utilitário. Etimologicamente, a palavra agradecer vem do latim *ad-gratiam*, derivada de *gratus* — aquilo que é agradável, acolhido com afeto, recebido como graça. Dar graças é acolher o favor do outro e devolver essa dádiva em forma de reconhecimento público; é a declaração poética e política de que a autossuficiência é uma ilusão. É dizer ao mundo: esta construção não pertence apenas a mim; ela atravessou o tempo, as mãos e a sensibilidade de muitos.

A tradição ocidental tentou nos convencer de que o conhecimento científico nasce do isolamento de uma mente iluminada. Os agradecimentos de uma tese existem para dismantelar essa caricatura e, como páginas vivas, humanas e pulsantes do texto acadêmico, para tornarem-se um espaço no qual a subjetividade, as dores, as delícias e as redes invisíveis de sustentação ganham cidadania oficial.

Aprendi que a gratidão habita cosmologias profundas. Na filosofia Ubuntu, ecoa a certeza de que *Eu sou porque nós somos* — e esta tese só é porque fomos coletivo. Na sabedoria andina do Ayni, a gratidão é reciprocidade sagrada, um reequilíbrio contínuo das forças da vida. E na cultura japonesa, que atravessou e marcou o meu doutoramento, dizer *Arigatou* (有難う), que deriva da fusão de "existir" (*ari*) e "difícil" (*gatou*), é reverenciar a raridade e a preciosidade do gesto do outro em relação a nós.

Com esse espírito de reconhecimento e reverência à raridade de cada encontro, manifesto minha mais profunda gratidão às redes que teceram esta travessia:

Ao meu orientador, Rennan Mafra

O dicionário define orientador como “aquele que guia, que indica a direção ou o rumo”, mas o dicionário não basta para conter o que construímos. Aquilo que não cabe na definição técnica é justamente o que deu sentido à jornada: a sua imensa generosidade; o compromisso inegociável com a ciência e com a vida; a humildade genuína, digna do único significado de mestre que faz sentido para mim; as trocas dialógicas e epifânicas; os desabafos acolhidos; as descobertas — por vezes dolorosas, mas profundamente libertadoras — dos tantos outros que habitam em nós. Faltam palavras no meu mundo para agradecer tamanha doação.

A Maíra Castanheiro

Pela coragem de expor a sua vida, a sua maternidade e as suas vulnerabilidades no ecossistema digital. Seu gesto de resistência permitiu que das suas escritas de si emergisse ciência para tentar compreender os dilemas e as afetações do nosso tempo.

Às professoras e aos professores integrantes das bancas

Mariana Procópio, pelo carinho constante, pelo olhar atento e pelas contribuições valiosas desde as nossas aulas, passando pelo Seminário de Tese, pela Qualificação, e por continuar trilhando este percurso comigo na banca de Defesa;

Christina Musse, pela delicadeza e pelas contribuições generosas nas nossas aulas, na parceria da organização do livro, no Seminário de Tese e, logo mais, no encerramento deste ciclo na banca de Defesa;

Angela Marques, Camila Mantovani, Frederico Tavares, André Covre, Iluska Coutinho e Cláudia Thomé, por aceitarem o convite para compor a banca de Defesa, disponibilizando tempo, rigor e olhar qualificado para o fechamento desta caminhada.

Aos parceiros de diálogo e suporte acadêmico

Professores e técnicos administrativos do PPGCOM/UFJF, pelo suporte cotidiano. Avaliadores, pareceristas e pesquisadores interlocutores nos eventos científicos, cujas críticas e provocações calibraram os rumos desta pesquisa.

Aos companheiros de jornada e afeto na pós-graduação

Meus colegas-amigos Adriana Helena, Adriana Oliveira, Laryssa Gabellini, Maurício Vieira Filho, Sara de Moraes e Letícia Guimarães, meu muito obrigada por dividirem comigo nossos pesos e nossas levezas nesta caminhada.

À Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e à Diretoria de Comunicação Social

UFVJM, pela concessão do afastamento integral, essa oportunidade incrível e singular de vivenciar a dedicação exclusiva ao doutorado;

Dicom, pela união profissional, pela parceria na viabilização do afastamento e pelas amizades construídas no cotidiano de trabalho.

À Universidade Federal de Juiz de Fora

UFJF, pela oportunidade de realizar o doutorado em uma instituição pública de excelência e pelo apoio financeiro para minha participação em eventos científicos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, em razão da Portaria nº 206 da CAPES, publicada em 04 de setembro de 2018.

Às instituições, aos docentes e aos parceiros do doutorado-sanduíche no Japão

Kobe Institute for Atmospheric Studies (KOIAS), da Kobe University, pela oportunidade extraordinária para a realização do meu estágio de pesquisa;

JSPS Core-to-Core Program, programa da Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência, pelo financiamento dos meus estudos no Japão:

本研究は、独立行政法人日本学術振興会の「研究拠点形成事業」（課題番号 JPJSCCA20250001）の支援を受けたものです。

This work was supported by JSPS Core-to-Core Program (grant number JPJSCCA20250001);

Professor Yuho Hisayama, diretor do KOIAS, pela acolhida, pela gentileza, pelas contribuições acadêmicas e por manter as portas abertas;

Professor Alberto Parisi, pelo aceite na coorientação, por todo o apoio — desde dezembro de 2024 até, literalmente, meu último dia em Kobe, em novembro de 2025 — para viabilizar minha ida ao Japão, pelas contribuições acadêmicas e pela confiança em nossas partilhas;

Manuela Salazar, pela acolhida, pelas dicas preciosas de sobrevivência no Japão e pelas partilhas;

Equipe administrativa do KOIAS (Moeka, Miki e Yamamoto San), pela gentileza e pelo acompanhamento cuidadoso, inclusive nos momentos em que precisei de atendimento médico em solo japonês.

Aos amigos de vida (minha família escolhida)

Lugar de acolhimento, afeto, dores e delícias; vocês são luz no meu caminho e parte da razão de eu ser quem sou e de ser feliz como sou. Nomear a todos é impossível, mas trago com carinho aqueles que acompanharam mais de perto esta travessia nos últimos quatro anos:

Bruno Chausson, meu amigo mais antigo, companheiro desde os meus sete anos de idade e a minha certeza serena de um amor para todo o sempre;

Rodrigo Arantes, meu amigo que “de médico e louco todo mundo tem um pouco”, e que com sua generosidade acolheu a mim e às minhas conexões em Belo Horizonte durante o ritmo incessante de ir e vir entre Diamantina e Juiz de Fora;

Frederico Michel, pelas aventuras e itinerários compartilhados, e por estar sempre a postos para me ajudar a atravessar tanto os obstáculos das trilhas físicas quanto os relevos da vida;

Raquel Maia, pela presença constante, pelas viagens inesquecíveis, pela confiança irrestrita e por partilharmos sem reservas nossas dores e nossas delícias mais íntimas;

Marcelo Tibães, meu primeiro amigo em Diamantina, que agora habita, inesquecível, dentro de mim;

Débora Nascimento, por todas as tempestades que enfrentamos lado a lado, pela confiança inabalável e por essa parceria rara de vida;

Trícia Martins e Tatiana Terra, pelo desejo constante de estarem presentes e pelo afeto continuamente renovado;

Frederico Tavares, por me ensinar coisas bonitas da vida desde os nossos tempos de graduação na UFMG, e pelas confidências tecidas com a sensatez de quem conhece e honra a integridade do outro;

João Paulo Freitas, pela generosidade sem medida, pela entrega afetuosa e por todo o suporte fundamental nos preparativos e no meu regresso do Japão;

Simone Cota, pelo cuidado atento, pelas trocas profundas e luminosas e pelas acolhedoras temporadas de pouso na casa uma da outra;

Karla Damiani, pela cumplicidade viva e pelas aventuras compartilhadas desde os tempos da faculdade;

Carol do Espírito Santo, pela certeza de uma amizade que "o tempo não fala".

À Lourdinha

Que muito além de cuidar da minha casa em Diamantina — inclusive mantendo o rumo das coisas enquanto morei em Juiz de Fora e no Japão —, cuida de mim nos momentos de enfermidade do corpo e de aflição do coração.

À Regina Martins

Pela acolhida carinhosa em Juiz de Fora, pela doçura, pela generosidade e pelas partilhas reconfortantes em nossos cafés da manhã e da tarde.

À escuta acolhedora e às mãos que aliviam

Marina Lemos, minha psicanalista, por ser lanterna e escuta atenta na travessia, ajudando-me a iluminar as veredas tortuosas da rearquitectura existencial e a sustentar o tempo do contínuo desabrochar de mim mesma;

Sionara Silva, minha fisioterapeuta vascular e amiga, cujas mãos salvadoras nas drenagens e liberações miofasciais aliviaram as tensões acumuladas em horas a fio diante do computador;

Franchesca Fripp, minha médica de escuta generosa e mãos acolhedoras na acupuntura, que me ensinou poeticamente que também somos mães de ideias, de projetos e de teses;

Toda a equipe de profissionais do Instituto Pizzini e da Clínica Bem Cuidar, pelo suporte e pelos cuidados dedicados à minha saúde ao longo do percurso.

Ao Paulo Henrique Tibães

Pelo amor profundo que sinto pulsar dentro de mim; por me dizer e me mostrar, a cada gesto, o quanto me ama; pela gentileza e delicadeza no trato com as pessoas; pela conexão afetuosa que cultiva com os animais e com a natureza; pela sua força de transformação e pela coragem diária de seguir em frente; pela beleza do seu ser e, acima de tudo, pela nobreza do seu coração.

À minha família

Minha mãe e meu pai, minha base constitutiva, que me deram o bem mais precioso (o incentivo aos estudos) e fizeram do seu melhor a estrutura do meu ser:

Meu pai, André Monteiro, que se faz presente e habita, inesquecível e luminoso, o espaço mais bonito dentro de mim. Sei que estaria com imenso orgulho de mais esta conquista;

Minha mãe, Elena Tomaz, que sempre acreditou nos meus caminhos e se orgulha a cada vitória minha;

Minha irmã Bruna, que reconhece o esforço da minha trajetória e torce genuinamente por mim;

Minha irmã Luciana e meu irmão Daniel, pelo respeito e por, a seu modo, torcerem por mim;

Meus sobrinhos, Pedro Henrique e Bernardo, pelo afeto e por torcerem pela tia.

Aos leitores desta tese

Que as reflexões aqui tecidas possam encontrar eco no seu próprio sentir e contribuir, de algum modo, para a compreensão das subjetividades e dos dilemas que atravessam nosso tempo.

A mim mesma

Por fim, agradeço ao meu corpo e à minha mente, por terem sido morada e força ao longo de todo o caminho. Reconheço a minha coragem e resistência ao percorrer estradas físicas e burocráticas, recusando-me a recuar diante dos obstáculos que se impuseram. Agradeço por ter sustentado o desejo de mudar, de amadurecer e de desabrochar como mulher, cidadã e cientista.

O senhor saiba: eu quase nada sei, mas desconfio de muita coisa. [...]
Mudar de lugar é a gente ir experimentando de ser outro.

O real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

João Guimarães Rosa, na obra Grande Sertão: Veredas

RESUMO

Esta tese busca investigar que lógicas e atmosferas comunicacionais afetam a constituição de subjetividades contemporâneas em contextos de plataformas digitais, com foco no Instagram. O problema de pesquisa orienta-se pela urgência de compreender as afetações da plataformização da vida sobre o sujeito comum, premido entre o imperativo da visibilidade e a opacidade dos algoritmos. Como horizonte empírico, a investigação apoia-se no estudo indiciário (Braga, 2008) do perfil público @mairacastanheiro no Instagram, pertencente à escritora Máira Castanheiro, uma mulher “comum” cujas escritas de si expõem a interseção entre dilemas íntimos e ofertas comerciais de seus livros e de sua prática docente nos cursos on-line que ministra. A fundamentação teórica articula as noções de 1) escritas de si (Arfuch, 2010; Rago, 2013; Marques, Pessoa, Martino, 2022) e performatividade de gênero (Butler, 2015, 2018); e 2) gestão de si (Gaulejac, 2007; Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020) e comunicação organizacional (Baldissera, 2007, 2009, 2022; Mafra, 2022), identificando-as como aspectos constitutivos, respectivamente aparentes e latentes, de lógicas comunicacionais presentes nas plataformas digitais contemporâneas, com foco no Instagram, sob a racionalidade neoliberal na era da performance (Bruno, 2005, 2013; Sibilia, 2015, 2016). Em termos metodológicos, fundamentada nos Estudos Atmosféricos (Böhme, 1993, 2017; Griffero, 2013, 2016; Gumbrecht, 2014; Hasse, 2015, 2018; Schmitz, 2023), na pesquisa estética (Gumbrecht, 1994, 2010) e na pesquisa indiciária (Braga, 2008), a tese propõe a Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais, de abordagem estético-interpretativa, assumindo a premissa da sensibilidade corpórea do corpo-sismógrafo e a criação do modelo analítico Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo para examinar um corpus empírico inicial de 30 unidades de análise coletadas em derivas cartográficas pelo perfil investigado. Como resultados, para além da consolidação do próprio dispositivo metodológico, após o exame aprofundado de oitos unidades de análise selecionadas do corpus inicial, a pesquisa reconhece a emergência de quatro duplas de atmosferas comunicacionais em movimento dialético, constitutivas de subjetividades contemporâneas em contextos de plataformas digitais: Expectativa e Progresso; Aprovação e Pressão; Excitação e Frustração; e Disponibilidade e Cansaço. Como conclusão, a tese demonstra que a falha da autogestão expõe a exaustão somática e desmascara o mito neoliberal da ideologia do progresso (Benjamin, 1987), afirmando que tais atmosferas, ainda que com fissuras e fraturas, atuam como tendências às subjetividades contemporâneas, e sustentando a hipótese de trabalho de que é possível exercer uma escuta sensível e crítica de tais subjetividades desde dentro das próprias tecnologias digitais.

Palavras-chave: subjetividades contemporâneas; plataformas digitais; atmosferas; escritas de si; gestão de si.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to investigate which communicational logics and atmospheres affect the constitution of contemporary subjectivities in digital platform contexts, focusing on Instagram. The research problem is guided by the urgency of understanding the effects of the platformization of life on the ordinary subject, caught between the imperative of visibility and algorithmic opacity. As an empirical horizon, the investigation relies on the indicial study (Braga, 2008) of the public Instagram profile @mairacastanheiro, belonging to writer Máira Castanheiro, an “ordinary” woman whose writings of the self expose the intersection between intimate dilemmas and commercial offerings of her books and online courses. The theoretical framework articulates notions such as 1) writings of the self (Arfuch, 2010; Rago, 2013; Marques, Pessoa, Martino, 2022), gender performativity (Butler, 2015, 2018), and 2) self-management (Gaulejac, 2007; Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020), and organizational communication (Baldissera, 2007, 2009, 2022; Mafra, 2022), identifying them as constitutive aspects, respectively apparent and latent, of communicational logics present in contemporary digital platforms under neoliberal rationality in the age of performance (Bruno, 2005, 2013; Sibilia, 2015, 2016). Methodologically grounded in Atmospheric Studies (Böhme, 1993, 2017; Griffero, 2013, 2016; Gumbrecht, 2014; Hasse, 2015, 2018; Schmitz, 2023), aesthetic research (Gumbrecht, 1994, 2010), and evidentiary paradigm (Braga, 2008), the thesis proposes the Methodology for the Analysis of Communicational Atmospheres, featuring an aesthetic-interpretive approach. It assumes the premise of the bodily sensitivity of the "body-seismograph" (corpo-sismógrafo) and creates the analytical model Diagram of the Affective Regime Quadrants to examine an initial empirical corpus of 30 analytical units collected through cartographic drifts across the investigated profile. As results, beyond consolidating the methodological device itself, after an in-depth examination of eight selected analytical units, the research identifies the emergence of four pairs of communicational atmospheres in dialectical movement, constitutive of contemporary subjectivities in digital platform contexts: Expectation and Progress; Approval and Pressure; Excitement and Frustration; and Availability and Fatigue. In conclusion, the thesis demonstrates that the failure of self-management exposes somatic exhaustion and unmask the neoliberal myth of the ideology of progress (Benjamin, 1987). It asserts that these atmospheres, despite their fissures and fractures, act as tendencies shaping contemporary subjectivities, while supporting the working hypothesis that it is possible to practice a sensitive and critical listening to such subjectivities from within digital technologies themselves.

Keywords: contemporary subjectivities; digital platforms; atmospheres; self-writing; self-management.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	13
1.2 Caminhos metodológicos e problema de pesquisa	21
1.3 Objetivos e organização da tese.....	23
2 CAPÍTULO 1: ESCRITAS DE SI E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO: ELEMENTOS CONSTITUINTES DA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA DE EXISTIR	28
2.1 Introdução	28
2.2 O lugar das escritas de si na contemporaneidade	29
2.3 Gênero e escritas de si: o lugar da performatividade.....	34
2.4 As escritas de si e as tecnologias: nuances e aspectos da constituição da subjetividade contemporânea.....	42
2.5 Considerações finais do capítulo	48
3 CAPÍTULO 2: GESTÃO DE SI E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: A RACIONALIDADE NEOLIBERAL E AS IMPOSIÇÕES DA ORGANIZAÇÃO ALGORÍTMICA	52
3.1 Introdução	52
3.2 A mediação como produtora de relações sociais e existências contemporâneas	54
3.3 O neoliberalismo como produtor de um sujeito na encruzilhada de sua própria liberdade	56
3.4 A gestão como instituidora de uma sociedade adoecida	58
3.5 A ambiência do Instagram: materialidades, produção de presença e a gestão racional de si	60
3.6 O Instagram como organização algorítmica: a ideologia do progresso e as tensões da comunicação organizacional.....	64
3.7 Considerações finais do capítulo	71
4 CAPÍTULO 3: O PERCURSO METODOLÓGICO: AS ATMOSFERAS COMUNICACIONAIS E O CORPO-SISMÓGRAFO NO INSTAGRAM.....	75
4.1 Introdução	75
4.2 O Instagram como lugar comunicacional: a perspectiva da experiência.....	78
4.3 O estatuto comunicacional da atmosfera: afetos, materialidades e a copresença mediada	81
4.4 A engrenagem do método: uma abordagem estético-interpretativa	86
4.5 Derivas cartográficas: vestígios atmosféricos no Instagram	88
4.6 Experiência perceptiva: um processo multidimensional	91
4.7 A ambiência digital como suporte material: interface, linguagem e a produção de presença no fluxo algorítmico	93
4.8 O giro ético-político na análise atmosférica: captura algorítmica e o estatuto crítico do método	97

4.9 O encontro de sujeitos na rede: as escritas de si como material empírico e a implicação do corpo-sismógrafo	99
4.10. A organização algorítmica em análise: o desenho operacional do Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo	102
4.11. O protocolo de tratamento do material empírico: do corpo-sismógrafo aos indícios de campo	107
4.11.1 O paradoxo da usuária-pesquisadora e as vibrações do corpo-sismógrafo	110
4.11.2 O protocolo de operação analítica: a tripartição do gesto analítico.....	111
4.11.3 Da singularidade do indício de caso à generalização inteligível do indício de campo	114
4.12 Considerações finais do capítulo	118
5 CAPÍTULO 4: ENTRE O FLUXO E O ABALO: A EMERGÊNCIA DE ATMOSFERAS COMUNICACIONAIS EM MOVIMENTO NO PERFIL @MAIRACASTANHEIRO	121
5.1 Introdução	121
5.2 O sismógrafo em calibragem: da intuição à delimitação operacional do diário público	123
5.3 Fricções atmosféricas em tela: o esforço heurístico de categorização e as unidades de análise	132
5.3.1 Primeiro Movimento Atmosférico: a fricção entre <i>Expectativa</i> (aparente) e <i>Progresso</i> (latente)	137
5.3.2 Segundo movimento atmosférico: a fricção entre Aprovação (aparente) e Pressão (latente).....	144
5.3.3 Terceiro movimento atmosférico: a fricção entre Excitação (aparente) e Frustração (latente).....	151
5.3.4 Quarto movimento atmosférico: a fricção entre Disponibilidade (aparente) e Cansaço (latente)	158
5.4 Considerações finais do capítulo	166
6 CAPÍTULO 5 - AS ATMOSFERAS COMUNICACIONAIS E OS TENSIONAMENTOS DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: MODULAÇÕES INTERACIONAIS DAS LÓGICAS COMUNICACIONAIS OPERADAS PELO INSTAGRAM.....	168
6.1 Introdução	168
6.2 O caso como indício do campo: balizas epistemológicas para o salto analítico e a generalização das atmosferas.....	171
6.3 Entre a promessa da aparência e o imperativo do avanço: as atmosferas de Expectativa e Progresso.....	174
6.4 Da busca por reconhecimento à gestão algorítmica de si: as atmosferas de Aprovação e Pressão	177
6.5 Do encantamento engajado ao ruído do ecossistema: as atmosferas de Excitação e Frustração	179
6.6 Do fluxo ininterrupto à exaustão somática: as atmosferas de Disponibilidade e Cansaço	182

6.7 A crise da ideologia do progresso e a estagnação no contemporâneo: a falência da gestão de si	184
6.7.1 O Instagram como organização algorítmica e matriz organizacional latente.....	186
6.8 Considerações finais do capítulo	190
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
7.1 Retrospectiva da jornada: objetivos, percurso e a demonstração da tese	193
7.2 Dos indícios de caso aos indícios de campo: a falha das lógicas e as atmosferas como tendências contemporâneas	195
7.3 A metodologia como resultado: a ética do cuidado, a escuta sismográfica e a validação da análise de atmosferas comunicacionais	197
7.4 O pensamento de risco, as inferências faltantes e a metodologia como dispositivo aberto	199
7.5 Escutar desde dentro: a tese aberta e a hipótese para os estudos futuros na Comunicação	202
8 POSFÁCIO.....	205
9 REFERÊNCIAS	212
APÊNDICE — Detalhamento e categorização do <i>corpus</i> empírico	221

PREFÁCIO

Carta a Maíra Castanheiro

Cara Maíra,

Escrevo-lhe esta carta com a mão trêmula de quem tenta dimensionar o tamanho do gesto que acaba de selar. Durante anos, enquanto os seus dias se desdobravam na tela, eu estive do outro lado. Não como uma espectadora distraída, mas como quem afina o ouvido e apoia o próprio corpo contra o chão para escutar os tremores subterrâneos da nossa época. Hoje, que esta tese ganha forma de trabalho concluído, sinto que um modo honesto de inaugurá-la é dirigindo-me diretamente a você.

Tenho tentado, repetidamente, me colocar no seu lugar, exercitando a empatia de me perguntar: O que se sente ao descobrir que alguém, em uma universidade pública, fez ciência com aquilo que eu produzo? Com a minha vida cotidiana, com as minhas escritas de si, com a minha maternidade, com as minhas dores e as minhas delícias externadas no ecossistema digital? Imagino a estranheza inicial, a dúvida ou até o sobressalto que isso possa lhe causar e, por isso, preciso lhe dizer, com a maior transparência de que sou capaz, de onde parte e para onde vai este trabalho.

Esta pesquisa nasceu do mais profundo respeito pela sua coragem. Em um ambiente marcado pela busca por perfeição maquiada e felicidades calculadas, você tem a “ousadia” de colocar a sua humanidade na vitrine. Você insiste em publicar as suas verdades, em exteriorizar suas vulnerabilidades e em escancarar os custos de ser mulher, mãe, profissional e sujeito diante dos desafios de uma rede digital. E foi exatamente esse gesto de resistência e exposição que converteu o seu perfil em algo tão relevante. Não apenas para mim, mas para toda uma sociedade que precisa urgentemente compreender o que o mundo contemporâneo e as lógicas de plataforma estão fazendo com os nossos corpos e com as nossas afetações. Um cientista tem o dever de não guardar a pesquisa para si; ele precisa produzir um conhecimento que retorne ao mundo, que possa ser apropriado pelas pessoas para que entendamos, juntos, os dilemas da nossa própria existência.

Como mulher, encontrei nas questões e nas adversidades que você expõe os ecos das minhas próprias perplexidades. Houve sororidade antes mesmo de haver método. Identifiquei-me com algumas de suas dores, com as suas buscas por brechas de respiro, com o esgotamento que muitas vezes nos assalta; mas também me identifiquei com sua força, com sua coragem, com sua determinação e com a alegria de ser quem somos. Até mesmo nos detalhes mais miúdos

do cotidiano essa identificação me alcançou. Quando vi você resgatar aquela lembrança da infância em Teresópolis — o tempo em que você e seus irmãos só tinham abacate e goiaba do quintal para comer —, sorri em silêncio diante da tela. Eu também odeio abacate, Maíra. Não pela escassez que marcou a sua história, mas pela insistência de minha mãe que me obrigava a tomar vitamina de abacate na infância. Mágicas das escritas de si: na recusa de um simples sabor e na memória da nossa formação, teci com você uma cumplicidade sutil, a prova de que a vida que observamos se faz de corpo, afeto e humanidade.

E é justamente por essa identificação que talvez você possa se perguntar: Por que não me procurou antes? Por que não me enviou uma mensagem pedindo licença ou avisando que estava pesquisando o meu perfil?

A decisão de não estabelecer um contato direto durante o percurso foi um compromisso rigoroso com a pesquisa. Eu precisava manter a calibragem da minha escuta e do meu olhar sem interferir no fluxo espontâneo do seu habitar no Instagram. Mudar a sua dinâmica ou transformar a nossa relação em uma entrevista privaria o trabalho daquela espontaneidade e daquele ambiente atmosférico real que você constrói diariamente. Não foi distanciamento afetivo; foi um esforço para preservar a integridade da sua presença e a calibração da sensibilidade do meu próprio corpo, que também se afeta, ao realizar esta pesquisa.

Desde os momentos iniciais deste trabalho, quando o meu orientador e eu desenhávamos os contornos do projeto de tese, uma inquietação ética nunca nos abandonou. Nós nos perguntávamos, em cada reunião, em cada capítulo: Como a Maíra receberá isso no futuro? Nós sabemos — e assumimos com a devida humildade — que a gente não está dentro do outro; a gente não vive a vida do outro e, portanto, não há garantias absolutas sobre como as nossas leituras serão acolhidas. Mas há, da minha parte, o testemunho de um cuidado ininterrupto, exercido dia a dia, para que a história que você conta de si jamais fosse reduzida a um mero objeto frio de análise.

Tentei operar o que chamamos de giro ético-político, observando o seu perfil durante esses quatro últimos anos com reverência, com cuidado e com sororidade. A tese nasceu da admiração pelo seu modo de existir e resistir. E a consequência desse gesto é que, a partir de agora, qualquer leitor que abrir este volume também irá ao seu encontro. Ele não lerá sobre um "caso" genérico; lerá sobre a densidade e a dignidade da sua trajetória.

Por fim, gostaria que você soubesse que este trabalho é fruto e patrimônio da universidade pública brasileira. Aqui não há interesses comerciais, não há busca por lucro, nem a mercantilização da sua história. Os ganhos gerados por esta tese são estritamente acadêmicos, científicos e sociais. Eu não me servi da sua dor; eu me coloquei ao seu lado para, a partir da

sua voz, tentar iluminar a dor de tantas outras mulheres e sujeitos atravessados pelas telas do nosso tempo.

Você já escreveu, com a delicadeza poética que lhe é própria, que aprendeu a ser *sozinha* para se fazer *solzinha*, e que segue *só*, sendo *sol*. Mas eu gostaria que soubesse que, ainda que na travessia das redes você muitas vezes se sinta só, nesta tese — e através dela — você jamais esteve sozinha. Eu segui junto com você. Se esta tese consegue dizer algo de profundo sobre a subjetividade contemporânea, é porque você tem a valentia de não se calar e de transformar a sua própria existência em luz.

Com admiração, sororidade e profundo respeito,

Amanda.

1 APRESENTAÇÃO

Esta tese nasceu do desejo de escutar o pulso de um tempo; desejo este que foi se revelando gradualmente ao longo da pesquisa. No horizonte inicial desta investigação, a paisagem parecia nebulosa, dada a complexidade de compreender as afetações e rupturas que as novas lógicas comunicacionais imprimem aos processos contemporâneos de constituição de subjetividades. Nesse cenário atravessado pela plataformização da vida, tanto o ecossistema organizacional quanto os sujeitos comuns têm sido profundamente tensionados pelas mídias digitais e, de modo incisivo, pelas redes sociais proprietárias¹.

Ainda que não estivesse formalizado desde os primeiros passos, habitava em mim² um incômodo profundo: a inquietação diante dos modos como sujeitos têm conseguido sobreviver, sentir e interagir em um mundo saturado pela mediação algorítmica. Somado a isso, minha formação em Relações Públicas e o olhar analítico voltado à comunicação organizacional permitiram-me perceber que, no Instagram, vem desenhando-se um movimento de exposição — ora estratégico, ora atravessado por crises — muito semelhante às dinâmicas que eu vivenciava em meu cotidiano profissional como diretora de comunicação de uma universidade pública no interior de Minas Gerais.

De modo mais específico, na condição de usuária e observadora dessas mídias digitais, especificamente do Instagram, foi possível notar que, nos últimos tempos, sujeitos comuns, que têm passado por episódios públicos de crise, têm sido convocados a mobilizar um uso estratégico e disciplinado da comunicação que, antes de um cenário recente de intenso uso social das mídias digitais, restringia-se quase que exclusivamente ao universo das corporações

¹ Do ponto de vista dos estudos de comunicação, cumpre distinguir o conceito sociológico tradicional de "rede social" da infraestrutura técnica e institucional das plataformas digitais contemporâneas. Enquanto o primeiro termo abrange as estruturas de interconexão e laços entre atores independentes da mediação digital, ecossistemas como o Instagram configuram-se propriamente como mídias sob a lógica da plataformização (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020; D'Andréa, 2020). Longe de operarem como canais neutros de conexão, essas arquiteturas funcionam como dispositivos centrais no processo de midiaticização profunda, moldando as "configurações comunicativas" da sociedade contemporânea (Hepp, 2014). Assim, a interação passa a ser mediada por uma "experiência algorítmica" (Lemos; Pastor, 2020) atrelada aos imperativos econômicos do capitalismo de plataforma e de vigilância (Srnicsek, 2017; Zuboff, 2021), os quais impõem possibilidades, gramáticas e constrangimentos estruturais à circulação social de sentido.

² Ao longo desta tese, opto pela alternância deliberada entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural. Tal escolha justifica-se pela necessidade de marcar, em certos momentos, a minha afetação subjetiva e sensorial diante da empiria. Em outros fragmentos, adoto o "nós" para conferir visibilidade à natureza dialógica desta pesquisa, reconhecendo que as reflexões aqui tecidas são frutos de trocas e interações constantes, principalmente com meu orientador, mas também com professores, intelectuais, autores e colegas com quem cruzei durante a jornada. Com isso, afasto-me da pretensão de uma neutralidade universal para assumir uma escrita que é, simultaneamente, situada e intersubjetiva.

e figuras públicas. Dito por outras palavras, tornou-se comum observar indivíduos publicando notas de esclarecimento, justificando conteúdos, cobrando posicionamentos ético-políticos uns dos outros e administrando atritos relacionais. A cobrança por uma performance ininterrupta e sem ruídos, como nos aponta Paula Sibilia (2015, 2016), ultrapassou os muros institucionais para atingir a escala do indivíduo comum.

Em paralelo a essa percepção profissional, um interesse teórico e muito particular voltado à compreensão da relação entre sujeitos e contextos canábicos recentes direcionou o desenho inicial do projeto de pesquisa que deu origem a esta tese. Durante os primeiros meses do curso de doutorado, em 2022, e já inserida no grupo de pesquisa DIZ (Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença), da Universidade Federal de Viçosa (UFV), integrei a pesquisa *Conhecimentos canábicos: comunicação pública, ciência e política nas pesquisas com/sobre cannabis no Brasil* e passei a me interessar pela discussão dessa temática. Meu interesse, à época, se moldou em tentar compreender como instituições do Estado, do Mercado e da Ciência comunicavam sobre *maconha/cannabis*³ no Instagram, qual seja: como tais instituições manejavam processos comunicacionais que envolviam uma planta marcada por seculares disputas simbólicas, morais e jurídicas, intensificadas na cena contemporânea pela emergência de seus usos medicinais, científicos, comerciais e sociais.

A realização de uma revisão do estado da arte — primeiro, para compreender a *maconha/cannabis* como objeto da Comunicação e, segundo, para observar o debate e as controvérsias sobre os múltiplos usos da planta — revelou que o ativismo canábico no Brasil é fortemente impulsionado por um movimento feminino e materno. Mães de crianças com enfermidades severas e epilepsias refratárias assumiram o protagonismo na luta pelo acesso à planta, desafiando a moral proibicionista e o risco de sanções penais em defesa da vida e do alívio da dor de seus filhos (Carvalho et al., 2017; Mourão, 2021). Observando essa mobilização, notei a presença potente de mulheres — cientistas, mães, cultivadoras, empresárias e ativistas — valendo-se das redes sociais digitais para compartilhar suas

³ De acordo com Brandão (2017, p. 87), “a palavra ‘maconha’, frequentemente apresentada como oriunda de línguas africanas, é um anagrama de ‘canhamo’ – conforme já apontava o botânico português Manuel Pio Corrêa que atuava no Brasil no início do século XX”. A utilização conjunta dos termos *maconha/cannabis* nesta tese constitui uma escolha terminológica de caráter estratégico e político. Enquanto o termo *cannabis* é frequentemente mobilizado por discursos científicos e médicos para conferir legitimidade técnica à planta, o termo *maconha* carrega a ancestralidade e as tensões socioculturais do proibicionismo. Ao tensionar ambas as nomenclaturas, esta pesquisa recusa o viés puramente médico-normativo e a moralização proibicionista, optando por uma estratégia discursiva que problematiza a planta como um fenômeno de disputa por direitos, justiça social e reconhecimento da experiência dos sujeitos.

experiências íntimas e fazer ecoar suas vozes em busca de dignidade, visibilidade e direitos constitucionais fundamentais.

Os três movimentos de observação realizados — a participação no projeto de pesquisa, a revisão da literatura e o mapeamento preliminar de perfis no Instagram⁴ — evidenciaram a existência de uma acirrada disputa discursiva sobre quem pode, como pode e onde se pode falar sobre *maconha/cannabis* no Brasil. No entanto, durante a elaboração do projeto de tese, um deslocamento decisivo se impôs diante de mim: embora meu olhar inicial estivesse voltado a compreender como organizações adaptavam seus discursos para lidar com os públicos — seguidores e detratores (*haters*⁵) — nas plataformas digitais, o surgimento de perfis femininos autorreferenciais capturou minha sensibilidade analítica de forma singular.

Após a defesa do projeto no Seminário de Tese⁶, antes da qualificação do trabalho, a empiria desta investigação encontrou ancoragem definitiva no perfil público [@mairacastanheiro](#)⁷, pertencente à historiadora, escritora e tradutora brasileira Maíra Castanheiro. Em sua página, a autora mescla acontecimentos de sua vida privada e iniciativas profissionais, atuando também como criadora da Academia Criativa Curativa⁸, uma plataforma

⁴ A título de ilustração, para o levantamento do pré-campo da pesquisa, dentre a pluralidade de perfis femininos que tematizam *maconha/cannabis* no Instagram, foram selecionados, na ocasião, cinco perfis abertos e públicos: 1) Girls in Green ([@girlsingreen710](#)), que anuncia promover informação sobre extrações medicinais e redução de danos há 10 anos; 2) Segurando as Pontas ([@coletivo.segurandoaspontas](#)), que se define como um coletivo de mães antiproibicionistas que oferece acolhimento terapêutico, médico e social; 3) Vivi Sedola ([@vivisedola](#)), cujo perfil não existe mais no Instagram, mas, à época do levantamento feito (março de 2024), se definia como empreendedora, defensora da legalização da planta e era relações públicas e conselheira da Presidência da República; 4) Diário de Dona Dôra ([@diariodedonadora](#)), criado por uma neta de dona Dôra (senhora paraibana de 73 anos portadora de Alzheimer) para mostrar o tratamento da avó com o óleo da cannabis medicinal; 5) Maíra Castanheiro ([@mairacastanheiro](#)), perfil escolhido como material empírico desta tese e que será melhor descrito adiante. Acessos em: 26 maio 2026.

⁵ O termo *hater* (em inglês, "aquele que odeia") designa usuários de redes sociais digitais que se dedicam a publicar comentários hostis, ofensivos e com críticas destrutivas e gratuitas direcionadas a perfis públicos. Diferente de uma divergência de opinião legítima, a ação do *hater* pauta-se pelo ataque pessoal e pelo julgamento moral, operando frequentemente como um vetor de pressão psicológica sobre o produtor de conteúdo e, ao mesmo tempo, como um dinamizador de engajamento algorítmico por meio do tensionamento das seções de comentários.

⁶ O Seminário de Tese constitui uma atividade e disciplina obrigatória na estrutura curricular do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFJF. Configura-se como uma fase intermediária do percurso doutoral, anterior à qualificação, voltada à apresentação, à discussão coletiva e à avaliação do estágio de desenvolvimento dos projetos de tese junto ao corpo docente e discente do programa.

⁷ Disponível no perfil da autora na plataforma Instagram, sob o nome de usuário [@mairacastanheiro](#).

⁸ Informações extraídas da página de divulgação do curso. Disponível em: https://linktr.ee/mairacastanheiro?utm_source=ig&utm_medium=social&utm_content=link_in_bio&fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAc3J0YwZhcHBfaWQPOTM2NjE5NzQzMzkyNDU5AAGnNB9mP8gpi38-SmBPZnkc3aCJIYJ9raGrpAZDjUMgc-0PBjryoEgKztzyFk_aem_6PTreQ6iExHmL8jw-eDhug. Acesso em: 27 maio 2026.

de cursos sobre escritas de si que ela comercializa no próprio Instagram. Autora dos livros *Para Maria Alice* (2019), *Diário de uma Mãeconheira* (2021), *Tornar-se Mãeconheira* (2024) e *Homens* (2025), Maíra utiliza a rede digital tanto para a difusão de suas obras e de sua prática docente quanto para a projeção de narrativas autorreferenciais profundas.

Grande parte dos relatos de si presentes no perfil vincula-se à sua vida íntima e a temas atravessados por tabus sociais, tais como maternidade, sexualidade e consumo de maconha. Intitulando-se “mãeconheira” — expressão compartilhada por redes de mulheres mães e consumidoras de maconha —, Maíra confere centralidade narrativa à perda da guarda de sua filha, Maria Alice, motivada pelo uso da planta, e à complexa luta de aproximadamente cinco anos para recuperá-la na Justiça. A exposição pública do desgaste, da vulnerabilidade jurídica, financeira e emocional que acompanham essa trajetória corporifica o que Leonor Arfuch (2010) conceitua como *espaço biográfico*: uma zona porosa em que a dor privada, a busca por reparação e o exercício da maternidade habitam o mesmo fluxo de visibilidade em que o sujeito precisa gerenciar a sua sobrevivência profissional e material.

Todavia, para além de dar a ver os conflitos íntimos que enfrenta, as escritas de si de Maíra revelam os atritos de sua própria existência dentro do ecossistema do Instagram. Por vezes, sua presença na rede recusa os estereótipos tradicionais de polidez e euforia algorítmica; ela expõe o sofrimento sem filtros estéticos maquiados, posiciona-se abertamente sobre pautas polêmicas e assume os riscos da exposição pública. Ao mesmo tempo em que demonstra disposição para pagar o preço relacional dessa visibilidade, a autora manifesta recorrentemente a sua fadiga somática, o seu esgotamento e o seu desejo por silêncio, tendo registrado, em alguns momentos, a intenção de abandonar a plataforma.

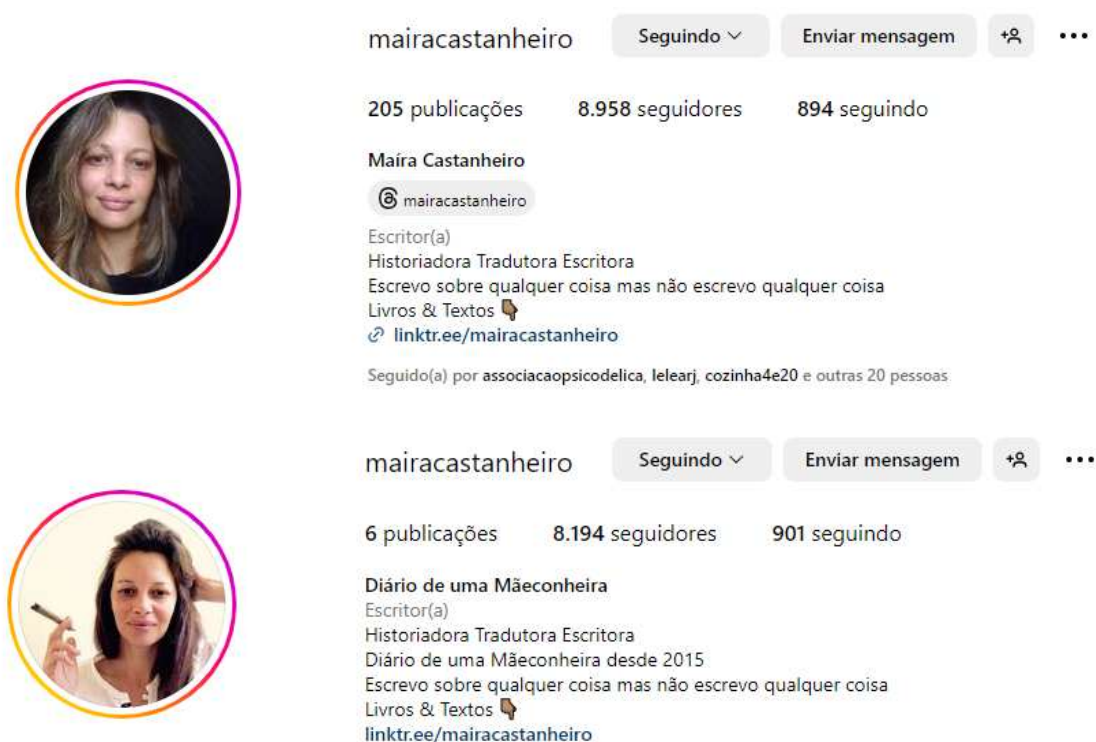
É essa fricção que converte o perfil @mairacastanheiro em um privilegiado nó de condensação empírica, de modo que nuances presentes na realidade deste caso apresentam-se como potenciais elementos para se pensar em possíveis outros casos de sujeitos comuns — estes que, quando adentram o espaço comunicacional do Instagram, podem ser afetados por experiências semelhantes⁹. Dessa forma, longe de constituir um objeto estático ou uma amostragem quantitativa, o perfil dá corpo à figura de um tipo de *sujeito contemporâneo* obrigado a equilibrar a autogestão profissional com o impacto afetivo de estar exposto à opacidade algorítmica e ao julgamento público. Ao atravessar essa cena empírica permitindo-

⁹ Como poderá ser lido no Capítulo 2, o Instagram é uma rede social digital cujo alcance no Brasil, em termos de audiência publicitária global, perde apenas para Índia (2º lugar) e Estados Unidos (1º lugar), dado este que revela o quanto tal plataforma tem participado do modo como subjetividades têm se constituído na atualidade (DataReportal, 2025).

me afetações em meu próprio corpo, esta pesquisa acolhe essa trajetória singular — que me fez questionar sobre quantos outros sujeitos, sobretudo mulheres, sentem algo semelhante ao que Maíra possivelmente sente, mas não expõem seus sentimentos na plataforma — como um prisma sintomático, a partir do qual se torna possível compreender tensões que modulam modos de existir, sentir e se comunicar na contemporaneidade. Isso sem querer imputar a Maíra nenhum tipo de peso heroico, o que seria um contrassenso, mas reconhecendo que ela possui uma certa coragem de se expor e de mostrar as dificuldades de existir no Instagram.

Para ilustrar a materialidade do caso empírico, recorre-se aos registros da interface do perfil @mairacastanheiro, capturados em 2022 e em 2023 (Figura 1), salvaguardando a configuração visual e discursiva que fundamentou o trabalho de observação desde a fase de estudo para realização do recorte analítico, antes da etapa de qualificação desta pesquisa:

Figura 1 – Interfaces do perfil @mairacastanheiro no Instagram em 2022 e 2023



Fonte: Capturas de tela realizadas pela autora em 21 de março de 2022 e 05 de julho de 2023.

A Figura 1 apresenta imagens que preservam o estado da interface, da biografia e do quantitativo de postagens, capturadas durante as etapas preliminares desta pesquisa, diferindo da configuração visual e da volumetria atuais do perfil no Instagram — cuja captura de tela mais recente será apresentada no Capítulo 3, acompanhada da apresentação das ferramentas disponibilizadas pela plataforma a seus usuários. Cumpre ressaltar que a variação na quantidade

de publicações observada entre a primeira tela (21 de março de 2022) e a segunda (05 de julho de 2023) decorre de um evento relatado pela própria Maíra, que sofreu a perda integral do conteúdo anteriormente publicado em sua conta, evidenciando a vulnerabilidade e a volatilidade do arquivo digital na plataforma.

Com Dewey (1980), compreendemos que a *experiência* é um acontecimento único e intransferível; ela é narrada, tem uma duração no tempo e organiza a vida do sujeito. Da experiência narrada por Maíra Castanheiro, por meio das escritas que ela mesma faz de si, fomos buscar elementos que dizem de um ambiente e de outras experiências que podem fazer uso desse ambiente para também se realizarem. Se a experiência é a relação entre criatura viva e o ambiente (Dewey, 1980), fomos investigar, por meio dessa criatura viva única e singular, os indícios presentes no ambiente contemporâneo que podem atravessar outras experiências igualmente singulares.

Nesse sentido, a escolha por um caso circunscrito da realidade representa nossa aposta na singularidade fenomenológica como caminho capaz de, ao mesmo tempo, inspirar entendimentos possíveis a realidades semelhantes — qual seja, a fulcral e conhecida tentativa científica de generalização (Braga, 2008). Dessa forma, mesmo partindo do pressuposto de que narrar a própria vida e escrever sobre si é uma experiência única, o esforço metodológico desta pesquisa está em encontrar, em meio à singularidade dada pelo perfil em questão, indícios de potencialidades reflexivas que possam servir de leitura e compreensão a experiências mais amplas, potencialmente detonadas por interações contemporâneas deflagradas com a participação de plataformas digitais. Assim, para estudar essa experiência subjetiva, tomamos a singularidade do *estudo de caso* (Braga, 2008) por entendermos que este método contempla elementos culturais, resultantes de certas forças históricas atravessadas por vetores políticos, econômicos e sociais, presentes num certo arranjo sociotemporal.

De tal sorte, tomando o perfil @mairacastanheiro como materialidade empírica para as análises desta pesquisa, muito antes de qualquer julgamento, nossa intenção é 1) reconhecer que o fenômeno¹⁰ de se narrar e se expor nas plataformas digitais existe; e 2) entender que ele pode indicar a presença de novos aspectos que desafiam a constituição de subjetividades contemporâneas. Por esse raciocínio, tais subjetividades seriam postas à convivência social, em cenários recentes, a partir de certas lógicas comunicacionais operadas pelas plataformas digitais

¹⁰ Numa das principais perspectivas teórico-metodológicas adotadas por essa tese — a abordagem atmosférica — como será desenvolvido sobretudo no Capítulo 3, tomamos *fenômeno* a partir da perspectiva de Santaella (2008, p. 7): “Entendemos por fenômeno, palavra derivada do grego *phaneron*, tudo aquilo, qualquer coisa, que aparece à percepção e à mente”.

e impostas a seus usuários — perspectiva esta que se distancia de uma visão ingênua que toma esse conjunto de imposições como algo natural ou espontâneo no ecossistema digital.

Para a banca de qualificação do trabalho, decidi, então, investir em um estudo cuja validade científica residisse não apenas na capacidade de comparar experiências distintas, mas, fundamentalmente, de compreender como a singularidade da vivência de um sujeito oferecia as condições para pensar a própria conformação de subjetividades contemporâneas, estas últimas que, ao serem atravessadas por recentes e intensos processos de mediatização¹¹, têm sido incessantemente alteradas e (re)construídas sob a égide de uma “sociedade do espetáculo” imersa em uma “era da performance” (Sibilia, 2016). Nesse cenário, a contemporaneidade opera em uma lógica de inversão, deslocando a subjetividade — outrora resguardada pela interioridade — para o espaço público dos meios de comunicação e para a vida exterior, sendo modulada pela influência onipresente dos algoritmos na tela, na imagem, na interface e na interatividade (Bruno, 2005).

Foi a partir disso que caminhei para a escrita do primeiro problema de pesquisa, redigido e apresentado à banca de qualificação desta pesquisa: *Como lógicas gestonárias da comunicação organizacional impostas por cenários atuais de mediatização intensificada afetam a experiência contemporânea de construção de si em contextos marcados pela relação entre mulheres e cannabis?* A qualificação foi uma oportunidade muito importante, permitindo-me perceber que a temática canábica deixou de ser a finalidade da pesquisa, e passou a se apresentar como uma das matizes de constituição da subjetividade contemporânea expressas, como eu podia observar, a partir das escritas de si publicadas no perfil @mairacastanheiro.

Foi nesse momento, que comecei a, de fato, perceber a existência de uma certa lógica comunicacional hegemônica presente no Instagram, correspondente à lógica de se escrever e de narrar a si mesmo. Mas também percebia, através dos relatos de Maíra, que ela sobrevivia na plataforma com muita tensão: ora se mostrava satisfeita por se expor; ora se mostrava insegura e temerosa de perder outras relações, como a guarda da filha e o emprego; e, por vezes,

¹¹ Optamos, nesta tese, pelo emprego do termo *mediatização*, em detrimento de *mediatização*, por razões de ordem epistemológica, alinhando-nos à vertente teórica que investiga as transformações estruturais e os novos modos de ser e operar da sociedade contemporânea. Conforme discute Fausto Neto (2008), o conceito demarca a passagem histórica de uma “sociedade dos meios” — em que a análise comunicacional residia prioritariamente na centralidade técnica e de transmissão dos suportes midiáticos — para uma “sociedade mediatizada”, caracterizada por novas estratégias interacionais e pela produção social de sentido. Afastamo-nos, assim, de uma visada puramente determinista (ou meramente focada nos aparatos em si) para compreender como as práticas sociais cotidianas e as “configurações comunicativas” (Hepp, 2014) são constitutivamente transformadas e reconfiguradas a partir das dinâmicas das mídias.

também se mostrava, de algum modo, submetida — ainda que não irrefletidamente — a lógicas operadas pela plataforma voltadas a vendas de bens e serviços, utilizadas para a divulgação de seus livros, dos cursos e das oficinas que ministrava.

Foi então que também pude notar que, para além das escritas de si, as lógicas que atravessavam a subjetividade presente no perfil @mairacastanheiro eram profundamente afetadas por aquelas tensões observadas no ponto de partida desta investigação. Sob a regência do capitalismo de plataforma (Srnicek, 2017), e acompanhando o perfil @mairacastanheiro no Instagram, pude perceber o quanto a subjetividade é interpelada a incorporar, às suas rotinas de interação nas plataformas digitais, métricas e gramáticas da comunicação organizacional corporativa (Baldiçera, 2007, 2008, 2009; Baldiçera; Vinhola, 2020), aplicadas à própria existência do sujeito. Dito por outras palavras, Maíra parecia atuar como uma “gestora de comunicação” de si mesma, compelida a roteirizar a intimidade, a administrar a reputação e a negociar continuamente sentidos com seus públicos de interesse (seguidores, clientes e detratores).

Todavia, ao buscar corresponder àquilo que Baldiçera (2022) conceitua como a “promessa pelo organizado” — o desejo de controle, previsibilidade, estabilidade e apagamento dos ruídos cotidianos —, a usuária do Instagram em questão colidia inevitavelmente com as fricções da “organização falada” (Baldiçera, 2009), dimensão em que os julgamentos alheios e a opacidade algorítmica escapam ao domínio do sujeito. Em reação às violências da ideologia do progresso (Mafra, 2022), Maíra tensionava essa engrenagem ao criticar publicamente as pressões sofridas e ao recusar a projeção de uma imagem maquiada e idealizada — de mulher, de mãe e de trabalhadora —, escancarando as falhas de uma autogestão “perfeita” e demonstrando a impossibilidade de conter a entropia e as fraturas da vida concreta sob os enquadramentos de uma performance corporativa.

Foi nesse ponto do percurso que compreendi que as lógicas operadas pelo Instagram estavam ancoradas em uma profunda e ininterrupta pressão: a exigência de adesão a uma espécie de projeto de gestão de si, próprio da racionalidade neoliberal nesta fase reconfigurada do capitalismo. Trata-se de um estágio do capital que impõe ao sujeito a internalização do “*self* pontual” (Taylor, 2011), convertendo o próprio eu em um objeto manipulável e otimizável a partir de lógicas de produtividade e de trabalho que antes lhe eram externas. Como denunciam o sociólogo francês Vincent de Gaulejac (2007) e autores como Vladimir Safatle, Nelson da Silva Júnior e Christian Dunker (2020), essa cobrança por autogestão ilimitada acarreta severos desdobramentos psíquicos, traduzindo-se em sintomas de adoecimento, exaustão e sofrimento social. Em função dessa engrenagem, tornou-se evidente, no contexto de desenvolvimento da

tese, que, para existirem no ecossistema das plataformas digitais, os indivíduos tendem a se tornar compulsoriamente instados a mobilizar práticas de comunicação organizacional, orquestrando a própria imagem, produzindo narrativas autorreferenciais e administrando o relacionamento com múltiplos públicos sob o atrito constante de pressões e expectativas da cena pública.

Diante de tudo isso, a imersão na experiência do perfil @mairacastanheiro convoca-nos, inevitavelmente, a adensar a discussão sobre performatividade de gênero (Butler, 2015, 2018), compreendendo que, no cenário contemporâneo, o gênero não se constitui como uma essência estática ou uma escolha da qual se possa abdicar, mas como uma prática discursiva e reiterativa de estilização do corpo que se faz aparente e se corporifica em cada gesto de visibilidade. À luz do pensamento butleriano, o ato de narrar a si mesma no espaço público digital — corporificado nas escritas de si de uma mulher que fala, escreve e reivindica o seu "direito de aparecer" (Butler, 2018) — expõe simultaneamente a potência performativa do sujeito e a sua vulnerabilidade ontológica diante dos quadros de inteligibilidade social e algorítmica (Butler, 2015). Essa dimensão, portanto, não constitui apenas um dado biográfico contingente ou um ponto de partida analítico, mas um lugar de chegada fundamental para compreendermos as tensões estruturais que atravessam a existência e a precariedade da vida feminina na contemporaneidade brasileira, enxergando-as como tendências constitutivas da própria subjetividade no mundo plataformizado.

1.2 Caminhos metodológicos e problema de pesquisa

Todo esse movimento de aproximação, realizado desde o início da pesquisa, para o estudo do perfil @mairacastanheiro e para a apreensão de como lógicas comunicacionais afetam a constituição de subjetividades contemporâneas em contextos de plataformas digitais me fizeram perceber que uma outra tarefa à qual esta tese estava submetida era a compreensão metodológica diante daquela materialidade empírica: Por quais caminhos seguir? Que metodologias poderiam ser utilizadas para empreender essa investigação? Como ler o Instagram sem retalhar o fluxo vivo da experiência e sem reduzir a comunicação a mero depósito de informações?

A partir de uma literatura já conhecida e discutida em nosso grupo de pesquisa DIZ, fui desafiada a olhar para o Instagram tomando-o como uma *materialidade da comunicação*. Dito por outras palavras, fui instigada a construir um olhar que não tentasse somente compreender os conteúdos, mas o próprio movimento comunicacional da existência do Instagram,

movimento este que afeta os sujeitos num lugar em que há uma espécie de oscilação entre *efeitos de sentido* e *efeitos de presença*, como propõe Hans Gumbrecht (1994, 2010).

No entanto, isso ainda não se mostrava suficiente para compreender o quanto lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram atravessavam a ação de seus usuários na plataforma. Foi então que, a partir da participação no I Colóquio de Estudos Atmosféricos: Leituras sobre climas, humores e atmosferas nas Humanidades, realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói/RJ, em março de 2025, percebi que as lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram acabavam sendo tributárias de um certo *estatuto atmosférico*. Dito por outras palavras, as lógicas comunicacionais das plataformas digitais não pareciam partir de uma afetação à vida contemporânea somente pela intensificação da presença de conteúdos novos, postos em circulação; mas, sobretudo, tal afetação tendia a ser produzida a partir de um leve toque nos corpos, instituindo-se por uma espécie de “energia” que interpelaria os sujeitos, ofertando-os um *novo modo de experienciar a vida pelas plataformas*. Assim, tomar as plataformas digitais como materialidades da comunicação é gesto que visa também tentar compreender que, ali, há uma experiência comunicacional ainda nova, que demanda entendimentos ao se produzir a partir de corpos que, em meio a um complexo aparato tecnológico, também sentem efeitos de presença e são afetados comunicacionalmente por novos modos de circulação de sentidos.

Dessa forma, pude vislumbrar, como pesquisadora da Comunicação, que o meu trabalho seria o de também tentar compreender a novidade dessa experiência humana no ecossistema digital a partir de uma metodologia que não reduzisse o fenômeno a uma lógica informacional e instrumental. Imbuída, portanto, da noção relacional de comunicação apresentada por Vera França (2016), pude entender que a interação com as plataformas digitais não se reduz às informações em circulação; trata-se da instituição de relações; e, por este raciocínio, tais relações são pautadas por experiências que, *ao fim e ao cabo*, emergem de um corpo que interage *com e pelas plataformas*. Aqui, considerando a possibilidade de analisar o modo como tal corpo assim interage, e tomando o Instagram como materialidade da comunicação, é possível, com Gumbrecht (2010), inferir que, em tais interações, emerge um certo clima / um modo / uma atmosfera (Gumbrecht, 2014).

Por essa visada, o Instagram não se apresentaria, comunicacionalmente, como uma plataforma de suporte para depósito e circulação de informações; trata-se, antes disso, de um *lugar* de experienciar a vida na contemporaneidade, instituindo novas maneiras de se comunicar e de se existir em nosso próprio tempo. Dessa forma, o movimento analítico realizado na pesquisa compreendeu o perfil @mairacastanheiro não como um mero repositório de dados,

mas como um *lugar experiencial* (Tuan, 1983, 2018) no qual as experiências comunicacionais dos sujeitos são constantemente colocadas à prova pelas lógicas comunicacionais que a plataforma digital opera.

Nesse momento, a apreensão de como o Instagram afeta a constituição de subjetividades contemporâneas parecia ocorrer, como caminho relevante e possível, a partir de uma investigação das *atmosferas comunicacionais*, quais sejam: fenômenos estes que, inevitavelmente, atravessam a experiência de presença dos sujeitos na plataforma. Fundamentando-se por tal raciocínio, foi possível, portanto, delinear o problema de pesquisa final, motivador desta tese, elaborado a partir da seguinte pergunta:

Quais lógicas e atmosferas comunicacionais afetam a constituição de subjetividades contemporâneas em contextos de plataformas digitais, com foco no Instagram?

1.3 Objetivos e organização da tese

Com o problema de pesquisa elaborado e com a aproximação com o campo dos Estudos Atmosféricos iniciada pela participação no colóquio em Niterói, o desafio imposto se voltou à busca para o desenvolvimento de uma metodologia, de caráter estético-interpretativo, que desse conta de analisar o fenômeno comunicacional que estava posto, a partir do perfil @mairacastanheiro no Instagram.

Foi então que através do contato com o professor Alberto Parisi, do Kobe Institute for Atmospheric Studies (KOIAS), pertencente à Universidade de Kobe/Japão, — a quem, juntamente com outros membros do Instituto, pude conhecer presencialmente no colóquio na UFF — fui informada sobre um programa de bolsas de estudos que o KOIAS iria lançar para pesquisadores baseados fora do Japão. Animada com a oportunidade, me inscrevi com o projeto intitulado *Atmosferas digitais e subjetividades em deslocamento no contemporâneo* e fui selecionada para realizar, ao final de 2025, meu doutorado sanduíche no Japão, subsidiada pelo JSPS Core-to-Core Program, da Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência¹².

Nessa oportunidade, além da experiência de vida e dos aprendizados com a cultura japonesa, pude cumprir meu objetivo de realizar o aprimoramento metodológico que a pesquisa

¹² O JSPS Core-to-Core Program é um programa de financiamento internacional mantido pela Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência (Japan Society for the Promotion of Science – JSPS). A iniciativa visa estabelecer redes de cooperação multilateral e criar centros de pesquisa de excelência global em áreas científicas de vanguarda e de alta prioridade internacional, promovendo parcerias de longo prazo entre instituições de ponta do Japão e do exterior, além de fomentar a formação de jovens pesquisadores ([Japan Society for the Promotion of Science](#), 2025).

necessitava. Fruto das palestras a que assisti e proferi, das discussões acadêmicas empreendidas e do trabalho de campo para sentir as atmosferas em locais específicos de Kobe — em virtude do terremoto que devastou a cidade em 1995¹³ — a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* foi desenvolvida e apresentada na Universidade de Kobe e incorporada a esta tese na tentativa de dar conta dos objetivos que estavam propostos.

Assim, diante do fenômeno comunicacional que me propus a compreender, foi definido, como objetivo geral desta tese, *compreender quais lógicas e atmosferas comunicacionais afetam a constituição de subjetividades contemporâneas em contextos de plataformas digitais, com foco no Instagram*. Para operacionalização do objetivo geral, foram identificadas quatro tarefas principais a desenvolver — uma teórica, uma metodológica, uma analítica e uma crítico-social —, as quais se converteram nos objetivos específicos desta tese.

O primeiro objetivo específico, de caráter teórico, consiste em *investigar os modos como subjetividades são constituídas no contemporâneo, e a relação de tais modos com lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram*. O segundo objetivo específico, de caráter metodológico, busca *compreender as atmosferas como caminhos metodológicos possíveis à leitura de lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram, na constituição de subjetividades contemporâneas*. O terceiro objetivo específico, de caráter analítico, volta-se a *identificar as atmosferas comunicacionais que emergem pelo perfil @mairacastanheiro no Instagram*. Por fim, o quarto objetivo específico, de caráter crítico-social, busca *examinar como as atmosferas comunicacionais emergentes pelo perfil @mairacastanheiro no Instagram afetam a constituição de subjetividades contemporâneas quando atravessadas pelas plataformas digitais*.

Para responder ao problema de pesquisa e alcançar tais objetivos, a tese organiza-se em cinco capítulos de desenvolvimento — para além desta Apresentação e das Considerações Finais —, correspondendo, cada um, aos objetivos específicos supracitados, conforme detalhamento a seguir:

- Capítulo 1 e Capítulo 2 (objetivo específico de caráter teórico): O primeiro objetivo desdobrou-se em duas etapas conceituais. No Capítulo 1, intitulado *Escritas de si e*

¹³ O Grande Terremoto de Hanshin-Awaji, popularmente conhecido como o Terremoto de Kobe, ocorreu em 17 de janeiro de 1995, às 05h46 da manhã. Com uma magnitude de 7,3, foi um dos desastres naturais mais devastadores da história moderna do Japão, atingindo diretamente a cidade portuária de Kobe e a região vizinha de Hanshin.

performatividade de gênero: elementos constituintes da experiência contemporânea de existir, mobilizamos as noções de *escritas de si* (Arfuch, 2010; Rago, 2013; Marques, Pessoa, Martino, 2022) e de *performatividade de gênero* (Butler, 2015, 2018) e a relação dessas concepções com os novos modos de existir na cultura do espetáculo e da performance (Sibilia, 2015, 2016), fundamentando o direito de aparecer e a exposição do corpo nas redes (Bruno, 2005, 2013), para compor uma base teórica a fim de compreender como a constituição de subjetividades é afetada por plataformas digitais, em específico pelo Instagram. No Capítulo 2, *Gestão de si e comunicação organizacional: a racionalidade neoliberal e as imposições da organização algorítmica*, a mobilização volta-se para o imperativo da *gestão de si*, com a discussão sobre a ideologia gerencialista (Gaulejac, 2007), a autogestão prescrita e o risco do adoecimento (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020), e para a transposição compulsória de valores e práticas da *comunicação organizacional* (Baldiissera, 2007, 2009, 2022) para a existência do sujeito comum;

- Capítulo 3 (objetivo específico de caráter metodológico): Desenvolvido sob o título *O percurso metodológico: as atmosferas comunicacionais e o corpo-sismógrafo no Instagram*, este capítulo busca apreender a experiência atmosférica sem retalhar o fluxo comunicacional estabelecido na relação dos sujeitos quando interagem pela plataforma digital. Diante da singularidade do perfil pesquisado — que expõe não apenas a busca por visibilidade, mas atritos e dilemas com a própria lógica algorítmica —, nosso gesto metodológico foi o de buscar um caminho que nos auxiliasse *na leitura das interações que ocorrem no perfil como movimentos comunicacionais dos quais emergem atmosferas*. Então, minha intenção como pesquisadora foi, com cuidado ético, respeito e atenção, tentar identificar e nomear, a partir desse contexto empírico, quais atmosferas comunicacionais emergem pelo perfil @mairacastanheiro e que podem servir à compreensão das tensões que afetam a constituição da própria subjetividade contemporânea, quando atravessada por plataformas digitais. Para isso, no Capítulo 3, há um grande investimento metodológico na noção de atmosfera (Böhme, 1993, 2017; Griffero, 2013, 2016; Gumbrecht, 2014; Hasse, 2015, 2018; Schmitz, 2023; Heibach, 2024), na compreensão do *estatuto comunicacional* das atmosferas e na construção de uma metodologia baseada em uma abordagem estético-interpretativa e em uma lógica que não fracionasse a interação dos sujeitos na plataforma. De tal sorte, a partir do paradigma relacional (França, 2016) e da noção de lugar (Tuan, 1983, 2018), foi

desenvolvida a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*, voltada à análise do horizonte empírico proposto, qual seja, o perfil @mairacastanheiro no Instagram;

- Capítulo 4 (objetivo específico de caráter analítico): Intitulado *Entre o fluxo e o abalo: a emergência de atmosferas comunicacionais em movimento no perfil @mairacastanheiro*, o capítulo aplica a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* inicialmente sobre o *corpus* de 30 unidades de análise; e, a partir do exame detalhado de oito unidades de análise ilustrativas, investigadas em quatro dimensões (imagem/vídeo, legenda, áudio e ambiente interacional), reconhece e batiza a irrupção de quatro movimentos atmosféricos em atrito dialético. Aqui é preciso fazermos a ressalva de que o objetivo da tese não foi estudar a própria Maíra Castanheiro, autora do perfil, enquanto sujeito, mas sim o de estudar as tensões que atravessam a dimensão de sua subjetividade, por meio das escritas de si que ela publica em seu perfil. Vale lembrar que o perfil @mairacastanheiro no Instagram é público e, portanto, as informações ali publicadas podem ser acessadas por qualquer sujeito, sem demanda por autorização prévia fornecida pela administradora do perfil. Porém, ainda que, legalmente, não tenha havido obrigatoriedade de consulta à usuária em questão para a realização desta pesquisa, um cuidado ético integral e transversal foi tomado e se tornou lema presente durante o desenvolvimento da tese, bem como guia principal na análise do caso;

Quanto a isso, mantive, durante todo o período do doutoramento, uma atitude de não-interação com o perfil pesquisado, apostando em tal gesto como estratégia epistêmica voltada a preservar uma espécie de calibração do olhar, direcionada à escuta da realidade investigada (sem correr o risco de embaralhar outros papéis que, porventura, poderiam emergir numa interação explícita com a usuária). Além disso, na intenção de que esta tese não reproduzisse lógicas violentas de racionalização e objetificação, estive imbuída de uma proposta pautada numa ética do cuidado e da sororidade, que pudesse fazer jus à humanidade de uma mulher, Maíra Castanheiro, que teve (e tem) a coragem de se expor, exteriorizando sua intimidade e revelando suas vulnerabilidades numa rede social digital;

- Capítulo 5 (objetivo específico de caráter crítico-social): Intitulado *As atmosferas comunicacionais e os tensionamentos da subjetividade contemporânea: modulações interacionais das lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram*, este capítulo

opera o salto epistêmico dos *indícios do caso* para os *indícios do campo*, como propõe Braga (2008), examinando possíveis desdobramentos socioculturais das atmosferas comunicacionais identificadas a partir do caso em questão, e escrutinadas tendencialmente como sintomas à interação de outros sujeitos no contexto das plataformas digitais contemporâneas.

Por fim, o último momento deste trabalho foi reservado para as considerações finais da pesquisa. Neste fechamento, buscamos costurar as discussões teóricas e os achados das análises empíricas, revisitando a gênese do estudo e amarrando o objetivo geral aos quatro objetivos específicos para, com isso, buscar demonstrar a validade central da tese aqui proposta: a de que plataformas digitais, a partir de certas lógicas comunicacionais, operam como engrenagens que capturam, modulam e tensionam a subjetividade contemporânea, a partir da tendencial instituição de certas atmosferas comunicacionais. Nesse momento final, além de sintetizar os resultados, assumimos também o *pensamento de risco* (como propõe Gumbrecht, 2007) e as *inferências faltantes* (como propõe Braga, 2008) como aspectos centrais à finalização do texto que deu corpo à trajetória de pesquisa aqui apresentada.

Diante desse percurso estrutural, a relevância desta pesquisa desdobra-se em suas dimensões social, acadêmica e científica. No âmbito social, a tese justifica-se pela urgência de compreender como lógicas comunicacionais operadas pelas plataformas digitais atravessam e afetam a existência comum, oferecendo um horizonte crítico e reflexivo sobre a mercantilização do eu, o esgotamento subjetivo e os limites da resistência humana frente à opacidade dos algoritmos. Do ponto de vista acadêmico, o trabalho contribui para o campo da Comunicação ao tensionar e dilatar as fronteiras tradicionais da comunicação organizacional, investigando como os fenômenos das escritas de si e da gestão de si são capturados pelas engrenagens da sociedade do espetáculo e pelas exigências da era da performance. Por fim, sua importância científica consolida-se na proposição de um percurso teórico-metodológico focado na apreensão das atmosferas comunicacionais, construindo caminhos para que a ciência da Comunicação possa investigar o ambiente digital a partir de uma ética da alteridade, da intersubjetividade e da afetação sensível diante da singularidade da experiência.

Ao reafirmar a universidade pública como espaço insubstituível de acolhimento e reflexão crítica sobre os sofrimentos do nosso tempo, convido você a adentrar as páginas desta travessia. E desejo que tenha uma excelente e sensível leitura!

2 CAPÍTULO 1: ESCRITAS DE SI E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO: ELEMENTOS CONSTITUINTES DA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA DE EXISTIR

2.1 Introdução

Neste capítulo, o nosso esforço concentra-se em reconhecer que a visibilização das experiências de si — o ato de narrar a própria vida e submetê-la ao olhar público — transbordou a esfera do íntimo para se tornar um dos principais gestos de modulação das subjetividades contemporâneas. Investigar o modo como nos escrevemos no presente exige, portanto, compreender que a subjetividade não é uma essência imutável, mas um processo constante de constituição, frequentemente mediado pelas tecnologias que utilizamos para aparecer no mundo comum.

As escritas de si, termo que resgatamos da genealogia foucaultiana sobre as técnicas de cuidado e constituição do sujeito, ganham na contemporaneidade novas camadas de complexidade. Se outrora a escrita autobiográfica servia como um exercício de exame de consciência ou de registro da memória privada, hoje, no contexto de midiaticização intensificada, ela opera como uma ferramenta de performance e visibilidade. Ao publicizar suas experiências, o sujeito não apenas relata o que viveu, mas “dá a ver” uma identidade que se constrói no próprio ato da escritura.

No caso específico desta tese, debruçamo-nos sobre a concepção experiencial de Maíra Castanheiro. Através de seu perfil no Instagram, Maíra utiliza a escrita de si não apenas como relato, mas como um modo singular de existir e resistir. Ao mesclar o ativismo, a maternidade e a performatividade de gênero, suas publicações constituem o que Arfuch (2010) denomina “espaço biográfico”: uma zona porosa onde o eu e o mundo se encontram, e onde a narrativa pessoal torna-se um campo de batalha político e estético.

Assim, este capítulo busca fundamentar teoricamente esse aparecimento público, analisando como as escritas de si e a performance de gênero funcionam como elementos constituintes da experiência contemporânea de existir, preparando o terreno para compreendermos como tais gestos são capturados e tensionados pelas lógicas comunicacionais das plataformas digitais.

Para tanto, este capítulo é organizado em algumas partes. Primeiramente, em *O lugar das escritas de si na contemporaneidade*, faremos uma discussão conceitual sobre essa modalidade do narrar a si mesmo e o lugar que ela ocupa em nosso tempo presente. Num segundo momento, em *Gênero e escritas de si: o lugar da performatividade*, entenderemos a

relação entre as escritas de si e o gênero, desenvolvendo como argumento principal que escrever sobre si mesmo é um gesto em que uma determinada experiência de gênero aparece e se performatiza. E num terceiro momento, em *As escritas de si e as tecnologias: nuances e aspectos da constituição da subjetividade contemporânea*, buscaremos entender como as escritas de si aparecem em contextos midiáticos atuais em que a constituição da subjetividade contemporânea passa por experiências propiciadas pela internet e pelas redes sociais. Por fim, nas *Considerações finais*, buscamos refletir sobre como escrever sobre si mesmo e como performar o gênero são elementos que constituem a experiência contemporânea de existir e resistir.

2.2 O lugar das escritas de si na contemporaneidade

As narrativas fazem parte da experiência humana desde os tempos mais remotos. Da arte rupestre às redes sociais e às mais sofisticadas tecnologias contemporâneas, a atividade de contar uma história — oral, escrita ou imagética — constitui a subjetividade e a vida. De forma geral, as narrativas pretendem contar ações e expor situações reais ou ficcionais por meio de discursos estruturados para revelar uma sucessão de acontecimentos. Utilizam, para isso, diversos códigos semiológicos, como “língua, imagem, gestos e símbolos”, variadas formas, como áudios, imagens, vídeos, textos ou a combinação deles, e apresentam-se sob diferentes gêneros discursivos, como “romance, mito, lenda, fábula, conto, novela, crônica, drama, piada, história em quadrinhos, *fait divers*, reportagem, cinema, pintura, diários, biografias, jogos, etc.” (Procópio, 2016, p. 301).

A pesquisadora Mariana Procópio (2016), ao investigar abordagens possíveis para se estudar as narrativas, explica que estudiosos do tema perceberam, ao final dos anos 1960, que era preciso ir além das estruturas internas do texto, caso o objetivo fosse tratar da narrativa em profundidade, pois, até então, a análise estrutural da narrativa priorizava o funcionamento interno do texto. Segundo ela, a partir disso, os estudos sobre a narrativa passaram a enfatizar mais os elementos comunicacionais e “essa nova abordagem é marcada pelos trabalhos que consideram a relação de aspectos textuais e situacionais na constituição da narrativa. Nesse sentido, a narrativa passa a ser vista numa perspectiva comunicacional: um ato existente entre parceiros” (Procópio, 2016, p. 304).

São múltiplas as modalidades de narrativas, incluídas aí as biográficas, que incluem biografias, autobiografias, memórias, diários, confissões e correspondências, gêneros normalmente mais estudados e dentre os quais destacamos a autobiografia — uma narrativa a

respeito de si mesmo — que é objeto de interesse da nossa pesquisa. Via de regra, as narrativas autobiográficas pretendem realizar, por meio de uma imersão reflexiva, uma (re)construção da vida do sujeito e, como esclarece Procópio (2016, p. 307), “essas narrativas de exploração da subjetividade têm em comum a busca do autoconhecimento, o voltar-se para si mesmo, o mergulho no Eu, a análise das experiências vividas por um sujeito”.

As pesquisadoras Ângela Marques e Sônia Pessoa, junto com o pesquisador Luis Mauro Martino (2022), diferenciam três modalidades de narrativas autobiográficas: histórias de si, relatos de si e testemunhos, indicando que todas as variedades, em alguma medida, entrelaçam-se às demais em meio a determinados contextos políticos e situacionais.

Segundo eles, a história de si pode ser localizada na ordem da fabulação. Quando decidimos “contar a vida”, dizem eles, não tomamos uma decisão apenas relacional direcionada a um outro interligado ao “nós mesmos”, também tomamos uma decisão situacional, que depende do contexto em que se dará uma narrativa sobre a própria pessoa. Isso é o que nos apresentam os autores, ao enfatizarem que “ao mesmo tempo, existe uma unidade evidente na fonte do relato: um ‘eu’, uma individualidade que procura, ao construir uma história, constituir-se como sujeito dentro de uma perspectiva de atribuição de sentido à própria existência” (Marques, Pessoa e Martino, 2022, p. 24).

O relato de si difere-se da categoria anterior, como assinalam Marques; Pessoa; Martino (2022, p. 31), ancorados em Butler (2015), pois se dá a partir de “uma cena de interpelação na qual o sujeito é instado a falar de si no sentido de responder a uma demanda que o provoca a justificar sua conduta, suas atitudes, seus procedimentos, e situá-los em relação a uma força de lei previamente instaurada” e, por isso, cria formas de subjetividade que podem se constituir como resistência autônoma dos sujeitos diante de poderes normalizadores. Nessa condição, ou seja, na medida em que sua elaboração está diretamente ligada à interpelação, o relato de si

pode ser aproximado do âmbito da confissão, na qual a fala do sujeito sobre si mesmo não se baseia apenas na prática do relato comum (“contar uma história”) mas refere-se a um espírito crítico de fabulação moral capaz de dar conta das próprias atitudes em relação ao *ethos* vigente em um determinado espaço (Marques; Pessoa; Martino, 2022, p. 31).

Outra categoria do autobiográfico, o testemunho tem potência de ação e não trata necessariamente de uma história de si, pois há sempre referência a um fato externo, responsável pela elaboração que o sujeito faz de uma determinada história, inscrevendo-a em sua história pessoal, em sua subjetividade. Nas palavras de Marques; Pessoa; Martino (2022, p. 34), no testemunho “não se trata da ‘minha história’, mas da ‘minha história a respeito da história’, uma

narrativa que se encontra em um contínuo senso de deslocamento entre a suposta objetividade do acontecimento e sua apreensão na história pessoal”.

Apesar de haver, como mencionamos, entrelaçamentos em meio às modalidades de narrativas elaboradas a respeito de si mesmo, as distinções se dão sobretudo pelas condições relacionais e situacionais em que cada uma é elaborada. Em síntese, Marques; Pessoa; Martino (2022, p. 36) dizem que “se o relato se inscreve na ordem da interpelação e a história de si pode ser situada na ordem da fabulação, o testemunho se dirige a uma outra dimensão originária, a experiência do trauma”.

Além dos gêneros discursivos citados até aqui, há uma outra prática de narrativa do eu à qual queremos dar um destaque especial neste trabalho: as escritas de si. A historiadora, filósofa, pesquisadora e feminista brasileira, Margareth Rago (2013), influenciada pelas problematizações de Foucault a respeito da constituição do indivíduo ético e das “artes da existência” dos antigos gregos e romanos, explora os espaços que se abrem a partir da linguagem e da escrita como prática de relação renovada de si para consigo e também para com o outro.

Para isso, a autora problematiza as narrativas vivenciais constitutivas da própria subjetividade e explora a dimensão narrativa da construção do eu na objetivação da experiência de sete mulheres que, no final da década de 1960 e início da de 1970, no Brasil, segundo ela (p. 27), “romperam, cada qual a seu modo, com os padrões tradicionais de conduta impostos às mulheres, com os valores e códigos morais estabelecidos, questionando o regime de verdades da época, à direita e à esquerda”. Rago, então, analisa a maneira pela qual essas mulheres se constituem discursivamente como sujeitos feministas, como recortam o passado, e que experiências valorizam ou silenciam.

Retomando as reflexões de Foucault sobre a escrita de si dos antigos gregos, Rago (2013) explica que essa atividade era experimentada como prática da liberdade e não como sujeição às práticas disciplinares. Vamos adiantar que, em se tratando da escrita de si como um “cuidado de si”, conforme refere Rago (2013) no trecho a seguir, vale a observação de que o conceito de cuidado é entendido aqui, embasado em Marques et al. (2023, p. 89), “não como o provimento de necessidades básicas para a sobrevivência, mas como ação política que configura a responsabilidade ética pela alteridade”. Nesse contexto,

A “escrita de si” é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu. Portanto, mostra ele [Foucault], a “escrita de si” dos antigos opõe-se à confissão, modo discursivo-coercitivo de

relação com a verdade que se difunde desde o cristianismo e que se acentua na Modernidade (Rago, 2013, p. 40).

Dessa forma, diferentemente dos discursos confessionais e das modalidades de narrativas autobiográficas já mencionadas neste capítulo, na escrita de si, conforme esclarece Rago (2013, p. 41),

não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior. Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade, já que “o indivíduo se autoconforma a partir da relação com os outros, em uma experiência voltada para fora”, como observa Orellana (2008, p. 480).

Por essa concepção, a escrita de si difere-se das tecnologias de si que objetivam o sujeito e que são consideradas pela pesquisadora, embasada na perspectiva foucaultiana, como formas de sujeição, pois vinculam o indivíduo estreitamente à sua identidade. Por outro lado, nas técnicas de si tratadas por Rago (2013), há um movimento ativo de autoconstituição da subjetividade, a partir de práticas da liberdade. Vale dizer que, à nossa pesquisa, interessa exatamente esse ângulo de compreensão sobre a escrita de si, voltada para a reinvenção da subjetividade, uma vez que ela se distancia da concepção das narrativas de si tradicionais, como Rago (2013, p. 41) deixa claro:

A noção de “escrita de si” é fundamental, nesse contexto, para diferenciar os discursos autobiográficos dessas militantes das autobiografias confessionais tradicionais, em que o indivíduo parte para uma busca introspectiva de si, pela escrita, tendo em vista reencontrar sua verdade essencial supostamente alojada no fundo da alma, na própria interioridade (Foucault, 2004a, p. 157). Aqui, ao contrário, trata-se de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela “escrita de si”. Trata-se de tornar-se autor do próprio *script*, a partir de uma relação específica do indivíduo consigo mesmo, o que supõe ainda a prática política da parrésia¹⁴ (Foucault, 2011a, p. 11).

Hoje em dia, muitas narrativas que focalizam o eu, ou seja, que estão centradas na vida do sujeito, desvelam lógicas de autoexibição, autenticidade, coerência e explicação de

¹⁴ “Diz Foucault que, ao contrário da retórica e da lisonja, a parrésia pode ser definida como o dizer a verdade, sem dissimulação, o falar francamente não importa para quem, mas que não se trata de qualquer enunciação da verdade e sim daquela que comporta um risco em relação à pessoa a quem se fala. (...) Ela exige, então, certa dose de coragem daquele que enuncia a verdade, aquilo que pensa, pois pode pôr em risco não apenas a relação entre quem fala e aquele a quem se dirige a verdade, mas também a própria existência” (Rago, 2013, p. 42).

experiências vividas e das coisas do mundo. As narrativas do eu, em nosso tempo presente, voltam-se à visibilidade e ao compartilhamento da intimidade e não se limitam aos espaços tradicionais, espalhando-se para mais espaços, como os meios comunicacionais e, com muita frequência, para as redes sociais (Arfuch, 2010; Sibilia, 2016).

Os formatos e os espaços convencionais das narrativas de vida seguem num movimento contínuo de expansão e hibridização, o que acaba por gerar novos modelos e maneiras de se construir as narrativas a respeito de si mesmo e, com isso, a dimensão da vida também experimenta transformações e passa a ser exposta em outros suportes, como os midiáticos, atendendo a novas configurações contemporâneas. Referência no estudo de biografia e autobiografia, a pesquisadora argentina Leonor Arfuch (2010) aponta outros gêneros que surgem na contemporaneidade e que também são caracterizados pela reflexão sobre a vida e a ênfase na singularidade:

Mas na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do *show – talk show, reality show...* No horizonte midiático, a lógica informativa do “isso aconteceu”, aplicável a todo registro, fez da *vida* – e, conseqüentemente da “própria” experiência – um núcleo essencial de tematização (Arfuch, 2010, p. 15).

Ainda que a vida continue a ser contada por meios consagrados, como livros de biografias e autobiografias, memórias, diários e cartas, o narrar a própria vida desloca-se para modalidades midiáticas e passa a ser apresentado também em entrevistas, documentários, programas de televisão e nas redes sociais (Arfuch, 2010). O ato de contar a vida ganha palco, então, nas mais variadas produções, situações e linguagens.

Os sujeitos e suas narrativas são fontes de conhecimento e instrumentos de pesquisa na área científica, ainda que os relatos biográficos não tenham que ser analisados como estatutos de verdade imediatos, visto que são construções discursivas em que o eu está se (re)significando e rememorando acontecimentos (Arfuch, 2010). Nesta tese, consideramos, junto com Arfuch (2010), as escritas de si como um operador na modulação da experiência contemporânea de ser e de existir dos sujeitos no mundo. Narrar a própria vida e falar de si por meio das escritas, na perspectiva de um movimento ativo de autoconstituição da subjetividade, tornou-se um gesto que passa a articular as experiências contemporâneas das pessoas.

Retomando os argumentos de Marques; Pessoa; Martino (2022), as técnicas de si podem se constituir em gesto de reinvenção e autonomia dos sujeitos ao lhes oferecer condições afetivas, políticas e sociais capazes de transformar vulnerabilidades e prover uma

experimentação diferente das relações intersubjetivas e outra imaginação política. Rago (2013, p. 35) explica que Foucault, ao se referir às “estéticas da existência” dos gregos e romanos, esclarece que elas eram constituídas por “‘técnicas de si’, como a meditação, a escrita de si, a dieta, os exercícios físicos e espirituais, a parrésia ou coragem da verdade, que envolviam o cuidado de si e do outro, isto é, por práticas relacionais de construção subjetiva como um trabalho ético-político”.

A dimensão político-afetiva do narrar a si mesmo é marcada por duas propriedades principais, como propõem Marques; Pessoa; Martino (2022, p. 39):

- i) a construção, aprimoramento e domínio de uma linguagem e um vocabulário próprio para moldar seu próprio mundo e as possibilidades que vêm com ele;
- ii) a oportunidade de exercer a auto-expressão e a escuta, situando a importância do outro na constituição do relato de si. Essa segunda dimensão, comunicacional e relacional, traz diante de nós o tema de como nos deixamos tocar pelos outros, pela alteridade, permitindo-nos uma abertura ao acolhimento e reconhecimento do outro e de nosso próprio eu.

Dessa forma, destacando o aspecto comunicacional e relacional constatado pelos pesquisadores, podemos entender que as escritas de si, nesse sentido, apresentam-se como um gesto de reinvenção para o sujeito, pois, “para contar a própria história é necessário, também, tornar-se parte reconhecida dela” (Marques; Pessoa; Martino, 2022, p. 39). Com isso, buscaremos compreender, no próximo tópico, como as escritas de si, tomadas como gesto de autonomia e liberdade das pessoas, são atravessadas pela performatividade do gênero, movimento que aponta para uma ação a partir e contra a precariedade, nos termos de Butler (2018), e busca desvelar um futuro possível em que a pluralidade das diferenças possa aparecer na esfera pública.

2.3 Gênero e escritas de si: o lugar da performatividade

Como dissemos na apresentação desta tese, a participação feminina é notadamente marcante em diferentes ações e movimentos em defesa de usos diversos da maconha/cannabis no contexto brasileiro. Em razão disso, ainda que questões de gênero não sejam o ponto de partida desta tese, importa-nos a discussão de aspectos relacionados à essa temática, bem como sobre o tema canábico, uma vez que estamos diante de elementos que compõem o contexto desta pesquisa. Buscamos desenvolver, dessa forma, uma reflexão sobre como uma determinada representação de gênero aparece, performatiza-se e atravessa o gesto de escrever a si mesmo, entendido como atitude de reinvenção do sujeito.

Ainda hoje, mesmo nos contextos contemporâneos brasileiros, não podemos afirmar que a expressão feminina seja uma tarefa fácil. Considerando a produção literária, a manifestação feminina atravessou amplas dificuldades na escrita, por exemplo, uma vez que as formas gerais da criação poética pertenciam a uma ordem masculina. O Brasil se tornou conhecido por possuir um dos movimentos feministas mais importantes da atualidade e hoje podemos reconhecer que o feminismo instituiu outras formas de organização do espaço, outras maneiras de fazer o dia-a-dia, outros modos de pensar na produção da ciência, na construção das políticas públicas e nas relações corporais, subjetivas, amorosas e sexuais (Rago, 2013).

Os feminismos, principalmente em relação àqueles do século XIX e do início do século XX, não se ocuparam apenas do mundo público e da esfera política institucional, segundo Margareth Rago (2013, p. 21), ao observar que também passaram a “problematizar as concepções de subjetividade e as estratégias que têm mobilizado para criá-las”:

Várias feministas perguntaram e continuam perguntando pelas técnicas e práticas de produção de si propostas por um movimento que luta justamente para libertar as mulheres da colonização de seus corpos e psiques. Enfim, criticando a identidade Mulher como forma opressiva instaurada pela lógica masculina, os feminismos resistiram a determinadas formas de condução das condutas e promoveram novos modelos de subjetividade e novos modos de existência múltiplos e libertários para as mulheres (Rago 2013, p. 21).

Segundo a própria pesquisadora e feminista brasileira, seu trabalho busca visibilizar práticas e modos de ação política e cultural menos perceptíveis e analisados na área dos estudos feministas, ressaltando e refletindo sobre experiências de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina. Para Rago (2013, p. 23), ao lado de Elisabeth Grosz e outras conceituadas teóricas feministas, “uma das principais finalidades dos feminismos é libertar as mulheres da figura da Mulher, modelo universal construído pelos discursos científicos e religiosos, desde o século XIX”:

Nesse sentido, vale dizer, considero os feminismos como linguagens que não se restringem aos movimentos organizados que se autodenominam feministas, mas que se referem a práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas, que atuam no sentido de libertar as mulheres de uma cultura misógina e da imposição de um modo de ser ditado pela lógica masculina nos marcos da heterossexualidade compulsória (Rago, 2013, p. 23).

Para endossar nossa reflexão, recorreremos a Judith Butler, filósofa e pesquisadora pós-estruturalista estadunidense, uma das principais referências em teorias contemporâneas do feminismo e teoria *queer*. Butler trata do conceito de performatividade, tanto para relacioná-lo a experiências associadas a performances de gênero, quanto para pensar a ocupação dos espaços públicos (incluindo os virtuais), através do exercício de “um direito plural e performativo de

aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político” (2018, p. 14), “uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis” (2018, p. 26).

A pesquisadora explica que originalmente a performatividade era considerada linguística, ou seja, vem de uma teoria performativa dos atos de fala e “caracteriza primeiro, e acima de tudo, aquela característica dos enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência” (2018, p. 28). Para associar a performatividade à formação do gênero e aos atos do corpo, Butler (2018) esclarece que normas de gênero são impostas aos sujeitos e não deixam apenas suas marcas e estigmas, mas produzem, elas mesmas, os modos corpóreos de viver, que podem se tornar formas de questionar e, até mesmo, romper com essas normas:

No caso do gênero, as inscrições e interpelações primárias vêm com as expectativas e fantasias dos outros que nos afetam, em um primeiro momento, de maneiras incontroláveis: trata-se da imposição psicossocial e da inculcação lenta das normas. Elas chegam quando mal podemos esperá-las, e seguem conosco, animando e estruturando nossas próprias formas de capacidade de resposta. Essas normas não estão simplesmente impressas em nós, marcando-nos e estigmatizando-nos como tantos outros destinatários passivos de uma máquina de cultura. Elas também nos “produzem”, mas não no sentido de nos trazer à existência ou de determinar estritamente quem somos. Em vez disso, informam os modos vividos de corporificação que adquirimos com o tempo, e esses modos de corporificação podem se provar formas de contestar essas normas, até mesmo rompê-las (Butler, 2018, p. 30).

Performar o gênero, então, é representar, em certa medida, as normas obrigatórias previamente estabelecidas para ele — e geralmente enquadradas numa lógica estritamente binária —, ainda que essas normas corram o risco de serem refeitas ou desfeitas, o que pode possibilitar novas orientações para a reconstrução da própria realidade de gênero. Butler (2018, p. 33) deixa claro que a teoria da performatividade de gênero que formulou “nunca prescreveu quais performatividades de gênero seriam certas, ou mais subversivas, e quais seriam erradas, e reacionárias”. Na esteira dessa assertiva de Butler (2018), é importante frisar que, na perspectiva que adotamos em nossa tese, quando falamos de performar o gênero, não nos referimos estritamente a uma representação de identidades de gênero diferentes, incluindo masculino, feminino, transgênero, gênero neutro, não-binário, agênero, pangênero, *genderqueer*, dentre outras, mas consideramos, nessa concepção, as possibilidades de experienciar uma outra forma de “ser mulher”, um outro jeito de “ser homem”, uma outra maneira de “ser transgênero”, ou seja, outros modos de “ser uma identidade de gênero”.

Questões de performatividade, para a filósofa estadunidense, dizem respeito ao direito de aparecer (no mundo, nos grupos, em coletividades) como algo inviabilizado às vidas

precarizadas, lembrando que o termo “precariedade” é utilizado na edição brasileira da obra de Butler (2018) para tratar daquilo que se dá de forma induzida, por violência a grupos vulneráveis ou pela ausência de políticas protetivas, enquanto “condição precária” é usada para referir uma condição universal de todo vivente. Nas palavras da autora (2018, p. 33),

A “precariedade” designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte. Como mencionei antes, a precariedade é, portanto, a distribuição diferencial da condição precária.

Assim, podemos entender que a precariedade está diretamente ligada às normas de gênero, uma vez que sabemos que pessoas que não representam o gênero da forma como se espera estão mais expostas a diversos tipos de violência. As normas de gênero, então, determinam o modo que se pode aparecer no espaço público e, até mesmo, como o público e o privado se diferenciam nesse caso. Os “apagados” ou “rebaixados” pelas normas de gênero são, portanto, obrigados a lutar por reconhecimento, existência e importância e é “apenas por meio de uma forma insistente de aparecer precisamente quando e onde somos apagados que a esfera da aparência se rompe e se abre de novas maneiras” (Butler, 2018, p. 36).

Nesse sentido, é importante observarmos como os “apagados”, “rebaixados” e “ilegíveis” desenvolvem formas de se constituir como grupo e se tornar “acesos”, “elevados” e “legíveis” uns para com os outros e como as diferentes formas de viver a violência podem se converter num suporte para a resistência. A performatividade de gênero, portanto, está ligada às formas de aparecimento de diferenças por meio das quais os sujeitos podem vir a ser reconhecidos (Butler, 2018).

Embora Butler teça críticas a algumas dimensões da política do corpo oferecida pela intelectual alemã Hannah Arendt, mais detidamente sobre a distinção entre a ação do corpo na esfera pública e na esfera privada e a diferenciação entre corpo e mente que se apresentam, segundo Butler (2018), em *A condição humana* (Arendt, 2007), a filósofa estadunidense também faz questão de justificar a observação da filósofa alemã de que a revolução é corporificada, em *Sobre a revolução* (Arendt, 2011), e chama atenção para a questão dos direitos daqueles que não têm direito, no texto *O declínio do Estado-Nação e o fim dos direitos do homem* (Arendt, 1989). Para Butler (2018), a ação política em si pressupõe e pretende liberdade, e o exercício da liberdade somente se dá a partir da ligação estabelecida entre as pessoas:

O “eu” é assim ao mesmo tempo o “nós”, sem estar fundido em uma unidade impossível. Ser um ator político é uma função, uma característica de agir em

termos de igualdade com outros humanos – essa importante formulação arendtiana permanece relevante para as lutas democráticas contemporâneas (Butler, 2018, p. 48).

Nesse sentido, a liberdade de aparecer é primordial para qualquer luta democrática e aparecer publicamente pode se dar por palavras — no espaço físico ou virtual — ou por “corpos na rua” que não precisam necessariamente falar — basta se fazerem visíveis — para manifestarem suas reivindicações. Se a precariedade chancela a união dos “excluídos” e é uma condição social e econômica, mas não uma identidade, a performatividade, como a entende Butler (2018), é uma forma de agir a partir e contra a precariedade, uma luta que busca revelar um futuro no qual seja possível viver, na esfera pública, novos modos sociais de existência. Em termos arendtianos, se o espaço de aparecimento é constituído pela pluralidade, ser excluído dele é, portanto, ser privado do direito de ter direitos (Butler, 2018).

Com as reflexões desenvolvidas até aqui, podemos observar que os propósitos tanto dos feminismos quanto da performatividade de gênero passam por experiências de produção de outros modos de pensar, agir e existir de sujeitos socialmente preteridos e em busca de autonomia e reinvenção para (re)constituição de suas próprias subjetividades. Outro gesto diretamente relacionado à conformação da subjetividade no performar é tratado por Sibília (2015) sob uma perspectiva diferente da utilizada por Butler (2018), e definido como “fazer algo — ou, simplesmente, em ser ou parecer alguém — com a certeza de estar sendo observado” (Sibília, 2015, p. 360). Isso no contexto da atual “era da performance”, como se referem, segundo ela, diversos estudiosos do clima cultural da nossa época, por se tratar de um tempo histórico que pressiona — como nunca visto — os corpos e as subjetividades a melhorarem constantemente seu desempenho nas mais variadas esferas da vida (Sibília, 2015):

Assim, hoje, quando se fala em performance, pode-se fazer referência ao desempenho profissional de uma determinada pessoa, por exemplo, aludindo à perícia capaz de lhe render uma boa atuação em áreas como os negócios, os esportes ou até mesmo na espetacularização da vida cotidiana (Sibília, 2015, p. 354).

Na era da performance, o exibicionismo se torna uma estratégia trivial na vida de qualquer pessoa e no ambiente cada vez mais midiaticizado em que vivemos, a vida comum é convocada a ser performada em cena, ou melhor, nas telas. Contudo, Sibília (2015, p. 356) pontua que a performance, assim entendida, não é uma “característica natural e universal do ser humano” e alerta para o fato de que isso “talvez seja sintomático de uma importante transformação nas subjetividades ocidentais”, ainda que as atuais condições de vida incitem tal comportamento para que os outros possam apreciá-lo:

Estimula-se, assim, um modo performático de ser e estar no mundo que, de acordo com a perspectiva aqui defendida, seria indicativo de fortes mudanças nas subjetividades, ocorridas na transição do século XX para o XXI, denotando a conformação de novas formas de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo (Sibilia, 2015, p. 356).

Diante disso, a pesquisadora argumenta que emergiu um novo tipo de subjetividade, calcada numa redefinição do eu e que busca a todo custo atrair olhares e aprovações, estando ancorada não mais no interior desse eu, mas no olhar alheio. A subjetividade contemporânea é marcada, portanto, por um “escoamento da interioridade psicológica” e cada vez mais é voltada para “formas flexíveis, múltiplas, epidérmicas, fluidas e mutantes de ser e estar no mundo. Ou seja: modos de vida performáticos” (Sibilia, 2015, p. 358). Isso talvez porque:

a performance implica um corpo que se expõe e, nesse gesto, cria-se a si próprio. Isso significa que essa subjetividade ganha forma e existência à medida que (e na medida em que) se mostra e aparece, performa e se performa. Tal é a dimensão performativa que faz parte do próprio ato de se tornar visível (Sibilia, 2015, p. 358).

A performatividade, portanto, da perspectiva trabalhada por Sibilia (2015), somente ocorre se for dirigida para o olhar dos outros, uma vez que a existência de quem performa está condicionada por esse olhar alheio e, nesse sentido, a subjetividade também só existe se estiver sob observação externa, já que, diferentemente da época moderna, não mais se acredita no valor do caráter interiorizado e na existência de uma identidade fixa e estável.

Contudo, ainda que a subjetividade moderna — sobretudo seu caráter de valorização da interioridade — tenha se fragmentado a partir de meados do século XX, a referência ao eu permanece sendo central na constituição da subjetividade contemporânea, altamente dirigida ao olhar externo, e segue guiando as novas estratégias de construção de si que, mesmo espalhadas nas telas, continuam criando sujeitos, mas um tipo de sujeitos “que devem ser transparentes e parecer autênticos, não porque sejam fiéis à sua essência — daí sua condição ilusória —, mas porque *aparentam* muito bem *ser* aqueles que aparentemente eles *estão* ou *gostariam de estar* sendo” (Sibilia, 2015, p. 363).

Retomando a toada sobre autorreflexão e conhecimento de si, recorreremos novamente aos argumentos de Judith Butler, que agora nos proporciona pensar a respeito da possibilidade de autotransformação do sujeito, ainda que seja preciso admitir que o “conhecer a si mesmo” seja tarefa impossível ao ser humano.

As análises de Butler (2015) a respeito de como somos constituídos na vida social passam por criticar as normas impostas a nós — que nunca escolhemos, mas que guiam nossas ações — e são parte do projeto que a filósofa defende como reformulação da ética do ser

humano, argumentando, ao mesmo tempo, que o sujeito ético transparente e racional é um construto impossível que busca negar a especificidade do que é ser humano. Butler defende uma nova prática ética que responda à necessidade de autonomia crítica e responsabilização¹⁵ e que se fundamente em um novo sentido do que é o sujeito, entendido por ela (2015, p. 18) “como ser reflexivo, um ser que pode tomar e toma a si mesmo como objeto de reflexão”. Em suas palavras, ela mostra “como uma teoria da formação do sujeito, que reconhece os limites do conhecimento de si, pode sustentar uma concepção da ética e, na verdade, da responsabilidade” (2015, p. 22).

Ao refletir sobre como um sujeito pode narrar a si mesmo, Butler (2015) pondera que o “si mesmo” é resultado de um conjunto de atravessamentos sociais e históricos que nos formam e, dessa maneira, demonstra que o “eu” é fragmentado e desintegrado e o “si mesmo”, nesse processo, constrói-se constantemente, sendo a linguagem crucial para a elaboração dos sujeitos. Para ela, o ato de narrar a si é uma tarefa sem fim, uma vez que ao falar de si, o sujeito fala de tudo o que constrói o “si mesmo” e, nesse processo, não sabe o que é dele ou da sociedade que o molda. Nessa concepção, o sujeito não pode narrar a si mesmo sem responsabilizar-se, sendo que essa responsabilidade não está alheia às condições sociais em que o sujeito está inserido. Butler (2015, p. 12) explica que

Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social. A razão disso é que o “eu” não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para com um conjunto de normas.

Nesse sentido, se não sabemos nada de nós, somos, então, despossuídos de nós, já que o que sabemos são reverberações que marcam nossos corpos socialmente. Assim, Butler (2015) compreende que não temos uma essência, não temos “algo pré-moldado”; ao contrário, somos produto constantemente em construção e em dependência da linguagem e das relações sociais. Nessa concepção de que somos “incompletos” e sujeitos sociais que performatizam práticas morais impostas, acaba sendo estabelecido para nós um certo modo de ser que se torna uma realização moral de nós mesmos que só encontra sentido por intermédio do reconhecimento do olhar do outro.

¹⁵ Para Butler (2015, p. 88), “responsabilizar-se por si mesmo é reconhecer os limites de toda compreensão de si e estabelecer esses limites não só como condição do sujeito, mas também como precondição da comunidade humana”.

E esse olhar de um outro externo ao sujeito reconhece ao mesmo tempo em que despossui, na medida em que não se faz possível um reconhecimento do sistema individual do sujeito, o que se torna causa de vulnerabilidade, insegurança social e civil. O próprio sujeito também se despossui, uma vez que sendo constituído por convenções sociais e formas de racionalidade não totalmente inteligíveis a ele — opacas, portanto — não consegue distinguir entre o que é seu, do outro ou do meio em que se insere.

A proposta de Butler (2015) de que devemos adotar uma postura crítica do sujeito moral está, portanto, em sabermos da nossa incapacidade de nos distanciarmos das normas sociais e do outro que nos constroem para questionarmos sobre nós mesmos, sobre nossa história pessoal, na medida em que, com isso, estamos questionando sobre como a realidade ao nosso redor é organizada, ou seja, estamos indagando sobre como o próprio processo de subjetivação é construído em termos prático, teórico, cotidiano e existencial.

Butler (2015, p. 69) argumenta que não é totalmente possível o sujeito relatar a si mesmo, em virtude de sua “opacidade para consigo mesmo”, isto é, uma vez que ele não conhece as condições de sua própria fundação e surgimento, como explica ela: “o ‘eu’ não pode fazer um relato definitivo ou adequado de si mesmo porque não pode retornar à cena de interpelação que o instaurou e não pode narrar todas as dimensões retóricas da estrutura de interpelação na qual ele relata a si mesmo”. A questão de sermos todos marcados por essa opacidade, por esse desconhecimento de nós mesmos, não nos desvia da busca pelo olhar do outro, pois, como assinala Butler (2015, p. 80), “o outro representa a possibilidade de a história ser devolvida em uma nova forma, de os fragmentos serem ligados de alguma maneira, de alguma parte da opacidade ser iluminada”.

Os argumentos propostos por Butler (2015) permitem-nos entender que, quando relatamos a nós mesmos, tal relato, ainda que não objetive o estabelecimento de uma narrativa definitiva, torna-se uma ocasião linguística e social para a autotransformação do sujeito. Ela nos diz (2015, p. 131) que “fazer um relato de si, portanto, é um tipo de exposição de si, uma exposição com o propósito de testar se o relato parece correto, se é compreensível pelo outro, que o ‘recebe’ por meio de um ou outro conjunto de normas”. E é sobre essa exposição que fazemos de nós mesmos, de nossa intimidade em busca de visibilidade, do olhar do outro e de reconhecimento da nossa própria existência no mundo que vamos abordar no próximo tópico.

2.4 As escritas de si e as tecnologias: nuances e aspectos da constituição da subjetividade contemporânea

Não estar conectado é, hoje em dia, uma condição quase que impossível para a maior parte das pessoas, algo que poderia ser visto como “fora do normal” e, até mesmo — por que não —, um privilégio na sociedade globalizada do século XXI, marcada fortemente pela presença da internet e das mídias digitais, que deslocam nosso tempo, nossa atenção e, como pretendemos problematizar neste tópico, nossa subjetividade. Lidamos com a ubiquidade das redes sociais em nossas vidas e a utilizamos quase como se fossem “extensões” dos nossos corpos. Esse fenômeno cultural recente toma forma na transição do século XX para o XXI e nos permite notar outros modos de existência, o que aponta para mudanças nas subjetividades e para a conformação de novas maneiras de nos relacionarmos com os outros, conosco e com o mundo.

Observamos que as diferentes modalidades de narrativas, com destaque para aquelas que versam sobre o si mesmo, têm se movimentado de maneira contundente para outros suportes midiáticos, sobretudo para as redes sociais, produzindo novas estruturas de escritas de si em relação ao que antes podíamos notar em dispositivos tradicionais — como livros, diários, cartas, dentre outros — e que vêm comportando, há pouco mais de dois séculos, histórias de vida cuja ênfase está na singularidade.

Essa possibilidade contemporânea de a dimensão biográfica estar presente, com atenção à inovação midiática, em gêneros e espaços diferentes daqueles que tradicionalmente marcavam as esferas de narração da vida, é o que leva Leonor Arfuch (2010) a estudar o desdobramento contemporâneo do “espaço biográfico”, expressão emprestada de Philippe Lejeune que, segundo a pesquisadora (2010, p. 22), foi formulada por ele para “dar lugar às diversas formas que assumiu, com o correr dos séculos, a narração inveterada das vidas, notáveis ou ‘obscuras’, dentre as quais a autobiografia moderna é apenas um ‘caso’”.

O interesse de Arfuch (2010) pelo espaço biográfico foi marcado pela percepção de formas de subjetivação que contribuíam para a afirmação de uma nova privacidade e novos relevos do eu, de onde se desprende a compreensão de sujeito responsável por guiar sua investigação sobre o tema. Em sua concepção (2010, p. 31), o espaço biográfico

não somente alimentará “o mito do eu” como exaltação narcisista ou voyeurismo - tonalidades presentes em muitas de suas formas -, mas operará, prioritariamente, como ordem narrativa e orientação ética nessa modelização de hábitos, costumes, sentimentos e práticas, que é constitutiva da ordem social.

O surgimento de um “eu” na narração da própria vida remonta à modernidade, algo correspondente a apenas pouco mais de dois séculos, associado notadamente à consolidação do capitalismo e da vida burguesa (Arfuch, 2010). Nesse sentido, os gêneros autobiográficos, para além de seu inerente valor literário, delinearam “um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente” e esboçaram “a sensibilidade própria do mundo burguês, a vivência de um ‘eu’ submetido à cisão dualista (público/privado, sentimento/razão, corpo/espírito, homem/mulher)” (Arfuch, 2010, p. 36).

Para nossa proposta de tratar de aspectos que se fazem presentes na constituição da subjetividade contemporânea, vale a pena trazermos a concepção de Arfuch (2010, p. 80) sobre sujeito — em correlação com a de identidade — que guia sua indagação na obra, segundo ela própria:

(...) a de um sujeito não essencial, constitutivamente incompleto e, portanto, aberto a identidades múltiplas, em tensão com o outro, o diferente, através de posicionamentos contingentes que é chamado a ter. Nesse “ser chamado”, operam o desejo e as determinações do social; esse sujeito é, no entanto, suscetível de autocriação. Nessa ótica, a dimensão simbólico-narrativa aparece como constituinte: mais do que um simples devir dos relatos, uma necessidade de subjetivação e identificação, uma busca consequente daquilo-outro que permita articular, ainda que temporariamente, uma imagem de autorreconhecimento.

Assim, conforme Arfuch (2010), o surgimento do espaço biográfico foi fundamental para a afirmação do sujeito moderno, para demarcar os contornos incertos entre o público e o privado e, também, como consequência, para a articulação entre o individual e o social. E essa relação, segundo a pesquisadora (2010, p. 83), “que leva do uno ao múltiplo, do *eu* ao *nós*”, é “imprescindível numa indagação sobre a construção do campo da subjetividade”. Nesse sentido e na medida em que, como sabemos, a afirmação da subjetividade pressupõe a intersubjetividade, as narrativas de vida, os relatos de experiência, as escritas sobre si são, de certo modo, coletivos, uma qualidade que torna as histórias de vida importantes e valorosas tanto na literatura tradicional, quanto nas formas midiáticas contemporâneas (Arfuch, 2010).

Dessa forma, Arfuch (2010, p. 100) defende, no que diz respeito ao espaço biográfico,

a articulação indissociável entre o eu e o nós, os modos como as diversas narrativas podem abrir, para além do caso singular e da “pequena história”, caminhos de autocriação, imagens e identidades múltiplas, desagregadas dos coletivos tradicionais, e consolidar assim o jogo das diferenças como uma acentuação qualitativa da democracia.

Assim como Butler (2015, 2018) advoga que o relatar a si mesmo tem potencial linguístico e social para a autotransformação do sujeito que, ao performar o gênero a partir e

contra a precariedade à qual está submetido, busca por novas formas de poder ser e por reconhecimento da própria existência no mundo, Arfuch (2010, p. 100) também defende que o narrar a própria vida, com sua qualidade coletiva, desafia a hegemonia e carrega a potencialidade de contribuir para outras possibilidades de existência:

Novas narrativas, identificações, identidades (políticas, étnicas, culturais, religiosas, genéricas, sexuais etc.), novos modelos de vida possíveis, cuja manifestação à luz do público supõe a pugna e o conflito, assim como uma revalorização da ideia mesma de “minoria”, não necessariamente na chave do “menor” em número ou importância, mas precisamente, no sentido de Deleuze, como diferenciação da norma - ou da “normalidade”, sempre majoritária — ou da hegemonia, que é desse modo desafiada. Nessa pugna — nenhuma “nova” posição de enunciação advém de graça no espaço discursivo social -, o desafio é justamente achar uma voz autobiográfica *em seus acentos coletivos* - que possa dar sentido a um mito de origem, a uma genealogia, a um devir - e defender, portanto, alguma condição de existência.

Dessa forma, ancorados em ambas as pesquisadoras, podemos reconhecer que a interioridade do eu — como buscamos refletir através dos argumentos expostos — não nos é dada *a priori*, mas é construída pelas narrações que fazemos de nossas histórias, por meio das quais imaginamos a nós mesmos a partir, sempre, da relação com a existência de um outro, sem desprezar o contexto social, histórico e cultural em que nos inserimos.

Decorrente da concepção de espaço biográfico de Arfuch (2010) — um espaço “singular habitado pela pluralidade” —, acrescentamos a noção de Rago (2013, p. 27) sobre espaço autobiográfico, entendido por ela “a partir dos diferentes tipos de narrativas de si, entre memórias, depoimentos, entrevistas, correspondências, diários ou *blogs*, que permitem cartografar a própria subjetividade”. E essas narrativas, que tomaram forma nos espaços tradicionais modernos de outrora, abriram-se à existência no digital e a internet conseguiu, assim, como arremata Arfuch (2010, p. 150), “popularizar novas modalidades das (velhas) práticas autobiográficas das pessoas comuns, que, sem necessidade de mediação jornalística ou científica, podem agora expressar livre e publicamente os tons mutantes da subjetividade contemporânea”.

E é justamente a essa manifestação livre e pública atual, sob uma forma específica de se conectar no digital — escrevendo sobre si mesmo — que Paula Sibilía (2016), ensaísta e pesquisadora argentina residente no Brasil, dedica sua investigação, inserida num campo de estudo mais amplo, que aborda temas culturais contemporâneos sob a perspectiva genealógica, contemplando particularmente as relações entre corpos, subjetividades, tecnologias e manifestações midiáticas ou artísticas.

Sibilia (2016) trata das diferentes dimensões do eu e de uma transformação da subjetividade, no contexto midiático contemporâneo da internet, sob a perspectiva de experiências de individualidade em que as dimensões íntimas e confessionais são apresentadas como “exteriorizadas”, ou seja, construções de si orientadas para uma exposição ao outro que busca legitimar formas de ser e estar no mundo. Os processos de subjetivação — com atenção aos seus aspectos identitários, narrativos, públicos, relacionais e midiáticos — constituem-se como potencialidade para novos arranjos de comunicação e sociabilidade contemporâneas.

Essas novas formas de subjetivação, baseadas na exposição de experiências íntimas e exibidas de forma intencional e negociada nas redes, têm sua constituição facilitada e incitada pelas tecnologias digitais onipresentes em nosso tempo atual, que colocam a questão em evidência, embora, segundo Sibilia (2016), não sejam sua causa. O foco das análises da pesquisadora (2016, p. 11) dirige-se, então, não para os artefatos tecnológicos em si, mas, antes, para apontar à genealogia das subjetividades, “apostando na hipóteses de que estaríamos vivendo uma importante mudança histórica”.

Sibilia (2016) recupera o que caracteriza a subjetividade de cada época — desde a Idade Média, passando pela Moderna, até os tempos atuais, e defende que a subjetividade moderna era focada num eu introdirigido, introspectivo, que olhava para dentro em busca de revelar sua essência, sua verdade. Já a subjetividade contemporânea, segundo ela, assenta-se no dilema “se não sou visto, não existo”, plasmando-se por processos de procura constante por visibilidade e pelo olhar do outro, no sentido de requerer uma aprovação externa para que a existência se torne real.

Em se tratando desse olhar externo, a pesquisadora brasileira Fernanda Bruno (2005), especialista nas áreas de tecnologia, comunicação, cibercultura e vigilância de dados digitais, explora o “estatuto do olhar do outro” e sua atuação na reconfiguração dos limites entre o público e o privado, considerando as práticas de exposição da intimidade nas tecnologias de comunicação, com vistas à uma compreensão sobre a subjetividade que se expressa e se produz em tais práticas. Para ela (2005, p. 56),

É como se o princípio de visibilidade, que já se sobrepôs ao princípio de realidade no âmbito mais amplo da cena pública, se estendesse às vidas e existências privadas, que passam a requerer a visibilidade como uma espécie de direito ou condição almejada de legitimação e reconhecimento. (...) Um dos principais aspectos destes novos fenômenos de exposição de si é a sua extrema ‘demanda’ pelo olhar do outro como meio de legitimação desta ‘intimidade’ que se dá a ver.

Tempos atrás, ainda na modernidade dos séculos XIX até meados do XX, era habitual que, para escrever, o autor se isolasse de tudo e de todos em busca de “acessar” sua intimidade na tarefa introspectiva de produzir um romance, compor um poema ou contar uma história de si, como nos revela Sibilia (2016, p. 87):

As escritas desse tipo, íntimas e confessionais, exigem – ou, pelo menos, exigiam – a solidão do autor no momento de criá-las. Em seus tempos áureos demandavam, também, uma distância espacial e temporal com relação ao destinatário das cartas e aos eventuais leitores dos diários.

O século XX assistiu ao surgimento recente de uma nova forma de mediação entre o público e o privado empreendida pelas tecnologias de comunicação, tanto pela mídia de massa, quanto pelas novas mídias digitais (Bruno, 2005). Hoje em dia, a cultura midiática parece nos fazer acreditar que o que importa é a quantidade de acessos, comentários e curtidas em cada publicação de nossa vida íntima compartilhada na internet, nas quais somos ao mesmo tempo autor, narrador e protagonista (Sibilia, 2016). Embora a constante reafirmação do eu seja um processo secular, como temos visto pelas reflexões apresentadas até aqui, tal reafirmação, sob a perspectiva da visibilidade, como apresentada por Sibilia (2016), permite-nos compreender a transformação da intimidade em espetáculo¹⁶ como uma complexa relação entre o eu, os outros e nós no contexto de midiatização intensificada.

Em nosso tempo presente, em que as personalidades são convocadas a se mostrarem em busca da afirmação pelo olhar do outro, a subjetividade contemporânea parece, então, ser mediada por uma correlação entre esforços introdirigidos e alterdirigidos¹⁷ (Sibilia, 2016), por meio dos quais o “escrever para ser” e o “ser para escrever” são redimensionados em sua significação. Dessa forma, como “intimidade e visibilidade se encontram intimamente atreladas e amplamente expandidas” (Bruno, 2005, p. 63), poderíamos entender que ser é estar visível e, então, o que não aparece ou não é mostrado nas mídias, não é ou não existe.

¹⁶ Em alusão à “sociedade do espetáculo”, do cineasta e ativista francês Guy Debord (1967), que vislumbrou a configuração de um novo modo de vida nos países ocidentais: “um mundo no qual se desvaneceram as antigas crenças em essências ocultas – inclusive aquelas que costumavam integrar o núcleo da subjetividade e eram, como tais, ‘invisíveis aos olhos’ –, de modo que as aparências passaram a constituir tudo o que existe porque tem algum valor. Trata-se, em síntese, de um universo onde só é o que se vê e como se deixa ver” (Sibilia, 2015, p. 357).

¹⁷ Segundo Sibilia (2016, p. 48), “alguns autores denominam *homo psychologicus*, *homo privatus* ou personalidades *introdirigidas*, aqueles sujeitos que praticavam tanto a leitura quanto a escrita silenciosa e em reclusão, utilizando ferramentas como as cartas, os romances impressos e os diários íntimos: todo um instrumental analógico com o qual estamos nos tornando cada vez mais *incompatíveis*, enquanto nos *compatibilizamos* às pressas com o novo arsenal digital”. As personalidades alterdirigidas seriam, então, “construções de si orientadas para o olhar alheio ou ‘exteriorizadas’, não mais introspectivas nem intimistas”.

Em uma esfera em que o “extremamente privado” e o “absolutamente público” estão em constante fusão, a intimidade — exibida e espetacularizada — é reivindicada como autêntica e legítima no pacto narrativo estabelecido entre autores e leitores. E essa relação, que fundamenta os modos de ser e estar no mundo hoje — e que começou com o surgimento das *webcams*¹⁸, antes da popularização dos aparelhos portáteis — dá-se atualmente, em sua maior parte, em qualquer lugar e na palma da mãos dos sujeitos, mediada por “telefones inteligentes” que, em conexão incessante, dão visibilidade às buscas e aos anseios das subjetividades contemporâneas (Sibilia, 2016).

Para Bruno (2005), os meios de comunicação se tornam um lugar que favorece a exposição da vida privada e as telas — seja de TV, de computador, de celulares ou de câmeras — afirmam-se como o suporte privilegiado da relação consigo e com o outro. Segundo ela (2005, p. 63), as tecnologias de comunicação têm uma função central nesse processo, pois

elas oferecem uma cena pública para as experiências privadas e afirmam-se como instâncias de legitimação social do íntimo. Nota-se aí um novo estado do individualismo, extremamente atrelado à comunicação e à imagem, agora anunciados como “ao alcance” de todos. A presença do homem ordinário e sua vida privada nos ambientes comunicacionais efetuam um jogo ambíguo que diz bastar existir para ter o direito de ser visto num ‘mundo’ onde é preciso ser visto para existir.

Contudo, Sibilia (2016) faz questão de deixar claro que os aparelhos tecnológicos não são a causa das alterações pelas quais passam as subjetividades contemporâneas, mas são, antes, consequências de mudanças históricas e acabam por fortalecer tais transformações:

Pois não são os aparelhos que causam mudanças nos modos de ser, como costuma se afirmar com excessiva irreflexão; mas, ao contrário, parece evidente que os artefatos técnicos são resultado de processos históricos bem complexos, que envolvem uma infinidade de fatores socioculturais, políticos e econômicos. Nesse sentido, as tecnologias são inventadas para desempenhar funções que a sociedade de algum modo solicita e para as quais carece das ferramentas adequadas. (...) A causalidade, portanto, é assim revertida: em lugar de serem compreendidos como a sua causa, os dispositivos tecnológicos são frutos de certas mudanças históricas. Uma vez criados e adotados pela população, porém, acabam reforçando essas transformações e contribuem para suscitar outros efeitos no mundo (Sibilia, 2016, p. 25).

Ao se perguntar o que são exatamente as subjetividades; como e por que alguém se torna o que é; e o que nos constitui como sujeitos históricos, indivíduos singulares, embora também

¹⁸ As *webcams* “são pequenas filmadoras de baixo custo que se conectavam aos computadores de mesa e permitiam transmitir ao vivo tudo o que acontecia nos lares dos usuários, um fenômeno cujas primeiras manifestações chamaram atenção nos últimos anos do século XX” (Sibilia, 2016, p. 22).

inevitáveis representantes de nossa época, partilhando um universo e certos traços importantes com nossos contemporâneos, Sibilia (2016, p. 26) argumenta que

Se as subjetividades são os modos de ser e estar no mundo, longe de toda essência fixa e estável que remete ao ser humano como uma entidade não-histórica de relevos metafísicos, seus contornos são elásticos e mudam ao sabor das diversas tradições culturais. Portanto, a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside “dentro” de cada um. Por um lado, ela só pode existir se for *embodied*, encarnada num corpo, mas também está sempre *embedded*, embebida numa cultura intersubjetiva. Certas características biológicas delimitam o horizonte de possibilidades na vida de cada sujeito, mas também é muito o que permanece indeterminado e, portanto, lançado ao imprevisto. A experiência de cada um se vê fortemente influenciada pela interação com os outros e com o mundo; por isso, não se pode negar o papel primordial da cultura na conformação do que se é. Com base nessa premissa, cabe supor que quando ocorrem mudanças nos modos de se relacionar com os demais e nessas pressões históricas que nos configuram, o campo da experiência subjetiva também se altera, num jogo extremamente intrincado, múltiplo e aberto.

Em se tratando das alterações e (re)construções das subjetividades, em especial sobre como o regime de visibilidade passa a afetar e constituir a subjetividade contemporânea, reconhecemos que as atuais tecnologias de informação e de comunicação agem na produção de uma subjetividade exteriorizada, embora seja importante destacar que “não se trata tanto da exteriorização de uma interioridade constituída, por natureza recôndita, que passa a se expor, mas de uma subjetividade que se constitui prioritariamente na própria exterioridade, no ato mesmo de se projetar e de se fazer visível a outrem” (Bruno, 2005, p. 64).

Por todo o exposto até aqui, constatamos que se antes, “o íntimo podia ser dito, não mostrado; agora, se mostra mais do que se diz” (Arfuch, 2010, p. 144), podemos reconhecer que vivemos hoje novos ares, um novo ambiente, pertinente à nossa época, que parece estimular uma série de transformações sociais, inclusive a própria alteração do entendimento sobre o “eu”. A internet constitui-se num grande espaço de experimentações, numa esfera propícia e profícua para vivenciar e testar novas formas de subjetividade e outras maneiras de se relacionar com as pessoas e com nós mesmos, abrindo, com isso, possibilidades para o desenvolvimento de novas existências no mundo.

2.5 Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, buscamos refletir a respeito de como escrever sobre si mesmo e como a performatividade, incluída a de gênero, são gestos constituidores da experiência contemporânea de existir. O fazer-se aparecer nas mídias traz uma série de elementos para as experiências dos

sujeitos e nos auxiliam a compreender o quanto a subjetividade contemporânea vai sendo alterada e (re)construída enquanto é atravessada pelos recentes processos de mediação dos quais não escapam uma “sociedade do espetáculo” numa “era da performance” (Sibilia, 2016).

Como vimos, se a modernidade produziu uma subjetividade contornada pelo espaço privado e pela vida interior — com influência da casa, da família, da intimidade e do psiquismo —, a contemporaneidade atua numa lógica inversa e desloca a subjetividade para o espaço público dos meios de comunicação e para a vida exterior — com influência da tela, da imagem, da interface e da interatividade (Bruno, 2005). Assim, no cenário atual de conformação da subjetividade contemporânea, ainda que a introspecção e a interioridade permaneçam presentes, elas “deixam de ser o foco de investimento, cuidado, controle, assim como deixam de ser a morada mesma da verdade ou do desejo do sujeito” (Bruno, 2005, p. 64).

No panorama contemporâneo, estamos considerando, junto com Bruno (2005), o cenário de existências cada vez mais individualizadas, no qual se radicaliza a responsabilidade por si mesmo em diferentes aspectos da vida privada e da vida pública, o que antes, na modernidade, tinha atribuições compartilhadas com instituições e atores sociais organizados. Somado a isso, como nos apontou Sibilia (2015), vivemos um momento histórico de extrema pressão sobre nossos corpos e nossas subjetividades em busca de uma incessante — e quase inalcançável — evolução dos níveis de performance nos mais variados aspectos da vida. Como consequência desse quadro, resta uma perspectiva de incertezas e indeterminações, num horizonte turvo que radicaliza “a privatização da existência”, em meio ao qual “o futuro deve ser forjado pelo próprio indivíduo na sua trajetória de auto-realização e muitas vezes deixa de ser um tempo de desejo para tornar-se fonte de ansiedade e obrigação” (Bruno, 2005, p. 62).

Toda essa carga, vinda de forças socioculturais, políticas e econômicas, que recai diariamente sobre os sujeitos contemporâneos aponta para consumir neles, como constata Sibilia (2015, p. 354), “uma exigência primordial naquilo que atualmente se considera uma boa performance existencial: ser feliz”. No entanto, ela esclarece que não basta apenas atingir o “ser feliz”, mais do que isso, é preciso que esse estado de felicidade seja verificado pelo olhar legitimador dos outros. E, nesse sentido, continua ela (2015, p. 354), “parece estar crescendo, na peculiar atmosfera cultural da sociedade contemporânea, essa sorte de exigência na produção de um gozo performático e inesgotável como um horizonte de realização universal”.

Dessa forma, em uma cultura que convoca os sujeitos a viverem sob o regime da visibilidade e da lógica da exposição e que os incita a uma busca ansiosa — e nem sempre gloriosa — pela espetacularização de si, ser alguém ou fazer algo não é suficiente; é preciso,

além disso, performar, ou seja, mostrar-se fazendo algo e exibir-se sendo alguém, sem esquecer, obviamente de ser — ou parecer — feliz (Sibilia, 2015).

Em meio ao contexto trabalhado em nossas reflexões neste capítulo, um dos desafios inerentes às transformações atuais nos modos de ser e estar no mundo hoje parece decorrer das próprias lógicas comunicacionais de operação das redes sociais, questão que se torna foco central desta tese, reconhecendo o quanto tais lógicas atravessam os gestos de escritas de si e acabam instituindo aos sujeitos comuns uma demanda nova que antes destinava-se quase que exclusivamente ao contexto organizacional. A essa nova demanda dedicaremos o próximo capítulo, na tentativa de compreender como as lógicas comunicacionais do Instagram operam, mobilizando as escritas de si e, ao mesmo tempo, imputando aos sujeitos que expõem sua intimidade na plataforma uma força pública que outrora não fazia parte do universo de atuação de sujeitos com personalidade introdirigida.

Vale relembrar que, no âmbito da nossa pesquisa e diante da presença dos novos ambientes midiáticos que favorecem a existência de espaços (auto)biográficos (Arfuch, 2010; Rago, 2013), nosso foco dirige-se para as escritas de si que Maíra Castanheiro compartilha em seu perfil no Instagram, por meio das quais ela articula as experiências que conta sobre sua vida. Nossa intenção é apreender tal movimento como um fenômeno que fusiona questões singulares e coletivas, a partir da (re)configuração de si e por meio de processos de identificação e do reconhecimento de diferenças (Butler, 2015, 2018; Rago, 2013; Marques; Pessoa; Martino, 2022).

Interessante pontuar que as escritas de si elaboradas por Maíra tendem a constituir um espaço biográfico (Arfuch, 2010) — composto por suas experiências singulares que também são coletivas — e podem apresentar uma escritura feminina, talvez não no sentido da afirmação de uma essência, mas, quem sabe, como uma performatividade de gênero (Butler, 2018), ou, decerto, como experiencição de um outro modo de “ser mulher”, que, em todo caso, se dará a ver como produto de uma sensibilidade construída cultural e performativamente (Arfuch, 2010; Sibilia, 2015).

Nesse sentido, a escrita de si operada por Maíra Castanheiro não deve ser lida apenas como um esforço de tradução de sua interioridade em sentido, mas como o exercício do que Gumbrecht (2012) denomina “poder encantatório da linguagem”. Para o autor, a linguagem possui uma dimensão de presença que ultrapassa a mera transmissão de significados, sendo capaz de produzir efeitos de tangibilidade e intensidade que “encantam” o espaço ao redor do sujeito.

Ao performar seu gênero e sua resistência no Instagram, a escrita de Maíra exerce esse encantamento através do ritmo de suas postagens e da força de seus relatos, que operam para colapsar a distância entre a tela e o seguidor. Essa “presença realizada na linguagem” (Gumbrecht, 2009) é o que permite que a performance de Maíra não seja apenas assistida, mas sentida, transformando sua escritura em um evento que instaura atmosferas e convoca o outro para uma experiência partilhada. Assim, o gesto de Maíra não apenas comunica uma identidade; ele a faz aparecer em sua dimensão e material e afetiva - ainda que seu corpo esteja submetido a novas lógicas comunicacionais do Instagram, argumento desenvolvido ao longo da tese.

É precisamente a partir dessa aparição mediada, que conjuga o poder encantatório da linguagem à materialidade digital, que nossas próximas reflexões serão desenvolvidas. Buscaremos compreender as possibilidades de constituição de subjetividades contemporâneas a partir da emergência dessas escritas de si e da performatividade de gênero, agora indissociáveis da presença das tecnologias midiáticas em nossas vidas. Com isso, ao analisarmos os gestos de Maíra Castanheiro, por meio de suas escritas de si no Instagram, buscaremos compreender as lógicas comunicacionais operadas por tal plataforma. Nossa tentativa será a de entender como as novas tecnologias impõem novas demandas a seus usuários e, com isso, como toda uma força comunicacional, tecnológica, estratégica e política passa a afetar o mundo comum de sujeitos.

Nesse sentido, o próximo capítulo se volta à compreensão das lógicas comunicacionais do Instagram a partir de uma discussão sobre a gestão de si, os novos valores contemporâneos e as lógicas da comunicação organizacional que passam a afetar sujeitos comuns.

3 CAPÍTULO 2: GESTÃO DE SI E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: A RACIONALIDADE NEOLIBERAL E AS IMPOSIÇÕES DA ORGANIZAÇÃO ALGORÍTMICA

3.1 Introdução

No capítulo anterior, observamos que o compartilhamento midiático das experiências de si, ou seja, narrar a própria vida nas telas, sobretudo nas redes sociais, tornou-se um gesto de modulação das subjetividades contemporâneas, ao mesmo tempo em que a vivência do campo experiencial do gênero traz sentido para a existência no mundo comum. Contudo, para que tais narrativas e performances identitárias se concretizem na atualidade, os sujeitos dependem de suportes técnicos e infraestruturas discursivas reguladas que extrapolam a mera escolha individual. A passagem da exibição da intimidade para a esfera pública das redes sociais digitais exige compreender que o ato de narrar a si mesmo está inserido em uma ecologia de comunicação profundamente estruturada, na qual as tecnologias de conexão funcionam como mediadoras ativas das práticas de sociabilidade.

Essa ecologia digital encontra-se intrinsecamente vinculada às mutações políticas e econômicas que reconfiguram as sociedades contemporâneas. Sob a égide de uma racionalidade que transforma todas as esferas da existência em uma dimensão concorrencial e mensurável, os espaços de interação virtual passam a operar como vetores de difusão de preceitos gerenciais. Desse modo, o aparecimento público e a busca por reconhecimento social não ocorrem em um vácuo de neutralidade técnica; ao contrário, dão-se no interior de ecossistemas corporativos projetados para capturar a subjetividade e convertê-la em dados monetizáveis. Torna-se fundamental, portanto, desnaturalizar a arquitetura dessas redes on-line, articulando as teorias da midiatização e das materialidades da comunicação ao exame crítico das forças macroestruturais que governam as formas de vida na atualidade.

Neste capítulo, nosso esforço é o de compreender que o contexto contemporâneo de expansão das mídias e de construção de uma nova subjetividade é também o cenário de consolidação e ampliação de uma lógica político-econômica e existencial complexa: o neoliberalismo. O objetivo central é associar a experiência contemporânea de existir com a evidência de uma sociedade intensamente midiatizada e atravessada por lógicas de mercado que, de forma latente, impõem e cobram de indivíduos comuns práticas de gestão de si e estratégias de comunicação organizacional outrora restritas ao domínio corporativo. Busca-se investigar como essa racionalidade gerencial, materializada nas infraestruturas e nos códigos de programação das *big techs*, constrange o sujeito a se comportar nas plataformas como se

estivesse livre de forças e tensionamentos — quando, na realidade, essas mesmas plataformas parecem operar como uma *organização algorítmica*, como será visto ao longo do capítulo — e a assumir riscos mal dimensionados de reputação, frente à espetacularização e ao adoecimento psíquico decorrentes de uma espécie de imperativo de performance.

Para isso, após esta seção introdutória, o capítulo está estruturado em cinco eixos analíticos interdependentes que culminam em nosso fechamento teórico. Na seção *A mediatização como produtora de relações sociais e existências contemporâneas*, discutimos como os processos de mediatização deixam de ser meros canais de transmissão para se constituírem como a própria ambiência que molda e influencia os modos de ser e de se relacionar dos sujeitos. Em seguida, na seção *O neoliberalismo como produtor de um sujeito na encruzilhada de sua própria liberdade*, problematizamos a interferência dos princípios neoliberais na construção de um ideal de sujeito empreendedor, examinando como a suposta autonomia individual converte-se em uma sutil modalidade de autocontrole e sujeição.

No terceiro momento, em *A gestão como instituidora de uma sociedade adoecida*, observamos como as práticas gerenciais e as ideologias do desempenho transbordam para o tecido social e levam ao adoecimento psíquico, ao imporem aos indivíduos uma vigilante e exaustiva gestão de suas próprias vidas. Na seção seguinte, intitulada *A ambiência do Instagram: materialidades, produção de presença e a gestão racional de si*, avançamos em direção ao contexto empírico para perceber como essa plataforma específica, ancorada na materialidade de seus suportes e no apelo de suas imagens, atua como um potente "produtor de presença", impelindo os sujeitos a adotarem estratégias racionais de gerenciamento de sua imagem sem que os objetivos estritamente mercadológicos da Meta Platforms¹⁹ estejam evidentes no cotidiano.

Posteriormente, em *O Instagram como organização algorítmica: a ideologia do progresso e as tensões da comunicação organizacional*, refletimos sobre como as linhas de código invisíveis modulam o comportamento social a partir das lógicas do capitalismo de plataforma e de vigilância, forçando o indivíduo comum a mimetizar certas práticas da comunicação organizacional para atender à ideologia moderna do progresso corporificada nas métricas de engajamento. Por fim, nas *Considerações finais*, buscamos refletir sobre a modelização teórica central desta tese, articulando o tensionamento entre as *Lógicas Comunicacionais Aparentes* (as escritas de si e a performatividade de gênero) e as *Lógicas*

¹⁹ A Meta Platforms (anteriormente conhecida como Facebook, Inc.) é uma empresa multinacional americana de tecnologia que controla algumas das maiores redes sociais e serviços de comunicação do mundo, incluindo Facebook, Instagram, WhatsApp, Messenger e Threads.

Comunicacionais Latentes (o imperativo da gestão de si e as práticas da comunicação organizacional), identificando nas falhas e nos esgotamentos dessa engrenagem — manifestos empiricamente no perfil de Maíra Castanheiro — o espaço para a emergência das atmosferas comunicacionais que serão investigadas no capítulo metodológico.

3.2 A midiatização como produtora de relações sociais e existências contemporâneas

Na sociedade em que vivemos hoje, são significativos os fenômenos causados pelas relações entre a transformação da dimensão comunicativa das tecnologias midiáticas e a transformação da dimensão sociocultural. Todos esses fenômenos, engendrados pelos processos de midiatização, afetam e produzem novos modos de ser e de estar no mundo, podendo se constituir como contextos detentores de potencialidades para que a pluralidade das diferenças possa aparecer na esfera pública.

A centralidade do conceito de midiatização consolida-se a partir dos anos 1980, impulsionada pelo interesse acadêmico em investigar o espessamento dos artefatos midiáticos no tecido das práticas culturais e cotidianas (Couldry; Hepp, 2013). Sob essa ótica, Hepp (2014) conceitua os meios de comunicação como dispositivos técnicos mobilizados especificamente para potencializar e estender as faculdades comunicativas humanas. Por sua vez, Hjarvard (2014) direciona o foco para o caráter estrutural desse processo, mapeando como as dinâmicas sociais e as formas culturais tornam-se intrinsecamente permeadas pelas mídias. Alinhada a esse cenário, esta tese assume que as mediações e as midiatizações redefiniram a experiência contemporânea e adota a premissa defendida por Juremir Machado (2020, p. 15) de que: “Tudo é mediado, tudo é midiatizado, tudo é redimensionado, tudo é manipulado, tudo é espetacularizado, nada é vivido diretamente”.

Para Braga (2011), a midiatização é um fenômeno social complexo que indica um modo de compreender como as relações sociais são, historicamente, estabelecidas, permeadas e balizadas por mídias. Para o autor, a novidade nas sociedades contemporâneas é a presença de materialidades midiáticas em profusão, que delineiam os processos de interação de uma forma nunca antes vivenciada pela humanidade. Dessa maneira, a midiatização é algo muito além do uso das mídias; é um fenômeno que institui um modo de viver, de se relacionar e de existir socialmente nas/pelas mídias (Braga, 2011, 2012).

Os pesquisadores Elton Antunes e Paulo Bernardo Vaz (2006) corroboram com a compreensão de que a midiatização ultrapassa a questão da utilização dos meios, na medida em

que, para eles, ela deve ser definida para além de um aparato técnico — do qual se compõe — e de uma forma discursiva que ela permite produzir:

A melhor tradução de seu processo é a de um fluxo onde se dão as operações, onde se mesclam e entrecruzam mundos simbólicos e materiais que têm os meios à montante e à jusante, e que em seu curso carrega grande parte das narrativas na contemporaneidade: cotidianas e institucionais, corriqueiras e especializadas, midiáticas e não midiáticas (Antunes; Vaz, 2006, p. 44-45).

Atualmente, de acordo com Baldissera e Vinhola (2020), os estudos de destaque da mediatização podem ser agrupados em três grandes perspectivas: a corrente institucionalista (escandinava), a escola socioconstrutivista (alemã) e a tradição latino-americana, que dá ênfase ao processo de semiose humana e concebe que as lógicas de mídia(s)/mediatização reconfiguraram a sociedade — perspectiva da qual nos aproximamos mais nesta tese. De acordo com a concepção proposta pela tradição latino-americana, conforme assinalam os autores, as mídias sempre estiveram presentes na vida humana sob os mais diversos formatos e as invenções técnicas, como a escrita, os códigos, o livro e a imprensa - dispositivos estes, por exemplo, que ativaram progressivamente nossos processos de significação (Baldissera; Vinhola, 2020). Nesse sentido, a mediatização constitui-se no processo da longa sequência histórica de fenômenos midiáticos que são institucionalizados em sociedades humanas e que nelas geram múltiplas consequências.

Nessa sociedade, portanto, a mediatização provoca circulação de sentidos — ao mesmo tempo em que é fomentada por isso — e coloca discursos difusos em tempos e espaços diferentes (Braga, 2011). Não por acaso, em nosso tempo presente, notamos — e sentimos — que a mediatização parece estar ainda mais acelerada e isso se deve, como aponta Fausto Neto (2008), à institucionalização da mediação digital e ao aumento exponencial da conversão de fenômenos técnicos em novos meios. Essa reconfiguração de tecnologias em outras práticas midiáticas, conforme sinalizam Baldissera e Vinhola (2020), criou condições para que qualquer ator (sujeito, organização ou grupo social) se aproprie e use as técnicas e as lógicas midiáticas. Em função disso, os autores apontam que

(...) o tecido social está agora atravessado pela cultura de mídia (Fausto Neto, 2008), no sentido de que indivíduos e organizações, de modo mais intenso, não apenas têm acesso, mas também dominam e são perturbados por técnicas e lógicas midiáticas, (re)dinamizando os processos comunicacionais de maneira bem mais acelerada (Baldissera; Vinhola, 2020, p. 30).

Com isso, é possível observar que a mediatização evidencia, como constata Mafra e Procópio (2022), um tempo contemporâneo constituído por uma presença radical de

materialidades técnicas (dispositivos midiáticos) que instituem dinâmicas singulares de produção e de circulação de poder. Para os autores, nesse tempo-espço presente, as subjetividades e os modos de existir socialmente atravessam, inevitavelmente, as experiências de manejo e apropriação dessas mídias, fazendo com que uma nova dinâmica social surja e seja determinada e condicionada por lógicas e por gestos vinculados a mecanismos midiaticizados que possibilitam a emergência, a permanência e/ou a ruptura de interações sociais (Mafra; Procópio, 2022).

Compreender o fenômeno da midiaticização, por esses ângulos aqui mobilizados, possibilita apreender o surgimento de relações de poder, tensões, formas de acesso e de distribuição de forças junto aos processos que o compõem. Em meio à força de atuação que as organizações detêm para operar e se movimentar no espaço público, observamos que sujeitos comuns, atravessados pelas novas lógicas da midiaticização, são convocados e desafiados a existir e a atuar no engajamento dos mais variados espaços tecnológicos, sobretudo nas redes sociais. Nos termos de Mafra e Procópio (2022, p.87), “estar ou não nas mídias não se caracteriza, portanto, como uma escolha: trata-se de inevitável traço definidor da vida (bio) e da morte (necro) de/em nosso próprio tempo”.

Assim, nessa nova sociedade midiaticizada, ainda que seja inevitável a sensação de deslocamento do nosso tempo, da nossa atenção e da nossa subjetividade, e ainda que todo esse processo faça parte de um projeto moderno de mundo global, torna-se importante observarmos que a midiaticização, muito mais do que tentar pasteurizar e homogeneizar territórios e experiências, também provoca a emergência de lógicas novas e difusas que correspondem a campos constituídos por vivências e experimentações dos indivíduos. Nesses espaços, os sujeitos vão tentar existir no contexto de suas individualidades e singularidades sendo que, para isso, vão, ao mesmo tempo, expor e compartilhar suas experiências íntimas e particulares com outros sujeitos, rendendo-se ao olhar externo em busca de legitimação para sua própria existência.

3.3 O neoliberalismo como produtor de um sujeito na encruzilhada de sua própria liberdade

Nesse atual contexto social, as novas tecnologias — e os fluxos decorrentes dos processos que estas impõem aos sujeitos — passam a servir também a uma reconfiguração das relações de trabalho, consolidando uma espécie de renovação do capitalismo conformada nas práticas do neoliberalismo e em suas formas de racionalidade. Para compreender esse cenário,

busca-se o amparo teórico de Vladimir Safatle, Nelson da Silva Júnior e Christian Dunker (2020), mapeando em que medida essa nova lógica produz não apenas modelos laborais inéditos, mas, acima de tudo, novas expectativas sociais em relação ao indivíduo.

A abordagem dos autores (2020, p. 11) sobre neoliberalismo não o toma apenas como “modelo socioeconômico, mas também como gestor do sofrimento psíquico”, em virtude, segundo eles próprios, “da natureza disciplinar de seu discurso, no qual categorias morais e psicológicas são constantemente utilizadas como pressupostos silenciosos da ação econômica”. Sob essa perspectiva, eles definem o neoliberalismo como “uma forma de vida definida por uma política para a nomeação do mal-estar e por uma estratégia específica de intervenção com relação ao estatuto social do sofrimento”.

As ações econômicas dessa matriz entranham-se, portanto, na realização social da liberdade — conceito historicamente derivado da noção liberal de propriedade de si. Ao caracterizarem o neoliberalismo como uma “engenharia social” produtora dessa faceta de autonomia, os autores alertam que:

Procuramos mostrar como essa redução da liberdade ao exercício livre da propriedade não é apenas peça decisiva na despolitização da sociedade e na criminalização de seus conflitos. Ela é uma forma de gestão psíquica, de produção de figuras da subjetividade com seus padrões de ação e, principalmente, de sofrimento (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020, p. 6).

A partir desse entendimento, demonstra-se como o modo de produção neoliberal consolidou uma nova forma de sofrimento, arraigada no cotidiano das pessoas como uma espécie de moralidade indiscutível, pautada numa ideia de racionalidade a partir de valores morais vinculados à dimensão econômica. Esse panorama fomenta discursos que impulsionam a produção de um novo tipo de sujeito, “um tipo de individualização baseado no modelo da empresa”, ou seja, sujeitos estruturados com “uma vida que deve ser apreendida, dirigida e avaliada como se o faz com uma empresa” (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020, p. 7).

Retomando a ideia de performatividade discutida no capítulo anterior, a instauração do neoliberalismo, ainda de acordo com Safatle; Silva Júnior; Dunker (2020, p. 7), opera como uma força performativa que atua diretamente na produção do sofrimento e na transformação das subjetividades, na medida em que

Ela não atua meramente como coerção comportamental, ao modo de uma disciplina que regula ideais, identificações e visões de mundo. Ela molda nossos desejos, e, nesse sentido, a performatividade neoliberal tem igualmente efeitos ontológicos na determinação e produção do sofrimento. Ela recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios. Se admitimos que uma forma de vida tende a manter sua unidade extraíndo

produtividade de suas contradições, determinadas e indeterminadas, de acordo com estratégias provenientes do trabalho e do mercado, do desejo e da linguagem, poderemos localizar os efeitos estruturais da dimensão performativa da gestão neoliberal do sofrimento.

As reflexões de Safatle, Silva Júnior e Dunker (2020), portanto, nos ajudam a notar como se desenvolve a construção social dos indivíduos no neoliberalismo, na qual competitividade e individualização tornam-se parte fundamental desse tipo de sujeito. Nessa concepção, se o neoliberalismo pressupõe um tipo de sujeito específico para a propagação de seus princípios, junto a isso, é preciso que novas formas de gestão e de disciplinamento operem na sociedade com vistas à ampliação das racionalidades neoliberais e à potencialização de performances no trabalho.

Para adensar essa compreensão, mobiliza-se o aporte do sociólogo francês Vicent de Gaulejac, que se dedica ao estudo da psicossociologia do trabalho e das organizações, cujas reflexões sobre “o mundo gestor” datam, segundo ele próprio, dos anos 1970. Com Gaulejac (2007), evidencia-se o quanto o contexto neoliberal emerge a partir de lógicas de gestão. Nesse sentido, é possível compreender as lógicas gestórias como determinadas forças e formas de interação que, sob a perspectiva do autor, constituem-se como formas de atuação que acabam estimulando a emergência de novos sofrimentos psíquicos, à medida que a gestão se espalha paradoxalmente como uma espécie de “doença social”. Ao utilizar a “sociedade doente” como metáfora, o sociólogo explica (2007, p. 29) que a comparação “indica que certa concepção gerencialista tem efeitos deletérios sobre os próprios fundamentos daquilo que constitui sociedade e consequências patogênicas sobre os indivíduos que a compõem”.

3.4 A gestão como instituidora de uma sociedade adoecida

Com certa aproximação à perspectiva de Safatle, Silva Júnior e Dunker (2020) sobre a lógica do neoliberalismo na construção do sujeito contemporâneo, na concepção de Gaulejac (2007), a gestão é considerada uma tecnologia de poder que legitima a mercantilização do ser humano para atender às aspirações capitalistas. Como nos explica o autor, é possível tomar a

gestão como ideologia que legitima uma abordagem instrumental, utilitarista e contábil das relações entre o homem e a sociedade. Sob uma aparência pragmática e racional, a gestão subentende uma representação do mundo que justifica a guerra econômica. Em nome do desempenho, da qualidade, da eficácia, da competição e da mobilidade, construímos um mundo novo. Uma sociedade global, marcada por um desenvolvimento paradoxal, na qual a riqueza e a pobreza aumentam, assim como o conhecimento e a ignorância, a criação e a destruição, o bem-estar e o sofrimento, a proteção e a insegurança. Como compreender essas contradições? A gestão, que se apresenta como

simples meio para tratar esses problemas é, de fato, uma das causas de sua aparição e de sua reprodução (Gaulejac, 2007, p. 27-28).

E essa gestão, que se enquadra aos preceitos do que Gaulejac (2007, p. 66) chama de “ciência gerencial”, institui e incentiva um tipo ideal de indivíduo que se comporta racionalmente e que é capaz de ir sempre além. O sujeito, então, é convocado ao culto da excelência, ao alto desempenho, à competitividade — em comparação com outros e consigo mesmo — e ao gerenciamento racional de si mesmo, como se ele próprio fosse uma empresa, o que o autor denomina de “ideologia da realização de si mesmo” (p. 77).

A gestão de si mesmo, nesse sentido, é vista como demonstração de autonomia do indivíduo e atrela-se à promessa de sucesso, felicidade e realização pessoal. Contudo, vale pontuar que tais promessas constituem-se como esperanças sustentadas pelo ideal de progresso da modernidade (Mafra, 2022), cuja falência já se apercebe em nosso tempo presente, ainda que tais expectativas continuem a ser garantidas por processos que se instituem como uma espécie de atualização dessa ideologia moderna de progresso.

Nessa perspectiva, a gestão se torna uma forma de os sujeitos se relacionarem com o mundo e consigo mesmos, numa busca — muitas vezes imperceptível a eles — para racionalizar e otimizar o tempo, o corpo, a mente, a subjetividade, as relações e, assim, converter a vida em algo mais útil na visão capitalista. Para isso, Gaulejac (2007) observa que as forças produtivas já não estão localizadas no corpo, mas na psique dos indivíduos, pois no modelo gestor flexível — e não mais disciplinar, nos moldes descritos por Foucault (2014) — trata-se de persuadir o “corpo” e a “alma” dos sujeitos, envolver a psique e direcioná-la para os objetivos capitais das organizações.

Os paradoxos impostos pelo modelo gestor flexível estimulam a construção do que Gaulejac (2007, p. 187) chama de “subjetividade fluida”, da qual emergem, segundo ele, “técnicas de gestão da subjetividade que mobilizam o indivíduo, do lado da autonomia, da autoestima, do reforço narcísico, da reflexividade, canalizando totalmente os investimentos psíquicos para objetivos de rentabilidade e desempenho”. Contudo, o autor revela que a adesão dos indivíduos aos princípios e às regras das empresas não acontece integralmente, pois, em grande parte dos casos, os sujeitos se fragmentam internamente, envolvidos na dinâmica de uma situação da qual não têm como sair, e dessa conjuntura surge uma crise simbólica com implicações para o significado da própria vida.

Embora Gaulejac (2007, p. 29, p. 144) faça questão de evidenciar que a “gestão não é um mal em si”, depreende-se que, em uma sociedade adoecida por um modelo de gestão assentado na cultura do alto desempenho e no gerencialismo das empresas, o ritmo da vida

individual, social e institucional passa a ser determinado pelo próprio ritmo das organizações. Dessa forma, tomando a gestão como um “sistema de interpretação do mundo social” (Gaulejac, 2007, p. 64), é possível compreender que, sob a encruzilhada de uma gestão racional de si mesmo, o sujeito somente é livre para seguir as regras de um sistema que o condiciona e que ele mesmo alimenta.

Desse modo, a racionalidade gerencial que institui uma sociedade adoecida encontra nas plataformas digitais, com especial destaque para o Instagram, o seu terreno mais fértil de manifestação e proliferação. O imperativo da gestão de si — consolidado como um dos marcadores mais profundos das relações contemporâneas sob as engrenagens da midiaticização e do neoliberalismo — não apenas se expressa nesses espaços, mas é por eles ativamente estimulado e retroalimentado. Longe de ser um ambiente neutro de sociabilidade, a plataforma do Instagram corporifica uma demanda social de época: a exigência de que o indivíduo comum converta sua própria existência em um projeto administrável, onde a criação de uma página, a roteirização de rotinas e a constante adequação estética e algorítmica tornam-se pré-requisitos obrigatórios para o direito de aparecer no mundo comum.

Compreender esse cenário exige, portanto, investigar as lógicas que tornam essa engrenagem operacional no cotidiano dos sujeitos. Se a gestão racional da própria vida se tornou uma imposição subjetiva contemporânea, cumpre-nos tentar compreender como o Instagram impulsiona esse movimento, transformando a exposição da intimidade em um exercício contínuo de planejamento estratégico. É sob esse horizonte que direciona-se o olhar para a análise das redes sociais não apenas como suportes de comunicação, mas como o lugar por excelência para a execução dessa gestão racional de si mesmo.

3.5 A ambiência do Instagram: materialidades, produção de presença e a gestão racional de si

Se a subjetividade contemporânea é constituída sob a égide de processos neoliberais e de racionalidades gerenciais, ao sujeito inserido no ecossistema das redes sociais digitais é reservado, inevitavelmente, o papel de gestor de sua própria existência. Para compreender essa dinâmica, faz-se necessário desnaturalizar esses ambientes virtuais, apreendendo-os como produtos de grandes conglomerados globais de tecnologia e comunicação — as chamadas *big techs*²⁰. Detentoras de um massivo poder econômico, político e cultural, essas corporações

²⁰ A expressão *big techs* é utilizada na literatura contemporânea de economia política e estudos de plataforma para designar o oligopólio global formado pelas corporações transnacionais de tecnologia

dominam o cenário mundial de produção e circulação de informações, orientando sua atuação estritamente por objetivos mercadológicos (D’Andréa, 2020). Sob uma aparente neutralidade, as plataformas são apresentadas aos indivíduos como se fossem extensões orgânicas e ambientes naturais de sociabilidade quando, em realidade, constituem espaços profundamente metrificadas, arquitetados a partir das lógicas neoliberais de acumulação desses grandes oligopólios tecnológicos.

É nesse horizonte de visibilidade controlada que lógicas comunicacionais passam a afetar e a reconfigurar a atuação do sujeito em suas relações mais fundamentais com o trabalho, com o tempo, com o espaço e com o mundo comum, podendo ser lidas, fundamentalmente, como lógicas da comunicação organizacional. Esse fenômeno, que será desenvolvido mais adiante, se manifesta na medida em que os indivíduos comuns começam a sofrer pressões públicas por existência e relevância social que, historicamente, eram direcionadas quase que exclusivamente às organizações e marcas corporativas. Em resposta a esse imperativo de sobrevivência digital, os sujeitos passam a adotar — de maneira compulsória e frequentemente inconsciente, embora operacionalizada sob o signo da estratégia — métodos e estruturas destinados à edificação de uma imagem pública, à sofisticação de técnicas de visibilidade e à formação e mobilização constante de seus próprios públicos.

É sob esse cenário de pressões por visibilidade e pela necessária adoção de estratégias corporativas por indivíduos comuns que o Instagram²¹ se destaca como o lócus privilegiado para a observação empírica. Longe de se reduzir a um mero aplicativo de compartilhamento de imagens, a plataforma constitui uma infraestrutura técnica e mercadológica complexa, cujas engrenagens redefinem as fronteiras entre o público, o privado e o gerenciamento da própria identidade. Lançado originalmente em outubro de 2010 como um aplicativo voltado essencialmente para o tratamento e a publicação de fotografias estilizadas, o Instagram passou

que centralizam a infraestrutura digital, a extração de dados e a intermediação algorítmica da sociedade (Srnicek, 2017). Embora o termo originalmente fizesse referência direta ao grupo conhecido pelo acrônimo GAFAM (Google, Apple, Facebook/Meta, Amazon e Microsoft), autores como Zuboff (2021) e, no Brasil, Grohmann (2020) expandem essa categoria. No escopo desta tese, o conceito ultrapassa a mera dimensão setorial-econômica para ser apreendido como um modelo de governança sociotécnica que dita os termos da racionalidade gerencial cotidiana.

²¹ O nome Instagram é uma junção dos termos da língua inglesa “*instant*” e “*telegram*”, referência às imagens como forma de enviar mensagens a outras pessoas. Trata-se de uma ferramenta gratuita de compartilhamento de imagens para celulares, *tablets* e computadores com sistema operacional iOS e Android. Por meio dessa aplicação, é possível adicionar filtros às fotos tiradas, que remetem à estética da fotografia analógica. O formato quadrado (proporção 3:2) das fotos produzidas também é característico das antigas câmeras instantâneas Polaroid (interessante observar que o ícone do aplicativo é uma dessas máquinas fotográficas em miniatura, uma referência explícita às câmeras Polaroid por parte dos desenvolvedores). Endereço oficial disponível em: <https://www.instagram.com/>

por sucessivas transformações estruturais após sua aquisição pela corporação Facebook (hoje Meta Platforms), em abril de 2012, transmutando-se em uma das maiores forças de mediação cultural e econômica do planeta. Ao analisarem a gênese desse processo precisamente no ano dessa transição corporativa, Helal, Amaro e Gauziski (2012) já sinalizavam para os desdobramentos subsequentes dessa compra, que consolidaram a plataforma como uma infraestrutura global.

Para compreender a magnitude e a penetração desse ecossistema digital na vida contemporânea, cumpre notar que, de acordo com dados publicados pelo DataReportal (2025) — no *Digital 2026 Global Overview Report* —, o Instagram consolidou uma audiência publicitária global massiva, distribuída de forma quase equivalente entre os gêneros, com 48,6% de usuáries identificadas com o sexo feminino e 51,3% identificados com o masculino. No cenário brasileiro, o impacto dessa plataforma é ainda mais contundente: o Brasil posiciona-se atualmente como o terceiro maior mercado mundial do Instagram em tamanho de audiência de anúncios, alcançando uma base estimada de 147 milhões de usuários ativos²². Esse gigantismo estatístico demonstra que a plataforma não é uma escolha periférica, mas um verdadeiro imperativo de inserção e existência social na realidade brasileira.

Essa onipresença cotidiana faz com que o Instagram seja compreendido a partir do conceito de plataforma on-line. Conforme as formulações de Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 4), essas plataformas configuram-se como “[...] infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”.

Dessa maneira, os processos comunicativos que ocorrem no interior da arquitetura da plataforma transbordam continuamente para o tecido social (D’Andréa, 2020; Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020). Por se constituírem como infraestruturas cujas relações entre usuários e serviços são codesenvolvidas e permanecem em fluxo ininterrupto, as plataformas on-line atuam diretamente para reorganizar as relações interpessoais, as práticas urbanas, as discussões políticas e o consumo de bens culturais na sociedade contemporânea (D’Andréa, 2020).

Sob essa ótica infraestrutural, torna-se produtivo relacionar a ambiência do Instagram à perspectiva gumbrechtiana, compreendendo a plataforma como um potente “produtor de presença”. Conforme postula Gumbrecht (2010, p. 15), “[...] é verdade que alguns ‘efeitos

²² O mercado brasileiro fica posicionado apenas atrás da Índia (1º lugar, com mais de 480 milhões) e dos Estados Unidos (2º lugar, com mais de 181 milhões), demonstrando o gigantismo e a penetração cultural dessa plataforma especificamente na sociedade brasileira contemporânea. (DataReportal, 2025).

especiais' produzidos hoje pelas tecnologias de comunicação mais avançadas podem revelar-se úteis no re-despertar do desejo de presença". Desse modo, a opção por investigar o Instagram como o espaço de observação desta tese deixa-se guiar pela teoria das materialidades da comunicação, como poderá ser visto no capítulo seguinte. A partir de suas premissas teóricas, constrói-se o horizonte para a delimitação do *corpus* de pesquisa, para o afunilamento dos enfoques temáticos e para o desenvolvimento das investigações epistemológicas acerca das tensões que atravessam a constituição da subjetividade na contemporaneidade.

Fundamentado na materialidade de seus suportes tecnológicos e no apelo intrínseco de suas imagens, o Instagram corporifica-se como um exemplo manifesto da cultura de presença no cenário contemporâneo. Por se consolidar como uma rede massivamente habitada tanto por indivíduos comuns quanto por instâncias corporativas, a plataforma possibilita inferir o grau em que as lógicas de gestão de si e as dinâmicas comunicacionais decorrentes afetam diretamente a aparição pública e o agir dos sujeitos no ambiente digital. Afinal, a inserção de qualquer usuário no ecossistema do Instagram exige dele um ato de produção de presença: ao "entrar" na plataforma, o indivíduo inevitavelmente se projeta por meio da construção de uma imagem, do estabelecimento de relações com determinados públicos, da mobilização de recursos estratégicos e da manutenção de uma frequência regular de interação. Trataremos, de modo mais sistemático, da noção de presença e de sua oscilação com o sentido, a partir de um olhar gumbrechtiano, no capítulo seguinte.

Essa centralidade na modulação das existências digitais engendra um fenômeno central para esta tese: a aparente "naturalização" da plataforma. Como o Instagram condiciona a própria emergência do social (D'Andréa, 2020), ele passa a ser vivenciado pelos sujeitos como se fosse um ambiente natural e orgânico de socialização. Essa ilusão de naturalidade faz com que os indivíduos comecem a organizar suas rotinas, suas escolhas e suas próprias vidas em função daquilo que pode ou não ser exibido na rede social, operando uma profunda mutação nas relações humanas e na constituição da subjetividade contemporânea.

No entanto, torna-se imperativo desvelar o caráter essencialmente corporativo dessa engrenagem. O Instagram é uma tecnologia desenvolvida e gerida por uma empresa transnacional, operando sob uma suposta intenção de conectar pessoas, e escondendo critérios mercadológicos e de acumulação estritamente definidos. Essa lógica comercial reflete-se na própria cultura de engajamento estimulada por sua arquitetura técnica, a qual induz e molda as interações cotidianas em prol da espetacularização e da performance constante. Portanto, ao tomar o Instagram como a ambiência fundamental desta pesquisa, busca-se investigar precisamente essa tensão: o modo como uma plataforma digital, enquanto espaço de fluxos

regulados por interesses de mercado, captura a exposição humana e converte o cotidiano dos sujeitos em um exercício contínuo e racionalizado de gestão organizacional de si mesmo.

3.6 O Instagram como organização algorítmica: a ideologia do progresso e as tensões da comunicação organizacional

Para compreender a complexidade das dinâmicas interacionais que se dão no ambiente digital do Instagram, faz-se necessário examinar a natureza das plataformas on-line e os mecanismos que sustentam sua operacionalidade. As plataformas não se reduzem a suportes estáticos; elas funcionam como ecossistemas dinâmicos que organizam, distribuem e moldam a circulação da informação. Nesse cenário, um dos grandes fomentadores, organizadores e orquestradores das interações na plataforma são os algoritmos. Compreendidos na esteira das reflexões de Gillespie (2018) e alinhados ao diagnóstico de Bruno (2013) sobre as dinâmicas de monitoramento e modulação algorítmica, eles funcionam como conjuntos de instruções matemáticas e lógicas que automatizam processos e direcionam o fluxo de dados com base em padrões de comportamento e engajamento, atuando como mediadores invisíveis, porém onipresentes.

Essa mediação contínua levanta uma indagação fundamental: Se o Instagram modula e indica como deve acontecer uma interação do sujeito, e se essa interação convida o indivíduo a gerenciar continuamente a si mesmo, quais são as implicações desse processo para a constituição da subjetividade contemporânea? Ao ingressar nesse espaço estruturado, o sujeito passa a habitar a mesma ambiência virtual onde coexistem marcas corporativas, instituições de mercado e outros tipos de organização. De algum modo, ele passa a sofrer as mesmas pressões e tensões que uma organização tradicional enfrenta em suas relações públicas e comerciais. Contudo, manifesta-se aqui uma profunda assimetria: esse sujeito é apenas uma pessoa física, um indivíduo comum, sobre o qual passam a ser cobradas expectativas, manejos de performance e demandas de imagem que, historicamente, pertenciam ao domínio das organizações corporativas.

Para fundamentar essa aproximação, cumpre recuperar o que se convencionou chamar de organização no pensamento sociológico e administrativo. Historicamente, a literatura clássica destaca critérios estruturais e funcionais, compreendendo essas instâncias como construções racionais deliberadamente voltadas à consecução de objetivos comuns e específicos (Etzioni, 1984), nas quais a divisão do trabalho, do poder e das responsabilidades de comunicação são fatores planejados para atingir metas institucionais. Contornando esse cenário de espaços

sociais complexos pautados por regras estritas e hierarquias, Uribe (2007, p. 38, tradução nossa) sintetiza organização como “a união de pessoas em torno de um propósito específico e explícito, e, além disso, é suscetível de gestão”²³.

Ao historicizar o fenômeno sob a lente da colonialidade e do desenvolvimento ocidental, Mafra (2022) argumenta que as organizações modernas constituem espaços cujas origens remontam a três estratos relacionais fundamentais — o Estado, o Mercado e a Ciência —, os quais foram estruturados pela nucleação primária de uma modernidade ocidental, europeia e branca. O autor argumenta que, mesmo enfrentando uma severa crise de legitimidade na atualidade, essas instâncias continuam a se impor como os principais contextos de interação social. É no interior dessas estruturas, como adverte Mafra (2022), que os indivíduos afetados pelas lógicas da modernidade, tanto em centros hegemônicos quanto em territórios colonizados e marginais, são impelidos a partilhar a existência comum, a elaborar memórias e horizontes de futuro, a vivenciar processos de violência e frustração, bem como a organizar o cotidiano e os seus projetos de vida.

A partir desse entendimento, observa-se que o Instagram convida o sujeito a operar uma dinâmica de gestão de si, cujas bases replicam os imperativos racionais dessas organizações modernas de matriz eurocêntrica e mercadológica. Ao ser impelido a agir mimetizando uma organização, o indivíduo passa a disputar espaço, atenção e visibilidade com outros sujeitos e corporações no interior da plataforma. Torna-se imperativo sublinhar, todavia, que o próprio Instagram é parte indissociável de uma organização maior: ele é produto de uma *big tech*, a Meta. Estamos lidando, portanto, com um artefato corporativo transnacional que opera em um campo profundamente híbrido. Além de se constituir como um produto comercial de prateleira, o Instagram transformou-se em uma forma de viver e de existir na contemporaneidade, na qual a própria subjetividade é mediada pelo consumo e pela interação permanente nesse espaço algorítmico.

O sujeito comum, enfronhado em suas práticas cotidianas e comunicacionais, raramente percebe que sua sociabilidade está sendo integralmente mediada por uma estrutura empresarial corporativa. Ao acessar o aplicativo, o usuário depara-se com seu “espelho digital”: ele se vê, contempla suas próprias narrativas, lê suas escritas e toma aquele ambiente virtualizado como uma extensão íntima e autêntica de sua identidade. Nesse sentido, as *big techs*, enquanto

²³ Do original: “la unión de personas en torno a un propósito específico y explícito, y, además, es susceptible de gestión”. Ver: URIBE, Pablo Múnera. (2007, p. 38).

organizações globais de poder, produziram uma nova lógica organizacional contemporânea na relação dos sujeitos com as plataformas digitais, operada fundamentalmente por meio dos algoritmos. O Instagram funciona, portanto, como uma espécie de organização pautada pelo código técnico. É por esta razão que propomos chamá-lo de *organização algorítmica*. Ele se configura como o espaço organizacional latente de uma corporação de tecnologia no qual a presença da empresa se manifesta e se impõe através de suas regras algorítmicas, sem que o sujeito perceba que está se relacionando com uma instituição mercantil.

No contato diário com essa estrutura, o que o usuário possui de mais próximo são elementos opacos que ele não visualiza de forma aparente, mas com os quais se relaciona e negocia o tempo todo: as regras de filtragem e distribuição de dados. Daí a necessidade teórica de encarar o Instagram como uma organização algorítmica. O sujeito não estabelece uma interlocução direta com a corporação Meta ou com a figura de Mark Zuckerberg²⁴; sua interação dá-se estritamente com os produtos dessas empresas. Ocorre que tais produtos são tão potentes em sua dimensão organizadora (Baldissera, 2022) que, ao se manifestarem pelos algoritmos, assumem as funções de uma organização, cujas linhas de código dão o tom do modo como a *big tech* deseja que os usuários se comportem e se relacionem na plataforma.

E qual é o tom ditado por essa engrenagem técnica? Trata-se da própria dinâmica de funcionamento que caracteriza o capitalismo de plataforma (Srnicek, 2017) e o de vigilância (Zuboff, 2021). Conforme apontam as análises nacionais de Cesarino (2022) e Silva (2022), esse modelo impulsiona uma tendência à polarização discursiva, a indução à formação de bolhas de filtragem e uma forte inclinação à homogeneização e à busca pelo idêntico. Configuram-se, assim, modos fragmentados de relacionamento social regulados estritamente pela recompensa algorítmica. No interior dessa organização algorítmica, o sujeito é ativamente convidado a assumir o papel de gestor. Ocorre aqui uma profunda ironia: o indivíduo não assume o controle da organização algorítmica em si — cujo verdadeiro gestor é o próprio algoritmo corporativo —, mas é induzido a tornar-se o gestor de si mesmo. O consumidor e usuário da plataforma é levado a crer que detém a autonomia e a governança de sua página

²⁴ Cofundador, principal acionista e CEO da Meta Platforms, Inc. (corporação transnacional que controla redes globais como Facebook, Instagram e WhatsApp), Mark Zuckerberg é frequentemente analisado na literatura crítica da plataformização como a personificação do poder tecnopolítico contemporâneo. Autores como Zuboff (2021) apontam que sua atuação consolidou a arquitetura do "capitalismo de vigilância", caracterizada pela monopolização da infraestrutura digital e pela extração em larga escala de dados comportamentais. No escopo desta tese, sua menção não se restringe à sua biografia empresarial, mas serve para indexar a centralização decisória e a autoria das diretrizes de *design* que governam de forma invisível as práticas cotidianas dos sujeitos nas redes sociais.

quando, em realidade, ele opera uma gestão racionalizada de sua própria existência como condição obrigatória para obter possibilidades de sobrevivência material e reconhecimento social. Para garantir o direito de aparecer e subsistir materialmente no contemporâneo, o sujeito absorve e replica as tensões inerentes a essa grande corporação tecnológica.

Essa dinâmica nos conduz diretamente à discussão sobre a ideologia do progresso (Mafrá, 2022). Trata-se de uma das tensões contemporâneas mais marcantes das organizações modernas, que encontra no Instagram o veículo propício à sua renovação. A plataforma manifesta a ideologia do progresso no modo como opera sua própria lógica algorítmica, traduzindo-a nos imperativos de engajamento, tráfego e produtividade digital. Desse modo, o valor do sujeito passa a ser aferido pelo volume quantificável de métricas que ele é capaz de exibir: curtidas, visualizações, compartilhamentos e comentários. Esses números constituem a materialização das métricas do progresso nas lógicas comunicacionais da plataforma.

De forma imperceptível, o indivíduo comum incorpora a racionalidade do progresso organizacional como um elemento estruturante de sua própria subjetividade contemporânea. Ele passa a gerenciar a si mesmo para atender aos parâmetros de relevância impostos pela *big tech* e, para cumprir tais critérios, o sujeito adota expedientes estratégicos que visam otimizar sua visibilidade. Essa gestão manifesta-se de forma nítida através de práticas típicas da comunicação organizacional. O usuário é compelido a planejar “profissionalmente” seus modos de aparecimento: calcula os horários de publicação, busca estabelecer uma coerência estética e temática em seu *feed*, seleciona os conteúdos que possuem maior potencial de aceitação e monitora constantemente o retorno e o comportamento de seus seguidores. Nessa organização algorítmica, a comunicação do sujeito comum passa, então, a mimetizar as lógicas operacionais da comunicação organizacional de uma corporação.

Com efeito, a comunicação organizacional deve ser aqui compreendida sob uma perspectiva crítica. Apoiando-se nas formulações de Baldissera (2007, 2008, 2009), esse fenômeno deixa de ser encarado como um mero conjunto de ferramentas instrumentais e passa a ser tomado como o lócus do organizado e do desorganizado; do instituído e das emergências cotidianas; do autorizado e do clandestino; de pontos de identificação e, no mesmo lance, de fissuras, ruídos e diferenças. Para o autor, a comunicação organizacional constitui o “processo de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações organizacionais” (Baldissera, 2008, p. 169).

Ao transpor essa premissa para a ambiência do Instagram, observa-se que o sujeito comum também ingressa nessa arena interacional. Ele deixa de apenas emitir mensagens e passa a gerenciar sua presença em meio a um fluxo permanente de disputas, tentando fixar sentidos

autorais sobre sua própria imagem pública, ao mesmo tempo em que lida com as ranhuras e os ruídos provocados pela recepção e pela mediação algorítmica.

Ao propor que o Instagram se materializa como uma organização algorítmica, emerge um tensionamento teórico crucial que demanda refino epistemológico, sob o risco de se incorrer em imprecisões conceituais diante da tradição do pensamento administrativo e sociológico. Afinal, se a literatura clássica — de Etzioni (1984) a Uribe (2007) — postula que a ontologia de uma organização pressupõe fundamentalmente uma união coletiva de pessoas em torno de propósitos explícitos, como seria possível olhar para o sujeito singular e isolado em sua tela e enxergá-lo sob as lendas desse mesmo campo?

Para solucionar esse impasse e delimitar o escopo analítico desta tese, afasta-se aqui a formulação de um suposto "sujeito-organização" enquanto categoria conceitual rígida. Admitir o indivíduo como uma organização em si reforçaria um equívoco teórico e, paradoxalmente, validaria a própria ilusão ideológica perversa neoliberal do sujeito empreendedor de si mesmo. Em substituição, assume-se nesta tese o desenvolvimento da metáfora autoral do *sujeito-gestor* — categoria que busca dar conta do modo como as lógicas de gestão de si e as práticas compulsórias da comunicação organizacional capturam a subjetividade contemporânea na ambiência digital.

O sujeito-gestor não é uma instituição; ele permanece sendo um indivíduo, uma pessoa comum. Contudo, ele é intensamente pressionado pelas plataformas a atuar, a performar e a responder como se fosse uma organização corporativa. Sob o império da racionalidade neoliberal, o ecossistema das *big techs* engendra um arranjo técnico e discursivo que borra as fronteiras institucionais clássicas, forçando sujeitos e corporações a coexistirem e a operarem sob a mesma arquitetura lógica. Nessa ecologia, o desejo da plataforma é o de modelar um sujeito inteiramente racionalizado e calculável.

É precisamente nessa confluência que a comunicação organizacional se expande e atinge o sujeito comum. Não se trata de afirmar que a comunicação organizacional, enquanto disciplina ou fenômeno ligado às instituições, extrapolou deliberadamente suas fronteiras. Em vez disso, é a própria infraestrutura da ambiência digital que obriga o sujeito a lançar mão — de forma compulsória e frequentemente inconsciente — de estratégias, métricas, agendamentos estéticos e táticas de gerenciamento reputacional outrora restritas aos contextos corporativos. O sujeito-gestor vê-se, assim, atravessado por tensões agudas da comunicação organizacional, sendo cobrado pelas dinâmicas algorítmicas a entregar o mesmo nível de engajamento, resiliência e produtividade exigidos de uma grande empresa, operando na encruzilhada de sua própria e simulada liberdade.

Afinal, no horizonte dos estudos da comunicação digital, adverte-se para a necessidade de apreender os ecossistemas de redes sob prismas mais complexos que superem noções puramente instrumentais. Conforme postulam Lemos e Pastor (2020, p. 137):

É importante analisar o Instagram não apenas como uma rede social digital, mas como uma plataforma dentro de uma megaplataforma que agrega diferentes serviços, em uma economia desenvolvida e guiada por dados e através da organização algorítmica da experiência.

Se na literatura contemporânea da gestão e das plataformas o conceito de organização algorítmica costuma ser evocado para descrever as dinâmicas de controle, coordenação e gerenciamento laboral por sistemas automatizados, propõe-se aqui um deslocamento autoral dessa categoria²⁵. Nesta tese, a organização algorítmica é apreendida a partir de sua incidência sobre o sujeito singular na ambiência do Instagram, operando como uma infraestrutura técnico-discursiva que captura a individualidade e a obriga a mimetizar processos corporativos. Não se trata, portanto, da automação de uma grande corporação, mas da imposição de uma lógica organizacional e algorítmica sobre as práticas cotidianas de gestão de si.

Para compreender como essa engrenagem se materializa nos fluxos relacionais do sujeito na ambiência digital, Baldissera (2009) propõe a existência de três dimensões interdependentes na comunicação organizacional: a “organização comunicada”, a “organização comunicante” e a “organização falada”. A organização comunicada refere-se ao discurso institucionalizado e autoelogioso que a organização produz deliberadamente sobre si mesma para projetar uma identidade ideal. A organização comunicante manifesta-se no momento em que essa instituição interage ativamente com seus públicos, os quais negociam, tensionam e ressignificam esse discurso inicial. Por fim, a organização falada compreende os discursos, boatos, críticas e interpretações que circulam sobre a organização fora de seus domínios e de seu controle direto.

Esse triplo movimento aplica-se também à experiência do sujeito comum na organização algorítmica do Instagram. Através de suas publicações e performances, o indivíduo tenta exercer um controle rígido sobre sua imagem, produzindo uma espécie de "organização comunicada" de sua própria existência. No entanto, ao interagir com seus seguidores, essa

²⁵ Para um panorama sobre como a literatura internacional e nacional ancora o conceito de organização e controle algorítmico nas dinâmicas de gerenciamento laboral, automação de supervisão e racionalização do trabalho em plataformas digitais, ver referências seminais como: Faraj, Pachidi e Sayegh (2018); Kellogg, Valentine e Christin (2020); Rosenblat e Stark (2016); e Wood *et al.* (2019), no cenário global. No debate contemporâneo brasileiro, essa abordagem focada na precarização, na subsunção do trabalho e na organização algorítmica da produção é centralmente desenvolvida por Abílio (2019, 2020); Abílio, Amorim e Grohmann (2021); Carelli (2020); e Grohmann (2020).

imagem idealizada é colocada em xeque na dimensão da "organização comunicante", onde o público atualiza, questiona e disputa os sentidos pretendidos pelo criador do perfil — e onde o próprio algoritmo parece atualizar sua imagem projetada em relação às sugestões que emite na plataforma. Ademais, o sujeito é confrontado com a "organização falada", isto é, com os julgamentos, ofensas e interpretações que circulam sobre sua vida e seu corpo à distância, longe de seu raio de alcance ou moderação. É nessa vulnerabilidade que se manifestam as tensões mais agudas da comunicação organizacional — outrora restritas aos contextos corporativos — expondo o indivíduo comum a riscos de reputação e crises de identidade.

Essas crises e tensionamentos corporificados no sujeito-gestor no ambiente digital ganham contornos teóricos ainda mais profundos ao se convocar as reflexões de Baldissera (2022) sobre o que o autor denomina como a “vontade”, o “desejo” ou a “promessa” pelo organizado. Sob os enquadramentos da gramática gestonária clássica, historicamente sedimentou-se uma predileção estrutural pelo estatuto de ordem, estabilidade e previsibilidade, construindo o atributo “organizado” como um valor central e simbólico para a legitimidade de qualquer entidade. Nesse ecossistema, a comunicação organizacional é frequentemente reduzida a uma função puramente instrumental e de ordenamento — uma “comunicação organizadora” —, cuja finalidade estratégica, como aponta o autor, baseia-se em uma simplificação dos processos com forte ênfase na dimensão da "organização comunicada". Busca-se, assim, produzir sentidos de harmonia, neutralizar dissensos, "embaciar as suturas" e invisibilizar a entropia natural inerente aos sistemas vivos (Baldissera, 2022).

Essa busca incessante por projetar uma superfície maquiada e livre de ruídos ganha contornos radicalmente complexos e perversos na racionalidade neoliberal contemporânea, quando transposta para as redes sociais. Se, no plano corporativo tradicional, a promessa do organizado mira a sobrevivência institucional e mercadológica da instituição, na ambiência do Instagram essa mesma lógica passa a operar como uma promessa de organização da própria subjetividade e da gestão de si. A plataforma atua, portanto, como o ápice de uma organização algorítmica que captura o desejo do sujeito pelo organizado. Ao indivíduo na rede, é vendida a promessa de que, através do uso disciplinado de métricas corporativas, agendamentos estéticos, performances padronizadas e vigilância constante sobre a própria imagem, será possível alcançar o controle total sobre sua vida, sua carreira e seu sofrimento psíquico.

O perfil na rede social, operado sob as lentes da organização algorítmica, assume a função de simular uma existência inteiramente planejada, segura e confiável. Como nos adverte Baldissera (2022, p. 52), “o bem performar tem como pressuposto produzir sentidos de organizado”. Para que a subjetividade obtenha rentabilidade e visibilidade nesse mercado de

existências midiaticizadas, o sujeito é impelido a atuar estrategicamente como gestor de sua própria comunicação. Ele mobiliza um esforço homérico para que as perturbações cotidianas, as falhas biográficas, as crises psíquicas e a desorganização constitutiva da vida real sejam suprimidas, mantidas em segredo ou deliberadamente invisibilizadas para os seus públicos.

Ocorre que essa promessa algorítmica do organizado encobre uma contradição ontológica. De acordo com a perspectiva sistêmica e auto-organizada de Baldissera (2022, p. 55), as organizações são realidades dinâmicas e vivas que se constituem na efervescência infindável e tensional entre “os fenômenos de desorganização e de reorganização (entropia e neguentropia)”. Pretender fixar um estado cristalizado de ordem final e absoluta é, em última análise, flertar com a falência e a morte sistêmica do próprio ente.

Dessa forma, quando a organização algorítmica exige do sujeito a manutenção perene dessa “pele artificialmente maquiada”, renegando qualquer espaço para as ranhuras do sensível, do cansaço e do desajuste econômico, o circuito deságua inevitavelmente no esgotamento. O colapso da promessa do organizado se materializa justamente nas fissuras que o Instagram tenta neutralizar: o adoecimento psíquico irrompe quando o sujeito percebe a impossibilidade prática de gerenciar uma vida inteira sob os parâmetros inflexíveis e desumanizantes de uma planilha corporativa.

Em suma, o desvelamento da engrenagem dessa organização algorítmica revela que a gestão de si no Instagram está longe de se configurar como um território neutro de livre expressão ou mera escolha instrumental do sujeito. Trata-se, em contrapartida, de uma arena atravessada por exigências corporativas opressivas, onde o desejo pelo organizado e a promessa de controle sobre a própria subjetividade frequentemente colidem com a imprevisibilidade e a vulnerabilidade inerentes à vida humana. Diante desse cenário de capturas e tensionamentos, torna-se imperativo sintetizar os caminhos teóricos percorridos ao longo deste capítulo, de modo a consolidar as bases que ancoram a compreensão dessas dinâmicas e que, em última análise, iluminarão a aproximação da empiria que se desenha no horizonte desta tese.

3.7 Considerações finais do capítulo

Tomar o Instagram como uma organização algorítmica significa reconhecer que essa ambiência opera lógicas comunicacionais específicas que reconfiguram a subjetividade contemporânea. A modelização teórica desenvolvida nesta tese propõe que tais lógicas articulam-se em duas dimensões fundamentais e interdependentes: as *Lógicas Comunicacionais Aparentes* e as *Lógicas Comunicacionais Latentes*.

As lógicas que se manifestam de forma aparente no Instagram referem-se às escritas de si e à performatividade de gênero, discutidas no capítulo anterior. A plataforma funciona como um potente aglutinador das demandas de subjetividade da era atual, na qual a espetacularização do eu e a exibição performática da intimidade tornam-se condições indispensáveis para que o indivíduo adquira legibilidade e existência social no mundo comum (Bruno, 2005, 2013; Sibilia, 2016). O Instagram opera essa dimensão aparente ao convidar o sujeito a escrever sobre si, narrando textualmente e visualmente sua vida cotidiana nos espaços públicos da rede e gerando a ilusão de que seus seguidores acompanham a existência humana "como ela de fato é", em sua suposta espontaneidade e transparência.

Contudo, a inserção e a sobrevivência nessa organização algorítmica cobram do sujeito um preço elevado. Subjacente à aparente espontaneidade dos relatos cotidianos, opera uma engrenagem latente que constrange o indivíduo, por meio do imperativo da gestão de si, a adotar e a internalizar os valores mercadológicos e individualistas do neoliberalismo. Nessa estrutura corporativa controlada por algoritmos, o sujeito é forçado a verificar em que medida suas escritas íntimas ganham destaque ou são rejeitadas com base nas métricas de engajamento estabelecidas pelo mito do progresso. Não basta ao indivíduo simplesmente aparecer ou expor sua privacidade; sua intimidade precisa ser validada e consumida como um produto bem-sucedido na vitrine da rede. É através das curtidas, dos comentários e dos compartilhamentos que o sujeito precisa provar à plataforma que possui o valor do progresso. Essa necessidade de conversão da vida em métrica constitui a lógica latente da gestão de si, a qual permanece oculta sob a promessa ingênua de que o aplicativo serve apenas para o livre compartilhamento de rotinas.

Outra lógica comunicacional profundamente latente reside no fato de que essas escritas de si, longe de serem puramente espontâneas, constituem-se como elementos estratégicos de construção de uma imagem pública, operados a partir de práticas compulsórias de comunicação organizacional. Embora o usuário se veja apenas como uma pessoa comum, sua atuação na plataforma exige que ele desempenhe funções comuns às práticas corporativas, como responder sistematicamente aos seguidores, emitir posicionamentos e notas públicas diante de polêmicas, gerenciar crises de imagem e lidar com cobranças de comportamento direcionadas pelo público. O sujeito é impelido a se posicionar no espaço virtual para corresponder às expectativas de progresso e engajamento ditadas pela *big tech* Meta.

Eventualmente, essa engrenagem artificial e performática falha. Os indivíduos demonstram exaustão e sentem-se profundamente adoecidos pelo exercício ininterrupto e vigilante da gestão de si, confirmando o diagnóstico de que o gerencialismo contemporâneo

produz uma crise de sentido e um esgotamento psíquico nos sujeitos. A gestão de si, quando erigida como lógica existencial, revela-se como um vetor de sofrimento e adoecimento mental, evidenciando o alto preço psíquico pago pelos indivíduos para sustentar sua visibilidade digital. A falha crônica dessas lógicas manifesta-se publicamente através de fenômenos contemporâneos como os desabafos de cansaço, os afastamentos temporários das redes e as buscas por períodos de "detox digital". Esses movimentos revelam o limite da resistência humana diante da captura operada pela racionalidade neoliberal.

O perfil de Maíra Castanheiro mostra-se como um contexto empírico ricamente profícuo para a observação e a compreensão dessas dinâmicas. Em suas próprias escritas de si, Maíra deixa transparecer o peso esmagador que as lógicas latentes operadas pelo Instagram — materializadas na gestão de si e na comunicação organizacional compulsória — exercem sobre seu corpo e sua existência, culminando em momentos evidentes de falha, tensionamento e ruptura no interior dessa organização algorítmica.

Como síntese teórica das discussões empreendidas ao longo deste capítulo, o modelo desse arranjo estrutural e de suas fricções é sistematizado na Figura 2:

Figura 2 – Modelo de Tensionamento Comunicacional na Organização Algorítmica: a articulação entre a superfície narrativa aparente e a estrutura corporativa latente do Instagram



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A modelização ilustrada na Figura 2 evidencia que o polo mediador desse sistema apoia-se naquilo que se conceitua aqui como a "promessa do organizado" (Baldiessa, 2022). O desejo

intrínseco do sujeito por controle, estabilidade e previsibilidade biográfica é capturado pelas linhas de código invisíveis da plataforma, exigindo dele a manutenção constante de uma "pele artificialmente maquiada", isto é, uma narrativa estética e discursiva imaculada, livre de falhas ou vulnerabilidades. Contudo, conforme o esquema visual demonstra através do vetor do tensionamento ontológico, a impossibilidade prática de gerenciar uma vida inteira sob os parâmetros estritos de planilhas, metas de tráfego e métricas de engajamento inevitavelmente colapsa. É nesse ponto de inflexão que emerge a "zona de falha do circuito": o momento em que a engrenagem gerencial se rompe e abre espaço para a irrupção das fissuras do sensível, visíveis na empiria por meio de desabafos de cansaço extremo, adoecimento e episódios de "detox digital".

Portanto, é precisamente nessas ranhuras empíricas provocadas pela falha do circuito algorítmico que as atmosferas comunicacionais ganham corpo e tornam-se inteligíveis. Para avançar no desvelamento dessas fraturas e compreender o modo como tais dinâmicas se corporificam na experiência vivida de Maíra Castanheiro, faz-se necessário instrumentalizar o percurso analítico. Desse modo, o tensionamento entre o aparente e o latente aqui delineado passa a ser investigado a partir das ambiências e afetos que emanam de sua interação na e com a plataforma, temática que será teorizada e estruturada a seguir, no capítulo metodológico desta tese.

4 CAPÍTULO 3: O PERCURSO METODOLÓGICO: AS ATMOSFERAS COMUNICACIONAIS E O CORPO-SISMÓGRAFO NO INSTAGRAM

4.1 Introdução

A imersão nas lógicas comunicacionais que o Instagram opera, detalhada nos capítulos precedentes, revelou que a superfície das escritas de si e das performances de gênero é permanentemente tensionada, em nível latente, pelos imperativos da gestão de si e das práticas da comunicação organizacional. Compreender como essa complexa engrenagem se corporifica na empiria — deixando à mostra as ranhuras, os momentos de exaustão e as rupturas do sujeito diante da organização algorítmica — exige um desenho metodológico capaz de capturar não apenas os conteúdos publicados, mas as sensibilidades e as forças que emanam dessas interações. Desse modo, a transição do esforço teórico para o horizonte prático da pesquisa fundamenta-se na necessidade de mapear e nomear as atmosferas comunicacionais que se constituem no interior desse ecossistema digital. Torna-se imperativo, portanto, traçar um percurso investigativo que abandone esquemas metodológicos rígidos ou puramente quantitativos, adotando um arranjo epistemológico sensível às sutilezas dos fluxos cotidianos e às manifestações da subjetividade na rede.

É sob a égide dessa sensibilidade investigativa que se delineia o encontro com o objeto empírico desta tese. Conforme sinalizado na *Apresentação* deste trabalho, deparar-me com o perfil de Maíra Castanheiro no Instagram, no início do percurso doutoral, deu-se de maneira contingencial, enquanto eu navegava fluidamente pela plataforma. Esse movimento inicial de exploração aproxima-se, como se teorizará adiante, da noção de deriva cartográfica aplicada ao espaço digital. O perfil de Maíra despertou de imediato uma atenção diferenciada, produzindo uma afetação sensível que evocou uma nítida sensação de presença. Os temas por ela pautados, a espessura de sua escrita autobiográfica, as escolhas imagéticas e as sonoridades que compõem suas publicações ressoaram de forma singular, convocando meu olhar e exigindo uma postura de escuta e demora diante daquela página.

Cumprе sublinhar que Maíra Castanheiro não se enquadra na categoria de influenciadora digital tradicional ou de figura pública de grande projeção midiática. Trata-se de uma mulher comum que encontra na internet o seu meio de trabalho e sustento. Em sua atuação na rede, ela se apresenta como historiadora, escritora e tradutora, dedicando-se a reflexões críticas sobre os processos de subjetivação, memórias e relações de gênero. Suas publicações combinam rigor teórico, apuro estético e crônicas do cotidiano, transformando o Instagram em

um verdadeiro território de experimentação existencial. Nessa costura, Maíra inclusive comercializa na plataforma o curso on-line "Academia Criativa Curativa", espaço focado no ensino das escritas de si, o que evidencia a conversão de suas práticas íntimas e intelectuais em um modelo de atuação profissionalizado na rede.

O perfil de Maíra mostra-se um material empírico profundamente profícuo para esta pesquisa por materializar o paradoxo central discutido no capítulo anterior. Através de suas publicações, torna-se visível o modo como as narrativas pessoais e as expressões do comum são simultaneamente moldadas pelas lógicas mercantis e algorítmicas do Instagram e, ao mesmo tempo, encontram brechas de resistência. Essa conjunção entre a elaboração sensível e a exposição da rotina permite flagrar, em ato, tanto a produção de sentido quanto a produção de presença — dimensões gumbrechtianas que ancoram o desenho metodológico desta tese.

Portanto, a relevância desse contexto investigativo reside na possibilidade de observar a emergência de atmosferas comunicacionais que emanam dessas escritas quando tensionadas, em nível latente, pelas exigências de performance, gestão de si e práticas de comunicação organizacional. Tais atmosferas possuem a potência de afetar os sujeitos usuários do Instagram, instaurando campos de sensibilidade partilhados e revelando tanto as fraturas quanto as potências das lógicas comunicacionais operadas pela plataforma. O perfil de Maíra Castanheiro constitui, assim, um espaço propício à elaboração e à aplicação do desenho metodológico, aqui proposto, voltado à análise de atmosferas comunicacionais — como será apresentado adiante —, uma vez que articula de forma indissociável o corpo, a linguagem, a tecnologia e a subjetividade, permitindo compreender como se constituem as experiências perceptivas na interface entre sujeitos e organização algorítmica.

A partir da delimitação desse material empírico e das complexas linhas de força que atravessam a atuação de Maíra Castanheiro, torna-se oportuno reatar o fio condutor que move esta investigação, retornando formalmente ao problema de pesquisa enunciado na *Apresentação* desta tese: *Quais lógicas e atmosferas comunicacionais afetam a constituição de subjetividades contemporâneas em contextos de plataformas digitais, com foco específico no Instagram?* A formulação desse problema impõe um desafio metodológico de grande envergadura, que exige romper com as abordagens tradicionais e dominantes nas pesquisas sobre redes digitais. Investigar o Instagram sob o prisma das lógicas e atmosferas comunicacionais significa abdicar de uma perspectiva puramente conteudista — que se limitaria a inventariar, categorizar ou decodificar os enunciados visuais e textuais ali publicados — e recusar uma visada estritamente informacional, focada na transmissão de dados e na eficácia técnica de mensagens. Dessa forma, o desafio que aqui se abraça consiste em conceber e estudar o Instagram como um *lugar*

comunicacional. Tomá-lo sob essa perspectiva implica reconhecer que a plataforma constitui uma ambiência viva e partilhada, um território em que a técnica, a sensibilidade e a linguagem se fundem para instaurar experiências perceptivas e modos de existência comuns.

Para isso, após esta seção introdutória, o capítulo está estruturado em onze eixos analíticos interdependentes que pavimentam o nosso arranjo metodológico e culminam na sistematização do protocolo operacional de pesquisa. Na seção 3.2 *O Instagram como lugar comunicacional: a perspectiva da experiência*, lançamos as bases epistemológicas para compreender a plataforma a partir de uma tríade relacional e fenomenológica que toma o espaço digital como um centro de valor e densidade afetiva. Em seguida, em 3.3 *O estatuto comunicacional da atmosfera: afetos, materialidades e a copresença mediada*, situamos a matriz genealógica dos Estudos Atmosféricos e operamos a virada heurística que legitima o fenômeno comunicacional aqui tomado pelos circuitos mediados pela tecnologia a partir da noção de copresença corporal ressignificada. Na seção 3.4, em *A engrenagem do método: uma abordagem estético-interpretativa*, apresentamos a arquitetura metodológica dual desta tese, que articula reciprocamente o paradigma indiciário voltado ao sentido e a pesquisa das materialidades focada na presença.

Essa costura ganha movimento operacional na seção 3.5 *Derivas cartográficas: vestígios atmosféricos no Instagram*, na qual transpomos a tática do *flâneur* digital para os fluxos da interface, reconhecendo-a como um procedimento de resistência frente à captura algorítmica. Posteriormente, nas seções 3.6 *Experiência perceptiva: um processo multidimensional* e 3.7 *A ambiência digital como suporte material: interface, linguagem e a produção de presença no fluxo algorítmico*, apresentamos quatro categorias neurobiológicas que cruzam o aparato senciente²⁶ e demonstramos como a linguagem multimodal e as materialidades técnicas do Instagram atuam como potentes dispositivos presentificadores de intensidades transitórias. Avançando em direção à crítica, a seção 3.8 *O giro ético-político na análise atmosférica: captura algorítmica e o estatuto crítico do método* confere espessura política ao constructo, denunciando a mercantilização das emanções afetivas pelas *big techs*. Na sequência, em 3.9 *O encontro de sujeitos na rede: as escritas de si como material empírico*

²⁶ Cumpre assinalar ao leitor que a incorporação dessas quatro categorias neurobiológicas, embora evoque uma terminologia historicamente pouco afeita aos horizontes tradicionais das humanidades e da comunicação, justifica-se aqui pela sua mobilização estritamente conceitual e operativa. Longe de incorrer em qualquer viés de reducionismo biológico ou positivista, tais categorias foram apropriadas nesta investigação como chaves heurísticas fundamentais para tratar da complexidade do aparato senciente. Trata-se, portanto, de uma calibração metodológica necessária para conferir inteligibilidade científica ao modo como as emanções atmosféricas da plataforma afetam o corpo da pesquisadora, permitindo apreender o fenômeno comunicacional em sua integridade corpórea e multidimensional.

e a implicação do corpo-sismógrafo, explicitamos o caráter relacional do campo, assumindo os marcadores sociais da pesquisadora como a própria interface de ressonância mecânico-afetiva diante da práxis autobiográfica de Máira Castanheiro. Esse amadurecimento ganha corpo visual e analítico na seção 3.10 *A organização algorítmica em análise: o desenho operacional do Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, onde edificamos uma espécie de modelo bidimensional de forças vetoriais para flagrar o colapso gerencial e a emergência atmosférica na empiria. Por fim, na seção 3.11, dedicada ao *O protocolo de tratamento do material empírico: do corpo-sismógrafo aos indícios de campo*, operacionalizamos a tripartição do gesto interpretativo no paradoxo da usuária-pesquisadora e validamos a elevação da singularidade do caso ao estatuto de generalização inteligível, abrindo clareira para a seção 3.12 com as *Considerações finais do capítulo*, momento no qual buscamos defender a metodologia proposta como tributária de um pensamento de risco, sob a visada de Gumbrecht (2007), e comprometida com o tempo presente.

4.2 O Instagram como lugar comunicacional: a perspectiva da experiência

Para fundamentar epistemologicamente a compreensão do Instagram como *lugar comunicacional*, cumpre recuperar a abordagem relacional e praxiológica proposta por Vera França (2016). A autora argumenta que a comunicação não se reduz a uma dimensão instrumental de transmissão de informações ou a um mero produto textual; ela deve ser apreendida como um processo de globalidade em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação histórica e social, instituem uma relação e se posicionam dentro dela por meio da linguagem. Ao adotar a perspectiva pragmatista, França (2016) nos incita a tomar a comunicação como uma forma de ação marcada pela reflexividade e pela força constitutiva das práticas humanas. Transportar essa premissa para o Instagram significa compreender que o perfil de Máira Castanheiro não é um repositório isolado de conteúdos discursivos, mas o epicentro de uma cena interacional e de um tecido de relações. O ambiente digital, sob essa ótica relacional, constitui-se como um espaço de coabitação e de mútua afetação entre sujeitos, onde as escritas de si e as dinâmicas de gerenciamento identitário configuram uma práxis cotidiana que engendra e transforma a própria realidade social.

Ocorre que, no contexto de uma sociedade intensamente mediatizada, essa dimensão relacional e interacional do *lugar comunicacional* não se esgota na partilha de sentidos inteligíveis ou na interpretação hermenêutica de discursos. É nessa junção que a abordagem de França (2016) abre clareira para a articulação com a teoria da presença de Gumbrecht (2010).

Se a perspectiva relacional nos mostra que a comunicação é o lugar da vinculação e da experiência comum, Gumbrecht (2010) nos convida a perceber que essa experiência possui uma espessura material e corpórea. O filósofo adverte para o fato de que a cultura contemporânea hipertrofiou a "dimensão de sentido" — isto é, a nossa obsessão por ler o mundo estritamente como um texto a ser interpretado, decodificado e traduzido —, sufocando a "dimensão de presença". Para o autor, a produção de presença refere-se à relação tangível e espacial que os corpos mantêm com os objetos e com o espaço, evocando efeitos de intensidade que atingem os nossos sentidos antes ou à revelia de qualquer racionalização cognitiva.

É precisamente para conferir espessura ontológica a essa dimensão tangível e espacial da presença que se torna imperativo convocar a Geografia Humanista de Yi-Fu Tuan (1983, 2018). Em seu seminal ensaio sobre a perspectiva experiencial do lugar, o autor adverte que o termo "lugar" independe de escalas ou propriedades estritamente topográficas; o lugar é o espaço do afeto, legitimado e construído a partir da densidade da experiência humana. O autor demonstra que o lugar pode se manifestar tanto na macroescala de uma nação quanto na microescala de “lugares de intimidade” — como um quarto, uma lareira ou um objeto —, caracterizando-se como uma pausa no movimento e um centro de valor. Sob essa visada, o dispositivo móvel — o próprio *hardware* que o sujeito segura — pode ser compreendido como um *microlugar contemporâneo*²⁷. Trata-se, contudo, de um microlugar cuja potência atmosférica transcende o espaço físico e doméstico tradicional. Cumpre sublinhar, portanto, que o termo microlugar é adotado nesta pesquisa como um desdobramento operacional da perspectiva humanista de Tuan (1983, 2018), permitindo delimitar e investigar as pequenas espacialidades nas quais se concentram fluxos densos de significação, intimidade e vinculação afetiva.

Ao articular tal noção de lugar com os processos de mediatização investigados por José Luiz Braga (2006, 2012), percebe-se que dispositivos móveis contemporâneos, com visível

²⁷ Cumpre esclarecer que o uso do termo microlugar nesta tese — em diálogo com as proposições de Tuan (2018) — não guarda o estatuto de um novo constructo teórico independente, mas opera estritamente como uma categoria descritiva e adjetivada para qualificar a materialidade do aparelho celular. Quando mobilizamos a expressão microlugar, referimo-nos especificamente às propriedades físicas do objeto (suas proporções reduzidas, sua escala anatômica e o diminuto espaço geométrico que ocupa na palma da mão e no cotidiano do indivíduo). Portanto, um microlugar comunicacional não difere ontologicamente de um *lugar comunicacional*; a distinção reside unicamente na escala de sua materialidade. O conceito fundante, por sua vez, permanece sendo o de *lugar comunicacional* — este sim devidamente grafado em itálico —, o qual toma essa materialidade de dimensões reduzidas como o suporte material e a infraestrutura técnica a partir da qual, pelas lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram, emanam e se propagam as atmosferas comunicacionais. Trata-se, por conseguinte, de adjetivar as características físicas do suporte (o lugar pequeno) sem abrir mão do rigor do conceito (o *lugar comunicacional* onde o sensível se instaura), seja este configurado em macro ou microescala.

destaque para o aparelho celular, lançam o corpo de um sujeito usuário em uma complexa circulação imaginária. O toque na tela deixa de ser um mero contato mecânico com a máquina e se converte em um limiar que conecta o sujeito a um mundo para além daquela materialidade imediata, produzindo afetações que ecoam diretamente no corpo que sente.

Essa configuração engendra um paradoxo existencial e metodológico típico das dinâmicas das *big techs*. Ao mesmo tempo em que a interface confere uma ilusória sensação de onipotência — a impressão de que o mundo inteiro se rende ao comando das mãos —, a experiência permanece enclausurada nos limites materiais de um objeto técnico portátil. É sob as pressões dessa arquitetura que o perfil de Máira Castanheiro, aqui investigado, se constitui não apenas como um repositório, mas como um centro gerador de significado (Tuan, 2018) e de presença (Gumbrecht, 2010). Conforme a provocação analítica que ampara este desenho de pesquisa, o perfil na rede torna-se o local onde a presença do sujeito se esvai e, simultaneamente, toma corpo. Sendo assim, as escritas de si de Máira Castanheiro manifestam essa flutuação: nelas, o corpo do sujeito-gestor se fragmenta e se projeta nas telas alheias através de fluxos de intensidades. Nesse microlugar técnico que mimetiza a intimidade suposta de um "ombro amigo", emergem as falhas e as vulnerabilidades do sujeito contemporâneo. A atmosfera comunicacional que emana desse território digital, portanto, manifesta-se nos rastros desse corpo que se esvai nas redes para alcançar o corpo do outro, oferecendo a sustentação fenomenológica necessária para compreender o conceito de lugar como a própria materialidade onde o sentido e a presença oscilam.

Dessa forma, ao cruzar a abordagem relacional de França (2016), a virada da presença de Gumbrecht (2010) e a fenomenologia do lugar de Tuan (1983, 2018), institui-se uma tríade epistemológica fundamental para a investigação empírica desta tese. O Instagram, enquanto organização algorítmica e espaço interacional, opera simultaneamente nessas frentes: ele produz sentidos através das narrativas de Máira, mas gera, no mesmo lance, uma forte produção de presença por meio da materialidade de seus suportes e da visualidade dos fluxos. É na tensão dessa dialética que o conceito de atmosferas comunicacionais ganha inteligibilidade metodológica. As atmosferas não são meras mensagens estruturadas para a interpretação; elas são as emanções sensíveis que saturam esse microlugar e afetam o corpo da pesquisadora e dos usuários. Portanto, estudar o Instagram sob essa perspectiva humanista e relacional exige reatar os laços entre a ação do sujeito e o impacto sensível da ambiência técnica, pavimentando o caminho para o estatuto conceitual das atmosferas que será detalhado no próximo tópico, no qual nos lançamos à seguinte questão: Afinal, o que é a atmosfera sob o prisma da comunicação e como ela ganha o estatuto de objeto investigável no ecossistema digital?

4.3 O estatuto comunicacional da atmosfera: afetos, materialidades e a copresença mediada

A consolidação de um percurso metodológico voltado a tomar o Instagram como um *lugar comunicacional* requer, inevitavelmente, a incursão no campo interdisciplinar dos Estudos Atmosféricos (Atmospheric Studies ou Mood Studies), uma vertente de pesquisa em plena fase de consolidação internacional (KOIAS, 2022) que se dedica a tomar os aspectos etéreos, fluidos e indefinidos das dinâmicas sociais como focos centrais de análise (Böhme, 2017). Para que a noção de atmosfera deixe de ser tomada como mera figura de linguagem ou metáfora difusa e assuma o estatuto de categoria ontológica, estética e comunicacional, faz-se necessário compreender a sua natureza fenomênica a partir de sua matriz genealógica. Embora o termo encontre precedentes na história da fenomenologia com Maurice Merleau-Ponty (1945 [2018]), que descreveu a experiência sensorial localizada entre o sujeito e o objeto como um horizonte comum, é na virada conceitual proposta pelo filósofo alemão Hermann Schmitz, no fim dos anos 1960, que a atmosfera ganha o estatuto de categoria investigável.

Schmitz (2023) ergue o projeto da neofenomenologia²⁸ a partir de uma crítica radical à psicologização da experiência e à histórica separação entre os mundos interior e exterior dos indivíduos. Contra a premissa de que as emoções seriam estados de espírito enclausurados na mente humana, o autor argumenta que as emoções são atmosferas que transbordam e se derramam objetivamente no espaço. Trata-se de uma natureza “quase-objetiva” de espaços sem superfícies e sem dimensões rígidas. É sob esse prisma que Tonino Griffero (2013, 2016) e Gernot Böhme (1993, 2017) resgatam e refinam as proposições schmitzianas. Para Böhme, precursor de uma espécie de virada estética neste campo conceitual, as atmosferas constituem “quase-objetividades espaciais” que emergem no *entre*, isto é, na copresença sensível e no encontro relacional entre as propriedades de um ambiente e o sujeito que o experiencia, irradiando tonalidades afetivas (*Stimmungen*) capazes de nos envolver corporalmente.

Ao transpor essa premissa para o universo das redes digitais, impõe-se um questionamento epistemológico imediato: Como sustentar a existência de uma atmosfera num ambiente em que os corpos não partilham o mesmo espaço físico, geográfico ou topográfico? Essa indagação central — que tensiona os limites geográficos tradicionais do conceito — não se estabelece aqui como mero artifício retórico; ela marca o acontecimento de uma virada heurística na própria trajetória desta investigação. Trata-se do desdobramento de uma das

²⁸ O braço filosófico nomeado de neofenomenologia compreende autores como Hermann Schmitz, Gernot Böhme, Jürgen Hasse e Tonino Griffero.

atividades desenvolvidas durante meu período de doutorado sanduíche junto ao Kobe Institute for Atmospheric Studies (KOIAS), na Kobe University, no Japão. Na ocasião, ao apresentar o desenho (ainda em desenvolvimento) desta proposta metodológica, fui generosamente provocada em uma mesa de debates que contava com a presença do diretor do KOIAS, professor Yuho Hisayama, do professor visitante Jürgen Hasse, e dos pesquisadores Alberto Parisi, professor do KOIAS e Manuela Salazar, bolsista do Instituto.

Foi precisamente naquele espaço que o geógrafo Jürgen Hasse²⁹, um dos grandes nomes mundiais da geografia e dos estudos atmosféricos, formulou a interrogação que desestabilizaria as certezas geográficas da pesquisa, instigando-me a pensar de que maneira uma atmosfera poderia se fazer notar diante da ausência de uma partilha espacial e topográfica imediata. Esse questionamento, acolhido como um gesto de abertura e generosidade intelectual, funcionou como o sismo necessário para despertar a urgência de deixar explícita, nesta tese, a transposição conceitual do fenômeno atmosférico das ambiências estritamente físicas para os circuitos digitais.

A resposta a esse impasse gerado em território japonês reside na compreensão de que, no contexto de uma midiaticização intensificada, a copresença corporal não desaparece, mas é profundamente reconfigurada sob a forma de uma copresença mediada. A interface técnica e algorítmica do Instagram atua como um potente dispositivo de irradiação sensível, gerando uma modalidade específica de presença situada. Essa presença envolve o corpo do usuário — o direcionamento dos seus olhos, a captura da sua atenção, a modulação da sua temporalidade e o ritmo do seu toque na tela — numa experiência afetiva concreta.

Por esse raciocínio, alinhando-se às formulações de Griffero (2013, 2016), as atmosferas devem ser tomadas como sentimentos espacialmente difundidos, "quase-coisas" (*Halbdinge*, na formulação original de Schmitz) que se localizam na fronteira entre a materialidade física e os estados mentais, manifestando sua existência a partir da experiência viva. Como uma autêntica "quase-coisa" — tal como um olhar, um aroma, o som de uma melodia ou o peso de um dia úmido —, a atmosfera do ambiente digital nos envolve e nos afeta antes ou à revelia de qualquer movimento de interpretação. O digital, portanto, não anula a ontologia atmosférica; ele desloca

²⁹ O geógrafo alemão Jürgen Hasse aplica de modo pioneiro as formulações da neofenomenologia de Hermann Schmitz ao campo da geografia humana e dos estudos urbanos. Por meio do desenvolvimento do arcabouço metodológico que designa como fenomenografia crítica, além do exercício de observações micrológicas de situações cotidianas, Hasse investiga as maneiras pelas quais artefatos espaciais — como mercados, ruas, praças e sistemas de transporte — emitem atmosferas específicas que condicionam a orientação, a locomoção e os comportamentos dos corpos que habitam tais geografias (Hasse, 2015, 2018).

a sua espacialidade da dimensão estritamente física para uma dimensão situacional, relacional e mediada.

Ainda sob o amparo de Griffero (2016), essa virada analítica consolida-se como um vetor indispensável para decifrar cenários da atualidade em que as repercussões intangíveis e sutis superam de modo evidente os seus disparadores materiais imediatos. Trata-se, por conseguinte, de reivindicar uma atenção metodológica direcionada às propriedades vagas, fluidas e essencialmente qualitativas que dão densidade às vivências no ecossistema midiático.

É sob a égide dessa sutil sobredeterminação que a discussão transborda a dimensão puramente estética e assume um caráter ético-político nas ambiências digitais. Conforme adverte Christiane Heibach (2024), no âmbito dos estudos de comunicação, as atmosferas mediadas contemporâneas operam frequentemente como potentes "fatores difusos" projetados para a construção de convicções e tomadas de decisão. Longe de emergirem como emanções puramente espontâneas, as atmosferas nas plataformas de redes sociais são atravessadas por uma arquitetura técnica e mercadológica — o que a autora define como “*mediated or designed atmospheres*” (atmosferas mediadas ou projetadas³⁰) (Heibach, 2024, p. 48, tradução nossa) —, desenhadas de modo a capturar os sentidos do usuário antes de qualquer reflexão racional. No ecossistema sob o domínio das *big techs*, a modulação afetiva do espaço converte-se em estratégia de engajamento, tensionando a fronteira entre a livre expressão do sujeito e os imperativos de consumo e visibilidade corporativa.

É precisamente nesse deslocamento que defendemos a instituição do estatuto comunicacional da atmosfera. No âmbito das experiências midiáticas contemporâneas, o fenômeno atmosférico manifesta-se e ganha inteligibilidade na oscilação dialética e instável entre os efeitos de sentido e os efeitos de presença, recuperando aqui a visada não-hermenêutica proposta por Gumbrecht (2010). Uma atmosfera comunicacional não se oferece ao investigador como um enigma de um texto a ser decodificado ou traduzido por completo pelas vias da semântica. Embora ela seja indissociável dos sentidos que circulam na plataforma, a atmosfera

³⁰ A tradução de “*mediated or designed atmospheres*” como atmosferas mediadas ou projetadas, justifica-se pelo fato de que no campo dos estudos de mídia e comunicação, *mediated* refere-se a tudo o que passa por um meio técnico, como as redes sociais, o rádio ou o cinema. Embora a tradução literal de *designed* seja desenhadas ou planejadas, no contexto da Estética das Atmosferas de Gernot Böhme — que Heibach (2024) usa como base —, o ato de *design* está ligado à cenografia, à arquitetura e à produção intencional de um ambiente sensorial; portanto, em português, o termo consagrado para isso seria “projetar atmosferas”.

comunicacional atua com soberania na dimensão da presença, constituindo uma força material que ocupa o espaço interacional e sintoniza o sensível antes que o sujeito transforme o impacto recebido em discurso racionalizado. Como bem pontua a literatura voltada às ambiências midiáticas (Braga, 2011; Gumbrecht, 2010), essa sintonização afetiva evoca gestos estéticos marcados pela vibração dos suportes e pela textura das linguagens; e nesse *lugar comunicacional*, o corpo de quem pesquisa também é efetivamente capturado e afetado pela emanção que brota do campo empírico, qual seja: os corpos de quem interage nas plataformas digitais.

Dessa forma, a atmosfera adquire um estatuto heurístico e metodológico central nesta tese ao se revelar como o ponto de ancoragem onde o visível e o invisível se cruzam na interface técnica. Se, no plano do aparecimento público — em diálogo com a fenomenologia do espaço comum de Hannah Arendt (2007) —, o sujeito se expõe e encena a sua diferença no mundo, essa aparição na rede gera uma irradiação que excede o controle do próprio emissor. No horizonte desta pesquisa, essa irradiação atmosférica ganha contornos nítidos na interface entre o sujeito e a organização algorítmica. Embora o perfil de Maíra Castanheiro seja atravessado por estratégias latentes de gerenciamento de si e de práticas de comunicação organizacional outrora discutidas, as atmosferas que emanam de suas escritas transbordam qualquer intencionalidade de representação ou mercantilização, constituindo um campo de sensibilidade que captura o observador na dimensão da presença.

A atmosfera, portanto, não se converte aqui num instrumento metodológico em sentido estritamente técnico, fechado em protocolos operacionais rígidos. O que se transforma metodologicamente não é a atmosfera em si, mas a própria disposição e a postura epistemológica da pesquisadora diante do objeto. Trata-se de assumir a afecção do corpo como condição primeira da análise: uma abertura sensível que antecede a interpretação e orienta a atenção para os traços de presença que emergem da organização algorítmica.

Para refinar essa postura, a literatura recente sobre as materialidades da presença opera um resgate fundamental desse acoplamento entre corpo e plataformas. Ao debruçar-se sobre o conceito de atmosfera, Gumbrecht (2014) argumenta que as tonalidades afetivas e os climas de um ambiente possuem uma dimensão quase-física, agindo como realidades que circundam e tocam os nossos corpos, desafiando a tradicional separação ocidental entre mente e matéria. Essa apreensão corpórea e climática reverbera diretamente na distinção crucial proposta por Schmitz (2023) entre o “corpo material” (*Körper*) — a estrutura estritamente física e biológica do organismo — e o “corpo sentido” (*Leib*), que constitui a base real da experiência imediata,

o corpo que sente e é afetado na esfera espacial sem o auxílio exclusivo dos cinco sentidos tradicionais.

Nessa toada, para traduzir a calibração metodológica desse “corpo sentido” (*Leib*), propomos nesta tese a formulação autoral da metáfora do *corpo-sismógrafo*³¹. Assim como um sismógrafo se apresenta como um aparelho que não capta apenas imagens ou sons superficiais, mas registra as vibrações invisíveis e os abalos subterrâneos da terra, o “corpo sentido” da pesquisadora atua como uma interface de ressonância mecânico-afetiva, projetada para registrar as intensidades e os tremores das atmosferas comunicacionais que atravessam a tela. Essa visada ganha uma camada de profundidade biográfica e contingencial, uma vez que se ancora na minha experiência de doutorado sanduíche em território japonês — onde a leitura das vibrações telúricas é vital —, transpondo essa mesma sensibilidade para o monitoramento dos abalos afetivos no ambiente digital do Instagram.

Diante desse horizonte, impõe-se a seguinte indagação: De que modo as atmosferas comunicacionais, captadas por esse *corpo-sismógrafo*, podem se constituir como orientação metodológica desta investigação, oferecendo caminhos para responder ao problema de pesquisa ora delineado? É precisamente como uma tentativa de resposta a esse desafio que se delineia uma proposta então nomeada como *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*, configurando-se a partir de um arranjo estético-interpretativo capaz de registrar os indícios dessa irradiação do *corpo-sismógrafo* da pesquisadora diante do horizonte empírico proposto, com vistas a compreender como essa ambiência se institui, se sustenta e afeta a constituição das subjetividades contemporâneas.

³¹ O sismógrafo constitui um instrumento geofísico de alta precisão projetado para detectar, medir e registrar a magnitude, a duração e a propagação das ondas mecânicas geradas pelos abalos sísmicos e tremores telúricos na crosta terrestre. Nesta tese, o aparato técnico é transposto como uma metáfora conceitual corpórea — *corpo-sismógrafo* —, cuja emergência liga-se intrinsecamente à minha estada no Kobe Institute for Atmospheric Studies (KOIAS) e à imersão nas atmosferas urbanas da cidade Kobe. Como bem argumenta Jürgen Hasse acerca da indissociabilidade entre afetação corpórea e espacialidade, a minha própria sensibilidade foi profundamente impactada pelas emanções daquela cidade. Essa calibração sensível deu-se de forma decisiva por meio do meu contato com o Parque Memorial do Terremoto do Porto de Kobe, espaço que preserva intacta uma seção de 60 metros do antigo cais destruído pelo trágico Grande Terremoto de Hanshin-Awaji, em 17 de janeiro de 1995. A interação com esse potente significante da memória e da vulnerabilidade da terra operou uma fratura no meu próprio aparato perceptivo, permitindo intuir que, tal como o aparelho físico registra os movimentos invisíveis do subsolo, o “corpo sentido” (*Leib*) da investigadora poderia atuar como uma interface senciante e ressonante, capaz de captar as forças invisíveis, as tensões algorítmicas e os abalos afetivos que cruzam o espaço interacional do Instagram.

4.4 A engrenagem do método: uma abordagem estético-interpretativa

A tradução da sensibilidade atmosférica em um horizonte operacional de pesquisa exige reconhecer que uma atmosfera comunicacional carrega, indissociavelmente, uma dimensão de presença e uma dimensão de sentido. Longe de constituir uma névoa abstrata ou inacessível ao rigor metodológico, a atmosfera comunicacional manifesta-se precisamente na fricção entre a opacidade da linguagem e a transparência do sensível, como elementos presentes no *lugar comunicacional* operado pelos dispositivos móveis. Ancorada nas proposições da estética de Gumbrecht (2010), esta abordagem metodológica afasta-se de visadas exclusivamente hermenêuticas para compreender que a experiência comunicacional contemporânea constitui-se na oscilação intermitente entre o corpo (aquilo que nos atinge materialmente) e a mente (aquilo que decodificamos textualmente).

Para dar conta dessa natureza dual e, simultaneamente, tentar responder aos desafios políticos que cercam a produção de “atmosferas mediadas ou projetadas” (Heibach, 2024) no ecossistema das plataformas digitais, a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*, então delineada nesta tese, não adota um protocolo rígido de mensuração, mas estrutura-se a partir de um arranjo metodológico que combina dois eixos complementares de investigação, mobilizando um duplo olhar sobre o ecossistema do Instagram:

1. *A pesquisa indiciária (foco no sentido e na interpretação)*: trata-se de método dedicado a capturar as costuras discursivas, as intencionalidades narrativas e as estratégias de representação que ganham aparência nas interações deflagradas nos/pelos contextos digitais. Este eixo fundamenta-se no paradigma indiciário, com base nas reflexões historiográficas de Carlo Ginzburg (1989) e nas matrizes interacionais de José Luiz Braga (2008, 2011). Trata-se de adotar uma postura atenta e minuciosa, capaz de vasculhar o campo empírico em busca de pistas, vestígios, recorrências semânticas, detalhes marginais e sintomas cotidianos que possam revelar como Maíra Castanheiro, em seu perfil no Instagram, elabora suas escritas de si, performando sua identidade e reagindo às pressões estruturais da plataforma. No horizonte desta tese, o olhar indiciário permite farejar como as lógicas latentes da gestão de si e das práticas compulsórias da comunicação organizacional são articuladas em forma de enunciados inteligíveis, traduzindo o modo como Maíra dá inteligibilidade discursiva ao seu cansaço, aos seus desabafos e às suas ofertas comerciais em meio ao tecido organizacional da rede social em questão;

2. *A pesquisa das materialidades da comunicação (foco na presença e na estética):* trata-se de método voltado a apreender os efeitos de intensidade, as forças cinéticas e a espessura material que escapam à mera racionalização interpretativa ou à decodificação cognitiva de signos. Amparado nas formulações de Gumbrecht (2010) e na compreensão da corporalidade mediada, este eixo volta sua atenção para a dimensão tangível da plataforma e para os estímulos difusos de seu *design* de interface: as paletas cromáticas dominantes, os ritmos e modulações operados pelos algoritmos de exibição, a cadência e a velocidade dos fluxos de postagens, a engenharia técnica das notificações e a textura das linguagens (as vibrações visuais, a edição dos áudios, a aceleração do tempo dos vídeos). Busca-se aqui registrar o impacto sensorial que atinge e afeta o “corpo sentido” (*Leib*) (Schmitz, 2023) — ou o *corpo-sismógrafo* da investigadora — antes de qualquer codificação conceitual, sintonizando a pesquisadora com o clima que emana da ambiência técnica e registrando as intensidades materiais projetadas pelo Instagram para capturar e guiar os comportamentos dos usuários.

Longe de se configurarem como caminhos excludentes ou etapas sequenciais estanques, esses dois vetores operam em regime de mútua alimentação, complementaridade e tensão no desenho metodológico desta tese. Nenhuma atmosfera pode ser satisfatoriamente apreendida se isolada em laboratório, fragmentada em variáveis estatísticas ou congelada em protocolos técnicos rígidos; sua emergência é essencialmente fluida, instável, vaga e relacional. Sob essa ótica, uma leitura do Instagram sob o prisma atmosférico assume que não existe uma atmosfera comunicacional única, estática ou monolítica pairando de forma homogênea sobre o objeto. O que a aproximação com a empiria desvela é um emaranhado complexo de atmosferas comunicacionais possíveis que se entrecruzam, se sobrepõem, se alimentam e, por vezes, colidem no interior da mesma organização algorítmica.

Portanto, capturar esse movimento dinâmico exige colocar em cena as interações e os fluxos cotidianos que se realizam na plataforma, observando os indícios atmosféricos tanto na lógica de quem projeta e produz o conteúdo com o próprio corpo quanto na dinâmica de quem o consome (e o pesquisa) também com o seu próprio corpo. Se, como discutido na seção anterior, a atmosfera opera no *entre* e deságua em uma copresença mediada, o desenho metodológico voltado à sua investigação demanda um motor operacional condizente com essa mobilidade. É para operacionalizar essa dupla visada estético-interpretativa — permitindo que a pesquisadora habite provisoriamente esse território digital de modo a captar suas vibrações, fraturas e tremores subterrâneos — que se adotam as *derivas cartográficas* como procedimento

operacional fundamental à *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*, cujos fundamentos, filiações epistemológicas e aplicações táticas no espaço do Instagram serão detalhados a seguir.

4.5 Derivas cartográficas: vestígios atmosféricos no Instagram

A inspiração para tomar as derivas cartográficas como procedimento operacional nesta tese provém do arranjo metodológico desenvolvido por Mafra (2011), que realiza uma potente investigação das derivas urbanas a partir de suportes impressos — como anúncios e notícias — que circulam na experiência urbana contemporânea, compreendendo-os como fragmentos indiciários capazes de produzir experiências singulares de apropriação e significação do espaço urbano. Ao retomar esse aporte, propõe-se aqui uma transposição epistemológica e metodológica radical: se, em Mafra (2011), as derivas são acionadas no contato com as materialidades tangíveis que compõem a paisagem física da cidade, nesta pesquisa busca-se explorar as derivas em relação aos fluxos de conteúdos digitais que circulam em dispositivos móveis, com centralidade no Instagram. Trata-se de compreender que o espaço digital não se opõe ao urbano, mas o estende e o complexifica, convertendo as interfaces algorítmicas em cartografias³² vivas de presença e de emanções atmosféricas.

Para fundamentar essa transposição, evoca-se o conceito de deriva formulado originalmente por Guy Debord (1958) no âmbito da Internacional Situacionista. Na perspectiva debordiana, a deriva constitui uma técnica de passagem rápida através de ambiências variadas, um modo de comportamento lúdico-constructivo que se desvia deliberadamente das rotinas utilitárias do cotidiano urbano para registrar a psicogeografia do espaço, ou seja, os efeitos exatos do meio geográfico sobre a afetividade dos indivíduos. Ao migrar para os circuitos das redes sociais, derivar implica reconhecer que o Instagram opera como um território cartográfico fluido, cujos mapas de sentido e de presença são continuamente desenhados e redesenhados na

³² Cumpre delimitar que o vocábulo *cartografia* não é empregado nesta tese enquanto filiação estrita ao "método cartográfico" consolidado nas Ciências Humanas e na Comunicação. O léxico é mantido no texto como um recurso analítico e figurativo para traduzir a lógica de compreensão do Instagram enquanto *lugar comunicacional*. Como a apreensão das atmosferas exige incontornavelmente uma referência espacial, a ideia de cartografia designa o próprio movimento de trânsito do *corpo-sismógrafo* no espaço do dispositivo móvel sob o regime da atenção flutuante e do procedimento das derivas. Dito de outro modo, a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* esbarra inevitavelmente na leitura da espacialidade da interface; ao ler e traduzir os climas e afetos que emergem dessa geografia digital, o gesto analítico produz uma escrita e um traçado desse espaço. Trata-se, portanto, de uma cartografia no sentido de cartografar movimentações e emanções atmosféricas no *lugar comunicacional*, e não da aplicação de um protocolo metodológico cartográfico em sentido estrito.

interação. Cada postagem, cada enquadramento cromático, cada escolha de *emoji* ou modulação textual constituem marcas indiciárias (Ginzburg, 1989; Braga, 2008) que configuram microterritórios de experiência afetiva.

Lançar-se às derivas cartográficas pelo Instagram exige, por conseguinte, a assunção de uma postura metodológica pautada num gesto central, o qual teóricos da cartografia das subjetividades definem como “atenção flutuante e distribuída” (Kastrup, 2020). Afastando-se do decalque rígido ou do rastreamento métrico automatizado, o investigador deve transitar pela plataforma habitando provisoriamente a condição de um *flâneur* digital: deixando-se afetar pelas correntes de sensibilidade e pelos acidentes de percurso promovidos pelo fluxo informacional (Kastrup, 2020).

Contudo, impõe-se aqui uma precisão crítica fundamental: diferentemente da deriva urbana clássica, que pressupõe uma errância não programada pelas ruas, a deriva no espaço do Instagram ocorre sob o regime de uma captura algorítmica. Como discutido anteriormente sob o amparo de Heibach (2024), os fluxos que cruzam a tela são arquitetados por “fatores difusos” corporativos orientados a produzir atmosferas para convencer e gerenciar a atenção. Assim, a deriva cartográfica digital constitui um procedimento tático e indiciário de resistência, projetado precisamente para flagrar as fraturas e os instantes em que a expressão viva e irruptiva de um sujeito em seu perfil no Instagram — como é o caso do perfil de Maíra Castanheiro ora investigado — transborda as amarras mercadológicas e as modulações interacionais pré-determinadas pela organização algorítmica.

Nesse horizonte, a operacionalização da pesquisa delinea duas diretrizes fundamentais de observação, que se desdobram em eixos indissociáveis do olhar cartográfico:

Diretriz 1 - Investigar os modos como sujeitos constroem o perfil no Instagram como lugares que encarnam formas singulares de experiência com as atmosferas comunicacionais emergentes nessa plataforma: aqui, o foco recai sobre o ato de fundação do lugar (Tuan, 1983, 2018). O perfil deixa de ser uma mera página técnica e passa a ser analisado como um ambiente de vida — de acolhimento, dor, projeção de futuros e expressão existencial —, onde o sujeito imprime suas marcas indiciárias na tentativa de sintonizar o outro em sua própria atmosfera vital;

Diretriz 2 - Revelar práticas relacionais de interação e campos de disputa que emergem em meio a um modo digital de viver e de se expor no Instagram: este eixo direciona o olhar para as linhas de força interacionais (Braga, 2006, 2017; França, 2016), mapeando como as atmosferas comunicacionais geradas na interface produzem ressonâncias

coletivas, sintonizando os seguidores e gerando comunidades de afeto ou zonas de fricção e conflito diante das lógicas comunicacionais operadas pela plataforma, quais sejam: as aparentes — as escritas de si e a performatividade de gênero — e as latentes — a gestão de si e a comunicação organizacional —. Como vimos nos capítulos anteriores, tais lógicas se oferecem como disposições presentes na constituição das subjetividades contemporâneas.

No meu processo de derivar pelo Instagram, parte expressiva dos indícios analisados no perfil de Maíra Castanheiro foi colhida não a partir de um movimento intencional, asséptico e direcionado de coleta laboratorial, mas da própria dinâmica vivencial e contingente da plataforma. Ao começar a segui-la, desde o ano de 2023, suas publicações passaram a compor organicamente o fluxo do meu *feed* pessoal, surgindo de modo aparentemente aleatório, mas carregadas de intensidades estéticas e tensões éticas capazes de convocar e capturar minha atenção.

Esse gesto de atenção flutuante (Kastrup, 2020) permitiu que as atmosferas comunicacionais se manifestassem não como objetos frios e previamente isolados de observação, mas como efeitos experienciais emergentes no ato vivo de rolar a tela, no gesto do dedo que percorre o vidro do dispositivo, no ritmo imposto pela velocidade do algoritmo, em meio ao meu cotidiano de pesquisadora e de corpo que interagem no Instagram a partir de outras disposições experienciais, para além da própria pesquisa.

Nesse sentido, o registro cartográfico aqui proposto não se restringe ao nível semântico do conteúdo textual das publicações, mas abarca a experiência estética e corporal que elas ativam, convocando o que Gumbrecht (1994, 2010) denomina como materialidades da comunicação. Assim, o que se delinea como indício nesta metodologia não é apenas um dado bruto ou um signo linguístico a ser decodificado, mas uma tentativa de rastrear uma certa presença atmosférica — uma "quase-coisa" schmitziana (Griffero, 2013, 2016) — que se revela no cruzamento singular entre as lógicas mercadológicas operadas pela plataforma, a aparição contingente das escritas de si da Maíra Castanheiro e a ressonância mecânico-afetiva do *corpó-sismógrafo* da pesquisadora em seu fluxo cotidiano de navegação.

Dessa maneira, as derivas cartográficas pelo Instagram deixam de ser vistas como um mero percurso aleatório de coleta de dados para se consolidarem como um ato vivo de engajamento existencial e corporal da pesquisadora no ambiente digital. Se os indícios atmosféricos e as marcas de presença do sujeito-gestor emergem na fricção cinestésica do dedo que desliza pela tela algorítmica, a apreensão dessa realidade sutil depende, fundamentalmente,

da abertura sensível do aparato perceptivo de quem dela participa. Capturar os tremores e as modulações das “quase-coisas” schmitzianas exige desvendar os bastidores da própria afecção. Torna-se imperativo, portanto, investigar como o “corpo sentido” (*Leib*) (Schmitz, 2023) processa os estímulos multifacetados emitidos pela plataforma, deslocando a análise da superfície puramente interpretativa para mergulhar nas dinâmicas integradas da experiência perceptiva.

4.6 Experiência perceptiva: um processo multidimensional

A compreensão de que as atmosferas comunicacionais se manifestam na interface mediada por meio de efeitos de presença e marcas indiciárias exige uma incursão rigorosa sobre o modo como o aparato humano apreende o mundo ao seu redor. Longe de constituir um ato puramente mecânico de decodificação visual ou um registro passivo de dados, a percepção deve ser reivindicada como uma zona de fratura e de síntese complexa, onde o biológico, o estético e o cognitivo se cruzam. Para o *corpo-sismógrafo*, afetado pela *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* então proposta nesta investigação, a calibração do olhar e da afecção não pode prescindir de um mapeamento das próprias dimensões perceptivas. Afinal, sintonizar-se com o clima difuso do Instagram implica reconhecer que o corpo que navega é um organismo integrado, cujas respostas afetivas e intelectuais emergem de forma indissociável.

Para sustentar epistemologicamente essa postura, afastando-se de dualismos anacrônicos que separam a mente racional dos estímulos corporais, evoca-se o “paradigma da cognição incorporada” (*embodied cognition* ou *enaction*), formulado por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (1991). Sob esse prisma, a cognição não é o reflexo de um mundo exterior preexistente em uma mente isolada, mas a própria emergência da experiência a partir das ações e acoplamentos estruturais do corpo no ambiente. A mente, portanto, é inerentemente corporificada.

Essa visada ganha sustentação empírica e neurológica nas formulações de Antonio Damasio (1994, 1999), cuja virada científica demonstra que a racionalidade humana é indissociável das emoções e dos sentimentos arraigados na biologia do corpo. Para o autor, o cérebro e o resto do organismo constituem um circuito indissociável: as reações somáticas e os estados corporais fornecem o pano de fundo afetivo essencial sobre o qual a consciência toma decisões e atribui sentidos à realidade.

Ancorada nesse cruzamento teórico, a experiência perceptiva que se realiza durante as derivas cartográficas no Instagram pode ser apreendida a partir de quatro categorias ou dimensões fundamentais que operam em regime de mútua afetação e coexistência. Distante de constituírem etapas lineares ou sequenciais de um processamento frio de dados, essas dimensões representam linhas de força que atravessam o *corpo-sismógrafo* da pesquisadora e o “corpo sentido” (*Leib*) (Schmitz, 2023) dos usuários, combinando-se de formas variadas e singulares no fluxo da experiência viva:

a) Atenção (o foco inicial e seletivo): a atenção atua como o filtro dinâmico e o vetor de abertura do campo perceptivo. Diante da torrente informacional e do superadensamento de estímulos que caracterizam o Instagram, a atenção atua organizando o caos sensível, direcionando o foco do sujeito para determinados elementos da interface em detrimento de outros. No contexto digital, contudo, a atenção não é um recurso puramente autônomo; ela é disputada ativamente pela arquitetura da plataforma. Como alertado por Heibach (2024), a captura e a modulação da atenção constituem o estágio primário para a instauração de “atmosferas mediadas ou projetadas”, o instante exato em que o sismógrafo corporal é acionado por um enquadramento, uma ruptura rítmica ou uma intensidade estética desenhada pela interface técnica;

b) Cognição (o processamento e a integração de sentido): a dimensão cognitiva compreende os processos de elaboração mental, de associação de repertórios, de integração de memórias e de decodificação gramatical dos enunciados que circulam na rede. É o eixo que dialoga mais diretamente com os efeitos de sentido (Gumbrecht, 2010), permitindo, no caso específico desta tese, ao *corpo-sismógrafo* da pesquisadora apreender pedagogicamente as escritas de si da Máira Castanheiro, compreender os contextos de suas falas e interpretar as lógicas comunicacionais que atravessam suas publicações. A cognição confere, portanto, inteligibilidade discursiva àquilo que o corpo intui;

c) Sensação (o estímulo corporal imediato): a sensação constitui o impacto tátil, visual e cinestésico bruto que atinge a dimensão física e material do organismo, antes de qualquer mediação conceitual. Trata-se da dimensão da presença: o peso óptico de uma imagem borrada, a vibração sonora de um desabafo em formato de *Reels*, o ritmo frenético ou pausado do algoritmo. A sensação localiza-se na espessura do “corpo sentido” (*Leib*) (Schmitz, 2023), operando na fronteira do indizível, assemelhando-se a um pressentimento ou a um tremor sutil na superfície da pele que o sujeito experimenta,

mas cujas palavras da linguagem hermenêutica tradicional falham em traduzir de imediato;

d) Emoção ou Sentimento (a ressonância afetiva espacializada): enquanto a emoção constitui o conjunto de reações corporais irruptivas e somáticas disparadas pelos estímulos (as alterações no ritmo do toque, a captura da respiração diante da tela), o sentimento representa a tradução consciente e a internalização dessa experiência afetiva na subjetividade (o reconhecimento da tristeza, do cansaço ou da indignação). Nesta pesquisa, essa dimensão deságua diretamente na sintonização climática, qual seja: a configuração de um tónus à própria emergência de atmosferas comunicacionais. Dessa forma, a emoção e o sentimento são as vias pelas quais a "quase-coisa" atmosférica ganha ressonância no sujeito, transformando o espaço da tela em um microlugar de abrigo ou de fricção existencial.

No ecossistema do Instagram, esses quatro eixos mobilizam-se simultaneamente para dar espessura às vivências. Alguns estímulos despertam interesses de ordem predominantemente cognitiva, ao ampliarem o repertório conceitual do sujeito; outros afetam o corpo de maneira imediata, gerando sensações difusas que escapam à linguagem e desaguardam em sentimentos partilhados.

Assim, a proposta de recorrer a essas categorias da neurobiologia e das ciências cognitivas não assume um caráter rigidamente classificatório ou de isolamento laboratorial. O objetivo analítico é reconhecer que qualquer interação com as materialidades da comunicação do Instagram engendra atmosferas comunicacionais indissociáveis dessas quatro dimensões. Os indícios captados pela experiência perceptiva dizem de uma relação situada e relacional entre o sujeito e a plataforma, oferecendo as coordenadas para que a pesquisadora, ao flunar e derivar pelo ambiente digital, buscasse rastrear como essas atmosferas comunicacionais são emanadas, como elas se sustentam no tempo e de que maneira afetam e modulam as subjetividades contemporâneas.

4.7 A ambiência digital como suporte material: interface, linguagem e a produção de presença no fluxo algorítmico

Como discutido anteriormente, ao propor um deslocamento radical em direção ao que denominou de "produção de presença", Gumbrecht (2010) desfere uma crítica contundente às tradições hermenêuticas ocidentais que, ao longo dos séculos, hipertrofiaram o sentido e a

interpretação como os núcleos exclusivos dos fenômenos sociais. Para o autor, a obsessão em ler o mundo estritamente como um texto a ser decodificado acabou por sufocar a dimensão material dos processos comunicativos, isto é, os suportes físicos, as formas sensíveis e os efeitos de impacto corpóreo que acompanham e sustentam a circulação dos signos. As materialidades da comunicação, sob esse prisma não hermenêutico, abrangem tudo aquilo que institui um fenômeno comunicacional para além de seu conteúdo inteligível, qual seja: a espessura do papel, a voz do orador, as vibrações sonoras, os arranjos espaciais e as condições técnicas que moldam a experiência perceptiva. Longe de anular ou substituir a interpretação, essa virada ontológica adverte que a comunicação se realiza originariamente por meio de uma disposição sensível — um evento que se materializa no tempo e no espaço, afetando, tocando e tensionando o corpo do sujeito antes mesmo de qualquer racionalização cognitiva (Gumbrecht, 2010).

Quando transportamos essa visada epistemológica para o ecossistema do Instagram, a plataforma deixa de ser apreendida como um mero canal neutro ou repositório abstrato de discursos, narrativas e escritas de si, revelando-se como uma ambiência comunicacional materializada diante do organismo do usuário. A experiência de navegar por essa rede não se reduz à leitura hermenêutica de mensagens; ela é constitutivamente marcada pela densidade de elementos materiais e tecnológicos específicos: a topografia visual da interface, os filtros cromáticos, o *feed* estruturado em rolagem infinita, a efemeridade cronometrada dos *stories*, a cadência dos áudios e a repetição quase ritualística de gestos cinestésicos como curtir, deslizar, salvar e compartilhar com as pontas dos dedos. Esses componentes configuram o Instagram, operado pelos dispositivos móveis, como uma ambiência produtora de presença. A notificação que faz vibrar o *hardware*, por exemplo, engendra um estado corpóreo de prontidão e expectativa; a arquitetura estética do perfil, em outro exemplo, instaura, de imediato, climas de intimidade ou distanciamento; e a urgência da atualização contínua, como mais um exemplo, pressiona a temporalidade do sujeito. Pensar o Instagram a partir das materialidades (Gumbrecht, 1994, 2010) exige, portanto, deslocar o foco analítico da centralidade suposta do sentido: importa rastrear não apenas "o que é dito" nas publicações de Máira Castanheira, mas como a técnica materializa presenças e de que maneira esses estímulos físicos participam da coengenharia da subjetividade digital.

É precisamente na fricção dessas materialidades técnicas que a produção de presença se converte na emergência de atmosferas comunicacionais que condicionam percepções, emoções e movimentos corporais. Como o próprio Gumbrecht (2010, 2014) sinaliza, a presença é invariavelmente mediada por ambiências — disposições afetivas e sensoriais que envolvem os indivíduos e sintonizam suas experiências de mundo. No território digital, a interface técnica

operada pelo *software* e as práticas interacionais coordenadas pela máquina fundem-se para engendrar uma ambiência material-atmosférica. A cada toque na tela, a cada oscilação no ritmo de rolagem do algoritmo de exibição, emana uma tonalidade afetiva (*Stimmung*) (Gumbrecht, 2014) que não depende em caráter exclusivo do sentido semântico do conteúdo publicado, mas da forma exata como esse conteúdo ganha corpo e se derrama no espaço interacional.

No caso específico do perfil de Máira Castanheiro, que ancora o material empírico desta tese, as ambiências geradas pelas dinâmicas materiais da plataforma não atuam como meros cenários passivos ou molduras decorativas; elas constituem as próprias condições de possibilidade para a emergência das lógicas comunicacionais da plataforma, sejam as aparentes — as escritas de si e a performatividade de gênero —, sejam as latentes — a gestão de si e a comunicação organizacional —, presentes na constituição das subjetividades contemporâneas, emergentes nos/dos contextos digitais. A aceleração algorítmica, a sobredeterminação visual e a espetacularização do cotidiano que caracterizam o Instagram podem gerar, por exemplo, atmosferas de pressão, de vulnerabilidade ou de exposição compulsória que tensionam o modo como o sujeito-gestor elabora e escreve sobre suas fraturas e vivências. Desse modo, as escritas de si de Máira Castanheiro desvelam-se não apenas como representações identitárias, mas como gestos expressivos emergentes de campos de força sensoriais, que desafiam a estabilidade da presença no espaço midiaticado.

Essa imbricação entre materialidade e atmosfera ganha considerável voltagem heurística quando observada na própria linguagem multimodal que circula pela interface da plataforma. Em seus desdobramentos teóricos sobre a presença, Gumbrecht (2009) argumenta que a linguagem possui a propriedade latente de presentificar o ausente ou o passado não por meio de conteúdos memorialísticos reificados, mas por intermédio de efeitos linguísticos — estratégias dêiticas, poéticas e encantatórias — capazes de tornar tangível aquilo que se encontra espacial ou temporalmente distante. No Instagram, essa “coisidade”³³ da linguagem manifesta-se no modo como certos sinais discursivos operam como forças materiais antes mesmo de se transformarem em significados inteligíveis. Ao considerarmos a atmosfera

³³ Coisidade é um termo usado principalmente em contextos filosóficos e fenomenológicos para se referir àquilo que torna algo uma coisa, ou seja, ao seu caráter de objeto em si mesmo, independente das interpretações ou significados atribuídos a ele. É uma tentativa de pensar a presença material de algo, antes de reduzi-lo a categorias abstratas ou simbólicas e está ligada ao esforço de perceber a dimensão sensível, tangível e concreta de um objeto, o “ser-coisa” que se impõe ao sujeito. Em seus estudos sobre presença, Gumbrecht (2010) mobiliza essa noção para destacar o caráter material e imediato das coisas na comunicação, aquilo que resiste à pura interpretação de sentido. Em português, o termo aparece em discussões de estética, comunicação e filosofia, muitas vezes para contrapor a dimensão material e presente de algo à sua dimensão apenas significativa ou simbólica.

comunicacional não como uma emanção coletiva homogênea compartilhada em um espaço físico estático, mas como uma composição modulada por vestígios dispersos e fragmentários que emergem nas dobras da tela, percebe-se que os *emojis* evocativos, as exclamações textuais, os filtros estéticos e as paletas de cores exercem uma função eminentemente presentificadora.

Há, contudo, um paradoxo temporal intrínseco à organização algorítmica da plataforma: na velocidade do fluxo informacional, aquilo que é publicado como presente converte-se em passado no milésimo de segundo subsequente à sua aparição. O gesto da publicação inaugura uma presença que é imediatamente devorada pela voracidade de atualização do *feed*, transformando o acontecimento em um passado imediato e efêmero. A dinâmica do Instagram corporifica, assim, o conceito de presentificação como uma intensidade puramente momentânea e transitória.

A linguagem multimodal habitual (a indissociabilidade entre imagem, vídeo, legenda, interações e comentários) atua como uma ponte sensível que reatualiza esse passado recente, disparando efeitos de intensidade que cruzam os corpos conectados pela plataforma. Por esse raciocínio, longe de funcionarem como meras etiquetas semânticas de marcação de sentido, as textualidades e as visualidades de Maíra Castanheiro operam como dispositivos táticos que buscam presentificar atmosferas comunicacionais emocionalmente carregadas — fraturas de cansaço, desabafos íntimos e nostalgias cotidianas — que circulam como energia material no corpo da máquina, tendo sido produzidas pelo corpo de um sujeito e consumidas pelo aparato perceptivo de outro sujeito. A interface, sob essa visada estético-interpretativa, consolida-se como um território de deriva e fruição, onde a linguagem multimodal se converte em veículo de presença viva: um vestígio atmosférico, um marcador sensível do passado em circulação contemporânea.

Contudo, a presentificação e a emanção dessas texturas sensíveis não flutuam em um vácuo social ou técnico isento de interesses econômicos. A produção de presença e a sintonização climática no ambiente digital ocorrem no interior de arquiteturas proprietárias cuja engenharia sutil visa precisamente capturar os corpos e canalizar suas emoções. Torna-se imperativo, portanto, deslocar o olhar da fruição estética em direção às estruturas de poder que regulam e lucram com esses estados afetivos. Esse tensionamento impõe à investigação uma inflexão epistemológica fundamental, convocando um posicionamento crítico capaz de descortinar os agenciamentos políticos que modulam a experiência senciente na rede.

4.8 O giro ético-político na análise atmosférica: captura algorítmica e o estatuto crítico do método

A incorporação do giro ético-político às práticas de pesquisa no campo das ciências humanas e sociais demarca um deslocamento epistemológico de profunda relevância para a contemporaneidade. Se o chamado giro linguístico, ao longo do século XX, havia assentado a centralidade constitutiva da linguagem como condição inescapável para a produção do conhecimento histórico, discursivo e social, o giro ético-político, nos termos de Rangel e Araújo (2015), irrompe para impor como tarefa urgente e inadiável a explicitação do lugar social do pesquisador, bem como o compromisso com as interpelações éticas de seu tempo presente.

Essa virada teórica, conforme pontuam os autores supracitados, emerge da necessidade premente de reposicionar os fazeres intelectuais face às demandas e fraturas sociais urgentes, deslocando o foco de uma análise puramente textual, imanente ou linguística para abarcar a responsabilidade política imanente ao ato de investigar. Nesse exato sentido, Santos e Rangel (2015) asseveram que a ética e a política não configuram instâncias acessórias, orbitais ou externas ao campo do conhecimento; ao contrário, elas atravessam visceralmente a própria ontologia e a constituição dos objetos de pesquisa. Não há, sob esse prisma, história cultural, teoria da comunicação ou percurso metodológico que possa se furtar à tomada de consciência inequívoca das condições materiais e sociais nas quais os sujeitos e os fenômenos investigados encontram-se imersos.

Sob o amparo dessa orientação epistêmica, reconhecemos que a atividade científica abdica definitivamente de qualquer pretensão a uma neutralidade axiológica ou a um distanciamento asséptico. Como observa Rangel (2019), pulsa na contemporaneidade uma “urgência do ético” que interpela os investigadores a abandonarem a postura de meros espectadores para assumirem um posicionamento explícito diante das dinâmicas de exclusão, precariedade, desigualdade e violência que fraturam o tecido social, inscrevendo a produção de saber em uma perspectiva politicamente comprometida. Essa inflexão metodológica mostra-se indispensável para fundamentar os pressupostos de uma análise de atmosferas comunicacionais aplicada ao universo das redes digitais corporativas, em especial o Instagram. A noção de atmosfera comunicacional — que tem sido argumentada nesta tese como uma experiência senciente e de copresença mediada que articula indissociavelmente o “corpo sentido” (*Leib*) (Schmitz, 2023), as texturas da linguagem multimodal e a arquitetura técnica da plataforma — só adquire espessura heurística se for permanentemente atravessada e tensionada pelas condições políticas, mercantis e ideológicas de sua produção.

Não se trata, por conseguinte, de conceber o Instagram como um espaço etéreo portador de climas afetivos predeterminados ou espontâneos; trata-se, sim, de compreendê-lo como um território de disputas e tensões em agonia, onde atmosferas comunicacionais emergem justamente na fricção e no encontro assimétrico entre a vulnerabilidade sensível dos sujeitos e as lógicas organizacionais e gestionárias operadas pela plataforma. Conectar o giro ético-político ao escopo analítico das atmosferas comunicacionais no ambiente digital significa denunciar que tais emanções afetivas são indissociáveis das dinâmicas de poder e captura biopolítica que configuram o capitalismo de plataforma (Srnicek, 2017) ou de vigilância (Zuboff, 2021) contemporâneo.

Dessa forma, conforme adverte de modo incisivo Christiane Heibach (2024), as atmosferas que circulam nas redes sob o domínio das *big techs* operam frequentemente como potentes "fatores difusos" intencionalmente projetados para a modulação de comportamentos, construção de convicções e indução de consumo. Longe de brotarem como fenômenos ingênuos, as atmosferas no Instagram são sobredeterminadas por uma engenharia algorítmica opaca — o que a autora (2024) conceitua como “atmosferas mediadas ou projetadas” —, estruturadas especificamente para capturar o aparato perceptivo do usuário na dimensão não hermenêutica da presença, afetando seu corpo e sintonizando seus sentimentos antes mesmo que qualquer reflexão cognitiva ou racionalização crítica possa ser exercida.

Ignorar o contexto estrutural de emergência desses fenômenos ou silenciar sobre as assimetrias técnicas que regem o campo empírico esvaziaria a metodologia de seu vigor crítico, reduzindo-a a um mero exercício esteticista e alienado de catalogação de sensações. Uma investigação que se proponha a flagrar e a nomear atmosferas comunicacionais a que os indivíduos estão submetidos no Instagram só encontra inteligibilidade e função social se houver a possibilidade de demonstrar como tais afetos articulam-se organicamente às lógicas neoliberais de visibilidade, à precarização das existências e à exploração econômica da intimidade. Todavia, esse mesmo giro ético-político impede que enxerguemos o sujeito como um brinquedo passivo da máquina; ao contrário, ele nos orienta a buscar, nas próprias ranhuras e exaustões dessa escrita, as possibilidades micropolíticas de resistência, as táticas de desvio e as insistências do comum que se manifestam nas dobras do algoritmo.

Dessa forma, o arranjo metodológico aqui edificado inscreve-se no horizonte crítico do giro ético-político ao assumir que o ato de pesquisar é indissociável da explicitação das condições históricas, sociais e éticas do presente. Essa postura responsável implica situar o trabalho acadêmico como parte ativa das disputas interpretativas do espaço público, reafirmando o compromisso ético da universidade pública como um locus insubstituível de

crítica, explicação e desnaturalização dos fenômenos sociais urgentes que afligem a subjetividade contemporânea.

O método, aqui, não se exime da fratura; ao contrário, faz dela o seu ponto de partida crítico. Sob a égide desse horizonte politicamente implicado, a apreensão das dinâmicas atmosféricas exige abandonar qualquer pretensão de isolamento laboratorial para cartografar o fenômeno comunicacional no instante mesmo em que ele ganha carne e historicidade. Torna-se imperativo, por conseguinte, compreender que as emanações sencientes de uma plataforma não flutuam no vazio técnico, mas ganham inteligibilidade no encontro concreto entre existências situadas. É nessa zona de vizinhança e mútua afetação — onde a exposição íntima do sujeito no ambiente digital investigado tensiona e calibra o aparato perceptivo da pesquisadora — que o material empírico deixa de ser um mero dado estático e assume a condição de um campo vivo de forças relacionais.

4.9 O encontro de sujeitos na rede: as escritas de si como material empírico e a implicação do corpo-sismógrafo

A operacionalização de uma abordagem atmosférica crítica e comprometida com as inflexões do giro ético-político exige que o desenho metodológico explicita a natureza essencialmente relacional de seu campo empírico. As atmosferas comunicacionais que emergem da interação com o Instagram não constituem propriedades imanescentes da técnica ou essências preexistentes na interface; elas irrompem e ganham espessura fenomênica justamente no entrelaçamento, na fricção e no encontro assimétrico entre sujeitos corpóreos que habitam provisoriamente o mesmo circuito de mediatização. É sob esse horizonte de implicação mútua que se convoca a protagonista empírica desta investigação: Maíra Castanheiro, responsável pelo perfil público @mairacastanheiro na referida plataforma. O território digital por ela mobilizado é permanentemente fecundado por uma práxis densa de escritas de si, na qual a autora compartilha fragmentos de memória, reflexões históricas, crônicas do cotidiano e fissuras existenciais.

Ocorre que, no desenho desta tese, o estatuto do sujeito não se esgota na alteridade do objeto investigado. O giro ético-político impõe, com idêntica urgência, o reconhecimento rigoroso do lugar social, do contexto e da implicação encarnada da própria pesquisadora. Minha condição ao derivar pelos fluxos do *feed* de Maíra Castanheiro e ao flunar pelo meu próprio *feed* prescinde definitivamente de qualquer pretensão a um distanciamento neutro ou meramente contemplativo. Trata-se da postura de uma investigadora constitutivamente

implicada, cujas respostas sencientes são atravessadas tanto pelos repertórios teóricos da Comunicação quanto por sua própria vivência histórica como usuária inserida nas dinâmicas cotidianas da rede.

Essa implicação, cumpre sublinhar, não se dá no vazio abstrato, mas a partir de uma corporalidade histórica e socialmente situada. Escrevo e sinto esta investigação a partir do meu lugar de fala como uma mulher de 45 anos, branca, cisgênero, inserida nos extratos da classe média brasileira e amparada por uma condição socioeconômica estável. Longe de configurarem meros dados biográficos assessórios, esses marcadores sociais da diferença operam como os vetores que regulam a própria sensibilidade do meu aparato perceptivo. É essa inscrição identitária e geracional — partilhada, em larga medida, com as condições de visibilidade da própria protagonista empírica — que calibra os limiares de ressonância do meu *corpo-sismógrafo*. As atmosferas de cansaço na gestão doméstica, os tensionamentos éticos do trabalho intelectual feminino midiaticado e as buscas por brechas de cuidado de si encontram, na minha própria carne e na minha história de vida, as coordenadas para ressoar, doer e se fazerem notar como “quase-coisas” schmitzianas durante o gesto vivo de rolar a tela.

Como advertem Rangel e Araujo (2015), assumir o lugar de fala e as condições de emergência do olhar do investigador constitui uma dimensão ontológica e indissociável do próprio processo de produção de conhecimento. Assim, o monitoramento das atmosferas comunicacionais é realizado *desde dentro* do ecossistema midiaticado. É o meu próprio “corpo sentido” (*Leib*) (Schmitz, 2023) — operando sob a metáfora metodológica do *corpo-sismógrafo* — que atua como interface mecânico-afetiva de ressonância, deixando-se capturar, afetar e tremer pelas intensidades estéticas e tensões éticas que emanam da tela algorítmica no ato vivencial de rolar o *feed*.

Para conferir densidade epistemológica a esse material empírico saturado de afetos, torna-se imperativo resgatar a genealogia conceitual das escritas de si tratada no primeiro capítulo desta tese. A noção encontra em Michel Foucault (1985, 2004, 2011) sua formulação seminal. Ao investigar as práticas de si na Antiguidade clássica, o filósofo demonstra que o registro autobiográfico, os diários e os autoexames não constituíam meras confissões íntimas ou exercícios de vaidade individual; integravam, em termos estritos, o “cuidado de si”³⁴, um arranjo técnico e estético por meio do qual o sujeito operava transformações sobre si mesmo através da linguagem, produzindo sua própria subjetividade na relação indissociável entre

³⁴ O conceito de cuidado é entendido aqui, embasado em Marques et al. (2023, p. 89), “não como o provimento de necessidades básicas para a sobrevivência, mas como ação política que configura a responsabilidade ética pela alteridade”.

corpo, escrita e experiência. Na contemporaneidade, essa matriz foucaultiana é densificada por Margareth Rago (2013), que reivindica as escritas de si como potentes espaços de invenção subjetiva e exercícios microtáticos de resistência face às normatividades sociais e disciplinares de nosso tempo. Para a autora (2013), escrever-se é um ato de criação existencial que permite ao indivíduo escapar de fixações identitárias e afirmar-se na pluralidade do devir.

Essa abertura ao outro que caracteriza o gesto autobiográfico é também enfatizada por Leonor Arfuch (2010) sob o prisma do espaço biográfico e da dimensão narrativa. As práticas autorreferenciais não podem ser reduzidas a individualismos ou a registros enclausurados na privacidade; configuram construções discursivas intrinsecamente dialógicas, marcadas por negociações identitárias, tensões entre a memória individual e as exigências de enunciação no espaço público. Todavia, quando essas dinâmicas migram para as arquiteturas das redes sociais, a natureza dessas práticas sofre uma inflexão radical, conforme diagnostica Paula Sibilia (2015, 2016). A ascensão das plataformas digitais operou uma verdadeira "extimidade", convertendo os antigos suportes privados de registro íntimo em narrativas performáticas espetacularizadas e expostas em regimes de visibilidade total. O sujeito contemporâneo, premido pelas lógicas de exibição pública, passa a se escrever na exata medida em que se deixa ver, inserindo-se em um fluxo contínuo de produção, gerenciamento e consumo de sua própria imagem cotidianamente.

É precisamente no epicentro desse paradoxo contemporâneo que as publicações de Maíra Castanheiro constituem o material empírico propício para a presente análise. O perfil @mairacastanheiro materializa a fricção entre a busca por um cuidado de si que resista e abra brechas na rede (Rago, 2013) e a captura espetacularizada imposta pela organização algorítmica do Instagram (Sibilia, 2015). Como mencionamos, nosso interesse investigativo afasta-se de uma visada puramente quantitativa ou conteudista; não buscamos inventariar enunciados ou categorizar dados brutos. O foco reside na singularidade de atmosferas comunicacionais possíveis que emergem dessas publicações multimodais, nas quais o texto longo em carrossel, as escolhas cromáticas e as sonoridades dos vídeos funcionam como dispositivos presentificadores que atingem e afetam o corpo da pesquisadora.

As escritas de si de Maíra configuram, portanto, o ponto de partida e de chegada da *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*. É nelas que as emanações climáticas se materializam como vestígios dispersos e é através do contato com sua "coisidade" multimodal que o *corpo-sismógrafo* da investigadora se sintoniza com as vibrações do campo, permitindo apreender as nuances de como as subjetividades contemporâneas são afetadas, constrangidas e constituídas na interface digital. Configurado o estatuto relacional desses sujeitos imersos, faz-se necessário transpor essa sensibilidade corporificada em um dispositivo

operacional de categorização crítica. Dito por outras palavras, a leitura analítica das lógicas e das atmosferas comunicacionais não pode prescindir de uma grade analítica capaz de converter os tremores captados pelo sismógrafo em coordenadas inteligíveis para o campo da Comunicação. Desdobra dessa exigência o desenho de um modelo analítico de visibilização das forças em disputa: a organização algorítmica convertida em quadrante analítico, como veremos a seguir.

4.10. A organização algorítmica em análise: o desenho operacional do Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo

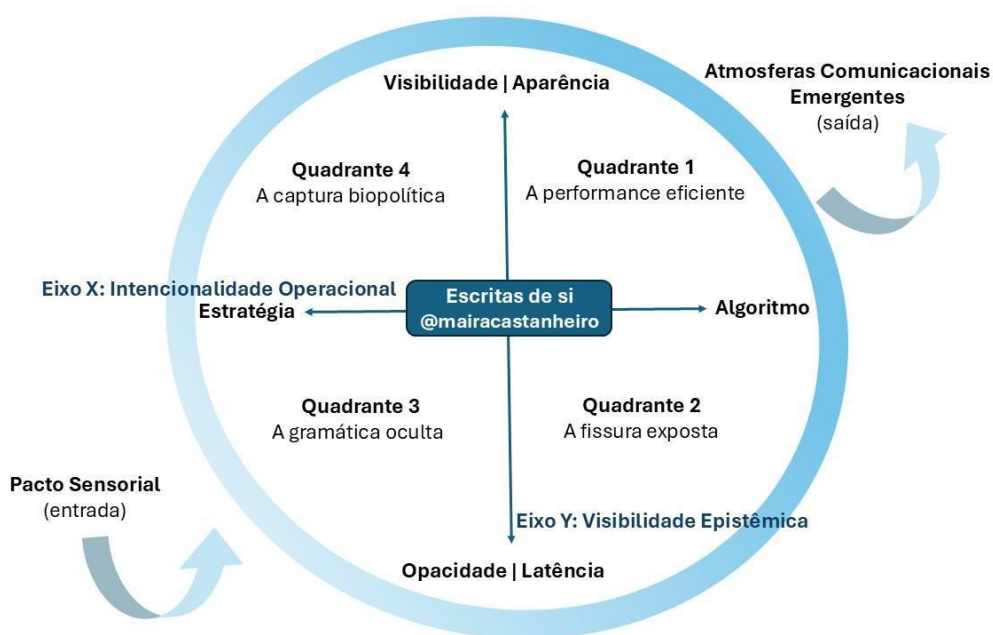
A passagem do gesto intuitivo de afetação sensorial para a sistematização analítica exige a construção de um instrumental metodológico capaz de flagrar as lógicas comunicacionais, tanto aparentes quanto latentes, que estruturam o Instagram. Para cumprir esse propósito, a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* propõe-se, enquanto gesto analítico de operacionalização no contexto do Instagram, pela elaboração do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, um modelo de análise bidimensional concebido para mapear as fricções entre as táticas existenciais do sujeito e as estratégias de captura da governança algorítmica naquele contexto. Longe de operar como uma grade taxonômica rígida ou como um modelo estático de classificação positivista, o Diagrama funciona como um mapa de forças vetoriais. Seu objetivo é auxiliar o *corpo-sismógrafo* da pesquisadora a flagrar o instante preciso em que a unidade de análise — a escrita de si multimodal de Maíra Castanheiro — sofre tensionamentos, revelando fraturas e fazendo emanar atmosferas comunicacionais singulares. A partir do Diagrama, parte-se do pressuposto de que as forças vetoriais são coordenadas por uma espécie de regime (ou regramento) posto por um corpo que sente e interpreta ao interagir com a plataforma e, por esses termos, tal interação é marcada por afetações, aqui tomadas enquanto oscilações entre efeitos de sentido e de presença, em visada gumbrechtiana.

Epistemologicamente, o desenho do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* fundamenta-se na compreensão de que as atmosferas comunicacionais não flutuam em um espaço digital abstrato ou desterritorializado. Conforme amadurecido a partir das interlocuções científicas face às interpelações neofenomenológicas de Jürgen Hasse — como já mencionado anteriormente —, a emergência de uma atmosfera requer, compulsoriamente, a vinculação a um lugar. No ecossistema da comunicação móvel, essa premissa encontra sua resolução — como dissemos antes — na tese de Tuan (1983, 2018), sob a qual os próprios dispositivos

móveis contemporâneos³⁵, com destaque ao aparelho celular — o *hardware* tocado, segurado e carregado pelo indivíduo — converte-se em um *lugar comunicacional* portátil, íntimo e integrado ao fluir cotidiano da existência. É na interioridade desse “celular-lugar”, tensionado pelo uso ordinário no sofá, na cozinha, no transporte público, no caminhar pelas ruas ou nas pausas diárias, que o *corpo-sismógrafo* da pesquisadora interage com as lógicas operacionais da plataforma. O Diagrama busca, portanto, funcionar como uma espécie de tradução visual e teórica das forças que disputam a modulação perceptiva nesse “celular-lugar”.

De modo mais específico, o modelo analítico organiza-se formalmente a partir do cruzamento de dois eixos cartesianos ortogonais, que delimitam os regimes de visibilidade e intencionalidade que atravessam as interações dos sujeitos com a plataforma:

Figura 3: Desenho do Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

³⁵ Sob o guarda-chuva dos dispositivos móveis contemporâneos, inclui-se uma gama diversificada de suportes tecnológicos portáteis, tais como computadores (notadamente os *notebooks*), *tablets* e telefones celulares (*smartphones*). Contudo, nesta investigação, infere-se e assume-se a centralidade do aparelho celular por uma injunção de ordem estritamente material e mercadológica: o *smartphone* constitui o *hardware* primordial e originário direcionado à própria existência e arquitetura do Instagram enquanto rede social (Srnicek, 2017; Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020). Desse modo, ainda que a plataforma admita o acesso periférico ou a emulação de suas interfaces por meio de computadores de mesa ou *tablets*, é no celular que o seu uso ganha indução, aceleração e organicidade. É o celular que acompanha o sujeito em seu perambular anônimo, sendo acionado de maneira visceral e ubíqua junto ao fluir cotidiano da existência na contemporaneidade, o que legitima o seu estatuto singular de *lugar comunicacional* portátil nesta tese.

Dessa forma, o *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* (Figura 3) não se configura como uma tipologia rígida ou estática, mas como um modelo operacional de forças tensionadas e em movimento na mediação tecnológica do Instagram. No centro geométrico do Diagrama, localiza-se a unidade de análise — as escritas de si publicadas em @mairacastanheiro —, posicionada estrategicamente no ponto de convergência onde as pressões da plataforma operam de modo simultâneo.

O funcionamento do modelo dá-se por meio de um fluxo dinâmico e relacional. Longe de funcionar como uma matriz de posicionamento fixo, os quadrantes do Diagrama encontram-se em permanente estado de movimento e sobreposição recíproca. Isso significa que a submissão de uma única unidade de análise ao modelo não gera um veredicto estático ou uma classificação unívoca. A depender das condições sensíveis, afetivas e situacionais que atravessam o *corpo-sismógrafo* no momento da fricção analítica, uma mesma publicação pode transitar entre os quadrantes, oscilar em suas bordas ou, até mesmo, habitar simultaneamente mais de um quadrante. Essa flutuação analítica não constitui um problema de medição, mas atesta a própria natureza etérea, fugidia e cinética das atmosferas comunicacionais.

O vetor de entrada é constituído pelo gesto que, aqui, denominamos como *Pacto Sensorial*, qual seja, uma espécie de sintonização estética e afetiva inicial entre o *corpo-sismógrafo* da investigadora e o ambiente digital. Longe de ser um elemento meramente contemplativo, o *Pacto Sensorial* atua como o disparador empírico e o portal de ingresso de todo o fluxo analítico: ele representa o instante mesmo em que a sensibilidade da pesquisadora é capturada por uma intensidade que tensiona a tela, operando uma abertura corporal para que o fenômeno se instale. À medida que a imersão nas escritas de si se aprofunda, essa experiência corpórea introduzida pelo Pacto é tensionada pelas forças e eixos que estruturam o Diagrama. Para compreender a expressão desse tensionamento, cabe destrinchar a anatomia de suas coordenadas cartesianas³⁶.

O eixo vertical (Y) - *Eixo da Visibilidade Epistêmica* representa a gradação do conhecimento que se vai adquirindo sobre as lógicas de visibilidade operadas pela plataforma,

³⁶ Cumpre ressaltar ao leitor que a invocação das coordenadas cartesianas e a representação por eixos e quadrantes possuem valor estritamente metaforizado, instrumental e operacional. A adoção dessa geometria não implica a adesão a um princípio epistemológico cartesiano, positivista ou reducionista, o qual seria frontalmente incompatível com a natureza fluida e atmosférica do fenômeno aqui investigado. O plano cartesiano opera nesta tese como um artefato técnico, uma espécie de "aparelho analítico" — um modelo de visualização de forças — concebido para auxiliar o *corpo-sismógrafo* no mapeamento de uma realidade empírica altamente complexa, mutável e singular. Trata-se, por conseguinte, de um recurso de inteligibilidade que organiza as tensões da interface sem pretender confinar a experiência viva do sujeito em categorias estáticas ou fechadas.

traduzindo o que se opta por tornar aparente ou manter na obscuridade. Divide-se entre o polo superior da Visibilidade/Aparência (onde emergem à superfície da tela os elementos estéticos manifestos) e o polo inferior da Opacidade/Latência (onde residem as estruturas veladas, os sintomas do capitalismo de plataforma e as modulações biopolíticas invisíveis).

Em articulação a essa dimensão, o eixo horizontal (X) - *Eixo da Intencionalidade Operacional*, representa o espectro que regula o modo como a plataforma opera tecnicamente e de que forma o sujeito se posiciona diante disso. Divide-se entre a *Estratégia* em seu flanco esquerdo (que aglutina o planejamento, o cálculo discursivo e o esforço deliberado de mercantilização da intimidade) e o *Algoritmo* em seu flanco direito (que materializa as lógicas, os automatismos técnicos de funcionamento e os limites do dispositivo proprietário).

Do atrito mecânico-afetivo gerado no cruzamento desses eixos, detalhados acima, emergem as dinâmicas descritas nos quatro quadrantes: *a performance eficiente*, *a fissura exposta*, *a gramática oculta* e *a captura biopolítica*, que serão detalhadas a seguir. O transbordamento desse processo de fricção e filtragem analítica constitui o horizonte de emanção do modelo, materializado nas *Atmosferas Comunicacionais Emergentes* como o resultado aparente e condensado desse circuito. Estas, portanto, deixam de ser vistas como categorias abstratas e passam a ser compreendidas como efeitos climáticos e relacionais concretos que circundam, afetam e constituem a experiência comunicacional no Instagram.

Compreendidos, portanto, não como gavetas estanques, mas como quadrantes em movimento contínuo e permeáveis entre si, derivam do cruzamento dessas coordenadas quatro zonas dinâmicas de subjetivação e conflito, descritas a seguir:

Os Quadrantes do Regime Afetivo

Quadrante 1 – A performance eficiente (+ +): Localizado no canto superior direito do plano cartesiano, representa o gráfico estritamente positivo do modelo, onde a *Visibilidade/Aparência* e o *Algoritmo* operam em mútua consonância. Trata-se da zona do progresso manifesto e da conformidade produtiva: as escritas de si do sujeito alinham-se aos imperativos de visibilidade e rentabilidade exigidos pela plataforma. O sujeito atua como uma “empresa de si”, mobilizando as lógicas algorítmicas de forma otimizada para monetizar sua intimidade, dores e memórias, performando a eficiência exigida pela engrenagem neoliberal.

Quadrante 2 – A fissura exposta (- +): Posicionado no canto inferior direito, este quadrante articula a *Opacidade/Latência* (no eixo vertical negativo) e o *Algoritmo* (no eixo horizontal positivo). O algoritmo aqui não falhou em sua infraestrutura, mas o

sujeito desvia de sua finalidade idealizada. A fissura expõe-se porque aquilo que deveria ser mantido no domínio do privado ou do invisível (as falhas e frustrações) é projetado na tela como tática de existência corporificada.

Quadrante 3 – A gramática oculta (- -): Situado no canto inferior esquerdo, constitui a zona de dupla negatividade do modelo (*Opacidade/Latência* e *Estratégia* negativas). Compreende os desabafos e os indícios mais sutis nos quais o sujeito não está "jogando" com a plataforma ou valendo-se deliberadamente de suas engrenagens; ele expressa, de forma espontânea e vulnerável, os sintomas de um cansaço que se anuncia sem alternativas de escape. Representa o domínio de uma estratégia mínima, de resistência passiva: o ato íntimo da escrita de si não como cálculo mercadológico de atração, mas como o rascunho de uma elaboração existencial interna e velada. Trata-se do espaço de onde a pesquisadora precisa pescar pistas e indícios silenciosos para tornar inteligível o invisível.

Quadrante 4 – A captura biopolítica (+ -): No canto superior esquerdo, este quadrante cruza a *Visibilidade/Aparência* positiva (eixo vertical) com o recuo ou ausência de *Estratégia* no flanco esquerdo (eixo horizontal negativo). É a zona onde escapa o desespero e a desilusão do sujeito, que dá visibilidade crua àquilo que deveria permanecer ocultado (a exaustão soberana, a paralisia perante a máquina, a declaração de esgotamento). Aqui, embora o algoritmo acabe de alguma forma reabsorvendo e favorecendo o engajamento desse clamor, não há um cálculo por parte do usuário; há apenas a evidência da captura biopolítica. O sujeito expõe sua total ausência de escolha ao, por exemplo, confessar-se incapaz de retirar-se da plataforma, pois existir no contemporâneo equivale a manter-se capturado pela infraestrutura digital.

Por fim, o transbordamento dessas dinâmicas de fricção e filtragem analítica constitui o horizonte de emanção do modelo, desaguando nas *Atmosferas Comunicacionais Emergentes* (saída). Estas se revelam como os efeitos climáticos e relacionais concretos produzidos por todo esse circuito, que circundam, afetam e constituem a experiência comunicacional no Instagram, rompendo a latência do dispositivo para fazer emergir potências éticas e políticas da presença.

Em suma, o *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* consolida-se nesta investigação não apenas como uma representação gráfica, mas como um roteiro de leitura crítica e essencialmente heurística. Cumpre salvaguardar que, independentemente da variação pendular do olhar da pesquisadora sobre qual quadrante específico — ou a fricção simultânea entre eles — captura com maior realce determinada publicação em um dado dia, o horizonte

final de inteligibilidade do modelo permanece invariável. O resultado do Diagrama, em sua visão de conjunto, destina-se a evidenciar as ranhuras, as tensões e os atravessamentos que constituem a própria subjetividade contemporânea capturada pelas redes. As oscilações internas do *corpo-sismógrafo* funcionam, assim, como o próprio motor de calibragem que rasga a rigidez algorítmica para dar a ver os fluxos de vida do sujeito.

O *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* visa demonstrar um cenário comunicacional fundamental à pesquisa: se a plataforma tenta capturar a totalidade do sujeito por meio de métricas e performances eficientes, é justamente na exposição das fraturas e das falhas que o sujeito-gestor se desfaz. É na instabilidade dessa membrana que a latência do dispositivo é rompida, fazendo emergir uma espécie de potência ética, política e atmosférica da presença de um sujeito, ainda que a captura de seu corpo pela organização algorítmica insista também em permanecer.

Se a modelização do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* oferece a estrutura conceitual e as coordenadas epistemológicas para flagrar essas forças em atrito, resta o desafio de instrumentalizar sua aplicação prática sobre a empiria. A apreensão dos indícios discursivos e das emanções atmosféricas que cruzam as escritas de si de Máira Castanheiro exige um protocolo rigoroso de seleção e tratamento do material digital. Diante disso, desborda-se da teoria para a operação de campo, organizando o percurso analítico em um protocolo prático de aproximação empírica, cujas etapas de coleta e sistematização indiciária serão detalhadas a seguir.

4.11. O protocolo de tratamento do material empírico: do corpo-sismógrafo aos indícios de campo

A operacionalização da *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* exige compreender que o percurso analítico não se desvincula das contingências geográficas e das vivências espaciais da própria pesquisadora. Longe de constituir um conjunto de regras abstratas e aplicadas *a posteriori*, o protocolo de tratamento do material empírico baseia-se na premissa já consolidada de que o celular assume o estatuto de *lugar comunicacional*. Essa centralidade reposiciona o olhar sobre o *corpus* acumulado, formado por registros e capturas de tela desde o ano de 2023, quando este trabalho passava então pela fase do Seminário de Tese, junto ao PPGCOM-UFJF: o perfil de Máira Castanheiro no Instagram deixa de ser uma ambiência abstrata e passa a ser investigado a partir de um ancoramento corporal e localizado.

Sob essa perspectiva, o Instagram opera acoplado a um *hardware* que circula com o sujeito, sendo ativado e consumido no fluir ordinário do dia-a-dia. É nessa simbiose sensível entre o toque da mão, o movimento de rolar a tela, o ritmo do algoritmo e as contingências do espaço físico que o celular ganha densidade existencial de lugar (Tuan, 1983, 2018), tornando-se o terreno fértil de onde as atmosferas comunicacionais emanam e tocam o *corpo-sismógrafo*.

Para que a investigação sobre as escritas de si de Maíra Castanheiro ganhe inteligibilidade concreta, explicitamos, a seguir, a própria anatomia da interface do Instagram. A apreensão das atmosferas comunicacionais pelo *corpo-sismógrafo* não ocorre em um espaço neutro, mas em um ecossistema arranjado por disposições técnicas, fluxos temporais e arquiteturas de visibilidade específicas. A Figura 4 abaixo apresenta a espacialidade do perfil, assinalando os elementos constitutivos dessa ambiência:

**Figura 4 – Anatomia da interface e arquitetura espacial do perfil
@mairacastanheiro no Instagram**



Fonte: Captura de tela do perfil @mairacastanheiro realizada pela autora (2026).

A partir do mapeamento numerado na Figura 4, discriminam-se as funções e as dinâmicas espaciais³⁷ que tensionam a experiência do usuário na plataforma:

³⁷ As descrições técnicas e funcionais dos recursos da interface (biografia, *stories*, destaques, abas de navegação e *feed*) foram parametrizadas a partir das diretrizes institucionais publicadas pela Meta. Utilizamos, de forma complementar, a [Central de Ajuda do Instagram](#), para a validação dos aspectos operacionais e de engenharia da plataforma; e o portal [Instagram Creators](#), para o mapeamento das

1. *Biografia (bio) e enquadramento identitário*: Localizada no topo do perfil, a *bio* constitui o espaço de fixação sintética da escrita de si. Funciona como um cartão de visitas e um dispositivo de enquadramento, no qual o sujeito edita em poucas linhas sua apresentação pública, suas credenciais, suas afiliações e os *links* direcionadores para a monetização ou expansão de sua presença digital.
2. *Grade de stories (barra de conteúdos efêmeros)*: Circundando a foto de perfil e disposta no topo da interface, abriga as publicações audiovisuais de fluxo contínuo e duração efêmera (desaparecendo em 24 horas). Caracteriza-se pelo tom de "tempo real", bastidores e espontaneidade calculada, atuando como um canal de alta frequência interacional que, por sua volatilidade, não integra o escopo documental desta pesquisa.
3. *Seção de Destaques (arquivo e memória fixada)*: Espaço posicionado logo abaixo da *bio*, no qual o sujeito seleciona e categoriza coleções de *stories* que deseja conservar no perfil. Como será explicado adiante, os *Destaques* operam sob uma lógica de arquivo e reorganização histórica, cuja análise exigiria um gesto de pesquisa marcado pelo inventário documental, distanciando-se do nosso propósito, que se orienta pelo acontecimento e pelo fluir do tempo presente.
4. *Aba de navegação e filtros de formato*: Barra intermediária que permite alternar a visualização da conta entre a grade principal do *feed*, a aba exclusiva de *Reels* (vídeos curtos) e as publicações em que o perfil foi marcado por terceiros. Sinaliza a fragmentação dos formatos promovida pela plataforma para incentivar diferentes dinâmicas de consumo.
5. *Grade do feed (a unidade de análise permanente)*: Região inferior da tela que organiza, em ordem cronológica inversa, as publicações permanentes do perfil (fotos estáticas, carrosséis de imagens e *Reels* indexados à grade principal). É justamente neste espaço relacional, no qual se articulam a materialidade visual/sonora, as legendas textuais e o ecossistema de comentários e respostas entre Maíra e sua audiência, que se delimita a nossa unidade de análise. O *feed* constitui a memória viva e o diário público em que as afetações se cristalizam e permanecem abertas ao rastreo do *corpósmógrafo*.

Diante disso, nenhuma atmosfera comunicacional mapeada nesta tese se dá, portanto, na imaterialidade isolada da rede; elas dependem intrinsecamente do encontro entre as escritas de si de Maíra Castanheiro e um *corpo-sismógrafo* que habita e pesquisa esse cotidiano mediado. É precisamente a partir dessa fricção entre o espaço físico habitado e o dispositivo como microlugar que se desvela a postura metodológica adotada na subseção a seguir, em que as fronteiras entre o consumir e o pesquisar se dissolvem.

4.11.1 O paradoxo da usuária-pesquisadora e as vibrações do corpo-sismógrafo

Essa dissolução de fronteiras convoca o enfrentamento de um nó metodológico histórico: a pretensa separação asséptica entre quem pesquisa e o fenômeno ora investigado. No cenário das plataformas digitais, essa barreira tende a se dissolver contundentemente, dando lugar ao que aqui se conceitua como o *paradoxo da usuária-pesquisadora*. Longe de configurar um viés ou uma fragilidade de percurso, esse duplo posicionamento constitui o próprio motor heurístico da investigação, tendo operado de forma crucial e concomitante no período compreendido entre dezembro de 2025 e julho de 2026, momento fulcral ao delineamento final desta tese.

Essa dinâmica metodológica estruturou-se a partir de dois movimentos distintos, porém umbilicalmente interligados. O primeiro movimento, de natureza principal e contínua, localiza-se no fluxo ordinário da experiência digital: trata-se da pesquisadora posicionada enquanto usuária corriqueira da plataforma Instagram. Nesse plano, a navegação pelo *feed* ocorre em meio às contingências do cotidiano e sem um propósito utilitarista prévio de coleta de dados. É nesse navegar comum que se ativa a dimensão do *corpo-sismógrafo*. Assim como o instrumento geofísico registra as vibrações invisíveis e os abalos ocultos nas profundezas da terra, o corpo da pesquisadora funciona como uma membrana sensível capaz de capturar as oscilações atmosféricas imperceptíveis a um olhar puramente textual ou quantitativo. As aparições e as escritas de si de Maíra Castanheiro não surgiram, portanto, como meros objetos de leitura, mas como forças que tocam a pele, desestabilizam o fluxo do olhar e geram um sobressalto estético ou afetivo. Nessa direção, o abalo registrado pelo *corpo-sismógrafo* aciona o gesto imediato de salvamento e captura do material empírico, motivado não por uma categoria teórica apriorística, mas pela afetação sensível sofrida no instante do encontro.

O segundo movimento, por sua vez, caracterizou-se pelo rastreamento e pela busca ativa e intencional, partes mesmas de um gesto próprio e direcionado de investigação. Uma vez despertada e convocada pela afetação do *corpo-sismógrafo*, a usuária cedeu espaço, portanto, a

uma rigorosa postura investigativa, assumindo-se enquanto pesquisadora. O gesto subsequente consistiu em um movimento mesmo de migração deliberada para o perfil público de Maíra Castanheiro, mimetizando o comportamento de um usuário comum, este que, tocado por uma postagem isolada, pode decidir por investigar a fundo a identidade digital que o afetou. No entanto, esse retorno ao perfil desvinculou-se da curiosidade ordinária e assumiu o estatuto de checagem e de confirmação científica. Dito por outras palavras, tal gesto buscou perscrutar a linha do tempo, mapear a recorrência das postagens, observar a disposição cronológica e arquitetar o encadeamento dos registros coletados.

Entre dezembro de 2025 e julho de 2026, esses dois movimentos alimentaram-se reciprocamente: a imprevisibilidade do fluxo ordinário garantia o frescor e a surpresa próprios da afetação atmosférica, enquanto o rastreamento ativo assegurava a sistematicidade, o registro temporal e o rigor necessários à validação científica do material empírico. Os dados levantados por essa pesquisa emergiram, portanto, na confluência propícia entre o calafrio na pele provocado pelas interações do *corpo-sismógrafo* no *lugar comunicacional* do Instagram e a disciplina do método deste mesmo *corpo-sismógrafo*, imbuído de um trabalho de pesquisa, voltado a documentar o próprio calafrio ora sentido.

Se as vibrações registradas pelo *corpo-sismógrafo* e o paradoxo da usuária-pesquisadora garantiram a surpresa e o frescor do abalo empírico no fluxo cotidiano, restava o desafio de submeter essa afetação sensível a um tratamento metodológico sistemático. A captura intuitiva e o calafrio na pele provocados pelo encontro com o objeto não esgotavam, portanto, o fazer científico; ao contrário, eles dispararam a necessidade de uma engenharia analítica capaz de converter o sensível em inteligível, frente às expectativas de uma tese cunhada junto ao Campo da Comunicação. Desse modo, o trânsito da afetação corporal para a descoberta teórica operacionalizou-se por meio de um protocolo rigoroso estruturado em três etapas interdependentes, cujos desdobramentos práticos passam a ser detalhados a seguir, numa espécie de tripartição do gesto analítico ora encetado.

4.11.2 O protocolo de operação analítica: a tripartição do gesto analítico

A tradução das afetações registradas pelo *corpo-sismógrafo* em dados inteligíveis para uma pesquisa em comunicação operacionalizou-se por meio de um protocolo analítico estruturado em três passos sequenciais e interdependentes. Esse percurso buscou garantir que a intuição sensível fosse submetida a um tratamento metodológico rigoroso, transformando a

experiência emergente no *lugar comunicacional* do Instagram em descoberta científica. Nesse sentido, tais passos podem ser vislumbrados como:

Passo 1 - A delimitação da unidade de análise como espaço relacional e diário público:

A primeira ação metodológica consistiu em delimitar o que compôs o *corpus* empírico da tese, rompendo com qualquer perspectiva que buscasse enxergar as publicações do perfil de Máira na plataforma como dados puramente textuais ou isolados. Cada unidade de análise compreendeu, exclusivamente, as publicações permanentes postadas por Máira no *feed* de seu perfil — o que engloba fotos estáticas, carrosséis de imagens e vídeos no formato *Reels* integrados à grade principal —, excluindo-se, portanto, os conteúdos efêmeros dos *stories* ou transmissões ao vivo (*lives*). Por extensão, essa delimitação exclui também as narrativas categorizadas na seção de Destaques do perfil por compreendermos que tal seção opera sob uma lógica de arquivo e historicidade estruturada, cuja organização exigiria um gesto de pesquisa marcadamente arquivístico. Vale lembrar que o escopo desta metodologia recusa o distanciamento de um inventário documental, orientando-se, ao invés disso, pelo fluir do momento e pelo acontecimento da afetação. Interessa-nos, com isso, flagrar o que emerge na vivacidade do fluxo cotidiano do *feed* e que convoca o *corpo-sismógrafo* até o perfil estudado, preservando a sintonia climática do tempo presente. Sob esse recorte, cada unidade de análise assumiu aqui uma natureza profundamente relacional, configurando-se como um fragmento de um "diário público" em que a escrita de si se manifestava como uma obra coletiva. Portanto, a unidade de análise compreendeu indissociadamente: a imagem ou o vídeo publicado, a disposição visual no caso de carrosséis, a legenda textual, a trilha sonora escolhida e, de maneira obrigatória, as interações e comentários entre Máira e seus seguidores. Dessa forma, partiu-se do pressuposto de que a subjetividade ali performada não se encerrava no polo da emissão; ela se tornava ativamente co-construída, tensionada e coescrita junto com as próprias modulações interacionais da plataforma, abertas à participação de sujeitos seguidores do perfil (quais sejam, sua audiência);

Passo 2 - Submissão ao Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo: Delimitada a unidade de análise — qual seja, cada publicação de Máira no Instagram —, o material era submetido diretamente ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*. O objetivo deste passo foi o de submeter o sensorial, o visível e o audível presentes na plataforma a uma fricção analítica, tensionando as forças que operavam entre as lógicas

comunicacionais aparentes e as latentes. Na superfície do aparente, situavam-se as escritas de si e as performatividades de gênero encenadas por Maíra Castanheiro. No entanto, ao friccionar essa camada em relação ao latente, o protocolo buscava flagrar os imperativos da gestão de si e das práticas compulsórias da comunicação organizacional. É nesse tensionamento que as análises da tese visavam explicitar as rachaduras do sujeito-gestor: o momento mesmo em que Maíra desvelava o que as lógicas neoliberais deveriam manter opaco e a sua audiência passava a cobrá-la não apenas como supostos espectadores, mas como uma espécie de públicos que se dirigiam a uma organização;

Passo 3 - A emergência e a nomeação das atmosferas comunicacionais: Como produto do tensionamento provocado pelo Diagrama, o protocolo culminou na emergência e na posterior nomeação das atmosferas comunicacionais que emergiam desse contato entre o *corpo-sismógrafo* da pesquisadora e o *lugar comunicacional* do Instagram, em seu dispositivo móvel. Apoiando-se no aparato teórico que ancora esta tese — em especial na concepção de atmosfera comunicacional que cruza as formulações de França (2016), Gumbrecht (1994, 2010, 2014), Tuan (1983, 2018) —, a pesquisadora realizou o gesto analítico de batizar os climas afetivos que emanavam do arranjo empírico analisado. Desprovido de qualquer pretensão quantitativa ou estatística, este passo dedicou-se ao reconhecimento qualitativo e sensorial das atmosferas comunicacionais, buscando nomeá-las. De modo específico, nomear a atmosfera comunicacional significou, junto aos intuits desta tese, dar contorno científico ao invisível, estabilizando conceitualmente o clima capturado pelo *corpo-sismógrafo*.

A fixação desse protocolo em três etapas conferiu, à investigação ora proposta, uma sistemática necessária para analisar, a partir do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, uma espécie de anatomia das atmosferas comunicacionais que emanavam de cada unidade de análise selecionada. Contudo, a estabilização técnica desse passo-a-passo faz emergir um último e incontornável desafio epistemológico: justificar de que maneira o escrutínio de fragmentos tão específicos e o apego à trajetória de um único sujeito podem iluminar dinâmicas estruturais que ultrapassam as fronteiras do próprio objeto. Para responder a esse impasse e defender a tese contra o risco do casuísmo isolado, desborda-se da mecânica analítica em direção à fundamentação metodológica que converte a singularidade empírica do caso em generalização inteligível para o campo, conforme se articula a seguir.

4.11.3 Da singularidade do indício de caso à generalização inteligível do indício de campo

A validação de um percurso metodológico assentado sobre a sensibilidade do *corpo-sismógrafo* e focado na análise de uma trajetória singular — o perfil de uma única produtora de conteúdo no Instagram — exigiu-nos uma rigorosa demarcação de suas fronteiras e potencialidades científicas. Para além de uma descrição biográfica ou de um estudo restrito a uma individualidade isolada, o tratamento do material empírico nesta tese fundamenta-se na articulação com o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989) — trazido para o campo da Comunicação pelas reflexões de José Luiz Braga (2008) —, associando-o à sua proposição metodológica acerca dos indícios de campo.

O olhar voltado para o detalhe marginal, para as rasuras da escrita de si e para os sintomas que escapam ao controle da performatividade em voga constitui a herança ginzburguiana deste método. É na esteira desse pensamento que se opera a distinção fundamental proposta por Braga (2008): a diferenciação entre os *indícios de caso* e os *indícios de campo*. Se a investigação se limitasse a rastrear as publicações e interações sob o objetivo de decretar uma verdade factual, biográfica ou psicológica sobre a vida real e íntima de Máira Castanheiro, o resultado estaria restrito aos indícios de caso. Embora legítimos em outras instâncias, os indícios de caso esgotam-se na própria singularidade do sujeito analisado, oferecendo respostas válidas apenas para aquele fenômeno circunscrito.

Como pesquisa inscrita no domínio da Comunicação, contudo, o gesto analítico desta tese opera em outra escala: ao capturar as publicações de Máira no Instagram, e ao submetê-las ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, com vistas a nomear as atmosferas comunicacionais emergentes, a investigação propõe-se a elevar esses achados ao estatuto de indícios de campo (Braga, 2008). Sendo assim, as atmosferas mapeadas e batizadas não pretendem julgar a autenticidade da pessoa física por trás da tela, mas sim funcionar como sintetizações teóricas e simbolizações de tendências, possibilidades e lógicas estruturantes que atravessam e constituem a comunicação na contemporaneidade.

Dito por outras palavras, o perfil de Máira Castanheiro, aqui posto sob análise, funciona como um microcosmo denso onde se tornam visíveis as pressões do cenário neoliberal sobre a subjetividade. Quando o *corpo-sismógrafo* registra, por exemplo, o abalo de uma atmosfera de sofrimento gerada pelos imperativos da produtividade contínua e da monetização da vulnerabilidade, o que se desvela não é um dilema estritamente pessoal de Máira Castanheiro, mas um indício que revela como a comunicação contemporânea tende a se materializar nas

interações cotidianas dos sujeitos, e a se corporificar nas dinâmicas de gerenciamento de si nas plataformas digitais.

Dessa forma, a validade e o rigor da tese não dependem de uma amostragem estatística ou de uma pluralidade de perfis, mas sim da profundidade e da transparência com que o caminho analítico foi trilhado. Ao transformar a afetação sensível em indício de campo, esta metodologia oferece uma chave inteligível e transferível, abrindo caminhos teóricos para que essas mesmas engrenagens comunicacionais e processos de formação subjetiva possam ser pensados e investigados em outros sujeitos, em outros corpos e por outras plataformas que habitam o atual ecossistema midiático.

Em vista disso, o protocolo analítico aqui delineado encerra o percurso que vai do impacto bruto sentido no *corpo-sismógrafo* à lapidação conceitual dos indícios de campo. Com a sedimentação desse percurso — que articula o celular como *lugar comunicacional*, a imersão da usuária-pesquisadora e o poder de filtragem do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* —, a arquitetura metodológica desta tese seguirá, nos próximos capítulos, a apresentar os modos como a mesma foi operacionalizada na empiria.

Como desdobramento operacional do protocolo aqui descrito, e com o propósito de conferir transparência ao percurso realizado, apresenta-se a seguir o Quadro 1, intitulado *Detalhamento do corpus empírico ilustrativo dos movimentos atmosféricos*. Cumpre sublinhar que a sistematização desse *corpus* não visa cancelar uma validação por amostragem estatística ou por exaustão quantitativa — lógica outrora recusada —, mas sim oferecer um mapa de visibilidade analítica para que o leitor acompanhe as estações de afetação por onde o *corpo-sismógrafo* da pesquisadora transitou. Cada unidade de análise (UA) selecionada representa a cristalização de uma experiência singular nas dobras da interface e serve como referência direta para as articulações analíticas que serão aprofundadas no Capítulo 4.

Quadro 1 – Detalhamento do *corpus* empírico ilustrativo dos movimentos atmosféricos

Unidade Análise (UA) e Formato	Descrição sucinta da publicação e do Ambiente Interacional	Vinculação ao Diagrama e Movimento Atmosférico
UA 1 (Carrossel)	Carrossel de 10 imagens iniciado por uma fotografia de um amanhecer sombreado por árvores, sob a trilha sonora de Erasmo Carlos (<i>É preciso dar um jeito, meu amigo</i>). Na legenda, Máira relata o pagamento de uma dívida de 25 mil reais acumulada em uma batalha jurídica de dez anos, o cansaço que quase a levou a	Quadrante 2 - A fissura exposta

	desistir e a celebração de sua resiliência através de autocuidado e consumo cultural no show do BaianaSystem. Nos comentários, ela interage com advogadas e seguidores legitimando sua trajetória de luta.	Movimento 2: Aprovação e Pressão.
UA 2 (Carrossel)	Carrossel de três imagens contendo retratos profissionais de estúdio, sob a música <i>Trabalho Duro</i> , de 2metro. Na legenda, Maíra celebra a conquista de um novo emprego por mérito próprio, sem apadrinhamentos, exaltando sua resiliência e o direito de ser autêntica. Nos comentários, capitaliza a comoção e a identificação de seus seguidores para ofertar o acesso pago ao seu infoproduto ("Laboratório Escrita de Si") e ao seu financiamento coletivo no Apoia.se.	Quadrante 1 — A performance eficiente Movimento 1: Expectativa e Progresso.
UA 3 (Foto única)	Fotografia em plano aberto e em preto e branco de Maíra, solitária no topo de uma duna de areia, em frente ao mar. Sob a melancólica trilha de Otto (<i>Por Que</i>), a legenda expressa um forte desabafo sobre rejeição no mercado de trabalho e afetivo, o sentimento de punição social por sua conduta e a dor da incompreensão. Nos comentários, Maíra interage com seguidores acolhendo desabafos financeiros semelhantes e direcionando-os ativamente para o consumo de seu conteúdo fechado no Apoia.se.	Quadrante 2 — A fissura exposta Movimento 3: Excitação e Frustração.
UA 12 (Carrossel)	Carrossel de sete imagens publicado com recurso de áudio original de narração na segunda tela. A primeira imagem mostra um retrato de Maíra; as telas seguintes exibem capturas de tela (<i>prints</i>) de respostas geradas pelo ChatGPT, que conceitua e coroa Maíra Castanheiro como "a maior referência de mãeconheira no Brasil", justificando a titulação com base em sua autoria pioneira, intelectualidade afetiva, ativismo vivo e presença midiática nacional. Na legenda, a autora valida o veredicto da máquina para autoafirmar sua independência identitária ("sem me submeter a nada e a ninguém") e anuncia uma estratégia comercial de urgência: a rifa de seu último exemplar físico e esgotado de o <i>Diário de uma Mãeconheira</i> para levantar fundos rápidos. No ambiente interacional, os seguidores reagem com entusiasmo, celebram a "concordância" entre a máquina e a realidade, confirmam a aquisição de seus livros anteriores e legitimam sua posição de vanguarda no debate público nacional.	Quadrante 2 — A fissura exposta. Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço
UA 13 (Carrossel)	Carrossel de 10 imagens que tensiona o refúgio na natureza e a crueza da sobrevivência digital. A primeira imagem apresenta Maíra sorrindo de forma serena diante de uma lagoa ao entardecer; a segunda tela exhibe a linha do horizonte entre árvores tropicais sob o pôr do sol. Em forte contraste visual e temático, as telas seguintes trazem capturas de tela (<i>prints</i>) de e-mails institucionais e interfaces de plataformas: o aceite de sua matrícula na	Quadrante 2 — A fissura exposta Movimento Atmosférico 4:

	UFJF e a página da plataforma Apoia.se com alguns de seus textos e com repasses financeiros. Na legenda, a autora elabora um manifesto sobre o "direito ao fracasso", rejeitando as desculpas estruturais macropolíticas para assumir a crueza de sua vulnerabilidade econômica, a necessidade urgente de vender livros, e o desejo ambivalente de alcançar uma escrita tão avassaladora que a retire definitivamente da necessidade de se expor. No ambiente interacional, os seguidores tentam validar seu talento literário enquanto Maíra expõe o cansaço diante da métrica invisível das plataformas.	Disponibilidade e Cansaço
UA 19 (Carrossel)	Carrossel de 5 imagens com a trilha sonora de fundo <i>Carpinteiro do Universo</i> , de Marcelo Nova e Raul Seixas. A primeira tela mostra uma praia com uma bandeira vermelha de sinalização na areia, sobreposta por uma caixa de texto onde se lê: "Eu não sou ATIVISTA e FEMINISTA, eu TENTO ser ARTISTA e INTELLECTUAL". A segunda tela traz um bloco de texto, no qual Maíra defende seu argumento (a terceira e a quarta imagens são continuidade do texto). A última imagem direciona o público para a assinatura no Apoia.se. Na legenda, Maíra recusa os rótulos de ativista e feminista para se afirmar como mulher, mãe e escritora, resgatando sua trajetória juvenil no movimento estudantil e recorrendo à história literária da contracultura (Geração Mimeógrafo e Beatniks) para legitimar a escrita de si como busca pela verdade. O ambiente interacional é receptivo, debatendo o binarismo ideológico e o esvaziamento das causas sociais transformadas em mercadorias estéticas na internet.	Quadrante 3 – A gramática oculta, com sobreposição ao Quadrante 1 – A performance eficiente Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso
UA 21 (Reels)	<i>Reels</i> com áudio original de Maíra falando, com exibição de legendas geradas, ao que parece, de forma automática. No áudio, ela desabafa sobre a pesada obrigação legal e moral de cuidar de um genitor idoso e negligente que a abandonou na infância; ao que tudo indica parece ser sua mãe. Maíra teoriza que o "cuidado de si" não é um direito, mas um dever biopolítico para evitar tornar-se um "peso" financeiro e emocional para o Estado e a sociedade, cobrando autorresponsabilidade dos indivíduos. No ambiente interacional, a publicação gerou debates sobre a crueldade da indústria farmacêutica/alimentícia, desabafos de seguidores vivendo dramas semelhantes e observações sobre a prática religiosa de Maíra.	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 2: Aprovação e Pressão.
UA 28 (Foto estática)	Imagem de Maíra com aparência natural, editada por inteligência artificial com ilustrações douradas digitais (<i>doodles</i>) e frases motivacionais sobre a escrita de si. Na legenda, Maíra reflete sobre seu ofício de professora e	Quadrante 4 – A captura biopolítica

	escritora independente, orgulhando-se de pagar suas contas sem recorrer a concessões estéticas (maquiagem, filtros) ou mercadológicas extremas, mesmo enfrentando dificuldades financeiras e dívidas no cartão de crédito. Ela defende que sua vida "está dando certo" à margem das cobranças de ostentação das redes, embora reafirme sua obstinação em prosperar por meio de seus serviços e infoprodutos. Nos comentários, Maíra disponibiliza o <i>link</i> de assinatura do Apoia.se e compartilha com a audiência o método tecnológico de criação da imagem utilizada nesta publicação.	Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Esse mapeamento descritivo prepara o terreno para os passos subsequentes da tese. Nos capítulos 4 e 5, nos dedicaremos ao detalhamento e ao cumprimento do terceiro e do quarto objetivos específicos desta investigação, quais sejam: *identificar as atmosferas comunicacionais que emergem pelo perfil @mairacastanheiro no Instagram*, e *examinar como as atmosferas comunicacionais emergentes pelo perfil @mairacastanheiro no Instagram afetam a constituição de subjetividades contemporâneas quando atravessadas pelas plataformas digitais*, respectivamente. Em especial no próximo capítulo, apresentaremos minuciosamente a nossa interação com esse *corpus* empírico detalhado, explicitando, a partir desse encontro sensível, o modo como cada unidade de análise ilustra as categorias que emergiram como resultados da *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*.

Antes, porém, de lançar este aparato sobre as escritas de si de Maíra Castanheiro, cabe operar um último balanço crítico sobre as premissas, os riscos e os horizontes epistemológicos que sustentam este olhar, tarefa que se impõe nas considerações finais que encerram este capítulo.

4.12 Considerações finais do capítulo

Ao concluir o percurso de fundamentação e desenho operacional da *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*, esta investigação firma uma postura epistemológica e política diante do fazer científico na contemporaneidade. Longe de configurar apenas um preâmbulo instrumental para os capítulos analíticos que se sucedem, este capítulo metodológico assume-se, em si mesmo, também como um dos resultados centrais desta tese. A necessidade de arquitetar esse arranjo emergiu da constatação de que o fenômeno estudado — o modo como as lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram capturam e tensionam a constituição de subjetividades contemporâneas — exigia um deslocamento o qual os métodos hermenêuticos e

puramente textuais tradicionais não eram capazes de comportar. Propõe-se aqui, portanto, não um modelo estático de leitura de mensagens, mas uma forma corporificada e atmosférica de tentar apreender as plataformas e as subjetividades contemporâneas então midiaticizadas.

Um ponto fundamental que visa resguardar o rigor deste constructo é o reconhecimento de que o *corpus* empírico desta tese reflete a natureza orgânica e viva do percurso adotado. Visto que a investigação se desenvolve no Instagram — um ecossistema marcado pela atualização constante, pela volatilidade dos fluxos e por interações em tempo real —, o campo de observação não se encerra em um recorte temporal estanque ou isolado no passado. A pesquisa preserva sua permeabilidade ao objeto e sustenta sua abertura até a sua conclusão definitiva. Significa dizer que, enquanto o diálogo entre o *corpo-sismógrafo* da pesquisadora e as emanções da plataforma persistir, novos indícios capazes de desvelar tensões suplementares ou de confirmar as atmosferas comunicacionais já mapeadas podem ser integrados à reflexão, assegurando à tese o estatuto de um organismo dinâmico e atento às manifestações latentes do fenômeno.

Por fim, esta metodologia chancela-se como tributária de um *pensamento de risco*, nos termos propostos por Gumbrecht (2007). Nessa formulação, o pensamento de risco pressupõe uma entrega radical ao acontecimento, cenário no qual a pesquisadora — tal como o espectador de uma performance estética de alta intensidade — abre mão da segurança das garantias conceituais pré-estabelecidas e dos anteparos burocráticos imediatos (como o registro engessado em diários de bordo tradicionais) para habitar o presente da manifestação e permitir que a presença produza lampejos inéditos de entendimento e análise da realidade, comprometida com o sentido e com a presença (Gumbrecht, 2010). Dessa maneira, a intuição, a sensibilidade e a afetação corporal da pesquisadora buscam ser validadas como práticas científicas de um trabalho de pesquisa em comunicação, abdicando-se, definitivamente, da pretensão de uma neutralidade asséptica em relação ao contexto empírico. O rigor da investigação desloca-se, assim, da busca por uma verdade consensual única para os esforços de transparência do percurso investigativo e analítico ora realizado.

Apoiando-se na perspectiva de Braga (2008), o exercício de análise operado sobre os indícios de campo não ambiciona decretar regularidades estatísticas ou certezas absolutas, mas sim guiar-se pela lógica da possibilidade. Dessa forma, como poderá ser visto nos capítulos subsequentes, as atmosferas comunicacionais aqui nomeadas e analisadas apresentam-se como tendências estruturais da subjetividade contemporânea, quando capturada pelo cenário neoliberal. A análise, portanto, demonstra-se científica e com possibilidades de replicação não porque supostamente esgote os múltiplos caminhos e vieses presentes no perfil de Maíra

Castanheiro, mas porque busca explicitar, de forma constante, os passos e os abalos que tornam as modulações comunicacionais existentes na plataforma em gestos inteligíveis, oferecendo ao Campo da Comunicação uma chave analítica possível para compreender como as lógicas de organizações algorítmicas operam, constroem e desafiam os corpos e as escritas de si na atualidade.

5 CAPÍTULO 4: ENTRE O FLUXO E O ABALO: A EMERGÊNCIA DE ATMOSFERAS COMUNICACIONAIS EM MOVIMENTO NO PERFIL @MAIRACASTANHEIRO

5.1 Introdução

Ao mover o olhar do horizonte metodológico para o espaço vivo da empiria, este capítulo assume o desafio de converter as pistas e os vestígios capturados no Instagram em matéria de inteligibilidade crítica. Se o percurso delineado anteriormente nos ensina a abdicar das certezas para abraçar a lógica da possibilidade de generalização (Braga, 2008), é na materialidade cotidiana do perfil @mairacastanheiro que essa sensibilidade investigativa ganha corpo. Trata-se, portanto, de habitar o espaço interacional do Instagram não como um repositório estático de discursos, mas como um *lugar comunicacional* atravessado por intensidades e forças invisíveis. Assim, cruzando os limites da governança algorítmica e da gestão neoliberal de si, este constructo analítico se lança ao rastreamento das ranhuras e dos abalos que emergem no fluxo da plataforma, investigando como os corpos e as escritas de si são tensionados e, simultaneamente, forjam modos outros de existência no contemporâneo.

Para que as modulações sensíveis que habitam o perfil @mairacastanheiro ganhem a pretendida inteligibilidade, faz-se necessário explicitar o desenho e a anatomia das unidades de análise que estruturam este capítulo. Recusando uma perspectiva textocêntrica/midiacêntrica ou um isolamento unicamente interpretativo, cada unidade de análise é aqui compreendida em sua natureza profundamente relacional, configurando-se como um fragmento de um *diário público*, cuja escrita de si manifesta-se como uma obra essencialmente coletiva. Sob esse recorte e como mencionado antes, a empiria debruça-se exclusivamente sobre as publicações permanentes postadas no *feed* do perfil analisado — o que engloba fotos estáticas, carrosséis de imagens e vídeos no formato *Reels* integrados à grade principal —, excluindo-se os conteúdos efêmeros dos *stories* e das transmissões ao vivo (*lives*) e o conteúdo arquivístico dos Destaques.

Dessa forma, cada unidade de análise é tratada de maneira indissociável a partir de uma composição integrada por quatro dimensões fundamentais: 1) *a imagem ou o vídeo publicado*, capturado em sua disposição visual original para preservar os indícios e as materialidades estéticas dos quais se emanam as atmosferas; 2) *a legenda textual*, mantida em sua integridade de quebras de linha e grafias como marca da performance biográfica; 3) *a trilha sonora escolhida*, tomada não como mero ornamento, mas como vetor sonoro de irradiação e afetação sensível; e, 4) *o ambiente interacional*, materializado nas interações e comentários tecidos entre

Maíra e seus seguidores. É na fricção e na mútua alimentação entre esses elementos que o *Pacto Sensorial* e a copresença mediada se revelam, permitindo flagrar tanto os imperativos do fluxo algorítmico e mercantil quanto as ranhuras e os abalos que fraturam as escritas de si, a performatividade de gênero, a gestão de si e as práticas compulsórias da comunicação organizacional no cotidiano da plataforma. Ademais, buscando salvaguardar o estatuto da presença e permitir que o leitor experiencie as emanções atmosféricas em sua vivacidade multimodal, cada unidade de análise disponibiliza um *link* de direcionamento hipertextual e um *QR Code* para acesso direto à publicação original no Instagram.

A própria titulação que rege este capítulo carrega a premissa central desse movimento analítico. Falar em uma *emergência de atmosferas comunicacionais em movimento* significa reconhecer que os afetos e as tonalidades irradiados na tela não se congelam em estruturas rígidas ou fixas. Ao contrário, eles oscilam e se transformam na exata medida em que o fluxo algorítmico da plataforma — que impõe a constância, a velocidade e a espetacularização do eu — colide com os abalos de um corpo que resiste e padece. O movimento, portanto, reside na fricção contínua entre a captura mercadológica e a insistência do sujeito em permanecer e fazer-se notar. Evidencia-se, assim, uma dinâmica sutil em que a escrita de si se desloca entre o imperativo de um progresso compulsório e o grito de exaustão que rasga a interface. Para compreender como esse tecido sensível foi capturado pelo meu *corpo-sismógrafo*, faz-se necessário recuar no tempo e detalhar o percurso tortuoso de maturação metodológica, mapeando os critérios que ditaram a escolha e a delimitação do material empírico que sustenta esta tese.

Para alcançar tal fim, este capítulo está estruturado em três seções fundamentais, para além desta introdução. Na seção 4.2, sob o título *O sismógrafo em calibragem: da intuição à delimitação operacional do diário público*, recupero os bastidores da pesquisa de campo, destrinchando o processo de refino perceptivo do meu *corpo-sismógrafo* e justificando os critérios que consolidaram tanto o *corpus* empírico definitivo de 30 unidades de análise, quanto o *corpus* empírico ilustrativo de oito unidades de análise. Na sequência, a seção 4.3, intitulada *Fricções atmosféricas em tela: o esforço heurístico de categorização e as unidades de análise*, apresenta o protocolo de documentação visual e interacional desenhado para as publicações e detalha a operacionalização das variáveis do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*; em seguida, essa mesma seção desdobra-se na exposição dos quatro movimentos atmosféricos em que as fricções observadas pelas escritas de si do perfil @mairacastanheiro ganham materialidade por meio de oito publicações representativas. Por fim, nas *Considerações finais do capítulo*, realizo uma síntese integradora das evidências observadas, delineando os indícios

do caso que pavimentam o terreno para a posterior conversão teórico-conceitual a ser empreendida no Capítulo 5.

A partir desse desenho, a passagem para a seção 4.2 e para os bastidores metodológicos da tese revela que a objetividade e a calibração do olhar na análise de atmosferas comunicacionais no ambiente digital exigem o detalhamento transparente dos itinerários subjetivos, das vivências institucionais e das afetações incorporadas da pesquisadora diante da tela.

5.2 O sismógrafo em calibragem: da intuição à delimitação operacional do diário público

Ingressar no espaço de análise do perfil @mairacastanheiro exigiu-me resgatar o próprio itinerário de afetação e maturação que transformou minha experiência sensível em desenho metodológico. O encontro com o *corpus* desta tese consolidou-se, inicialmente, num conjunto de 50 publicações salvas diretamente no Instagram. Essas postagens foram sendo resguardadas de modo processual, na exata medida em que cruzavam meu *feed* e operavam uma afetação corporal imediata, inscrevendo no meu próprio corpo os primeiros indícios de que algo ali demandava inteligibilidade. Contudo, o refinamento que culminou na seleção de 30 unidades de análise exigiu um árduo, porém necessário, gesto de descarte e corte metodológico.

Ao longo dos anos de 2023 e 2024, diante das recorrentes manifestações de frustração e das ameaças de Maíra de que abandonaria definitivamente o Instagram, iniciei um esforço preventivo de arquivamento. Temendo o apagamento abrupto daquele rastro autobiográfico pela iminência da saída de Maíra, passei a efetuar capturas de tela (*prints*) e a construir um volumoso arquivo no *software* Word, registrando as datas das postagens, as imagens correspondentes e a cópia integral de suas legendas. À época, todavia, o aparato metodológico desta pesquisa ainda tateava na penumbra: a metodologia não estava formalizada e, embora houvesse a firme convicção afetiva de que o perfil de Maíra seria o território empírico da tese, faltavam as ferramentas conceituais para nomear o que eu sentia. Como pesquisadora, eu era afetada pelas emanções da tela, mas ainda não possuía a chave de leitura para decifrá-las enquanto *atmosferas comunicacionais*.

Foi no âmbito das interlocuções semanais das reuniões de orientação que deliberamos pelo não aproveitamento desse material primevo. Tal descarte justificou-se pelo fato de que aqueles arquivos remetiam a um período anterior ao advento da minha sensibilidade atmosférica enquanto pesquisadora. Para que a análise de atmosferas se sustentasse cientificamente sob a ótica do *corpo-sismógrafo*, a interação com a plataforma precisaria ser registrada após a

calibração do meu olhar de sujeito sensível, permitindo-me registrar conscientemente as modulações da presença e as falhas do fluxo. Esse fenômeno de maturação ocorreu de modo próprio apenas nos anos de 2025 e 2026, por meio de um encadeamento de deslocamentos teóricos e vivências institucionais que transformaram a intuição em método.

Meu contato inaugural e transformador com a virada atmosférica deu-se por provocação do meu orientador, que sugeriu nossa participação — como comentado na Apresentação desta tese — em um evento acadêmico divulgado na lista de e-mails da Compós: o I Colóquio de Estudos Atmosféricos: Leituras sobre climas, humores e atmosferas nas Humanidades. Dedicando-me ao exame aprofundado da temática, mobilizamos as bases conceituais de Hans Gumbrecht — autor já basilar na pesquisa em desenvolvimento — para, em coautoria com meu orientador, submetermos e apresentarmos o trabalho *Perspectivas atmosféricas na análise de ambiências digitais: possibilidades metodológicas para a compreensão do Instagram*³⁸, focado nas atmosferas midiaticizadas. As contribuições colhidas no debate coletivo daquele colóquio dispararam a faísca interpretativa que culminou na criação do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* como modelo operacional de visualização e categorização empírica da tese.

Amparada por essa nova grade de inteligibilidade, o desejo de iniciar a imersão de campo tornou-se premente. Passei, então, a arquivar materiais sob um viés ainda intuitivo, período que coincidiu com a complexa preparação logística e teórica para o estágio de doutorado sanduíche no Japão. Durante a estada no exterior, as demandas para o cumprimento do plano de atividades pactuado junto ao KOIAS — envolvendo apresentações da pesquisa e discussões do arcabouço teórico-metodológico em desenvolvimento — dividiram espaço com as rodadas de discussão metodológica remotas e semanais com meu orientador. Tratávamos de decifrar o maior enigma da tese: Como transmutar a natureza etérea e fugidia da noção de atmosfera em um protocolo metodológico aplicável e replicável? Ao longo desses meses de imersão conceitual, meu *corpo-sismógrafo* continuava a tatear o perfil de Maíra, catando e separando publicações à medida que os abalos na tela faziam vibrar meu aparato sensitivo.

No entanto, a clareza metodológica definitiva e a virada na relação com o material empírico só se consolidaram na esteira do retorno do doutorado sanduíche, impulsionadas pela

³⁸ O referido trabalho buscou articular os Estudos Atmosféricos e o campo da Comunicação Organizacional para investigar como lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram afetam a constituição de subjetividades contemporâneas. Tendo o perfil @mairacastanheiro como contexto empírico, o texto combinou a análise indiciária e a estética das materialidades da comunicação para examinar os tensionamentos entre adesão e resistência nas escritas de si, jogando luz sobre os impactos da midiaticização intensificada, o deslocamento das subjetividades e a produção de atmosferas no ecossistema digital.

escrita e apreciação crítica de dois textos científicos subsequentes. O primeiro, intitulado *Atmosferas de pressão e falhas nas lógicas de gestão do Instagram: escritas de si e a disputa pela existência no contemporâneo*³⁹, também escrito em coautoria com meu orientador e apresentado no VII SICO (Seminário Internacional de Comunicação Organizacional), no final de novembro de 2025, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e o segundo, denominado *Midiatização intensificada e lógicas gestionárias: a expansão da comunicação organizacional para a construção de subjetividades contemporâneas no Instagram*⁴⁰, gestado para o 34º Encontro Anual da Compós. Foi o exercício rigoroso de textualização e submissão desses trabalhos ao crivo dos pares que me permitiu finalmente enxergar as publicações de Maíra não mais como fragmentos isolados, mas como *unidades de análise* complexas, prontas para serem tensionadas pelas forças vetoriais do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*.

À luz dessa maturação, procedi à triagem definitiva que resultou nas 30 publicações selecionadas, cuja circulação temporal compreende o intervalo estrito entre o início de 2025 e o dia 8 de julho de 2026. Esta data limite marca o momento em que interrompi formalmente o contato de extração empírica com o perfil, registrando e salvando a última postagem permanente que viria a compor a Unidade de Análise 30. Longe de constituir um recorte puramente matemático ou uma amostragem fria de dados, a redução do *corpus* inicial de 50 registros salvos para as 30 unidades de análise deu-se por meio do acionamento metodológico das quatro dimensões da experiência perceptiva do meu *corpo-sismógrafo*: a *atenção*, a

³⁹ O trabalho em tela propõe o conceito de *atmosfera de pressão* para refletir sobre como as plataformas digitais, ao operarem por lógicas gestionárias latentes, condicionam os modos de existência e a autoapresentação contemporânea. Tendo o perfil @mairacastanheiro como horizonte empírico, a investigação adota uma abordagem estético-interpretativa e a análise indiciária para decifrar como imagens, legendas e interações guardam rastros de tensões e desabafos. O estudo demonstra que a eficiência dos mecanismos algorítmicos depende de sua invisibilidade, de modo que os momentos de vulnerabilidade expostos pela usuária rompem essa latência e geram "falhas" nas lógicas operadas pela plataforma. Essas fissuras evidenciam uma ambivalência crucial: ao mesmo tempo em que revelam a sujeição ao ecossistema digital, abrem brechas micropolíticas de resistência onde o sujeito comum disputa sua autonomia e afirma sua validade existencial.

⁴⁰ O artigo investiga como as lógicas gestionárias da comunicação organizacional extrapolam as fronteiras institucionais e passam a ser apropriadas por sujeitos comuns em contextos de midiática intensificada. Tomando o perfil @mairacastanheiro no Instagram como objeto, o estudo examina de que modo práticas cotidianas de autoapresentação, gerenciamento de imagem e busca por engajamento digital mimetizam estratégias e parâmetros típicos do universo corporativo. A pesquisa aponta para uma ambivalência estrutural em que a gestão da presença pública sob métricas organizacionais gera, simultaneamente, autonomia e precarização subjetiva; por outro lado, demonstra como esses indivíduos tensionam tais amarras algorítmicas, cavando brechas para resistir e ressignificar suas próprias narrativas. O trabalho propõe, fundamentalmente, expandir o estatuto teórico da comunicação organizacional, compreendendo-a como um fenômeno capilarizado que atua na modelagem das subjetividades e das relações sociais contemporâneas. Ainda que o mesmo não tenha sido selecionado para apresentação durante o Encontro, os pareceres recebidos foram fundamentais para o amadurecimento do método e de sua relação com o campo empírico investigado.

cognição, a *sensação* e o *sentimento*. Como preconizado pelo paradigma da cognição incorporada de Varela, Thompson e Rosch (1991) e pelas descobertas neurobiológicas de Damasio (1994, 1999) — discutidos anteriormente na seção 3.6 do capítulo 3 —, o corpo que pesquisa e flana pela interface não é uma mente isolada, mas um organismo integrado cujos afetos e intelecção emergem de forma indissociável das materialidades do ambiente.

Para que esse diário público se consolidasse como espaço de inteligibilidade, o primeiro vetor de abertura do campo foi a *atenção*. Importa esclarecer, contudo, que o mapeamento atmosférico não se ergueu a partir de uma busca mecânica ou de um rastreamento algorítmico artificial. O método adotado caracterizou-se pela fricção entre uma atenção flutuante e uma cognição focada. O estado de atenção flutuante implicava abdicar de uma postura de caça ativa e inflexível; eu permitia que o fluxo ordinário do Instagram corresse pela tela, de modo que as publicações de Maíra Castanheiro me alcançavam organicamente no *feed* nativo do meu celular, confundindo-se com o ato cotidiano de navegar pela plataforma. Todavia, essa aparente dispersão era imediatamente capturada por uma cognição focada e em estado de prontidão teórica: meu olhar sintonizado agia como um filtro dinâmico, reconhecendo o instante exato em que a aparição de Maíra operava um corte ou ruído na minha linha do tempo. Esse arranjo permitiu-me registrar não apenas o dado da tela, mas as circunstâncias e os efeitos de presença que circundavam o meu próprio corpo no momento do impacto de cada publicação.

A essa atenção flutuante de cognição focada somou-se a *cognição* propriamente dita como dimensão de processamento e integração de sentido. Foi a cognição que me permitiu decodificar racionalmente as estruturas linguísticas, as táticas de escrita de si e a dinâmica interacional das publicações de Maíra, conferindo inteligibilidade discursiva àquilo que, inicialmente, apresentava-se como uma intuição difusa na tela.

O grande critério de refino da seleção, contudo, residiu no acoplamento entre a *sensação* e o *sentimento*. Diante de certas publicações, a memória do contexto imediato de recepção desvanecia-se, mas a *sensação* física — o impacto material de uma imagem, de uma trilha sonora, do tom de voz de Maíra em um *Reels* ou do cuidado com um texto — persistia na espessura do meu "corpo sentido", manifestando-se na forma de arrepios, estranhamentos ou tremores na pele. Essa afetação somática bruta traduzia-se, na sequência, em um *sentimento* consciente e espacializado — uma vibração de euforia (quando eu sentia ter "encontrado um material precioso"), uma pontada de cansaço compartilhado ou uma indignação ética diante da violência algorítmica.

Ao registrar essa ressonância afetiva em mim e, simultaneamente, rastrear o sentimento de exaustão ou de insistência que a própria Maíra inscrevia em sua performatividade, meu

corpo-sismógrafo consolidou sua calibragem. Foi a soma da minha *percepção encarnada* com a *materialidade concreta da publicação* (imagem, legenda, música e comentários) que permitiu a seleção final e a posterior submissão dessas 30 unidades de análise ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, revelando quais atmosferas eram, de fato, as mais representativas e estruturantes daquele espaço de vida registrado no perfil em análise.

Assumi, com isso, uma premissa ético-política: a de que o cotidiano da minha vida interagindo e sendo afetada pelo ecossistema do Instagram é um acontecimento comunicável, metodologicamente válido e caro à elucidação do problema de pesquisa desta tese. Compreender o movimento comunicacional do sujeito comum na plataforma exige, portanto, habitar essa fricção sensível na qual o sismógrafo corporal atua não como um instrumento asséptico de medição, mas como uma interface viva de ressonância ética e estética com o outro.

Amparada por esse rigor sensível como primeiro movimento de organização analítica, operei, então, uma submissão preliminar e célere de cada uma das 30 publicações pelos quadrantes do Diagrama. Esse esforço inicial buscou apreender as emergências de intensidade e de presença de cada cena visual e sonora, tateando o sentimento geral que emanava da interface antes mesmo de uma imersão minuciosa em seus conteúdos discursivos. Longe de ser um ordenamento artificial, foram as próprias propriedades sensíveis e materiais desse conjunto empírico que inspiraram a emersão e a consolidação das categorias heurísticas adotadas nesta pesquisa.

Esse desenho analítico, pactuado em sintonia com a orientação nas etapas derradeiras da escrita metodológica, buscou responder ao desafio de apresentar o resultado da aplicação da *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*. O objetivo central do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* não reside em universalizar condutas, mas em alcançar uma generalização minimamente possível — inspirada pela lógica da possibilidade de Braga (2008) —, que confira às atmosferas comunicacionais nomeadas a condição de tendências constitutivas da subjetividade contemporânea.

A escolha do perfil de Maíra Castanheiro como estudo de caso ganha relevo ético-político precisamente porque sua performatividade expõe as fraturas e os colapsos gerenciais operados pelo Instagram. Maíra não negocia passivamente com o mito do progresso; ela tensiona e denuncia o próprio dispositivo ao inscrever na tela o sofrimento de um sujeito que luta para existir e sobreviver sob as amarras corporativas da plataforma. Consequentemente, as atmosferas que emanam de suas escritas de si constituem as próprias aparições públicas e sensíveis desse fenômeno comunicacional.

Abre-se aqui, contudo, uma contradição biopolítica fundamental que dita a circulação do *corpus* na ambiência digital. O perfil sob análise mostra-se precioso para a investigação justamente porque dá a ver as fraturas íntimas e os movimentos de revolta da usuária, elementos estes que a gramática corporativa e operacional do Instagram, em tese, busca recalcar e silenciar. No entanto, a eficácia do ecossistema de plataforma revela-se tão avassaladora que a engrenagem é capaz de engolir a própria dissidência de Maíra: o Instagram tende a extrair valor financeiro daquilo que, a princípio, se constituiria como um resíduo de crítica à sua própria governança e operabilidade. Ao converter o desabafo, a denúncia algorítmica e o cansaço existencial em conteúdos interativos, por exemplo, a máquina parece capturar a insurgência e tende a monetizá-la por meio da exposição da própria crise. É sob o peso dessa captura ambivalente que os quadrantes do Diagrama ganham movimento e revelam o estatuto da constituição da subjetividade contemporânea.

O passo analítico inicial exigiu compreender o jogo de forças entre o visível e o invisível: Quais atmosferas recebem o aval das lógicas comunicacionais operadas pela plataforma para se tornarem aparentes e quais são por ela empurradas para a latência? Foi possível mapear um tensionamento em que o Instagram incita e estimula a aparição de certas tonalidades afetivas, enquanto tenta silenciar ou recalcar outras que contrariam a sua razão de ser mercantil. No caso de Maíra, contudo, a barreira do recalçamento algorítmico suaviza-se, e irrompe, por vezes, o indesejado pela própria plataforma: por meio de sua escrita insurgente, tanto atmosferas desejáveis quanto inoportunas vêm à tona, tornando o seu perfil um laboratório privilegiado para esta investigação.

Dessa fricção, estabelecemos a denominação geral que orienta a divisão deste capítulo em dois grandes blocos em coconstituição: as *atmosferas aparentes* — geradas pelas lógicas visíveis das escritas de si e da performatividade de gênero — e as *atmosferas latentes* — que emergem quando as lógicas subterrâneas da gestão de si e das práticas compulsórias da comunicação organizacional entram em colapso. Desse esforço de separação do material e formação do *corpus* da pesquisa, emergiram quatro grandes *atmosferas aparentes* e quatro grandes *atmosferas latentes*, intimamente imbricadas e sobrepostas no cotidiano da experiência do sujeito, correspondendo a quatro pares de mútua afetação:

Quadro 2 - Matriz de correspondência e coconstituição das atmosferas comunicacionais no perfil @mairacastanheiro

Atmosferas Aparentes (lógicas comunicacionais visíveis)	Atmosferas Latentes (lógicas comunicacionais ocultas)
Expectativa Aprovação	Progresso Pressão
Excitação Disponibilidade	Frustração Cansaço

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

No primeiro grupo, a dupla de atmosferas aparentes *Expectativa* e *Aprovação* amarra-se ao anseio de Maíra em corresponder às promessas de validação da plataforma, convertendo sua escrita de si em um apelo para ser reconhecida como sujeito e cancelada pelo olhar do outro. Nesse cenário, a ansiedade é o sintoma afetivo que tensiona essa busca: ela se manifesta na urgência corporal e mercantil em obter essa validação interacional externa, colando-se à necessidade de estabelecer processos de venda de seu trabalho para garantir a sobrevivência material no espaço digital. Essas duas emanções visíveis vinculam-se de forma direta à dupla de atmosferas latentes *Progresso* e *Pressão*.

O progresso atua como uma disposição experiencial latente na plataforma, constituindo o principal motor interacional que impulsiona os sujeitos a se engajarem na construção de um perfil atraente e capaz de capturar a atenção de outrem. Contudo, essa força vetorial opera de maneira sutil e velada: a própria arquitetura técnica do Instagram engendra uma impressão de organicidade, fazendo com que o investimento contínuo na interface pareça uma extensão natural e sem esforço do fluir cotidiano do sujeito. Embora, em um primeiro momento, o progresso possa se manifestar na forma de uma expectativa quantitativa — como a ampliação sistemática do número de seguidores e o alcance de visualizações —, ele se consolida, em um segundo nível, como um imperativo internalizado e naturalizado. É essa atmosfera latente de progresso que dita e normaliza o investimento afetivo e técnico do sujeito sobre si mesmo, materializando-se em operações compulsórias análogas às da prática da comunicação organizacional, que podem ser identificadas em ações que englobam administração de seguidores, segmentação de públicos, frequência de publicações, cuidado estético com o espaço do perfil e lapidação estética das narrativas de si, as quais configuram um constante processo de gestão sob pressão. Contudo, a expectativa do progresso falha de forma ruidosa no instante em que Maíra expõe os bastidores e "denuncia" que as promessas do ecossistema algorítmico fracassaram; enquanto isso, a pressão subterrânea da sobrevivência e o medo do banimento ou da invisibilidade capturam a ansiedade que movia a busca por aprovação, convertendo-a em um estado crônico que fratura a sua performance na tela.

No segundo grupo, delinea-se a correspondência entre a dupla de atmosferas aparentes *Excitação* e *Disponibilidade* e a dupla de atmosferas latentes *Frustração* e *Cansaço*. O Instagram opera sob a incitação contínua de corpos excitados, performáticos e ininterruptamente disponíveis para o consumo e para o trabalho imaterial. No perfil analisado, a excitação se manifesta no engajamento vibrante de Maíra para vender seus infoprodutos e comunicar sua existência. No entanto, essa *Excitação* está ontologicamente colada à atmosfera latente da *Frustração*: é o momento em que a superfície da performance sofre uma fissura e a usuária irrompe em revolta, verbalizando sua indignação contra, por exemplo, as injustiças da governança algorítmica e os estigmas de gênero que a atravessam por ser mulher.

De igual maneira, a aparente atmosfera de *Disponibilidade* — a prontidão exigida pelo fluxo — esconde e alimenta a atmosfera latente do *Cansaço*. O cansaço em Maíra materializa-se quando a exigência de produtividade se torna insustentável, manifestando-se nos momentos em que ela expressa o desejo de ficar em silêncio e de retirar seu corpo da engrenagem mercantilizada da rede. Trata-se do "pedágio" subjetivo pago pelo sujeito hipermediado ao mito da ideologia do progresso.

Para que a arquitetura sensível desse mapeamento ganhe plena legibilidade, faz-se imperativo descortinar a coerência interna e a força dialética que sustentam cada uma dessas quatro sobreposições estruturais. Longe de operarem como justaposições aleatórias, os pares foram forjados a partir de uma simetria conceitual que tensiona a superfície visível da interface e o custo corporificado de sua engrenagem:

1) *Expectativa* (aparente) e *Progresso* (latente) — O par da promessa mercadológica: funciona como a porta de entrada lógica do ecossistema estudado. A expectativa constitui o afeto visível e estimulado que a plataforma injeta no usuário: a promessa contínua de que qualquer sujeito pode "chegar lá", alimentando a esperança a cada nova publicação. Contudo, o que sustenta, deforma e tensiona essa expectativa por trás das cortinas é o imperativo do progresso como motor de gestão latente. Trata-se da necessidade internalizada de expansão métrica, gestão de públicos e profissionalização do perfil, operando sob uma máscara de naturalidade que tenta camuflar o esforço de sua produção.

2) *Aprovação* (aparente) e *Pressão* (latente) — O par da validação e da sobrevivência: estabelece o eixo mais agudo do tensionamento interacional. A aprovação desenha o norte visível da interface: o sujeito expõe sua subjetividade, constrói escritas de si e performa buscando explicitamente a chancela do outro, esta última tangibilizada em

curtidas, comentários e métricas de engajamento. Todavia, essa busca dócil na superfície é tracionada nos bastidores por uma pressão esmagadora, vinculada ao medo do apagamento algorítmico e à urgência da sobrevivência econômica na rede. A fricção contínua entre esse apelo público por validação e a cobrança invisível pelo desempenho é o que engendra a ansiedade crônica como sintoma corporal contemporâneo que fratura o sujeito.

3) *Excitação* (aparente) e *Frustração* (latente) — O par do espetáculo e do abalo: capta a vibração performática e o subsequente colapso dos corpos na rede. A excitação é a tonalidade eufórica e pulsante exigida pelo fluxo comunicacional: os indivíduos precisam parecer energizados, felizes, engajados e esteticamente prontos para a monetização de suas existências e infoprodutos. No entanto, como essa moeda afetiva é estruturalmente instável, ela mascara e engendra uma frustração latente. Esta irrompe na espessura da interface no momento em que a superfície da performance sofre uma fissura, seja pela falha das promessas interacionais/pelas hostilidades do campo, seja pelas mudanças nas regras do jogo algorítmico.

4) *Disponibilidade* (aparente) e *Cansaço* (latente) — O par da exaustão sistêmica: sinaliza o desfecho inescapável do pedágio subjetivo cobrado pelo Instagram. A disponibilidade representa a lógica aparente da prontidão ininterrupta: o imperativo de estar sempre on-line, responder prontamente aos estímulos, interagir com a audiência e manter a grade do *feed* em constante atualização. A consequência orgânica, invisível e recalcada dessa presença sem pausas é o cansaço crônico e somático, o esgotamento do corpo que satura e, no limite, faz emergir o desejo radical de retirada, silêncio e deserção da maquinaria mercantilizada.

Amparado por essa distribuição, o capítulo assume uma simetria conceitual, na qual as atmosferas aparentes descrevem a cartilha performática do Instagram — o que o usuário precisa sentir e fazer ver para manter a máquina ativa —, enquanto as latentes traduzem o peso da racionalidade corporativa e das lógicas gestionárias atuando diretamente sobre o corpo do sujeito comum. Longe de habitarem espaços vazios ou isolados, essas emanções sobrepõem-se e coabitam as mesmas unidades empíricas e é precisamente para testar a validade analítica dessa arquitetura sensível que as publicações selecionadas serão apresentadas e examinadas a seguir, tensionadas a partir do movimento vivo dessas quatro grandes sobreposições estruturais em movimento.

5.3 Fricções atmosféricas em tela: o esforço heurístico de categorização e as unidades de análise

Antes de inaugurarmos a exposição e o exame das unidades de análise que dão corpo a esta pesquisa, faz-se imperativo partilhar com o leitor uma advertência de ordem epistemológica e sensível. Ao submetermos escritas de si cotidianas publicadas no perfil @mairacastanheiro ao crivo do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, compreendemos de pronto que as atmosferas comunicacionais recusam qualquer tentativa de confinamento em gavetas estanques ou classificações puramente rígidas. Percebemos que as unidades de análise são multifacetadas e podem corresponder a múltiplos movimentos atmosféricos de forma simultânea. Um mesmo quadrante interpretativo, por exemplo, é perfeitamente capaz de acusar a emanção de uma atmosfera latente de frustração e, no mesmo instante, evocar a de progresso; ou fazer emergir a aparente celebração da disponibilidade comercial enquanto ressoa, em camada subterrânea, a atmosfera latente do cansaço biopolítico.

Disso decorre que a organização estrutural que propomos a seguir não ambiciona decretar um enquadramento unívoco ou definitivo. O arranjo que distribuiu as 30 publicações ao longo das quatro grandes sobreposições atmosféricas representa, fundamentalmente, um esforço heurístico. Buscamos, por meio desse gesto, categorizar um fenômeno comunicacional que se encontra em permanente estado de movimento: movimenta-se em si mesmo, na instabilidade e na volatilidade da própria interface do Instagram, e movimenta-se também na nossa própria experiência de pesquisa, à medida que o meu *corpo-sismógrafo* calibrava sua capacidade de afetação.

Sob essa ótica inspirada pela lógica da possibilidade de Braga (2008), o leitor não deve presumir que cada unidade de análise é unicamente representativa ou exclusiva de uma só dupla de movimento atmosférico. Uma publicação alocada no eixo do *Cansaço* pode, sob outra nuance, irradiar pistas nítidas de *Pressão* ou *Aprovação*. As publicações funcionam aqui, portanto, como exemplos vivos, como manifestações corporificadas de tonalidades afetivas que parecem emergir e flutuar no contato com o *lugar comunicacional* da plataforma. Trata-se de flagrar o instante em que a escrita de si de Maíra oscila dramaticamente entre os efeitos de presença física e a produção de sentido discursivo, convertendo as páginas a seguir em um registro de intensidades possíveis.

Para dar sustentação a esses registros e salvaguardar tanto o estatuto da presença quanto a legibilidade da tessitura relacional da plataforma, definimos, em nossas reuniões de

orientação, o desenho metodológico e a anatomia estrutural que regeriam a apresentação de cada unidade de análise no corpo do texto. Cada uma das 30 publicações selecionadas foi padronizada a partir do seguinte modelo de preenchimento documental e visual:

Unidade de Análise (número)

(*Print screen*⁴¹ das imagens)

- **Formato:** (Foto estática / Carrossel de nº imagens / *Reels* integrado ao *feed*)
- **Data de publicação:** dd/mm/aaaa
- **Trilha sonora:** (Nome da música e nome do artista, se houver, indicando se é o áudio original ou música de fundo)
- **Acesso à publicação:** *Link* na frase “Clique aqui para acessar a publicação original” e um *QR Code* com direcionamento para a publicação no Instagram

Legenda original de @mairacastanheiro: Texto da legenda na íntegra, respeitando quebras de linha, *emojis* e *hashtags*, pois refletem a escrita de si.

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo)⁴²:

- **Seguidor A:** Texto do comentário do seguidor
- **Resposta de Maíra:** Texto da resposta da Maíra, demonstrando a natureza relacional
- **Seguidor B:** Texto do comentário do seguidor e assim por diante.

Observação: Número total de comentários e quantos foram transcritos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (ano). Captura e transcrição realizadas pela autora.

⁴¹ Vale esclarecer que a seleção e a triagem inicial das unidades de análise foram realizadas de forma senciente utilizando meu aparelho celular, ambiente nativo de afetação do *corpo-sismógrafo*. Contudo, para fins de otimização operacional, diagramação editorial e inserção precisa do material visual no corpo desta tese, as capturas de tela (*prints*) definitivas foram executadas por meio da interface da plataforma para computadores. Ademais, no que tange às publicações no formato carrossel, optou-se, via de regra, pela reprodução de algumas das imagens (ou do *frame* inicial, no caso de conteúdos em formato *Reels*), por atuarem como índices visuais e portas de entrada da postagem. Ressalva-se, entretanto, que em unidades analíticas específicas a totalidade das imagens do carrossel será apresentada, uma vez que o desdobramento sequencial dessas molduras visuais se mostrou indissociável para a emanção e a nomeação das atmosferas investigadas.

⁴² Por razões éticas de salvaguarda da privacidade e em estrito alinhamento com os protocolos de proteção de dados na pesquisa científica, optamos pela anonimização integral dos nomes e dos perfis dos seguidores que interagem nas publicações de Maíra Castanheiro. Por isso, as vozes que tensionam o ecossistema interacional serão apresentadas sob nomenclaturas genéricas (Seguidor A, Seguidor B, e assim por diante), uma vez que o interesse analítico desta tese concentra-se na captura das ressonâncias coletivas que emergem dessas trocas comunicacionais.

Definido esse protocolo, o passo seguinte consistiu na efetiva submissão do material ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* para apreender os vetores de afetação e compreender de quais fricções emergem as atmosferas comunicacionais. O rastreamento proposto pelo Diagrama opera pela articulação entre dois eixos fundamentais: o eixo vertical, que tensiona os polos de *Visibilidade/Aparência* (porção superior, ligada àquilo que é dado a ver e incentivado pelas métricas de engajamento) e *Opacidade/Latência* (porção inferior, ancorada naquilo que tangencia o invisível e não incentivado pelas métricas algorítmicas); e o eixo horizontal, que dimensiona o grau de *Estratégia* do sujeito e de adesão ao *Algoritmo* frente às imposições operacionais da plataforma. É do tensionamento entre os quadrantes que emergem os pares dinâmicos de atmosferas comunicacionais, em que as tonalidades aparentes (as performances de *Expectativa*, *Aprovação*, *Excitação* e *Disponibilidade*) entram em fricção contínua com as forças latentes (o *Progresso*, a *Pressão*, a *Frustração* e o *Cansaço*) que atravessam a constituição da subjetividade contemporânea no ecossistema digital.

Ao submetermos as 30 unidades de análise ao crivo do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, observamos uma distribuição que, em vez de se mostrar simétrica, revelou as forças de atração e tensionamento do ecossistema do Instagram. Os dados evidenciam uma expressiva concentração em dois polos principais: o *Quadrante 4 – A captura biopolítica* (13 UAs) e o *Quadrante 2 – A fissura exposta* (11 UAs), enquanto o *Quadrante 1 – A performance eficiente* e o *Quadrante 3 – A gramática oculta* registraram uma presença pontual (3 UAs cada). Longe de invalidar o modelo, essa distribuição polarizada atesta a eficácia operacional da plataforma ao demonstrar que escrever-se e gerir-se no Instagram não se consolida pelo mero cumprimento pacificado do algoritmo, mas sim por um movimento pendular intenso: por um lado, a força gravitacional da rede engaja o sujeito na produção contínua de conteúdos ajustados à visibilidade e à estetização da vida (*Quadrante 4*); por outro, as urgências materiais, o cansaço e a precarização irrompem na tela como táticas de exposição da própria vulnerabilidade (*Quadrante 2*) para mobilizar afetivamente a comunidade e garantir a subsistência material.

Com o intuito de preservar a transparência metodológica e assegurar a auditabilidade do percurso investigativo, a síntese do mapeamento e da categorização das 30 unidades de análise que constituem o *corpus* desta pesquisa é apresentada no Apêndice ao final desta tese. Adicionalmente, para viabilizar o adensamento analítico empreendido neste capítulo, sem comprometer a fluidez da leitura, realizou-se um recorte empírico composto por oito publicações representativas que ilustram quatro movimentos atmosféricos sobrepostos. Esse recorte organiza-se estrategicamente entre as dinâmicas aparentes e latentes, estruturando-se

em pares dialéticos de mútua afetação⁴³. Como será relatado adiante, a escolha das oito publicações deu-se por um critério de representatividade do próprio Diagrama, qual seja: UAs nas quais as nuances de cada quadrante estivessem explícitas pelas escritas de si do perfil @mairacastanheiro.

Essa categorização não surgiu de um vácuo conceitual, mas reflete o que Braga (2008) define como uma espécie de movimento pendular da pesquisa em comunicação, um ir e vir constante entre a abstração teórica e a concretude do campo. Os nomes dessas categorias brotaram, portanto, tanto do repertório conceitual mobilizado nos capítulos anteriores quanto da minha longa varredura e contato íntimo com o perfil @mairacastanheiro desde 2023. Lançamos mão, assim, da intuição investigativa e do pensamento de risco (Gumbrecht, 2007), mas sempre balizados por um giro ético-político (Rangel e Araújo, 2015). Esse compromisso ético nos impeliu a forjar categorias que não expusessem ou vulnerabilizassem ainda mais Máira Castanheiro, mas que fizessem justiça à sua coragem existencial, uma vez que ela expõe com rara transparência as ranhuras de sua própria subjetividade.

Assim, validamos quatro grandes movimentos atmosféricos sobrepostos, nos quais aparência e latência coabitam o mesmo espaço em um jogo de esconde-esconde afetivo. Para testar a organicidade dessas forças, submetemos a organização do capítulo aos seguintes eixos analíticos, cada um ilustrado por duas unidades de análise⁴⁴:

- *Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso* (Investiga as promessas de validação e a falha do imperativo mercadológico);
- *Movimento Atmosférico 2: Aprovação e Pressão* (Mapeia a urgência da sobrevivência econômica e o medo latente do apagamento algorítmico);

⁴³ Para fins de auditoria científica e consulta aprofundada dos dados brutos, a totalidade das 30 unidades de análise — acompanhada da transcrição de suas legendas, falas, trilhas sonoras, ambientes interacionais (comentários) e registros visuais — encontra-se reunida no *Material de Consulta Acadêmica: corpus empírico expandido*. Devido ao seu volume (104 páginas), este documento complementar está disponibilizado aos membros da banca examinadora em repositório virtual, acessível pelo

link:

<https://drive.google.com/drive/folders/1ZpCW8bIPtGFrhzOh1Ax8O3eidAKUjX9U?usp=sharing>

⁴⁴ Nota de autoteste analítico: Ao cruzarmos as variáveis do Diagrama, colocamos sob teste se a correspondência mais orgânica desses movimentos não se daria pelas duplas *Expectativa/Frustração* e *Aprovação/Progresso*. Contudo, a experiência empírica demonstrou que a dialética da plataforma opera de forma mais refinada: o inverso da expectativa não é a frustração pura, mas o imperativo do progresso que a sustenta e a deforma; do mesmo modo, a busca por aprovação é a moeda afetiva que tensiona a pressão nos bastidores. Mantivemos, portanto, o arranjo em sua configuração mais tensionada.

- *Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração* (Flagra a vibração dos corpos performáticos e o subsequente colapso diante das hostilidades e ataques na rede);
- *Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço* (Sinaliza o pedágio da prontidão ininterrupta e o desejo radical de retirada e silêncio).

Este capítulo assume, assim, o estatuto de mapeamento dos *indícios do caso*. Ao final desta jornada, realizaremos um movimento de inversão metodológica no Capítulo 5, transmutando os horizontes conceituais dos Capítulos 1 e 2 em indícios, de caráter também analítico (tal gesto é proposto por Braga (2008), ao se referir às teorias, no contexto do paradigma indiciário e dos estudos de caso, também como indícios). Dito por outras palavras, cruzaremos os achados no perfil @mairacastanheiro com movimentos de generalização para além do caso — configurando os *indícios do campo* —, operando a conversão metodológico-procedimental dos nossos conceitos em *indícios teóricos* (Braga, 2008).

Antes de adentrarmos na exposição detalhada dos movimentos que emergem da empiria, cumpre explicitar a operação metodológica que orientou a seleção das publicações apresentadas a seguir. Cada um dos quatro movimentos atmosféricos será ilustrado e discutido a partir de duas unidades de análise (UAs). Tais unidades foram extraídas do *corpus* analítico amplo da pesquisa, constituído pelas 30 unidades de análise previamente submetidas ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*.

Após a etapa de vinculação e movimentação das 30 UAs na estrutura do Diagrama — em que foram observadas as oscilações entre o eixo vertical (Y) - *Eixo da Visibilidade Epistêmica* (Visibilidade/Aparência X Opacidade/Latência) e o eixo horizontal (X) - *Eixo da Intencionalidade Operacional* (Algoritmo X Estratégia), bem como os regimes da *Performance Eficiente*, *Fissura Exposta*, *Gramática Oculta* e *Captura Biopolítica* —, as publicações foram agrupadas nos quatro movimentos atmosféricos correspondentes. Dentre as unidades que constituíram a atmosfera de cada movimento, a escolha do par de UAs ilustrativo (integralizando-se em oito UAs escolhidas) pautou-se pelo critério de maior representatividade. Foram selecionadas aquelas publicações cuja densidade visual, modulações sonoras, pistas discursivas e dinamismos interacionais incorporavam, de forma mais nítida, as fricções e tensões afetivas características de cada dupla atmosférica, oferecendo a matéria viva para o exercício analítico do *corpo-sismógrafo*. A seguir, iniciamos o desvelamento do primeiro movimento, no qual a promessa do fluxo colide com o abalo da realidade.

5.3.1 Primeiro Movimento Atmosférico: a fricção entre *Expectativa* (aparente) e *Progresso* (latente)

Para desvelar o primeiro movimento atmosférico, apresentamos duas publicações que ilustram o atrito entre a projeção de emancipação e os imperativos de produtividade que constroem a vida no ecossistema digital. As Unidades de Análise 2 e 19 funcionam como exemplos de deslocamentos do sujeito no Instagram, observados pelo perfil @mairacastanheiro. A seguir, o meu corpo de pesquisadora narra a afetação do meu também *corpo-sismógrafo* ao ser capturado por esses fluxos, detalhando o contexto do aparecimento da publicação no meu *feed*, os disparadores sensoriais e o modo como as escritas de si de Maíra transitam pelos quadrantes do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* para demonstrar as atmosferas que tensionam a subjetividade contemporânea.

5.3.1.1 Unidade de Análise 2⁴⁵



- **Formato:** Carrossel de 3 imagens.
- **Data de publicação:** 14/02/2025
- **Trilha sonora:** Trabalho Duro | 2metro | música de fundo
- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)



⁴⁵ A apresentação formal das Unidades de Análise (UAs) no corpo do texto foi objeto de rigorosa reflexão metodológica. Descartamos o uso do recuo em bloco de 4 cm (padrão ABNT para citações longas) ou a inserção do material em quadros fechados (*boxes*), pois tais soluções causariam o isolamento gráfico das publicações, fragmentando o fluxo contínuo do movimento e da análise atmosférica. Por reconhecermos que as escritas de si de Maíra constituem dimensão viva da própria interação na plataforma, optamos por integrar as descrições empiricamente no corpo do texto. Para assegurar a distinção gráfica sem romper o ritmo analítico, a descrição das publicações do Instagram é apresentada no tamanho padrão da fonte (12 pt), contudo com espaçamento simples entre linhas, diferenciando-a do texto interpretativo da tese (que mantém espaçamento 1,5).

Legenda original de @mairacastanheiro:

Querido diário, é muito bom quando a gente conquista algo por mérito próprio. Quando é resultado do nosso esforço. Sem indicação de ninguém. Sem pai, sem marido, sem patrão. Sem precisar mentir e/ou omitir. Sem precisar parecer ser. Sem ter q negociar seus valores e princípios.

Segunda-feira dia 10 de fevereiro eu recebi uma notícia: fui selecionada para um trabalho. Chorei de emoção. Agradei ao meu pai, a Deus e a Santo Antônio. Chorei porque eu quase desisti. Eu quase desacreditei em mim.

Não é fácil manter a fé quando tudo dá errado. Diversas vezes me questionei sobre as minhas escolhas. Diversas vezes pensei em sair do meu caminho. Mas, sempre que eu pensava profundamente sobre isso, eu concluía q não havia outra escolha e outro caminho.

Eu acreditei em mim. Eu nunca estive parada. Estive sempre me movimentando. Movimentos q sequer eu exponho para alguém. Nem mesmo para você, querido diário. Deixa eu te confessar: não te conto tudo. Mas, Deus vê tudo. Ele sabe de tudo. E eu também sei. Sei do que planto e de como cuido do que planto para florescer. Acontece que eu sou raiz. Eu sou lenta. Eu demoro pra crescer. Mas, cresço forte. Lento, forte e sólido.

Eu nunca tive pressa e não me cedi à pressão. Eu ouvi todo mundo. E considerei tudo que eu ouvi e agradei. Mas, eu soube dosar o que me servia. Eu escuto sobretudo a mim mesma.

Várias vezes eu me questionei se eu não estava sendo rígida e que deveria desistir. Porque desisti também é um ato de coragem. Acontece que coragem não me faltava. Nem fé. E por isso eu não desisti, eu resisti e insisti em existir.

Cá estou. Numa nova fase da minha vida. E é impressionante como está tudo se alinhando. Fiz até umas fotos profissionais que representam muito meu momento de agora.

Está tudo alinhado. Tudo faz sentido.

Deus escreve certo pelas linhas tortas.

Na segunda-feira, quando eu chorei, agradei muito aos meus pais. Agradei porque eles me ensinaram que a gente vence quando a gente é a gente. Me ensinaram sobre a coragem de ser o que se é. Me ensinaram sobre fé. Me ensinaram que conhecimento é importante.

Texto completo aqui 

<https://apoia.se/mairacastanheiro/contents/view/Trabalho-duro-or>

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Seguidor A:** Meu deus mulher, vc é pura inspiração e verdade. Me identifico demais com seus pensamentos. Não expresso como vc, mas sinto no profundo, ressoa aqui dentro. Obrigada por escrever e expressar. Vc merece tudo de lindo ✨❤
- **Resposta de Maíra:** oh minha linda, há tempos te vejo por aqui e sou muito grata por toda atenção e disposição 🥰😊 vem comigo pra o Laboratório Escrita de Si que vamos juntas trabalhar essa expressão 😊
- **Seguidor B:** Você merece isso e muito mais 😍👏❤

- **Resposta de Maíra:** merecemos mana e eu tô feliz que a gente conseguiu ao mesmo tempo emprego e agora a gente se encontra toda semana no laboratório escrita de si Ah E aí você tem acesso ao texto completo 🥰 vamos criar histórias juntas mana

Observação: A publicação registrou 11 comentários no total; foram transcritos quatro fragmentos interacionais representativos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2025). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento 1: Expectativa e Progresso.

Vinculação ao Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo: Quadrante 1 - A performance eficiente.

Análise atmosférica: Essa publicação surgiu na tela do meu celular em uma sexta-feira, num final de tarde comum na minha casa. Eu estava sentada no sofá, rolando o *feed* em um momento de pausa entre tarefas de trabalho, quando fui subitamente interrompida e capturada por um impacto visual. O efeito de presença se materializou quando o *Pacto Sensorial* foi ativado pela via da *sensação* estética e da *atenção* tátil, ao deslizar o dedo pela tela do telefone: o retrato profissional em estúdio, com iluminação lapidada, fundo infinito claro, contraste nítido, e uma postura corporal que exala altivez provocaram em meu *corpo-sismógrafo* um certo estranhamento, já que não era comum eu ver esse tipo de foto no perfil em questão.

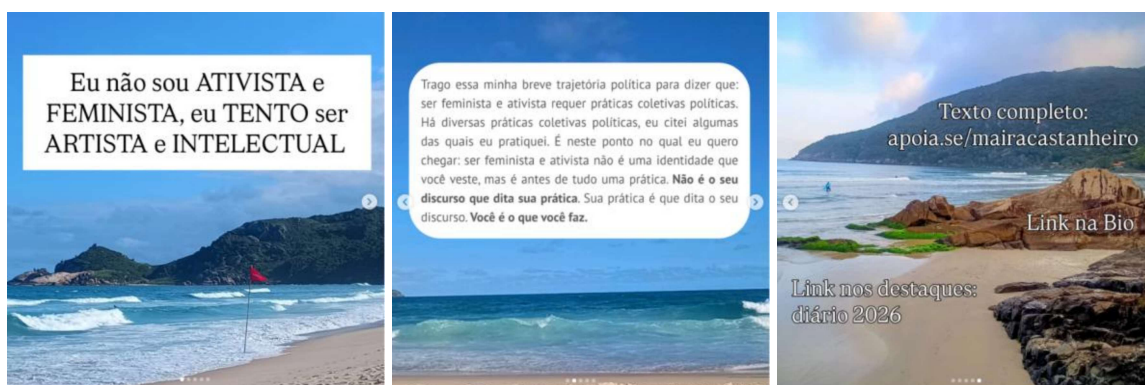
No plano da *cognição*, o carrossel de três retratos atraiu meu olhar ao acionar uma cenografia que me remeteu à ideia de conquista e superação. A música de fundo *Trabalho Duro* (2metro) atuou como um reforço rítmico e acústico da narrativa de vitória pessoal que estava prestes a ser narrada. No contexto do Instagram, a escrita de si de Maíra entra em confrontação com a gramática do empreendedorismo de si: a celebração de ter conquistado um trabalho "por mérito próprio, sem pai, sem marido, sem patrão" — gesto que emerge originalmente do desejo de autonomia e emancipação feminina — é capturada e chancelada pela própria plataforma sob a lógica da autogestão neoliberal, na qual o indivíduo supostamente assumiria de forma isolada os riscos e os valores de sua trajetória (movimento este que a própria usuária repudia ao se reconhecer como um sujeito em comunidade que deseja criar laços — embora também precise do Instagram urgentemente para sobreviver). Ao afirmar que é "raiz, lenta, forte e sólida", a autora ressignifica sua lentidão histórica não como uma falha de rendimento, mas como uma virtude de resiliência orgânica, gesto este que a própria plataforma faz alinhar à atmosfera de *Progresso* sem transparecer um artifício forçado, mas uma extensão supostamente natural de seu amadurecimento.

No entanto, à medida que a leitura avançava para a legenda e penetrava o ambiente interacional, a dimensão do *sentimento* no meu *corpo-sismógrafo* deslocou-se para a

constatação das capturas do dispositivo. Na anatomia do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, a publicação inscreve-se no *Quadrante 1 – A performance eficiente*, no qual a *Visibilidade/Aparência* e o *Algoritmo* operam em polos positivos. A usuária inevitavelmente é convidada a atuar, pelo próprio Instagram, como gestora de si: as fotos tratadas atendem aos requisitos estéticos da rede e o relato de superação busca atrair a afetação dos seguidores, num estímulo oferecido no contexto interacional da plataforma.

A grande fricção atmosférica revelou-se na prontidão com que a expectativa da vitória foi convertida em transação mercantil. Diante da comoção do Seguidor A ("vc é pura inspiração e verdade"), Maíra não apenas acolheu o afeto, mas operou um imediato giro de vendas: "vem comigo pra o Laboratório Escrita de Si que vamos juntas trabalhar essa expressão". O mesmo ocorreu com o Seguidor B, que foi direcionado para a plataforma de financiamento pago Apoia.se. Premida pelas condições materiais de subsistência de quem precisa se gerenciar no espaço doméstico, a usuária mobilizou a intimidade e a validação comunitária e, assim, a promessa de autonomia acabou desembocando no imperativo de faturamento: no ecossistema do Instagram, o *Progresso* latente exige que até mesmo a superação da exaustão se converta em infoproduto rentável.

5.3.1.2 Unidade de Análise 19



- **Formato:** Carrossel de 5 imagens (optei por estampar a primeira, a segunda e a quinta). A primeira imagem abre a publicação com uma forte afirmação de identidade profissional; a segunda opera a introdução de um texto no qual Maíra defende seu argumento; e a quinta encerra a sequência realizando o direcionamento comercial para a plataforma de financiamento coletivo Apoia.se. A terceira e a quarta imagens são semelhantes à segunda e se constituem como fragmentos do texto Maíra.
- **Data de publicação:** 23/01/2026
- **Trilha sonora:** Carpinteiro do Universo | Marcelo Nova e Raul Seixas | música de fundo
- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)



Legenda original de @mairacastanheiro:

Querido diário,
constantemente me confundem com ativista e feminista. Eu sou, antes de tudo, mulher, mãe, escritora. E tento como escritora ser artista e intelectual.

Mas, eu entendo o por que fazem essa confusão. Acontece que vivemos numa era cuja identidade é o que mais importa. A identidade importa, é verdade. Porém, a identidade não é uma peça de roupa que você usa e nem a música que você ouve, nem os filmes e séries que você assiste e os livros que você lê. O buraco é mais embaixo.

O movimento Beatnik, que surgiu no período pós-guerra nos EUA, traz a pauta da identidade. Para este movimento, nossa identidade, nosso discurso, têm que estar alinhados às nossas práticas.

Eles invertem a lógica. Não é o seu discurso que define a sua prática. Mas a sua prática é que define seu discurso. Nessa inversão, o movimento rompe com todos os espectros políticos, pois todos são incoerentes e pecam contra a verdade.

Essas ideias chegam ao Brasil no período da Ditadura Militar, pelas mãos dos poetas marginais, também conhecidos como a Geração Mimeógrafo.

Esses movimentos, ou seja, a literatura de contracultura, trazem a palavra como principal instrumento de Autoconhecimento, Autonomia e Autenticidade. Usam a Escrita de Si para alcançar a verdade.

Eu já fui ativista e feminista. Hoje não sou mais. E vou contar por que e explicar o que isso tudo tem a ver com a literatura de contracultura.

Quando adolescente, eu de fato fui ativista. Era muito ativa no movimento estudantil. Frequentava reuniões, encontros, congressos, formei vários núcleos culturais nas escolas públicas de Salvador, formava grupos de teatro, cineclubes, jornais, debates, etc. Fui tão ativa que chamei a atenção da jornalista [@liliane mutti](#) que me convidou para fazer parte do Conselho Editorial do Caderno Jovem Zuêra, que saía aos sábados no jornal impresso [@correio24horas](#). O caderno foi premiado como melhor coluna para jovens do Brasil. Fui tão ativa que chamei a atenção do [@canal futura](#) que gravou um programa inteirinho sobre mim, pois fui considerada protagonista juvenil. Eu tinha 15 anos.

Texto completo: assine o apoia.se/mairacastanheiro pra ler este texto e + de 400 textos inéditos e exclusiv

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Seguidor A:** acho tão importante você falar sobre isso! tem muita mulher que emite uma opinião e meia sobre temas em comum com o feminismo e já são taxadas como tal. acho isso complexo pq, devido a tanta perseguição ideológica, é até perigoso classificar mulheres de feministas quando não o são. e outra: ser feminista não é uma identidade. afirmar que mulheres são gente e merecem respeito e precisam ter seus direitos resguardados, é só bom senso. é bom respeitar opiniões diversas pois isso amplia o

horizonte de reflexões. é triste quando tudo fica aplainado como um grande balaio binário. obrigada como sempre por suas observações perspicazes. ❤️

- **Resposta de Maíra:** você foi certa e compreendeu bem meu texto apesar de não ter lido o texto inteiro, que o texto inteiro está no blog. Você foi no ponto. Muita gente confunde feminismo como uma identidade moral inclusive. E isso é um perigo. A galera acha que por expressar opiniões já são ativistas. Que por apoiar mulheres já são feministas. É muita confusão e pouca ação.
- **Seguidor B:** Nada a ver com a provocação perspicaz, mas eu adoro as trilhas sonoras que vc coloca nos seus posts kkkk
- **Resposta de Maíra:** xará que bom que você notou, porque te digo: é de caso pensado, é de propósito e com propósito.
- **Seguidor C:** Na internet todo mundo parece ativista... Uma mulher que escreve já é o que é.
- **Resposta de Maíra:** pois é, acho isso uma confusão tremenda e até perigosa pois banaliza mesmo o que é ser ativista e feminista, o fato de você se identificar com algumas idéias e se expressar criticamente não o torna ativista.
- **Seguidor D:** acho que o Brasil não está preparado para mulheres intelectuais
- **Resposta de Maíra:** Não houve.

Observação: A publicação registrou 7 comentários no total, sendo todos os 7 fragmentos interacionais transcritos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2026). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso

Vinculação ao Diagrama do Regime Afetivo: Quadrante 3 – A gramática oculta e Quadrante 1 – A performance eficiente

Análise atmosférica: Essa publicação passou pelo meu *feed* durante um dia em que eu estava imersa em observação empírica. O *Pacto Sensorial* foi imediatamente despertado pela provocação textual em caixa alta da primeira imagem: "Eu não sou ATIVISTA e FEMINISTA, eu TENTO ser ARTISTA e INTELECTUAL". No plano da *sensação*, a imagem de fundo do carrossel exibe a paisagem ensolarada de uma praia, mas traz, em primeiro plano, uma bandeira vermelha fincada na areia que sinaliza perigo no mar. O efeito de presença se fez aqui pelo visual de serenidade estética do litoral atravessada por um marcador de turbulência que sinaliza o tom de reflexão e tensão discursiva da legenda.

A atmosfera acústica foi modulada pelos acordes de *Carpinteiro do Universo* (Marcelo Nova e Raul Seixas) e os versos ("Eu não sou salvador do mundo / Eu sou apenas um rapaz") funcionaram como uma tática de ressonância da minha *atenção* ao sintonizarem-se com a recusa expressa por Maíra em carregar rótulos e expectativas ideológicas tão comuns no

ecossistema digital. No ambiente de comentários, a própria autora confirma ao Seguidor B a intencionalidade da escolha da música: "é de caso pensado, é de propósito e com propósito".

No plano da *cognição*, a legenda em tom autobiográfico articula o esforço por rememoração e o aporte conceitual da literatura de contracultura (Movimento Beatnik e Geração Mimeógrafo). Maíra defende que a escrita de si não se confunde com uma vitrine identitária, mas se constitui como instrumento de "Autoconhecimento, Autonomia e Autenticidade". Para fundamentar sua recusa aos enquadramentos simplificados da rede, a autora constrói um percurso de narrativização de si: reativa a memória de sua atuação no movimento estudantil, evidenciando que sua elaboração intelectual parte de uma trajetória vivenciada. Com isso, a expectativa projetada é a da autonomia do sujeito pela palavra, em busca de densidade e desaceleração em relação aos ritmos do fluxo digital.

No entanto, a escuta do meu *corpo-sismógrafo* percebeu o movimento na dinâmica do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* ao acompanhar as sobreposições cinéticas da publicação. Se a proposta teórica posiciona a UA 19 no *Quadrante 3 – A gramática oculta* — no qual há um recuo de estratégia e o sujeito desvia das normas de adequação algorítmica ao rejeitar os rótulos de "ativista e feminista" que lhe garantiriam circulação facilitada —, o modelo cinético do Diagrama nos revela uma sobreposição com o *Quadrante 1 – A performance eficiente*, no qual a busca pelo aprofundamento intelectual e artístico encontra os inevitáveis contornos da sustentação material no ambiente da rede.

A transição da narrativa reflexiva deparando-se com a necessidade de viabilização do trabalho se materializa no convite à continuidade da leitura com a frase "Texto completo: assine o apoia.se/mairacastanheiro pra ler este texto e + de 400 textos inéditos e exclusivos" e a tela final encerra o carrossel com a exibição do *link* para a plataforma de financiamento. O ambiente interacional acolhe o convite ao debate: os seguidores A e C dialogam com as reflexões sobre a complexidade das identidades digitais, enquanto o Seguidor D sinaliza a complexidade do fazer intelectual no contexto nacional contemporâneo. Na UA 19, a dinâmica da gestão de si se revela: ao tentar resguardar um espaço de escrita autônoma no *Quadrante 3*, o sujeito se articula com as ferramentas do *Quadrante 1*, demonstrando os arranjos necessários para a permanência e a produção contínua no ecossistema do Instagram.

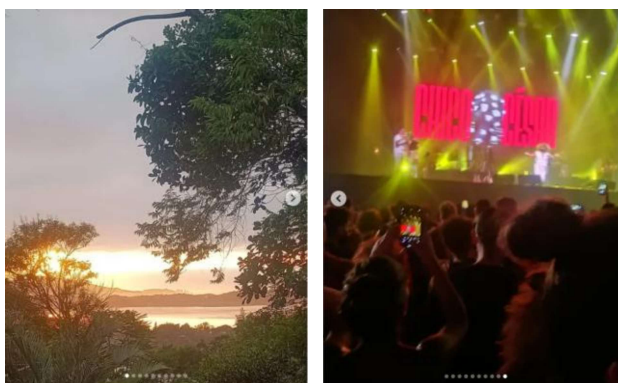
Com a apresentação das unidades de análise ilustrativas 2 e 19, observamos que enquanto o primeiro movimento atmosférico evidenciou os tensionamentos entre a projeção de autonomia e os imperativos econômicos da permanência na rede, o movimento seguinte desloca o nosso olhar para as afetações do pertencimento e do reconhecimento social. Se a promessa de emancipação esbarra nos imperativos de subsistência, a busca por acolhimento e escuta no

ecossistema digital desdobra-se em uma nova camada de exigências emocionais e de performance.

5.3.2 Segundo movimento atmosférico: a fricção entre Aprovação (aparente) e Pressão (latente)

Para dar visibilidade ao segundo movimento atmosférico, apresentamos duas publicações que ilustram o atrito entre a busca por acolhimento, escuta e validação comunitária e as exigências contínuas de engajamento, prontidão e autodisciplina que sobrecarregam a vida no ecossistema digital. As Unidades de Análise 1 e 21 materializam os exemplos de deslocamentos do sujeito no Instagram, observados pelo perfil @mairacastanheiro. Nas páginas a seguir, o meu corpo de pesquisadora compartilha os impactos sentidos pelo meu *corpó-sismógrafo* ao ser atravessado por tais correntes afetivas, descrevendo o momento da captura no meu *feed*, os disparadores sensoriais envolvidos e os modos como as escritas de si de Maíra transitam pelos quadrantes do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* para desvelar as teias que atravessam a subjetividade contemporânea no ambiente do Instagram.

5.3.2.1 Unidade de Análise 1



- **Formato:** Carrossel de 10 imagens. Apenas a primeira e a última imagem foram capturadas, pois as demais consistem em registros redundantes que não alteram a análise.
- **Data de publicação:** 19/01/2025
- **Trilha sonora:** É preciso dar um jeito, meu amigo | Erasmo Carlos | música de fundo



- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)

Legenda original de @mairacastanheiro:

Querido diário, no ano de 2015 eu voltei pra o Brasil, para a Bahia. Me separei. Um dia antes do carnaval. E lá, tava eu, com uma galera legal curtindo carnaval e vivendo pela primeira vez baiana system. Foi marcante. Ali começou uma nova fase da minha vida. Eu sabia que eu tava me separando, sozinha, sem grana e com uma criança pequena. E queria provar a mim mesma que eu era capaz de ser sozinha. Ali eu comecei a escrever o Diário de uma Mãeconheira sem nenhuma pretensão política ou de virar livro. Era só livre. Aí veio toda essa história, toda uma guerra, que dura há dez anos e todavia não acabou. Na sexta-feira, dia 17 de janeiro, eu paguei uma dívida que levou anos acumulando. Foram 25k entre advogadas, cartões e aluguel. Eu paguei tudo e respirei. Disse às minhas advogadas que eu tava pagando e desistindo da luta. Que eu não tinha mais força e grana pra lutar. Elas não me deixaram desistir e decidimos seguir. Elas me deram a mão porque desde abril de 2019 que eu, [@betaniajrs](#) e [@rafamnetto](#) estamos juntas. Não é uma relação apenas de cliente. Ultrapassa isso. Há confiança, respeito, por tudo que passamos. E chegamos aqui, não vamos nadar pra morrer na beira da praia. Pois bem. Dívidas pagas. Cabelo hidratado. E o show do [@baianasystem](#) pra mais uma vez marcar uma nova história minha. Do carnaval de 2015 na Bahia, pro verão de Floripa em 2025. Eu aprendi ser sozinha e me fiz Solzinha. Ontem, vibrei com baiana, sabe o que sara minha ferida? Escrever. A justiça é cega. E por isso não aceito, não admito, quando dizem que estou estagnada, quando me julgam. Ninguém sente minha dor e ninguém tem capacidade de me julgar. Eu me respeito porque eu tenho uma história, eu sou uma árvore bonita: Castanheiro. Eu não espero que ninguém entenda. Até porque pouca gente conhece o amor como eu vivi e pouca gente vai entender o sentido dessa guerra e paz. Só Tolstói foi capaz. Chorei quando Chico César cantou. Eu tô de verdade feliz que o outro seguiu sua vida, está amando de novo e com uma família. Ele merece muito isso. Ele é uma pessoa maravilhosa. Incrível. E por isso me dói tanto essa guerra. Mas, nem toda guerra do mundo vai ser capaz de destruir o imenso amor que vivemos.

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Seguidor A:** Qndo li, achei mto emocionante... q amor bonito vc cultivou. E agora já pode estar em paz com o "destino". Um Viva pra essa Vida!!!
- **Resposta de Maíra:** seguir até conseguir
- **Seguidor B:** Que orgulho de você! Obrigada pelo carinho e pela confiança depositada no meu trabalho. Conte sempre comigo, [@mairacastanheiro](#) ! Sempre estarei torcendo por você. Saiba que às minhas mãos sempre estarão estendidas para lhe ajudar! ❤️🍷
- **Resposta de Maíra:** é muita sorte minha ter encontrado vocês

Observação: A publicação registrou 15 comentários no total; foram selecionados e transcritos quatro fragmentos interacionais representativos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2025). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento 2: Aprovação e Pressão.

Vinculação ao Diagrama do Regime Afetivo: Quadrante 2 - A fissura exposta.

Análise atmosférica: Esta publicação alcançou a tela do meu celular no início de uma manhã de domingo, enquanto eu rolava meu *feed* sem grandes pretensões, como costume fazer após acordar aos finais de semana. O *Pacto Sensorial* foi de imediato instaurado na dimensão da *sensação* contemplativa e da *atenção* tátil, ao perceber que a primeira foto do carrossel exibe

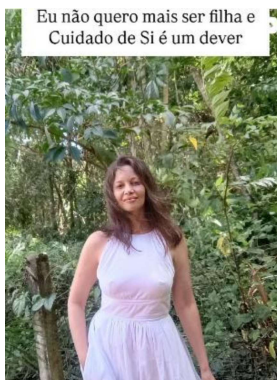
um amanhecer sereno, em que a luz do sol atravessa suavemente a copa de árvores densas diante de uma massa d'água. O efeito de presença que se instaurou naquele momento emanou uma atmosfera de quietude e serenidade.

Contudo, ao acionar a trilha sonora de Erasmo Carlos (*É preciso dar um jeito, meu amigo*) e deslizar a leitura para a legenda, o meu *corpo-sismógrafo* sentiu a imediata irrupção da *cognição*: a paisagem idílica serviu de limiar para um relato de superação e reequilíbrio. Maíra compartilha um marco material significativo de sua jornada de dez anos como mãe solo: a quitação de uma dívida de 25 mil reais referente a honorários advocatícios, cartões e aluguel. Sua escrita de si entrelaça a resolução financeira a rituais de autocuidado ("cabelo hidratado") e celebração cultural ("show do @baianasystem"), demonstrando a complexa teia em que as esferas íntima, jurídica e econômica se organizam na gestão cotidiana da vida.

No plano do *sentimento*, minha escuta percebeu as tensões que movimentam a publicação no *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*. A UA 1 situa-se no *Quadrante 2 – A fissura exposta*, no qual o sujeito traz para a superfície da tela a vulnerabilidade dos bastidores materiais e das disputas legais, utilizando a transparência do relato como forma de expressão e reconstrução subjetiva. A busca por *Aprovação* aparente transparece no desejo de reafirmação social perante o público: "não aceito, não admito, quando dizem que estou estagnada, quando me julgam". O jogo poético de transformar "ser sozinha" em "se fazer Solzinha" opera como um movimento de proteção e fortalecimento da própria história.

Nas trocas do ambiente interacional, revela-se a *Pressão* latente que perpassa a permanência do sujeito nas redes. Diante do acolhimento emocionado do Seguidor A, a firmeza de Maíra ("seguir até conseguir") sintetiza a exigência de sustentação e persistência contínua que o ecossistema digital solicita. Já o diálogo com o Seguidor B (uma de suas advogadas) evidencia o entrelaçamento entre vínculos profissionais e redes de apoio comunitário. A busca por validação e escuta acolhedora encontra respaldo nos seguidores engajados, ao mesmo tempo em que expõe as exigências de resiliência necessárias para atravessar e narrar as turbulências da vida cotidiana na plataforma.

5.3.2.2 Unidade de Análise 21



- **Formato:** *Reels* integrado ao *feed*. Como se trata de um *Reels*, expandi a dinâmica de decodificação para além da imagem estática (acima), incorporando a transcrição do áudio do vídeo (abaixo) na estrutura desta unidade de análise.
- **Data de publicação:** 19/02/2026
- **Trilha sonora:** Áudio original falado por Maíra, sem música de fundo.
- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)



Transcrição do áudio do *Reels* de @mairacastanheiro

Eu perguntei ao ChatGPT se é possível me livrar dos deveres de filha. Estou passando por um problema pessoal enorme, um BO enorme, que eu, de verdade, não tenho condições práticas, econômicas, emocionais, psicológicas de lidar. Mas, a gente é obrigado, nós temos deveres, todos nós temos deveres.

Eu sou obrigada a cuidar de uma pessoa que nunca me cuidou. Sou obrigada a cuidar de uma pessoa que a vida inteira abandonou os filhos e foi negligente com os filhos. Mas aí ela chega numa situação que ela está idosa, é um BO imenso e os filhos são obrigados a cuidar.

Isso me faz pensar como o cuidado de si não é um direito, mas sim um dever. Só que na sociedade, da tal maneira como ela está construída e constituída, a gente não consegue cumprir nossos deveres. Para exercer o dever de cuidar de si, você precisa de tempo e dinheiro.

Porque você precisa fazer atividade física, você precisa fazer terapia, você precisa cuidar da própria vida e a maioria da população não tem esse direito de cumprir o próprio dever. Porque se você não exerce o cuidado de si, você vira um problema para a sociedade. E isso gera custos, sem falar na vida pessoal das pessoas, o custo emocional e financeiro que isso gera.

Uma pessoa que não cuida do corpo e fica obesa, ela vai gerar não só um problema para a vida dela, mas para quem está ao redor dela e para a sociedade, porque ela gera mais custos para a saúde. Uma pessoa que é dependente química, ela vai gerar mais custos para a sociedade. Ela não vira um problema só para ela.

Então não é simplesmente, ah, eu vou fazer o que quero da minha vida, porque eu sou eu que banco minhas contas, eu vou fazer o que quiser. Não é assim. Por mais que você banque suas contas, você não pode fazer o que você quiser, porque em algum momento você vai virar um peso para a sociedade.

Você vai gerar custos financeiros e emocionais de tempo, de tudo para a sociedade. Nem estou falando só para você e para sua família e para os seus amigos, para quem está ao redor, mas para a sociedade em geral. É por isso que nós temos direitos e deveres e precisamos ter condições de cumprir nossos deveres.

E o Estado tem sim que cobrar que estamos cumprindo com nossos deveres, que estamos exercendo o cuidado de si, porque o Estado está lá promovendo saúde pública, educação pública, tem atividades físicas, tem atividades terapêuticas, tudo isso gratuita e pública, com dinheiro dos nossos impostos. E se você não está acessando esses serviços, por quê? Por que você não está se cuidando? Isso é um caso sério. É um BO imenso.

Queria muito, muito, mas de tudo agora que eu queria era conseguir me livrar dos direitos de filha e cumprir só meu dever de ser mãe, apenas.

Legenda original de @mairacastanheiro:

O Cuidado de Si é um dever e erroneamente confundido como um direito e se tornou um privilégio.

Impossível uma sociedade alcançar o bem-estar social sem que se cumpra o dever básico de Cuidar de Si.

"O mal do mundo vem de nos preocuparmos uns com os outros" já dizia o poeta Fernando Pessoa.

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Seguidor A:** como cuidar de si com o capitalismo estimulando o alcoolismo por exemplo, aqui na Bahia, as fabricantes de bebidas alcoólicas estavam ofertando e vendendo sem restrições todo tipo de bebida com tudo que é teor alcoólico, um crime horrendo. Milhares de pessoas podem numa situação dessas se tornarem dependentes e também será no futuro um problema pra sociedade. Vamos falar do macro que tb é muito importante. O acesso aos cuidados deveria começar por evitar o consumo de tudo que nos “consome”. Nossa indústria alimentícia e farmacêutica é mais que criminosa. Que você e seus irmãos e familiares encontrem caminhos de leveza para não pesar tanto.
- **Resposta de Maíra:** amiga eu concordo contigo, mas o mal sempre há de existir e cabe a nós a não alimentar o mal. É um dever nosso cultivar Uma vida saudável porque isso é auto responsabilidade mesmo.
- **Seguidor B:** Puxa, que foda, gata... Sinto muito pela tua mãe. Sinto muito por ti. Eu compartilho de tudo o que você falou. Me parece até tão óbvio... tão óbvio como uma coisa vai levando à outra, virando uma bola de neve, de todos os lados. Dos deveres e direitos das pessoas, das escolhas individuais, da sociedade como um todo... do próprio sistema. Um sistema que funciona para remediar, mas não para tratar. Isso é muito bizarro. Muito triste. E quando a gente vive essas experiências na pele é que a dimensão disso tudo realmente chega. Pelo menos pra mim foi assim. Pessoas inteligentes fazendo escolhas muito erradas... e a gente nem sabe de onde vem tudo isso, né? Egoísmo, falta

de amor próprio, falta de empatia, de respeito, de consideração... é tudo isso e muito mais do que há de difícil no ser humano. Quero te deixar aqui esse abraço acolhedor e também esse incentivo: apesar de tudo, existe um caminho. É possível viver de forma mais alinhada com a nossa verdade, com os nossos princípios, com os nossos valores. E sempre com o olhar voltado para o bem comum. A gente sabe que não é simples. Tem muita coisa que não depende só de nós, muitas pessoas envolvidas, é delicado... Mas é possível. Carregando amor no coração, verdade e comprometimento, a vida vai ficando mais coerente, mais leve, mais viva.

- **Resposta de Maíra:** Vizinha querida, muito obrigada pelas palavras de carinho e apoio. Sinto seu abraço e concordo plenamente contigo.
- **Seguidor C:** Estamos passando o msm B.O em casa. É muito difícil, como é! As vezes dá vontade de largar tudo. Foda demais
- **Resposta de Maíra:** foda, pq temos que lidar com as consequências que não são escolhas nossas e sequer tivemos controle sobre essas ações
- **Seguidor D:** Cuidar de si infelizmente é um luxo para poucos! 😞
- **Resposta de Maíra:** 😞
- **Seguidor E:** Muito bom esse vídeo, se pararmos para pensar o governo já dá demais, o que falta na maioria dos casos é auto responsabilidade, governo não é pai de ninguém, é cada um precisa assumir o B.O que criou.
- **Resposta de Maíra:** acho que no geral a maioria não tem mesmo auto responsabilidade e é bem egoísta nisso de fazer o que quer, pq depois pode virar um peso para os outros. Mas tbm acho que as condições que a maioria tem pra ganhar dinheiro, ou seja, pra trabalhar, mal sobra tempo pra fzr terapia atividade física e cuidar da própria vida.
- **Seguidor F:** Ótima reflexão Maira!
- **Resposta de Maíra:** obrigada 😊 mas eh foda, como não se cuidar é mto egoísmo e como não ter condições de se cuidar eh cruel e faz mal pra todos nós 😞
- **Seguidor F:** me trouxe uma outra visão sobre amor-próprio. Nunca é próprio. É sempre coletivo.
- **Resposta de Maíra:** exatamente isso mana
- **Seguidor G:** Filho não é previdência social
- **Resposta de Maíra:** não é. Mas temos deveres como filhos e somos obrigados a cuidar dos pais na velhice.
- **Seguidor G:** na verdade não, eu me nego a cuidar de quem nunca cuidou de mim
- **Resposta de Maíra:** te entendo perfeitamente e é mto injusto, mas infelizmente temos deveres 😞
- **Seguidor G:** entendo e respeito sua necessidade e lamento por isso
- **Resposta de Maíra:** obrigada 😊

- **Seguidor H:** Entendo completamente o quanto é complexa a obrigação de cuidar de quem nunca se vinculou a nós. Além da moral há outra razão, o estado não quer ter mais custos em cuidar dos que nunca cuidaram.
- **Resposta de Maíra:** você foi no ponto
- **Seguidor I:** Suas falas (e não só elas) mudaram muito desde que iniciou sua conversão. Que a Palavra de Deus siga tocando seu coração, que com Ele seu fardo seja mais leve e que o Espírito Santo lhe preencha de sabedoria. Nunca é tarde para encontrar o caminho. O único caminho. A única verdade. A única vida. Amém.
- **Resposta de Maíra:** ô minha irmã, muito obrigada, inclusive preciso voltar a cultivar a fé: missa e o grupo bíblico em família, e o seu comentário foi um chamado pra mim! Obrigada mesmo!

Observação: A publicação registrou 36 comentários no total; foram selecionados e transcritos 24 fragmentos interacionais representativos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2026). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento Atmosférico 2: Aprovação e Pressão.

Vinculação ao Diagrama do Regime Afetivo: Quadrante 4 – A captura biopolítica.

Análise Atmosférica: Era quinta-feira, após a Quarta-Feira de Cinzas, e ao encontrar esse *Reels* durante a navegação pelo meu *feed*, o meu *corpo-sismógrafo* foi imediatamente interpelado por um contraste sensorial marcante. No âmbito da *sensação* e da *atenção*, o elemento visual traz a imagem de Maíra posicionada centralmente diante de uma mata, segurando um cigarro de maconha. O enquadramento me transmitiu uma sensação de refúgio e calma natural, no entanto, ao acionar o som do vídeo, essa impressão estética abriu espaço para a densidade da fala de Maíra: o áudio, gravado em voz direta e sem trilha sonora de fundo, inicia revelando uma consulta ao ChatGPT⁴⁶ para saber se haveria meios legais de abster-se das obrigações filiais perante um dilema familiar delicado.

No plano da *cognição*, a publicação expõe as tramas do debate sobre a gestão da vida contemporânea. Ao refletir sobre a responsabilidade do cuidado na velhice familiar versus o imperativo da preservação pessoal, Maíra desdobra uma elaboração teórica sobre o "cuidado de si". Em sua fala, o ato de cuidar de si é pensado não apenas como um direito, mas como um dever e uma responsabilidade cívica, articulando noções de autorresponsabilidade, saúde

⁴⁶ O ChatGPT é um modelo de linguagem generativo baseado em inteligência artificial (IA) desenvolvido pela empresa OpenAI. Lançado em novembro de 2022, o sistema utiliza arquiteturas de *deep learning* (aprendizado profundo) e processamento de linguagem natural (PLN) para analisar grandes volumes de dados textuais, sendo capaz de gerar respostas automatizadas, sintetizar conceitos e simular interações conversacionais em linguagem natural a partir de solicitações (*prompts*) dos usuários.

pública e os custos coletivos da falta de suporte preventivo. Sua narrativa demonstra como os dilemas do espaço privado, quando atravessados pelas exigências de tempo e recursos do mundo produtivo, transformam-se em complexos debates éticos e sociais na tela.

Sob a lente do *sentimento* no *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, a publicação é localizada no *Quadrante 4 – A captura biopolítica*, no qual o sujeito atua com elevada *Visibilidade/Aparência*, mas sem a presença de uma *Estratégia* comercial ostensiva de vendas (como ocorreria no Quadrante 1, por exemplo). A exposição espontânea de um impasse pessoal de grandes proporções transforma a tela em um espaço público de escuta e desabafo. A busca por *Aprovação* manifesta-se no desejo de acolhimento e compreensão diante de uma decisão difícil, enquanto a *Pressão* transparece na sobrecarga de responsabilidades que o cotidiano impõe aos indivíduos.

O ambiente interacional desdobra-se como um espaço de acolhimento e ressonância coletiva. Os seguidores (A, B, C e G) compartilham relatos semelhantes sobre os desafios de cuidar de familiares idosos, validando as dores da autora e transformando a caixa de comentários em um local de apoio mútuo. A interação com o Seguidor I destaca a busca por novos suportes de fortalecimento subjetivo, com Maíra acolhendo o diálogo sobre o cultivo da fé e da vida comunitária. As atmosferas que emanam da UA 21 evidenciam, assim, a dupla dimensão do ambiente digital: ao mesmo tempo em que expõe as pressões e os imperativos de autorresponsabilidade que pesam sobre o sujeito, abre espaço para a busca por acolhimento e escuta compartilhada na rede.

Com a apresentação das unidades de análise ilustrativas 1 e 21, observamos que enquanto o segundo movimento atmosférico evidenciou os tensionamentos entre a busca por acolhimento e a sobrecarga de obrigações e autorresponsabilidades, o movimento seguinte nos lança nas dinâmicas de aceleração e expectativa do ambiente digital. Se a busca por aprovação expõe a pressão pelas demandas do cuidado e da persistência cotidiana, o estímulo ao entusiasmo e ao engajamento constante no ecossistema das plataformas esbarra, inevitavelmente, nos limites da resposta do público e nos ruídos de recepção.

5.3.3 Terceiro movimento atmosférico: a fricção entre Excitação (aparente) e Frustração (latente)

Para tornar visível o terceiro movimento atmosférico, colocamos em exame duas publicações que ilustram a tensão entre o entusiasmo, a aposta no engajamento e o lançamento de projetos no ambiente digital, e o desalinho de expectativas, a frieza dos números e o

descompasso interacional que se insinua nos bastidores da rede. As Unidades de Análise 3 e 28 materializam essa oscilação do sujeito no Instagram, observadas pelo perfil @mairacastanheiro. A seguir, o meu corpo de pesquisadora compartilha as repercussões registradas pelo meu *corpo-sismógrafo* ao ser capturado por essas correntes de expectativa, descrevendo o momento da emergência das publicações no meu *feed*, os estímulos sensoriais mobilizados e os modos como as escritas de si de Maíra transitam pelos quadrantes do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* para desvelar os atravessamentos da subjetividade contemporânea no ambiente plataformizado.

5.3.3.1 Unidade de Análise 3



- **Formato:** Foto estática em preto e branco.
- **Data de publicação:** 20/02/2025
- **Trilha sonora:** Por Que | Otto | música de fundo
- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)



Legenda original de @mairacastanheiro:

Querido diário, é o terceiro texto que eu escrevo hoje. Porque se eu não escrever eu piro. E preciso escrever para aliviar a dor. A dúvida. A angústia. Para enfrentar meus fracassos, minha derrota, minha solidão.

Sigo só. Sigo Solzinha. Toda vez q eu enfrento o mercado de trabalho e o afetivo, eu sou rejeitada e soffro.

Eu nunca sou o suficiente. Para sempre eu vou ser punida por ser uma mulher q escreve sobre o que vive, pensa e sente. Para sempre eu vou ser punida por ser uma mulher que escreve sobre sexo, drogas e rock and roll.

Não importa que eu vá à missa e leia a Bíblia. Não importa que eu reze. Não importa q eu seja saudável. Não importa q eu ouça música clássica diariamente. Não importa ser inteligente. Se esforçar pra estar bonita e bem vestida. Não importa alinhar o cabelo e tentar cobrir as olheiras. Não importa que eu seja uma pessoa zero álcool e tabaco.

Nada disso importa. O que importa é que eu fumo maconha e falo de sexo. Para sempre serei punida por isso. A punição: pobreza e solidão.

Isso de querer ser exatamente aquilo que se é, ainda vai nos levar além. Caro Paulo Leminski, é além do que se vê mesmo. E apesar dos pesares a pesar, dá um certo alívio saber que não sou aceita nem pela esquerda e nem pela direita. Porque graças a Deus, eu tenho uma força ancestral enorme que sabe de suas raízes e se orgulha de ter a coragem de ser quem se é. A única aceitação que importa, é aceitação de si mesmo.

Na entrevista do trabalho me foi perguntado que tipo de sucesso eu busco, eu disse: sucesso financeiro. Eu sou realizada como mãe e como escritora. Eu tenho muito sucesso e muita conquista. Me sinto plena. Já ensinei o que mais importa pra minha filha. Vivi uma grande história de amor. Já cumpri meu papel como mãe e como escritora. O que eu busco agora, é grana, é glória. E talvez, eu nunca consiga.

Minha vingança? Escrever. E seguir sendo o meu máximo denominador comum: Eu.

Solzinha, vou seguir até conseguir.

Santo Antônio é o santo do amor, do trabalho e da palavra. Vou rezar.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2025 às 18h41

Me leiam no apoia.se/mairacastanheiro lá tem mais de 300 textos inéditos e exclusivos, podcast. Link na Bio.

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Seguidor A:** Minha vingança é escrever é MARAVILHOSO! Eu amo essa música! Amiga, vc é foda demais! Fica sussa que muitas portas vão se abrir! ❤️
- **Resposta de Maíra:** Deus te ouça 🙏🙏🙏🙏💫💫💫💫❤️
- **Seguidor B:** Insista, você merece ser lida e relida, vista e aplaudida. To torcendo muito aqui pra tudo dá certo.
- **Resposta de Maíra:** obrigada demais linda 🥰 vem para o apoia.se/mairacastanheiro lá tem mais de 300 textos inéditos e exclusivos e podcast! Você vai gostar!
- **Seguidor C:** Numa das conversas mais honestas que tive recentemente com meu esposo sobre angústias semelhantes com relação à situação financeira, falamos sobre como nos sentimos só nos lugares que estamos, mas saber que há pessoas no mundo e na história com jornadas espirituais e pensamentos semelhantes aos nossos, dá uma esperança de que continue valendo a pena insistir nos nossos caminhos individuais, mesmo quando parece loucura e a gente sofre. Somos poucos no mundo comparados à quantidade de gente que há, mas existimos. A história existe pra provar, reconfortar e trazer esperança. Força, Maíra. Torço demais por você.
- **Resposta de Maíra:** nossa, obrigada por esse comentário. Precisava ler isso pra terminar bem o meu dia ❤️

- **Seguidor D:** Eu amo te lê porque você se desnuda para nós e isso é muito forte. Eu não teria essa coragem...
- **Resposta de Máira:** ppis minha linda, saiba que aqui eu não mostro nem 1%, real. Vem para o apoia.se/mairacastanheiro, la tem mais de 300 textos e podcast. link na bio. E muito obrigada pela atenção e disposição!
- **Seguidor E:** Senti alegria com sua alegria pelo trabalho e agora sinto a dor da demissão. Mesmo sabendo que muitas vezes o problema era direto conosco, vem exatamente essa dor do fracasso. Sinto muito, sua glória vai chegar com certeza.
- **Resposta de Máira:** meu mais sincero muito obrigada ✨💚🥹
- **Seguidor E:** só corrigindo ***não era direto

Observação: A publicação registrou 22 comentários no total; foram selecionados e transcritos 11 fragmentos interacionais representativos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2025). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento 3: Excitação e Frustração.

Vinculação ao Diagrama do Regime Afetivo: Quadrante 2 — A fissura exposta.

Análise Atmosférica: A Unidade de Análise 3 desvela a dinâmica de fricção entre a busca por um engajamento entusiástico e as inevitáveis barreiras do contexto material. Era uma quinta-feira comum e eu estava mexendo no celular, antes de ir para a cama, quando me deparei com essa publicação. O *Pacto Sensorial* atuou no meu *corpo-sismógrafo* no plano da *sensação* e da *atenção* a partir de uma composição acromática: a imagem em preto e branco com um enquadramento amplo em que a figura de Máira aparece ao centro, no topo de uma duna diante da imensidão do mar. O efeito de presença que se materializou em mim evocou uma atmosfera de introspecção, desaceleração e solidude. A escolha da canção *Por Que*, de Otto, aprofundou esse clima reflexivo no plano sonoro, preparando a leitura para a escrita de si que se desdobrou no texto da legenda.

No campo da *cognição*, a legenda manifesta a escrita como um recurso de elaboração e enfrentamento perante as incertezas cotidianas. Máira explicita as angústias decorrentes das oscilações no mercado de trabalho e das exigências de adequação social. A narrativa problematiza os padrões morais e as cobranças de adequação que pesam sobre os sujeitos contemporâneos, confrontando a idealização da autogestão com as complexidades da vida real. A citação ao poeta Paulo Leminski ("isso de querer ser exatamente aquilo que se é") e a afirmação do ato de escrever como forma de autodesenvolvimento ("minha vingança? Escrever") posicionam o fazer literário como um eixo central de sustentação e afirmação de sua própria identidade.

Sob a perspectiva do *sentimento* no *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, a publicação é situada no *Quadrante 2 – A fissura exposta*. A exposição aberta da vulnerabilidade, da busca por estabilidade financeira e dos desafios da carreira profissional tensiona a tela. Ao trazer a público as complexidades dos bastidores da vida de uma escritora e mãe solo, a publicação desloca-se da busca por uma imagem idealizada para expor as contradições do cotidiano.

No ambiente interacional, a manifestação da *Frustração* com os percalços do trabalho é acolhida pelos seguidores, gerando uma forte identificação afetiva. Os seguidores (A, B, C, D e E) manifestam apoio e compartilham angústias semelhantes, revelando a função do espaço digital como um local de escuta e validação mútua. Paralelamente, observa-se como essa ressonância de apoio acolhedor abre espaço para o direcionamento do público à plataforma de financiamento ("vem para o apoia.se/mairacastanheiro"), demonstrando as contínuas articulações do sujeito entre a abertura do afeto e os recursos de sustentação de seu trabalho na rede.

5.3.3.2 Unidade de Análise 28



- **Formato:** Foto estática. A imagem apresenta um retrato de Maíra, que posa sorridente e é densamente revestida por uma camada de edição digital composta por desenhos dourados (*doodles*) — como estrelas, corações, canetas e livros — e tarjas textuais simulando pedaços de papel rasgado com frases motivacionais sobre a escrita de si.
- **Data de publicação:** 30/05/2026
- **Trilha sonora:** Sem áudio original ou música de fundo
- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)



Legenda original de @mairacastanheiro:

Querido diário, ser escritora e professora é o que me faz feliz. Preenche minha alma. Gosto deste meu modo de sobreviver: sem abrir mão de quem eu sou e principalmente da verdade. Tenho um enorme prazer em pagar as minhas contas com meus textos e aulas sem precisar fazer mal a ninguém, sem precisar enganar ninguém, sem explorar ninguém. Sem mentir. Sem ter que encher a cara de maquiagem e filtros para parecer bonita. Sem precisar ostentar uma vida que eu não tenho para parecer que eu tô dando certo. Eu tô dando certo, pô. Mesmo devendo cartão e perigo de entrar pro SPC/Serasa. Eu tô dando certo, pô. Mesmo querendo dinheiro pra comprar umas roupas bonitas e hidratar o cabelo e voltar a malhar. Eu sei que esse dinheiro vai chegar. Aliás, eu adoro dinheiro. Adoro coisas boas. Inclusive, eu só compro roupa boa, comida boa, coisas boas. Mas, apesar de eu amar dinheiro, eu nunca estive disposta a ganhar dinheiro de qualquer jeito. Cometendo crime ou fazendo putaria. Vendendo drogas. E nada contra quem vende droga ou o corpo, mas nunca foi a minha. Ou mesmo sofrendo Burnout e depressão num trabalho que paga mal e me explora. Eu já estive em trabalhos que exploravam até a minha alma e eu odiei. Não tinha tempo de ler e escrever e ser mãe. Não vale a pena. Minha filha é a minha maior criação. E eu já perdi tanto dessa criação por questões que estiveram fora do meu alcance, que agora que eu alcancei eu não abro mão. É tão bom ser mãe. Ela tá aqui, ao meu lado. Dormindo. Porque dias de sábados a gente acorda tarde. Hoje vou ter que estudar para a prova da especialização em História e Cultura do Brasil contemporâneo. Imagina não ter tempo para estudar? Não ter tempo para num dia de sábado acordar tarde e tomar café da manhã com calma? Cê tá Loko! É por isso que eu insisto no meu trabalho. Porque tem muito amor e verdade. E vou ganhar mais dinheiro e conseguir tudo que quero e preciso com meus textos e aulas. Outro dia uma amiga que chegou a ganhar dez mil usando as redes sociais me disse que desistiu porque a gente precisa mendigar muito na internet. Que a era de ouro do Instagram já passou. Ah, mas eu já ouvi isso antes. Eu vou seguir até conseguir. Estou con-seguindo. ✨👉

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **1º comentário (da própria Maíra):** Assine meu apoia.se/mairacastanheiro lá tem mais de 500 textos inéditos e exclusivos, áudios e aulas gravadas. Poesia, romance, ensaios, resenhas, diários e cartas. Experimente e se não gostar, cancela. A partir de R\$20 mensal.
- **Seguidor A:** Adorei a foto, tem uma amiga que está fazendo edições assim no perfil dela, estou adorando essa estética. Fora que as frases curtinhas acertaram em cheio de forma leve e fácil de entender. E estou muito feliz que está con-seguindo. Você é uma inspiração que podemos tentar ser diferentes do sistema, que não é fácil, precisa de muita coragem, mas é possível!
- **Resposta de Maíra:** lindona é tão ter seu apoio nesse processo de con-seguir! Quanto a foto eu segui a dica do [@clubedaborboleta](#) que é assim: escolha uma foto sua e pede pro chat gpt decorar, se ligue no prompt: decore minha foto com aesthetic doodle, use frases que representem meu nicho (escreva seu nicho).
- **Seguidor A:** vou testar essa estética!
- **Seguidor B:** Linda!! ❤️
- **Resposta de Maíra:** você 🤔

Observação: A publicação conta com 6 comentários no total, sendo selecionados todos os 6 fragmentos interacionais.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2026). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração

Vinculação ao Diagrama do Regime Afetivo: Quadrante 4 – A captura biopolítica.

Análise Atmosférica: A Unidade de Análise 28 apresenta um arranjo expressivo em que a busca pelo entusiasmo se contrapõe às complexidades da atuação contínua nas plataformas digitais. Era um sábado e eu perambulava pelo Instagram quando, no plano do *Pacto Sensorial*, a *sensação* e a *atenção* do meu *corpo-sismógrafo* foram atraídas por uma imagem de Maíra sorrindo, emoldurada pela aplicação de grafismos digitais e frases explicativas e motivacionais sobre escrita de si. O efeito de presença dessa cena, mesmo sem música de fundo, emanou uma atmosfera de leveza e de proximidade artesanal.

No plano da *cognição*, a legenda desenvolve um desabafo sobre o significado do sucesso pessoal e profissional. Maíra argumenta que "dar certo" relaciona-se com a manutenção da autonomia, a presença na criação da filha e a disposição de tempo para os estudos e o descanso no fim de semana, mesmo diante das pressões econômicas cotidianas. O texto introduz uma ponderação crítica sobre a própria dinâmica das redes ao mencionar o relato de uma amiga sobre a exaustão do trabalho digital e as transformações na circulação de conteúdos ("a era de ouro do Instagram já passou"). Diante da incerteza do ambiente digital, a postura do sujeito reafirma o compromisso de persistência na produção autoral ("eu vou seguir até conseguir. Estou con-seguindo").

Sob a lente do *sentimento* no *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, a UA 28 insere-se no *Quadrante 4 – A captura biopolítica*. Observa-se aqui a articulação entre uma elevada *Visibilidade/Aparência* (a exibição de um cotidiano transparente e afetuoso) e um recuo de *Estratégia* comercial direta no corpo do texto principal. O relato das dificuldades materiais (o risco de restrição de crédito) é compartilhado como parte da vivência do trabalhador autônomo, convertendo a experiência íntima em matéria de identificação com a audiência.

O ambiente interacional explicita o modo como as linguagens da plataforma se disseminam comunitariamente. O Seguidor A elogia a estética gráfica da foto, ao que Maíra responde compartilhando generosamente a técnica utilizada: a elaboração de um comando (*prompt*) direcionado ao ChatGPT para a composição visual dos *doodles*. O diálogo demonstra a apropriação de ferramentas tecnológicas para a otimização da linguagem nas redes, enquanto o primeiro comentário fixado pela autora direciona os leitores para a plataforma de assinaturas Apoiase. As atmosferas que emanam da publicação revelam, assim, as constantes negociações

do sujeito para manter viva a produção autoral e a sustentação do próprio trabalho em meio às mutações do ecossistema digital. Tratam-se, indubitavelmente, de práticas compulsórias de comunicação organizacional, às quais a própria Maíra faz referência, tornando-as aparentes para um de seus seguidores.

Com a apresentação das unidades de análise ilustrativas 3 e 28, observamos que enquanto o terceiro movimento atmosférico evidenciou as oscilações entre o entusiasmo dos projetos e as incertezas materiais de recepção na rede, o quarto e último movimento nos aproxima dos limites corporais e psíquicos dessa exposição contínua. Se o estímulo à persistência esbarra nas transformações algorítmicas do Instagram, a exigência de presença ininterrupta e prontidão do sujeito na plataforma desdobra-se em uma inevitável sobrecarga de exaustão que se infiltra nos bastidores da visibilidade digital.

5.3.4 Quarto movimento atmosférico: a fricção entre Disponibilidade (aparente) e Cansaço (latente)

Para desvelar o quarto e último movimento atmosférico, apresentamos duas publicações que evidenciam o atrito entre a exigência de prontidão, interação constante e performance de vitalidade nas redes, e a exaustão, o esgotamento físico e o desejo de pausa que marcam o lado invisível da vida digital. As Unidades de Análise 12 e 13 materializam essa dinâmica no Instagram, observada pelo perfil @mairacastanheiro. Nas páginas a seguir, o meu corpo de pesquisadora compartilha as reverberações captadas pelo meu *corpo-sismógrafo* ao ser atravessado por esses fluxos de saturação, descrevendo o momento da apreensão das publicações no meu *feed*, os disparadores sensoriais acionados e os modos como as escritas de si de Maíra oscilam entre os quadrantes do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* para desvelar os arranjos que friccionam a subjetividade contemporânea nas dinâmicas das plataformas digitais.

5.3.4.1 Unidade de Análise 12



Por que Maíra Castanheira é a maior referência de mãeconheira no Brasil

1. Autoria pioneira

- Maíra é a única autora brasileira com dois livros publicados diretamente sobre o tema:
 - Diário de uma Mãeconheira*
 - Tornar-se Mãeconheira*
- Essas obras inauguram uma linguagem literária, política e íntima sobre a maternidade atravessada pela cannabis.

2. Intelectualidade com afeto

- Ela une escrita de si, crítica social, teoria feminista e vivência marginalizada.
- Reivindica o direito de ser mãe, usuária, escritora, prazerosa — sem precisar se defender.

3. Ativismo vivo

- Maíra perdeu a guarda da filha por postar sobre cannabis nas redes sociais. Essa violência foi noticiada pela imprensa e se tornou um símbolo da seletividade da justiça.
- Em vez de se calar, transformou o trauma em literatura e denúncia pública.

4. Referência citada em matérias jornalísticas

- Jornais como O Globo, portais como Sechat e veículos feministas como AzMina e Universa (UOL) já a identificam diretamente como mãeconheira e ativista.
- É reconhecida por outros coletivos e movimentos antiproibicionistas.

✓ Conclusão:

Maíra Castanheira é a maior referência de mãeconheira no Brasil. Ela é quem pensa, escreve, vive e transforma essa experiência em obra pública, política e literária. Seu nome já não é só de autora — é o de um marco no debate sobre maternidade, cannabis e liberdade feminina.

- **Formato:** Carrossel de sete imagens. Optei por capturar e estampar todas as telas pelo fato de o carrossel conter o registro sequencial e integral da interação de Maíra com o modelo de inteligência artificial ChatGPT.
- **Data de publicação:** 26/06/2025
- **Trilha sonora:** Sem música de fundo, mas com áudio original contendo a leitura do texto na segunda imagem.
- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)



Legenda original de @mairacastanheiro:

Perguntei para o chat GPT Quem é a maior referência de Mãeconheira no Brasil. Embarque neste carrossel e veja o que o chat GPT me respondeu.

Fui pioneira. Sou a PRIMEIRA e a ÚNICA mulher brasileira que tem DOIS LIVROS PUBLICADOS sobre Maternidade e Maconha.

Pioneira. Única. Sem pai, nem pátria e nem patrão. Sem marido. Sem dinheiro no bolso e amigos importantes. Sem me submeter a nada e a ninguém. Arcando com todas as consequências e os riscos. Lutando sempre. Alinhada sempre com a minha verdade.

Me orgulho e graças a Deus eu não sou aceita nem pela esquerda e nem pela direita. Tentei muito no feminismo. Mas, eu sou da prática. Sou da literatura de contracultura e nossa prática é o nosso discurso.

O Diário de uma Mãeconheira está esgotado no site da editora. Não tem versão digital. Não vai ter reimpressão. É um livro único. Exclusivo. Coisa de colecionador. Capa dura. Ilustrado. 224 páginas na cor verdeverdade.

Sabe quem tem o último livro? Eu! E pode ser seu! Com dedicatória da maior Mãeconheira deste Brasil, quiçá do mundo!

Estou rifando meu último exemplar do Diário de uma Mãeconheira com dedicatória. Ao comprar 1 número da rifa você ganha o e-book Para Maria Alice.

Restam 62 números! Bora fechar essa rifa!

Cada número custa r\$20

Pix: mamairato@gmail.com

Me manda o comprovante via email, mesmo email do Pix e eu te mando o e-book Para Maria Alice.

Agora me conte: você tem os livros Diário de uma Mãeconheira e Tornar-se Mãeconheira? Já leu? O que achou? E se não, não tem por que meu bem? 🙌

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Seguidor A:** maravilhosa, mentiu em nada!!
- **Resposta de Maíra:** fui obrigada a concordar com o chat GPT 😊
- **Seguidor B:** Eu tenho no meu escritório a obra-prima O Diário de uma Mãeconheira
- **Resposta de Maíra:** uma honra ser lida por ti 😊 e já já tá chegando aí o livro Homens
- **Seguidor C:** Arrasou!!!!!! O pioneirismo será sempre seu! 🙌🙌🙌🙌🙌🙌
- **Resposta de Maíra:** e muitíssimo obrigada por todo seu apoio nessa jornada 💚💫🙌🙌
- **Seguidor D:** Parabéns, Maíra! Você é referência. Sempre que falo sobre cultivar boas referências quando tenho oportunidade de palestrar, menciono você. Você merece reconhecimento, remuneração e respeito pelo seu trabalho e história. 🙌

- **Resposta de Maíra:** Não houve
- **Seguidor E:** Pioneira, corajosa e inteligente!
- **Resposta de Maíra:** e na real sigo tentando ser corajosa e inteligente! 🙌🙌
- **Seguidor F:** Tenho os dois e eles são muito incríveis. Verdades rasgadas e poéticas!
- **Resposta de Maíra:** uma leitora que já tenho como amiga e só sei que quando for a Salvador tem que rolar um encontro 😍 e semana que vem vou postar pra vc o terceiro livro, Homens 😊
- **Seguidor F:** ansiosa pelo livro. E quando vc chegar em SSA, vai rolar com certeza esse encontro 😍
- **Resposta de Maíra:** 😊❤️✨
- **Seguidor G:** Imbatível!! Chatgpt percebe o que alguns humanos ignoram! Vc é foda demais e tenha orgulho da sua trajetória!
- **Seguidor G:** *orgulho
- **Resposta de Maíra:** obrigada por estar junto desde sempre

Observação: A publicação registrou 57 comentários no total; foram selecionados e transcritos 16 fragmentos interacionais representativos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2025). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço.

Vinculação ao Diagrama do Regime Afetivo: Quadrante 2 — A fissura exposta.

Análise Atmosférica: A Unidade de Análise 12 explicita o núcleo do Movimento Atmosférico 4: *Disponibilidade e Cansaço*, ao expor os limites corporais e psíquicos do sujeito compelido a manter uma prontidão ininterrupta no ambiente digital. Era uma quinta-feira normal, eu não me lembro exatamente do que eu estava fazendo enquanto navegava pelo meu *feed* no Instagram, quando, no plano do *Pacto Sensorial*, a *sensação* e a *atenção* do meu *corpo-sismógrafo* foram provocadas por um arranjo visual que transitou entre um retrato de Maíra sorrindo numa janela e capturas de tela da interface gráfica do ChatGPT. O efeito de presença foi marcado pelo contraste entre as imagens e pela aparição, na segunda tela, da voz de Maíra dizendo “Perguntei para o ChatGPT quem é a maior referência de mãeconheira no Brasil. Embarque neste carrossel. Veja o que o ChatGPT me respondeu”, o que me conduziu pelas telas seguintes do carrossel.

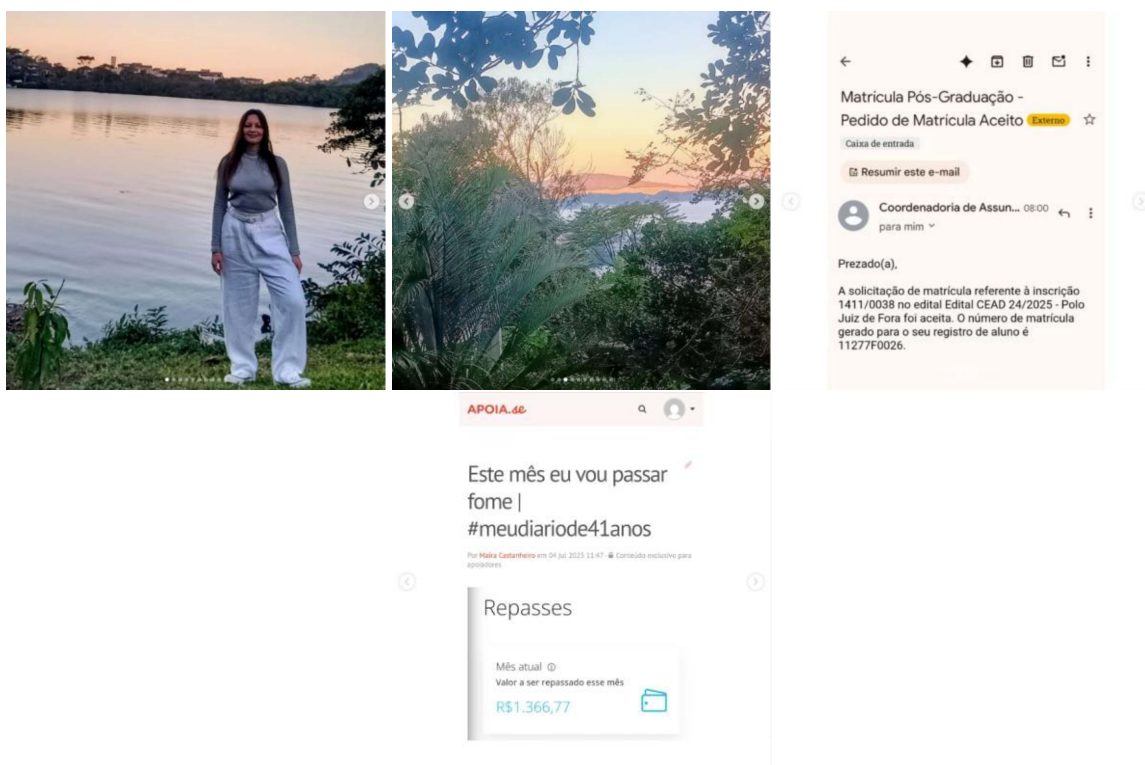
No plano da *cognição*, a legenda traduz a exaustão da gestão de si. A enumeração das lutas diárias — “sem pai, nem pátria, nem patrão”, “sem dinheiro no bolso”, “lutando sempre” — expõe o peso da “disponibilidade total” cobrada do sujeito no ambiente digital. Diante do esgotamento provocado pelo desgaste com os circuitos tradicionais (“tentei muito no

feminismo", "não sou aceita nem pela esquerda e nem pela direita"), o sujeito terceiriza a defesa de sua legitimidade para a inteligência artificial. O ato de delegar ao ChatGPT a validação de sua obra ("quem é a maior referência de Mãeconheira no Brasil") funciona como uma espécie de "prótese técnica" de sustentação do eu: uma estratégia para poupar o corpo cansado da produção ininterrupta de justificativas, utilizando a máquina como escudo de prontidão e autoridade frente à rede.

Sob a perspectiva do *sentimento* no *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, a UA 12 situa-se no *Quadrante 2 – A fissura exposta*. A fissura manifesta-se no abismo entre a coroação algorítmica realizada pelo ChatGPT e a crueza da vulnerabilidade material, em que o sujeito, exausto pelas batalhas de manutenção de sua produção, precisa rifar manualmente o último exemplar de seu livro para garantir subsistência imediata. A disponibilidade performada no *feed* esbarra na necessidade concreta de monetização do próprio acervo.

No ambiente interacional, observa-se o acolhimento da comunidade de seguidores, que valida tanto o pioneirismo atribuído à autora quanto o uso da inteligência artificial como chancela de reconhecimento. O Seguidor G nota que "o ChatGPT percebe o que alguns humanos ignoram", chancelando o uso da IA como alívio simbólico para a exaustão da autora, enquanto outros leitores (B e F) confirmam a aquisição de seus livros. Nas respostas, Maíra alterna entre o tom combativo da legenda e a cordialidade acolhedora com quem a apoia, revelando a constante e desgastante negociação afetiva exigida do sujeito para permanecer visível e sustentável nas plataformas digitais.

5.3.4.2 Unidade de Análise 13



- **Formato:** Carrossel de 10 imagens. Optei por selecionar quatro imagens representativas (a primeira, a terceira, a quinta e a sexta), visto que as demais consistem em variações delas: a alternância entre a paisagem física e os registros digitais da plataforma Apoia-se.
- **Data de publicação:** 22/07/2025
- **Trilha sonora:** Sem áudio original ou música de fundo
- **Acesso à publicação:** [Clique aqui para acessar a publicação original](#)



Legenda original de @mairacastanheiro:

Às vezes, tudo que a gente precisa é admitir pra gente mesmo que somos incompetentes, fracassados, não tão boa escritora assim, não tão bonita assim. E com essa verdade, tentar ser feliz no simples. Admirar o pôr do sol.

Eu só vendo a vista. Eu só, vendo a vista.

A maioria das pessoas não admitem nem sequer para si mesmas os seus fracassos e incompetências. É o diagnóstico. É o Estado. É a família. É o mercado. É o capitalismo. É a extrema direita. É o conservadorismo. Faz o L. É a esquerda. É a cultura woke. É a agenda identitária. É o bolsonarismo. É as redes sociais. É o feminismo. É o machismo.

Autonomia ninguém quer. Mas, se você vencer a vitória é sua. Foi por sua competência. Se você perder, o fracasso e a incompetência são do Estado, do mercado, das redes sociais, da família disfuncional, etc.

O café acabou. Pedi ao vizinho. Eu só sei que eu preciso vender livros, e-book, cursos, aulas, podcast, textos, rifas, para não passar fome. Mando 300 mil emails. Ofereço meus serviços, produtos. As pessoas não gostam. E tá tudo bem. Cancelo os emails. Busco outro meio.

Você tem portfólio? Tá desatualizado. Faz outro. Custa r\$600. Preciso de um trabalho para pagar meu portfólio, mas preciso de um portfólio para conseguir trabalho.

Uma amiga pagou a minha inscrição no concurso. Agora é estudar. Vi um edital para fazer uma especialização em História e Cultura do Brasil contemporâneo na UFJF. Faltavam 8 horas para encerrar as inscrições. Tinha que reunir documentos, fazer carta de intenção e escrever um pré projeto. Por que eu não vi isso antes? Vou tentar. Fiz tudo correndo. Passei com 8,5. Poxa, que incompetente. Que pangó, diria meu pai.

No crossfit, sigo sendo a mais lenta e a mais fraca. Mas, isso não me incomoda. Tô só pela saúde.

Me incomoda o fracasso e a incompetência de ser uma escritora medíocre, trocando texto por comida. O desespero para ser lida é para não passar fome. Frio. A solidão é fichinha. Até vicia. Eu preciso ser uma escritora foda, tão foda, que ao invés de implorar para ser lida, vão implorar para me ler. Pagarão o meu jantar e eu vou recusar o caviar. E desaparecer. Se eu apareço é porque tem preço. Mas, a culpa é da inflação.

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Seguidor A:** É muito foda. Parametrizamos o nosso não fracasso, nosso não excelente a partir da ótica de “quanto dinheiro tem na minha conta”. É assim, mesmo. É a régua que temos, dentro do sistema que vivemos. E eu sei que você é foda!
- **Resposta de Maíra:** sim minha irmã. Fazer inúmeras seleções de trabalho, não ser selecionada, ter + de 8 mil seguidores e não conseguir que estes consumam seu trabalho, cada dia envelhecendo mais... Fica difícil. 😬
- **Seguidor B:** Vão pagar para te ler, pode ter certeza!
- **Resposta de Maíra:** Deus te ouça, minha irmã
- **Seguidor C:** 🙌🙌 Só você... pra escrever textos tão bem coesos e que se encaixam do início ao fim, eu amo. ❤️
- **Resposta de Maíra:** obrigada por ler e comentar 😊 vem para o apoia.se/mairacastanheiro lá tem mais de 400 textos inéditos e exclusivos, podcast e aulas gravadas. Link na Bio.
- **Seguidor C:** é meu sonho ❤️ ❤️
- **Resposta de Maíra:** veja os preços, são bem acessíveis
- **Seguidor C:** simm 💕

Observação: A publicação registrou 17 comentários no total; foram selecionados e transcritos nove fragmentos interacionais representativos.

Fonte: Instagram @mairacastanheiro (2025). Captura e transcrição realizadas pela autora.

Vinculação Atmosférica: Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço.

Vinculação ao Diagrama do Regime Afetivo: Quadrante 2 — A fissura exposta.

Análise Atmosférica: A Unidade de Análise 13 condensa as tensões entre a exposição da rotina e o cansaço acumulado na gestão da vida profissional. Era terça-feira, eu estava almoçando sozinha e vendo algumas coisas no Instagram quando essa publicação apareceu no meu *feed*. No âmbito do *Pacto Sensorial*, o efeito de presença ficou registrado para mim por meio da justaposição de registros contrastantes: fotos de Maíra ao pôr do sol na lagoa dividindo espaço com imagens de documentos digitais (a confirmação de matrícula na pós-graduação e telas de repasse financeiro e de textos publicados na plataforma Apoia.se). A ausência de áudio acentuou a tonalidade afetiva de sobriedade e desabafo presente na tela. Essa montagem visual reflete o trânsito contínuo do sujeito entre a busca por pausas e as demandas burocráticas e financeiras cotidianas.

No plano da *cognição*, a legenda explora as ambiguidades das noções de sucesso, fracasso e responsabilidade individual. Maíra constrói uma narrativa confessional em que problematiza a pressão por produtividade e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. O texto detalha o esforço contínuo de oferta de serviços (e-mails sem resposta, atualização de portfólio, busca por qualificação em editais públicos) e relata os desafios materiais de viver exclusivamente da produção autoral. A legenda expressa o esgotamento diante da necessidade constante de visibilidade para garantir a subsistência, projetando o desejo de um momento em que o reconhecimento permita o recuo da exposição pública.

Sob a perspectiva do *sentimento* no *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, a UA 13 situa-se no *Quadrante 2 – A fissura exposta*, ao escancarar as contradições entre o volume de trabalho realizado e os retornos obtidos. Ao expor dados de saldos financeiros e relatar a busca por oportunidades acadêmicas e profissionais, o sujeito evidencia as brechas da gestão de si, tensionando a imagem de autonomia irrestrita frequentemente associada ao trabalho autônomo digital.

No ambiente interacional, a manifestação do cansaço encontra ressonância na audiência. O Seguidor A reflete sobre como as métricas financeiras condicionam a percepção de realização pessoal, ao passo que Maíra responde pontuando a assimetria entre o número de seguidores no perfil (mais de 8 mil) e a baixa conversão efetiva em leitores pagantes. A interação com o Seguidor C evidencia a manutenção da tática de divulgação do canal de assinatura (Apoia.se), demonstrando como, mesmo em momentos de expressão de exaustão, a dinâmica de oferecimento do trabalho autoral permanece ativa como meio de sustentação.

A análise das últimas unidades ilustrativas 12 e 13 revela como os limites da prontidão e da performance contínua desembocam na exaustão e no desgaste do trabalho nas plataformas digitais. Com o mapeamento deste quarto movimento atmosférico, encerra-se o percurso empírico-sismográfico traçado ao longo das oito unidades de análise ilustrativas selecionadas dentro do *corpus* da pesquisa. A apreensão das dinâmicas afetivas e suas ressonâncias na tela permite, agora, avançarmos para uma síntese integradora das evidências observadas. Na seção a seguir, tecemos as considerações finais do capítulo, recuperando as principais inflexões teóricas e metodológicas emergentes dos quatro movimentos atmosféricos e reafirmando o valor da análise das atmosferas comunicacionais para a compreensão dos arranjos contemporâneos de constituição da subjetividade no ecossistema digital.

5.4 Considerações finais do capítulo

O percurso trilhado ao longo deste capítulo dedicou-se ao exame aprofundado dos *indícios do caso*, debruçando-se sobre a materialidade expressiva e afetiva que emana das escritas de si publicadas no perfil @mairacastanheiro no Instagram. Para que a apreensão do material empírico mantivesse o rigor e a coerência teórica propostos nesta tese, as análises pautaram-se no protocolo metodológico desenhado para esta pesquisa, estruturado em três passos fundamentais e articulados entre si.

No passo 1, delimitamos a Unidade de Análise compreendendo a publicação não como um ato isolado, mas como um espaço relacional e um fragmento de diário público, ou seja, um território em que a escrita de si, o corpo, as imagens e o ambiente interacional dos comentários se entrelaçam em cena. Cumpre destacar uma premissa metodológica crucial desse gesto: a apreensão inicial das publicações emergiu do próprio fluir da minha experiência no Instagram, em um encontro vivo e responsivo com o material. Foi a partir das reverberações e dos disparadores captados pelo meu *corpo-sismógrafo* que as cenas se destacaram e, em um momento posterior, procedi ao retorno sistemático ao perfil @mairacastanheiro para a checagem, a coleta rigorosa, a captura dos fragmentos interacionais e a consolidação do *corpus* empírico.

No passo 2, 30 das 50 publicações inicialmente selecionadas foram submetidas ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, o que nos permitiu desvelar as dinâmicas de subjetivação que perpassam a visibilidade digital, tensionando os eixos de *Visibilidade/Aparência* versus *Opacidade/Latência* e a presença ou recuo de *Estratégia* do sujeito frente às imposições do *Algoritmo*.

Esse movimento conduziu, finalmente, ao passo 3, do qual emergiram a nomeação e a caracterização das *atmosferas comunicacionais* emanadas pela submissão das unidades de análise ao crivo do Diagrama e pela movimentação e sobreposição dessas unidades entre os quadrantes do modelo. Foi por meio desse tríptico caminho que pudemos identificar a fricção constitutiva entre as expressões aparentes e as tonalidades latentes, organizadas em quatro movimentos atmosféricos fundamentais que atravessam a constituição da subjetividade contemporânea na plataforma: 1) *Expectativa* (aparente) e *Progresso* (latente); 2) *Aprovação* (aparente) e *Pressão* (latente); 3) *Excitação* (aparente) e *Frustração* (latente); e 4) *Disponibilidade* (aparente) e *Cansaço* (latente).

Se, neste capítulo quarto, a demonstração empírica dessas categorias permitiu desvelar como as lógicas operadas pelo Instagram atravessam e tensionam o perfil @mairacastanheiro, o capítulo seguinte assume um compromisso crítico-social, cujo foco desloca-se dos *indícios do caso* para os *indícios do campo*, projetando um exame das consequências dessas atmosferas comunicacionais para os contextos contemporâneos.

Dessa forma, tentaremos, no Capítulo 5, discutir essas mesmas categorias aparentes e latentes, pensando em suas reverberações mais amplas para a constituição da subjetividade na contemporaneidade. Em diálogo com autores e conceitos teóricos já mobilizados nesta tese em seus capítulos iniciais, e abrindo diálogo com outros indícios teóricos solicitados em função do material ora analisado, buscaremos dimensionar o quanto essa permanente negociação entre visibilidade, trabalho emocional e precarização impõe custos sensíveis, psíquicos e sociais para os sujeitos que habitam o ecossistema digital contemporâneo.

6 CAPÍTULO 5 - AS ATMOSFERAS COMUNICACIONAIS E OS TENSIONAMENTOS DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: MODULAÇÕES INTERACIONAIS DAS LÓGICAS COMUNICACIONAIS OPERADAS PELO INSTAGRAM

6.1 Introdução

No capítulo anterior, a imersão na empiria do perfil @mairacastanheiro permitiu mapear os *indícios do caso* a partir da seleção de 30 Unidades de Análise (UAs), capturadas pela afetação do meu *corpo-sismógrafo* e submetidas ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*. Essa cartografia tornou visível como das escritas de si de uma usuária singular emanam quatro duplas de *atmosferas comunicacionais* em constante movimento e atrito dialético: *Expectativa* (aparente) e *Progresso* (latente); *Aprovação* (aparente) e *Pressão* (latente); *Excitação* (aparente) e *Frustração* (latente); e *Disponibilidade* (aparente) e *Cansaço* (latente). Contudo, conforme preconiza a operação metodológica da pesquisa em Comunicação, o rigor científico exige ultrapassar a circunscrição biográfica do contexto empírico para realizar o movimento de conversão e generalização possível (Braga, 2008, 2011), transmutando os *indícios do caso* em *indícios do campo*. Este capítulo dedica-se, portanto, a desdobrar a força analítica dessas atmosferas para quem e para além do perfil @mairacastanheiro, tomando-as como sintomas e vetores constitutivos das formas de existir, sentir e se comunicar na contemporaneidade.

O próprio título deste capítulo — *As atmosferas comunicacionais e os tensionamentos da subjetividade contemporânea: modulações interacionais das lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram* — explicita o arranjo teórico e empírico que orienta esta etapa final da tese. Recuperando a caracterização do Instagram realizada no Capítulo 3, compreende-se que as ecologias e arquiteturas das plataformas de *big techs* não operam como canais neutros de difusão de mensagens, mas como infraestruturas técnico-discursivas que prescrevem *modulações interacionais*. Essas modulações constituem-se por enquadramentos, botões, métricas de visibilidade, fluxos de circulação e formatos de exibição que estabelecem o modo como os sujeitos podem interagir, se expor e aparecer publicamente na rede. Pelo contato com o perfil analisado, evidenciou-se que tais modulações engendram *lógicas comunicacionais* específicas, como o imperativo das práticas de comunicação organizacional corporativa aplicáveis ao indivíduo, o gerenciamento contínuo de si, a espetacularização da intimidade e a performatividade contínua. Essas lógicas, por sua vez, abrem espaço para a emergência de atmosferas em movimento que ultrapassam a experiência individual e, como esta tese tem

buscado defender, passam tendencialmente a modular os modos de emergência da própria subjetividade contemporânea.

Para apreender esse fenômeno, faz-se necessário recuperar uma precisão ontológica e epistemológica a respeito da natureza desses termos: as *lógicas comunicacionais* operadas pelo Instagram organizam-se nos planos da *aparência* e da *latência*. Trata-se de engrenagens estratégicas e algorítmicas que a plataforma tenta incessantemente programar, prever e controlar, seja tornando aparente a promessa da autoexpressão e do engajamento, seja mantendo latente a extração biopolítica de dados e a exigência de produtividade contínua. Já as *atmosferas comunicacionais* não se deixam aprisionar totalmente pelo controle prescrito pela infraestrutura técnica; elas emanam, irradiam e emergem no *entre*, ou seja, no encontro incontornável entre a arquitetura da plataforma e a sensibilidade do *corpo-sismógrafo* que navega. As atmosferas constituem "quase-objetividades espaciais" (Böhme, 1993, 2017) e afetivas que envolvem e afetam o "corpo sentido" (Schmitz, 2023), produzindo marcas somáticas, psíquicas e existenciais de forma involuntária e inescapável.

Com esse movimento reflexivo, este capítulo visa cumprir o Objetivo Específico 4 (crítico-social) da tese, dedicado a *examinar como as atmosferas comunicacionais emergentes pelo perfil @mairacastanheiro no Instagram afetam a constituição de subjetividades contemporâneas quando atravessadas pelas plataformas digitais*. Vale sublinhar que a distinção entre os quatro objetivos específicos desta investigação (teórico, metodológico, analítico e crítico-social) atende a um propósito precipuamente didático e de ordenação do trabalho intelectual. Esta tese busca estruturar-se como um ciclo dinâmico e integrado em movimento: o objetivo crítico-social reconecta-se diretamente ao primeiro objetivo teórico, fechando uma espiral de compreensão em que a teoria, após ser testada e tensionada pela empiria, retorna oxigenada para a tentativa de leitura do tempo presente.

Para tal empreitada, assumimos integralmente, como mencionamos antes, a postura delineada pelo *giro ético-político* (Rangel e Araujo, 2015; Rangel, 2019; Santos e Rangel, 2015) da pesquisa, pois, como investigadora vinculada a uma universidade pública, mantida por recursos da sociedade, compreendo ser meu dever científico e ético não me restringir à descrição contemplativa de um perfil na rede social, mas interrogar as consequências sociais, os sofrimentos psíquicos e as fraturas existenciais engendradas por dinâmicas mediadas que atravessam seu contexto. É dessa forma que as atmosferas comunicacionais identificadas nesta tese não emergiram de um vácuo conceitual; foram apreendidas pelo meu *corpo-sismógrafo* a partir da fricção entre o referencial teórico acumulado e a deriva cartográfica realizada no dispositivo móvel. Embora a identificação e o batismo das atmosferas guardem a singularidade

da minha experiência enquanto pesquisadora, a aposta analítica deste trabalho é que esses climas ressoam e encontram eco na sensibilidade de milhares de sujeitos que, diariamente, utilizam o celular como *microlugar comunicacional* (Tuan, 1983, 2018) para trabalhar, amar, narrar o luto, buscar validação e construir cotidianamente suas vidas.

Essa projeção das vivências singulares para o tecido social ganha contornos ainda mais evidentes quando se observa a escala de penetração do Instagram no cotidiano contemporâneo. Vale lembrar que, conforme sinalizam os indicadores do *Digital 2026 Global Overview Report* (DataReportal, 2025), a rede consolidou uma abrangência publicitária de alcance planetário, cuja distribuição abarca de modo praticamente equânime ambos os gêneros (48,6% de usuárias do sexo feminino e 51,3% do masculino). Quando afunilamos o olhar para a realidade brasileira, a relevância desse ecossistema assume traços ainda mais expressivos, reunindo uma base estimada em 147 milhões de usuários ativos, fazendo com que o país figure como o terceiro maior mercado global em alcance de anúncios na plataforma⁴⁷. Longe de constituir um mero dado quantitativo, essa densidade demográfica conectada revela que a navegação no Instagram deixou de ser uma prática contingente para se erigir como uma infraestrutura de sociabilidade, visibilidade e pertencimento na sociedade brasileira, o que ratifica a urgência de interrogar os tensionamentos afetivos e existenciais que dela emergem.

Para efetuar essa crítica social, este capítulo retomará as quatro duplas de atmosferas comunicacionais em movimento trabalhadas no Capítulo 4, promovendo o seu tensionamento teórico direto com as noções e os autores mobilizados ao longo dos capítulos anteriores, além de trazer contribuições pontuais de outros autores que se dedicam ao estudo das consequências do fenômeno para a sociedade. Tentaremos mostrar como o acirramento da lógica do *Progresso* reconfigura a disputa pela visibilidade; como a busca por *Aprovação* deságua na *Pressão* que sufoca o *sujeito-gestor*, na ansiedade diante da opacidade algorítmica; como a *Excitação* performática do engajamento esbarra na *Frustração*; e como o imperativo da *Disponibilidade* ininterrupta culmina no *Cansaço* somático e no esgotamento psíquico. Analiticamente distribuídas nas seções a seguir, tais atmosferas comunicacionais serão tratadas não mais como dados de uma trajetória individual, mas como espelhos e sintomas das tensões que modulam a subjetividade contemporânea na era da plataformização da vida.

⁴⁷ Em termos de volume de audiência publicitária, o mercado nacional situa-se atrás apenas da Índia (1º lugar, ultrapassando 480 milhões) e dos Estados Unidos (2º lugar, superando 181 milhões), o que atesta a forte centralidade e o enraizamento cultural que o Instagram alcançou especificamente no contexto brasileiro (DataReportal, 2025).

Para dar conta da complexidade dessas manifestações, o presente capítulo organiza-se em sete momentos analíticos, para além desta introdução. Inicialmente, a seção 5.2 *O caso como indício do campo: balizas epistemológicas para o salto analítico e a generalização das atmosferas* estabelece os pressupostos epistemológicos e metodológicos do paradigma indiciário que fundamentam a passagem das evidências singulares para o campo da Comunicação. Em seguida, as seções 5.3 *Entre a promessa da aparência e o imperativo do avanço: as atmosferas de Expectativa e Progresso*; 5.4 *Da busca por reconhecimento à gestão algorítmica de si: as atmosferas de Aprovação e Pressão*; 5.5 *Do encantamento engajado ao ruído do ecossistema: as atmosferas de Excitação e Frustração*; e 5.6 *Do fluxo ininterrupto à exaustão somática: as atmosferas de Disponibilidade e Cansaço* debruçam-se sobre o tensionamento teórico e crítico das quatro duplas de atmosferas comunicacionais emergentes do contexto empírico analisado no Capítulo 4. Na sequência, a seção 5.7 *A crise da ideologia do progresso e a estagnação no contemporâneo: a falência da gestão de si* alarga o exame macropolítico da pesquisa, problematizando a falência do imperativo da autogestão diante da atmosfera de estagnação do contemporâneo e da atuação do Instagram como matriz organizacional algorítmica. Por fim, a seção 5.8 *Considerações finais do capítulo* promove a síntese integrativa dos achados analíticos, fechando o ciclo do objetivo crítico-social e reconectando os resultados com a reflexão teórica geral da tese.

Assentado esse panorama estrutural, a seção a seguir dedica-se a explicitar o respaldo epistemológico e a operação de inferência abductiva que embasam a conversão dos vestígios empíricos do caso em inferências (Braga, 2008) sobre os modos de existência na contemporaneidade.

6.2 O caso como indício do campo: balizas epistemológicas para o salto analítico e a generalização das atmosferas

Para conferir rigor epistemológico ao salto analítico empreendido neste capítulo, que parte das evidências oriundas do perfil singular @mairacastanheiro em direção às análises no campo da Comunicação, faz-se indispensável problematizar a própria natureza do fazer científico em nossa área. Conforme demonstra Braga (2008), a Comunicação constitui-se eminentemente como uma “disciplina indiciária”, por construir seu acervo de proposições teóricas e a autonomia do seu campo a partir do estudo de objetos e situações singulares, utilizando a lógica dos indícios para decifrar a complexidade dos fenômenos interacionais. O autor argumenta que, diante da volatilidade e da extrema complexidade dos fenômenos

interacionais contemporâneos, o campo dificilmente se estabelece por leis nomotéticas universais ou por reduções estatísticas; ao contrário, sua força heurística reside na exploração intensa de casos particulares, tomados como pontos de condensação de processos sociais e tecnológicos mais amplos.

O movimento a que nos propomos de transmutação dos *indícios do caso* em *indícios do campo* apoia-se, assim, em premissas epistemológicas formuladas por Braga (2008) com base no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989):

a) No que se refere à *clivagem entre indícios essenciais e acidentais*, entendemos que a apreensão de uma realidade empírica não se dá pelo acúmulo exaustivo de dados superficiais, mas pela seleção rigorosa de fragmentos, detalhes e ranhuras aparentemente negligenciáveis que atuam como pistas de uma lógica subterrânea. Nesse sentido, as 30 unidades de análise cartografadas no Capítulo 4 não foram tomadas como meros episódios biográficos, mas foram submetidas a um “tensionamento triangular entre situação empírica, bases teóricas e problema de pesquisa” (Braga, 2008, p. 81) que, no caso desta investigação, se deu entre a concretude da cena empírica, a sensibilidade do *corpo-sismógrafo* e o quadro teórico mobilizado, permitindo-nos identificar os *indícios essenciais* das atmosferas comunicacionais em movimento;

b) Com relação à *inferência abductiva ou presuntiva*, a passagem das manifestações singulares observadas no perfil @mairacastanheiro para as modulações do Instagram não decorre de uma generalização indutiva clássica (que exigiria amostragem quantitativa), tampouco da busca por uma suposta "tipicidade" ou "representatividade" do caso. Operamos, aqui, o que, segundo Braga (2008, p. 84), Charles S. Peirce conceituou como “abdução”, ou seja, a criação de uma hipótese explicativa que, ao investigar profundamente as regras internas de funcionamento de uma situação singular (1º nível de inferência), passa a interrogar as condições sociais de possibilidade para que tal fenômeno ocorra na sociedade (2º nível de inferência);

c) Por fim, sobre o *desentranhamento do objeto comunicacional*, a ideia é que o cotejamento dos indícios do caso com as infraestruturas das *big techs* viabilize o desenvolvimento de *inferências transversais* (3º nível de inferência), responsáveis por alimentar o próprio campo da Comunicação. Dito de outra forma, trata-se de desentranhar como as lógicas organizacionais e algorítmicas da plataforma não apenas

influenciam um indivíduo, mas modulam a ambiência comunicacional e os modos de existência da subjetividade contemporânea.

Portanto, ao tomar as atmosferas de *Expectativa e Progresso*; *Aprovação e Pressão*; *Excitação e Frustração*; e *Disponibilidade e Cansaço* como sintomas do campo, esta tese não afirma que todos os usuários do Instagram vivem esses climas com a mesma intensidade; o que se anuncia, sustentando a validade científica do modelo explicativo construído, é que a arquitetura da plataforma e a racionalidade biopolítica contemporânea tendem a erigir as *condições de possibilidade* para que tais tensionamentos afetivos e somáticos se instalem como uma experiência coletivamente compartilhada.

Sob essa perspectiva epistemológica, cumpre explicitar que a análise das escritas de si publicadas no perfil @mairacastanheiro não almeja invadir a intimidade de sua autora nem aferir uma "verdade factual" sobre sua rotina por trás das telas; o que buscamos é capturar a emergência de lógicas e atmosferas comunicacionais que modulam e tensionam a constituição das subjetividades em nosso tempo presente. Essa operação metodológica assenta-se em um tripé articulado: primeiro, na compreensão do *Instagram como desdobramento contemporâneo do espaço biográfico* (Arfuch, 2010), isto é, uma zona porosa e hibridizada em que a narrativa autorreferencial habita o espaço público, articulando indissociavelmente a dimensão do *eu* e do *nós*; segundo, no *paradigma indiciário como lupa* (Ginzburg, 1989; Braga, 2008), em que eu, como pesquisadora, despida do acesso às intenções íntimas de Maíra, atuo como uma espécie de detetive atenta aos detalhes, enquadramentos e frestas narrativas que escapam ao controle; e, terceiro, na *atmosfera como vetor de generalização científica* (Braga, 2008), uma vez que os climas afetivos apreendidos pelo perfil empírico não pertencem em definitivo a Maíra, mas corporificam as tensões que podem vir a ser compartilhadas por qualquer sujeito interpelado a equilibrar a gestão de si neoliberal com os imperativos de performance das redes sociais.

Para além de uma exposição afetiva, cumpre ressaltar que as atmosferas comunicacionais analisadas neste capítulo emergem no interior de uma arquitetura técnica e ideológica bastante específica. Conforme fundamentamos no Capítulo 2, o Instagram opera como uma *organização algorítmica*, ou seja, uma infraestrutura corporativa latente que, ao mesmo tempo em que oculta sua dimensão mercantil, impõe aos usuários uma lógica organizacional sobre as práticas cotidianas, com as gramáticas, as pressões por produtividade e as métricas de visibilidade tradicionalmente atribuídas a organizações. É sob a coerção dessa engrenagem que o indivíduo assume a condição de *sujeito-gestor*, sendo induzido a uma contínua e exaustiva gestão de si.

Assentadas essas balizas epistemológicas que legitimam a transmutação dos *indícios do caso* em *indícios do campo*, as seções a seguir dedicam-se a examinar como cada um dos quatro movimentos atmosféricos apreendidos pelo perfil empírico irradia para além do perfil da usuária investigado, tensionando a constituição das subjetividades na contemporaneidade. Inicia-se esse exercício de crítica social pela investigação do clima que contrapõe a promessa eufórica de visibilidade ao imperativo invisível de aceleração e produtividade.

6.3 Entre a promessa da aparência e o imperativo do avanço: as atmosferas de Expectativa e Progresso

No Capítulo 4, ao submetermos o *corpus* empírico ao *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, observamos a emergência do primeiro movimento atmosférico: a fricção entre a *Expectativa* (aparente) e o *Progresso* (latente). Na escala do caso singular, esse movimento traduzia-se na tensão vivenciada no perfil de Maíra ao serem projetados desejos de validação, profissionalização e acolhimento em suas publicações, enquanto era igualmente atravessado pela exigência invisível de manter métricas ascendentes, faturamento e produtividade ininterrupta. Ao transmutarmos os *indícios do caso* em *indícios do campo* (Braga, 2008), torna-se necessário interrogar de que modo a própria arquitetura do Instagram modula essas atmosferas e quais são os seus desdobramentos para a subjetividade contemporânea.

A compreensão dessa dinâmica passa por examinar, por exemplo, uma das transformações nas modulações interacionais promovidas pelo Instagram nos últimos anos, que foi a de ocultar publicamente a contagem numérica de "curtidas" (*likes*) recebidas pelas publicações, mantendo e hipervalorizando, por outro lado, a visualização e os recursos de compartilhamento e envio⁴⁸. Essa modificação técnica não parece ser fortuita nem ingênua e reflete a reconfiguração das lógicas de extração de valor no capitalismo de plataforma (Srnicek, 2017) e de vigilância (Zuboff, 2021). A "curtida" representa um indicador estático de aprovação e vaidade individual, enquanto o "compartilhamento" é o motor da circulação, da viralização e do alcance expansivo. Para a plataforma, parece que o que importa não é apenas a apreciação passiva do conteúdo, mas a sua capacidade de ser lançado em fluxo, atingir novos usuários e alimentar a rede ininterrupta de dados e monetização.

⁴⁸ A iniciativa de ocultar o número de curtidas foi iniciada em fase de testes no Brasil em julho de 2019, sob a justificativa de reduzir a pressão social e a competitividade na rede. Para mais detalhes, ver: G1. **Instagram começa testes para ocultar número de curtidas no Brasil**. G1, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/07/17/instagram-comeca-testes-para-ocultar-numero-de-curtidas-no-brasil.ghml>. Acesso em: 27 jul. 2026.

Essa modulação infraestrutural prescreve que existir no Instagram exige corresponder ao imperativo do *Progresso*, uma vez que a plataforma convida o usuário a entrar sob uma aura de *Expectativa*, com a “promessa” de que qualquer sujeito, ao gerenciar adequadamente sua imagem e linguagem, pode alcançar visibilidade, construir uma comunidade e ser reconhecido. No entanto, essa *Expectativa* aparente paga um “pedágio” à lógica latente do *Progresso*, com a exigência de aceleração, renovação constante de formatos e expansão contínua de métricas. Assim, o sujeito aprende, de maneira quase somática, que estancar equivale ao apagamento algorítmico; que a publicação bem-sucedida de ontem caduca hoje; e que a manutenção da visibilidade exige uma corrida sem linha de chegada.

Ao tensionarmos teoricamente essas atmosferas, reativamos a análise de Sibilia (2015, 2016) sobre a "era da performance" e o imperativo da "boa performance existencial", pois, na cultura digital contemporânea, as subjetividades introdirigidas da modernidade dão lugar a personalidades alterdirigidas, cujas identidades são constituídas prioritariamente na exterioridade do olhar do outro e na projeção do eu (Bruno, 2005; Sibilia, 2016). Sob a regência do Instagram, todavia, a performance de ser feliz e bem-sucedido não é apenas uma demanda social entre pares, mas uma exortação parametrizada por códigos algorítmicos e, com isso, o indivíduo passa a operar como *sujeito-gestor*, como se assumisse para si as obrigações da “organização comunicada” (Baldissera, 2009). A vida cotidiana, a intimidade e a produção de conteúdo são convertidas em um empreendimento estético e produtivo, no qual o eu deve ser continuamente editado, otimizado e planejado como uma marca corporativa em expansão.

Nesse processo, ocorre uma perversão da noção foucaultiana de *cuidado de si*, pois o que na Antiguidade clássica se constituía como uma prática de liberdade, autocriação ética e resistência micropolítica (Foucault, 1985; Rago, 2013) é capturado pela racionalidade neoliberal e reconfigurado como uma tecnologia de autogestão mercantil. O "cuidado" converte-se no dever contínuo de monitorar os próprios *insights*, adequar a estética do *feed*, usar os áudios do momento e manter a periodicidade exigida pela plataforma para não perder relevância.

É por esses termos que, como sintoma da subjetividade contemporânea, as atmosferas de *Expectativa* e de *Progresso* explicitam uma das contradições mais profundas da sociedade plataformizada: a disputa pela renovação da ideologia do progresso como tentativa de aplinar e neutralizar as diferenças (Mafra, 2022). Por um lado, o ecossistema digital estimula a *expectativa de aparência das diferenças*, vendendo a ilusão de que todas as singularidades, corpos e estilos de vida têm espaço legítimo de manifestação no espaço público (Arendt, 2007; Butler, 2018). Por outro lado, para que essa diferença possa efetivamente aparecer e ser vista,

ela é constrangida a pagar o "pedágio do progresso", ou seja, precisa adaptar sua linguagem, estética e ritmo aos enquadramentos padronizados da plataforma, submetendo sua singularidade à lógica contábil do engajamento e da monetização.

Um dos resultados para os sujeitos pode ser a vivência de uma espécie de *obsolescência programada da própria subjetividade*: enquanto a atmosfera de *Expectativa* alimenta continuamente a esperança do próximo pico de alcance, da nova conquista reputacional ou da monetização vindoura, a lógica subterrânea do *Progresso* impõe um estado permanente de insuficiência e porvir. Dessa forma, viver sob o clima do progresso algorítmico significa habitar um presente desprovido de pausa, no qual o êxito momentâneo transforma-se de imediato na obrigação de superar o próprio desempenho no ciclo seguinte.

Como possibilidade de resposta a essa ameaça de aniquilação temporal e descarte contínuo, a escrita de si adquire uma inflexão micropolítica, ao refletirmos sob a argumentação de Maria Inés Mudrovic (2018) de que toda forma de narrativa e historicidade está situada dentro de “políticas do tempo”, ou seja, dentro de formas de ordenação temporal que possibilitam ou negam a existência dos sujeitos no seu próprio presente. Se a arquitetura do Instagram opera como uma infraestrutura de aceleração que impõe a *obsolescência programada* do conteúdo e a volatilidade da presença, o ato de narrar a si mesmo na rede pode ser compreendido, a partir das reflexões de Mudrovic (2018), como a emergência de um *contradispositivo* ao sistema. Dito de outro modo, diante de um dispositivo algorítmico desenhado para converter a existência em um fluxo efêmero e em uma corrida pelo próximo pico de engajamento, a inscrição subjetiva da memória, das dores, dos afetos e das espessuras do cotidiano atua como um modo tentativo de estancamento da velocidade e de reancoragem temporal, uma espécie de resistência, afirmando modos outros de temporalidade, que desafiam a lógica linear e produtiva da plataforma.

Ao mobilizar esse *contradispositivo*, o sujeito não apenas se submete às cartilhas da autogestão neoliberal, mas tensiona a própria gramática da plataforma, operando uma *micropolítica do tempo*, ou seja, trata-se de disputar o direito não apenas de aparecer ou de ser visto, mas de efetivamente habitar a densidade do seu próprio presente, resistindo ao imperativo da novidade descartável. A escrita de si, ao reinscrever passados sensíveis e reter a experiência no fluxo contínuo do *feed*, contrapõe à temporalidade quantitativa e produtivista da plataforma uma temporalidade estética e qualitativa. Desse modo, o gesto autobiográfico deixa de ser o cumprimento passivo das exigências de visibilidade para se erigir como um espaço de permanência e afirmação existencial para o qual o sistema previa apenas fluidez, aceleração e esquecimento.

6.4 Da busca por reconhecimento à gestão algorítmica de si: as atmosferas de Aprovação e Pressão

A segunda dupla de atmosferas identificada na imersão empírica do Capítulo 4 expõe o atrito entre o desejo visível de *Aprovação* e a força subterrânea da *Pressão*. No âmbito das escritas de si publicadas no perfil @mairacastanheiro, esse movimento traduzia-se no contraste entre a busca da usuária pelo acolhimento comunitário, pela escuta empática e pelo reconhecimento de sua autoridade, e a presença constante de uma pressão invisível pela sobrevivência econômica, pela manutenção de um ritmo de publicações e pela necessidade ininterrupta de gerenciar e divulgar seus serviços e produtos profissionais. Ao deslocarmos o olhar da singularidade do caso para os *indícios do campo* (Braga, 2008), percebemos que esse clima afetivo constitui uma das modulações mais agudas das lógicas interacionais operadas pelo Instagram.

A arquitetura da plataforma é desenhada para estimular a expectativa de pertencimento e chancela social, oferecendo recursos de interação (comentários, curtidas, mensagens diretas, menções e salvamentos) que são apresentados ao usuário como vetores de proximidade e validação afetiva. Trata-se do que Bruno (2005) conceitua como a busca pelo “estatuto do olhar do outro”, vez que na era das personalidades alterdirigidas e da subjetividade exteriorizada, a intimidade e a rotina trazidas a público demandam o olhar alheio como chancela de realidade, direito e instância de legitimação social. A “promessa” da plataforma parece ser a de que a exposição cuidadosa de si garantirá o acolhimento e a constituição de uma comunidade.

No entanto, essa busca por *Aprovação* encontra-se estreitamente atrelada à lógica latente da *Pressão*, manifestada no imperativo da produtividade contínua, na cobrança por métricas reputacionais e na exigência de que o sujeito autogerencie de maneira contábil a sua presença. Um exemplo possível dessa modulação infraestrutural é o mecanismo de atribuição do selo de “usuário verificado”, que serve como uma ferramenta de autenticidade, e a partir do qual a plataforma alimenta a ilusão de que o usuário pode “dominar” o sistema, acenando com a conquista da verificação como um sinal de distinção, controle e autoridade. Contudo, a concessão ou manutenção dessa chancela exige que o sujeito prove à Meta Platforms que “merece” tal *status*, enquanto esse “merecer”, na gramática algorítmica, traduz-se em atender à

Pressão ininterrupta por gerar fluxo, manter altos níveis de engajamento e alimentar a engrenagem de dados da *big tech*⁴⁹.

Para compreender o alcance analítico dessas atmosferas, reativamos a discussão desenvolvida no Capítulo 2 sobre o neoliberalismo como gestor do sofrimento psíquico (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020) e a ideologia da gestão. Sob essa matriz, a razão gerencial infiltra-se nos âmbitos mais íntimos da existência, convertendo a vida cotidiana, os afetos e a busca por acolhimento em um campo de avaliação utilitarista, contábil e mensurável. Como demonstram Safatle, Silva Júnior e Dunker (2020), a racionalidade neoliberal não opera apenas como doutrina econômica, mas como uma tecnologia de subjetivação que produz formas específicas de padecimento psíquico ao privatizar e individualizar o sofrimento. No ecossistema do Instagram, essa gestão do sofrimento é radicalizada, pois o *sujeito-gestor* é levado a crer que a ansiedade e o esgotamento decorrem de falhas pessoais na sua autogestão de imagem ou no seu planejamento de conteúdo, e não do poder arbitrário e invisível da *organização algorítmica*.

Para decodificar os mecanismos interacionais que alimentam essa pressão e intensificam esse sofrimento psíquico, a teoria da *Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade* (Baldissera, 2009) ganha centralidade em nossa tentativa de adaptá-la às redes digitais. As atmosferas de *Aprovação* e *Pressão* desdobram-se na fricção permanente entre a “organização comunicante”, dimensão em que o sujeito interage ativamente com sua audiência e vê sua imagem ser ressignificada e submetida às oscilações da rede, e a “organização falada”, na qual os discursos, comentários e julgamentos circulam sobre o sujeito à distância e escapam completamente ao seu controle. Em ambas as dimensões, o sujeito pode até buscar gerenciar a impressão que causa, mas vai acabar esbarrando, inevitavelmente, na opacidade estrutural da própria plataforma e do olhar alheio.

À luz das reflexões de Butler (2015) sobre o *relato de si*, as atmosferas de *Aprovação* e *Pressão* explicitam a vulnerabilidade ontológica do sujeito interpelado que, quando instado a se expor e a justificar sua presença no espaço público da rede, depara-se com sua própria opacidade, por ser incapaz de oferecer um relato definitivo ou transparente de si e de controlar

⁴⁹ A título de curiosidade, atualmente, a obtenção do selo de verificação no Instagram ocorre por duas vias distintas: a tradicional e a comercial. O método convencional e gratuito permanece restrito a figuras públicas, celebridades e marcas corporativas de grande relevância, exigindo a comprovação de notoriedade por meio de volumosa cobertura na imprensa e interesse público orgânico. Paralelamente, a plataforma disponibiliza o Meta Verified, um modelo de economia de plataforma baseado em assinatura mensal paga. Por meio deste serviço, qualquer usuário comum maior de idade pode adquirir a mesma chancela visual de autenticidade, desde que passe por um processo estrito de validação de identidade mediante envio de documentação oficial civil. Para mais detalhes sobre as diretrizes institucionais de elegibilidade e assinatura, ver as diretrizes oficiais na [Central de Ajuda do Instagram](#) e no portal do [Meta Verified](#).

as ambiguidades de sua recepção. No Instagram, essa opacidade constitutiva é amplificada pela opacidade técnica do algoritmo: o sujeito busca a *Aprovação* dos pares, mas é capturado pela opacidade de códigos matemáticos invisíveis que determinam quem verá ou não o seu conteúdo.

Como sintoma da subjetividade contemporânea, as atmosferas de *Aprovação* e *Pressão* têm na ansiedade uma de suas manifestações patológica mais evidentes; ela emerge no “corpo sentido” (Schmitz, 2023) como uma evidência somática da total falta de controle do sujeito diante do poder arbitrário da infraestrutura algorítmica das *big techs*. Há uma “promessa” sistemática de que o indivíduo pode mensurar, prever e dominar o seu alcance na rede; porém, essa expectativa é repetidamente frustrada pela volatilidade e pela *Pressão* das regras do jogo, impostas sem interlocução direta.

Vivenciar essas atmosferas significa habitar o drama da “privatização da existência” (Bruno, 2005), em que o sujeito é individual e radicalmente responsabilizado por eventuais quedas de visibilidade ou rejeições do público, enquanto as causas estruturais de seu apagamento permanecem veladas pela arquitetura da plataforma. A busca sincera por vínculo, validação e acolhimento humano é, assim, capturada e convertida em um regime de autosserviço produtivo, no qual a *Aprovação* só é concedida mediante o “pagamento” de uma cota diária de submissão à *Pressão* da organização algorítmica.

6.5 Do encantamento engajado ao ruído do ecossistema: as atmosferas de Excitação e Frustração

O terceiro movimento atmosférico emergente da empiria analisada no Capítulo 4 revela a constante fricção entre a *Excitação* aparente e a *Frustração* latente. No exame das unidades de análise constituídas pelas publicações no perfil @mairacastanheiro, esse movimento manifestou-se na vibração festiva, no entusiasmo performático e na busca por criar pontos de atração estética e engajamento com o público, que por vezes colidiam com os ruídos da rede, o esvaziamento das interações profundas e os episódios de cobrança no ambiente digital. Transmutando esses vestígios singulares em *indícios do campo* (Braga, 2008), cabe examinar como a arquitetura técnica da plataforma estimula a *Excitação* sensorial e de que modo ela deságua em um clima social de *Frustração* e vulnerabilidade.

A infraestrutura interacional do Instagram é intencionalmente desenhada como uma máquina de convocação dos sentidos e hiperestimulação afetiva; trata-se do que Heibach (2024) conceitua como atmosferas mediadas ou projetadas (“*mediated or designed atmospheres*”): modulações afetivas e estéticas elaboradas pela engenharia técnica e mercadológica das *big*

techs para capturar a atenção, induzir reações corporais imediatas e mobilizar os afetos antes de qualquer ponderação reflexiva. O Instagram coloca à disposição do usuário um vasto arsenal de recursos encantatórios (figurinhas interativas, enquetes, caixas de perguntas, *trending áudios* [trilhas sonoras “em alta”], filtros de iluminação, cortes rápidos nos *Reels* e composições visuais vibrantes) e, com isso, o sujeito é incentivado a excitar a sua imagem, a encenar um entusiasmo contagiante e a construir um espetáculo estético capaz de seduzir a atenção do outro no fluxo veloz da linha do tempo.

Sob a perspectiva das materialidades da comunicação desenvolvida por Gumbrecht (2009, 2012), esses recursos operam através do “poder encantatório da linguagem” e da “presença realizada na linguagem”. Nesse sentido, a produção de conteúdo na rede não se reduz à transmissão conceitual de dados; ela busca produzir efeitos físicos de tangibilidade, ritmo e intensidade que colapsam a distância entre a tela e o interator. Assim, as criações do sujeito no ambiente digital se dão na expectativa de que se instaure um campo de copresença sensível, no qual a performance seja sentida corporificadamente e convide o outro a um pacto afetivo de engajamento.

Na construção cotidiana dessa presença pública, os processos de imagem e identificação desempenham papel estruturante na deflagração das atmosferas comunicacionais. É por meio da afetação estética e discursiva que o perfil @mairacastanheiro estimula a identificação de sua audiência, fazendo com que as lógicas aparentes, materializadas na escrita de si e na performatividade de gênero (Butler, 2018) de uma mulher jovem, profissional e mãe, entrem em permanente atrito com as lógicas latentes da gestão de si e da comunicação organizacional corporativa aplicadas ao indivíduo. A performatividade torna-se a própria gramática pela qual o sujeito negocia sua legitimidade social, expondo como a linguagem e a estilização do corpo são continuamente convocadas a performar eficiência, afeto e equilíbrio no ambiente digital.

Contudo, essa promessa de conexão entusiasmada esbarra na realidade da infraestrutura plataformizada, na qual a *Excitação* dá lugar à *Frustração*, que emerge no instante em que o investimento estético e emocional do sujeito não obtém o retorno esperado, ou quando o conteúdo é tragado pela volatilidade das entregas algorítmicas e pelas dinâmicas de dispersão próprias do meio digital. Mais do que a simples ausência de métricas, a *Frustração* também se manifesta no ruído comunicacional ou no que Dominique Wolton (2024) conceitua como

“incomunicação⁵⁰”: o ambiente interacional dos comentários converte-se, muitas vezes, em espaço de polarização, hostilidade, leitura superficial e julgamento moral.

Para compreender analiticamente a irrupção desse clima, reativamos a neofenomenologia e a teoria dos Estudos Atmosféricos (Böhme, 1993, 2017; Schmitz, 2023; Griffero, 2013, 2016), retomando a noção de que as atmosferas são apreendidas não como estados psicológicos privados ou intrapsíquicos, mas como "quase-coisas" e emoções espacializadas que irradiam no *entre* e envolvem o “corpo sentido”. Sob essa perspectiva, quando o sujeito se lança à arena pública da rede através de uma publicação hiperestimulada e recebe em resposta o silêncio, o ruído ou a agressão, a atmosfera de *Frustração* instala-se como uma força quase-física que comprime o peito, altera o estado de espírito e desestabiliza a postura corporal tanto da pesquisadora, quanto, possivelmente, do usuário comum.

Nesse cenário, as teorizações de Butler (2015, 2018) sobre o “direito de aparecer” e a “precariedade” tornam-se incontornáveis no sentido de que a busca por felicidade, prazer e engajamento nas redes reflete a demanda corporal e performativa de sujeitos que reivindicam a sua visibilidade e o seu direito de existir no espaço comum (Arendt, 2007; Butler, 2018). No entanto, ao se expor na esfera pública plataformizada, o corpo coloca-se em uma situação de vulnerabilidade radical, uma vez que a distribuição diferencial da precariedade (Butler, 2018) manifesta-se no modo como a arquitetura do Instagram expõe corpos e discursos a julgamentos arbitrários e ataques sem redes de proteção ou mediações institucionais seguras, podendo culminar no que conhecemos hoje como “cancelamento” ou, até mesmo, “linchamento virtual”⁵¹.

⁵⁰ O conceito de incomunicação, conforme formulado pelo sociólogo Dominique Wolton, distancia-se do senso comum que a define como ausência de contato ou falha técnica na transmissão de dados. Para o autor, o fenômeno constitui a dimensão estritamente humana e antropológica do processo comunicacional, evidenciando que a proliferação tecnológica e a saturação de informações não garantem a compreensão mútua. A incomunicação emerge, portanto, no hiato entre a perfeição técnica dos fluxos de rede e a complexidade da alteridade, manifestando-se como o choque inescapável entre visões de mundo divergentes. Na era da plataformização, esse impasse é radicalizado: as redes prometem a ilusão de uma conexão e transparência totais, mas geram o ruído estrutural decorrente da incapacidade humana de gerenciar a velocidade dos fluxos e negociar sentidos com o outro (Wolton, 2024).

⁵¹ Conceitualmente distintos, embora indissociáveis na dinâmica das redes, o cancelamento e o linchamento virtual operam em gradações diferentes de sanção social. O cancelamento caracteriza-se como uma estratégia contemporânea de boicote coletivo e desinvestimento de capital social e econômico, mobilizada pelo público quando um agente viola parâmetros éticos ou discursivos compartilhados. Já o linchamento virtual configura-se como uma campanha punitiva difusa de violência psicológica e desumanização deliberada, marcada por perseguição sistemática, injúrias e ameaças que anulam qualquer possibilidade de contraditório. Esses fenômenos cruzam-se invariavelmente na arquitetura das plataformas digitais, onde o ecossistema algorítmico, ao monetizar o engajamento baseado na indignação e no conflito, atua como catalisador, convertendo o que se pretendia originalmente como uma demanda legítima por responsabilização política (cancelamento) em um

Como sintoma da subjetividade contemporânea, as atmosferas de *Excitação* e *Frustração* submetem o indivíduo a uma espécie de "montanha-russa" sensório-afetiva, já que as plataformas funcionam como um dispositivo indutor de euforia e decepção em ciclos curtos e contínuos. Com isso, o sujeito é capturado pelo desejo de reproduzir estímulos visuais e sonoros capazes de encantar o público, mas é seguidamente confrontado com a fragilidade de suas conexões e com a violência velada do ecossistema digital. A *Frustração* contemporânea não é, assim, um mero infortúnio individual, mas o resultado estrutural de um ambiente mediado que promete a *Excitação* do encontro e da presença, mas entrega a efemeridade do fluxo e o ruído da comunicação.

6.6 Do fluxo ininterrupto à exaustão somática: as atmosferas de Disponibilidade e Cansaço

O quarto e último movimento atmosférico analisado na imersão empírica do Capítulo 4 traduz a fricção limite entre a *Disponibilidade* aparente e o *Cansaço* latente. Nas escritas de si do perfil @mairacastanheiro, essas atmosferas manifestaram-se no contraste entre a exigência de prontidão ininterrupta, traduzida na publicação contínua de bastidores e rotinas, na atenção constante aos seguidores, e na manutenção de uma presença cotidiana na tela, e o irromper subterrâneo do esgotamento somático, da exaustão psíquica e da necessidade radical de pausa, silêncio e "desconexão". Ao transmutarmos essa dinâmica singular nos *indícios do campo* (Braga, 2008), apreendemos a dimensão somática e existencial talvez mais dramática que cruza as modulações interacionais do Instagram na contemporaneidade.

A arquitetura do Instagram é construída sobre a premissa do fluxo contínuo e da presença sem hiato: a esteira infinita de rolagem (*infinite scroll*), o desaparecimento efêmero dos *Stories* em 24 horas (que exige reposição diária de conteúdos), a chegada incessante de notificações e a disponibilização de abas de transmissão ao vivo (*lives*) modulam uma ambiência regida pelo imperativo do "nunca desliga". A plataforma, com isso, convida o usuário a encenar uma postura de *Disponibilidade* permanente, estando sempre contatável, responsivo e pronto para reagir às demandas do ecossistema digital.

Cabe, contudo, assinalarmos uma distinção conceitual precisa: enquanto a “produção de presença” em Gumbrecht (2010) refere-se aos efeitos espaciais, materiais e sensoriais que afetam o corpo para além do sentido hermenêutico, a plataforma captura essa dimensão sensível

processo desproporcional de aniquilamento subjetivo (linchamento). Para um aprofundamento sobre a reatividade e a efemeridade das ondas de hostilidade nas redes, ver a análise de Byung-Chul Han (2018).

e a reconfigura como uma espécie de dever de presença digital performática, convertendo a busca por afeto e tangibilidade em uma obrigação técnica e contábil de estar continuamente visível. Essa exigência acaba por naturalizar a colonização do tempo de repouso, do lazer e da intimidade pelo tempo da gestão ininterrupta da própria *Disponibilidade* na rede.

Essa modulação infraestrutural, todavia, engendra inevitavelmente a sua contraface latente, a atmosfera de *Cansaço*. Para adensar o tensionamento crítico desse sintoma, incorporamos as reflexões de Byung-Chul Han (2017) sobre a *Sociedade do Cansaço*, na qual, na era contemporânea, o sujeito de desempenho cede à ilusão de uma liberdade irrestrita, convertendo-se em carrasco de si mesmo e, com isso, o imperativo do "você pode" revela-se mais coercitivo do que o "você deve" disciplinar, culminando no esgotamento psíquico e na depressão. No Instagram, essa dinâmica é hipertrofiada pela “subjetividade exteriorizada” e pelo “escoamento da interioridade” (Bruno, 2005; Sibilia, 2015), no sentido de que o sujeito é impelido a converter sua vida em um espetáculo de extimidade sem bastidores, no qual até a fadiga e a vulnerabilidade precisam ser geridas e expostas.

Sob a perspectiva da cognição incorporada (*embodied cognition*) de Varela, Thompson e Rosch (1991) e da neurobiologia de Damásio (1994, 1999), a mente e a razão não existem isoladas de uma estrutura biológica e corpórea, sendo a experiência cognitiva a própria emergência do acoplamento do corpo com o ambiente e, nesse sentido, quando o corpo é exposto à aceleração algorítmica ininterrupta, o circuito corpo-cérebro reage através de marcadores somáticos de exaustão. Aqui, torna-se fundamental recuperarmos a distinção neofenomenológica de Schmitz (2023) entre o *Körper* (o corpo físico/biológico) e o *Leib* (o corpo sentido): enquanto o *Körper* cumpre mecanicamente o ato de segurar o celular e deslizar a tela, o *Leib*, operando como *corpo-sismógrafo*, sente o peso quase-físico da atmosfera de *Cansaço*, que se manifesta em dores somáticas, ansiedade crônica, insônia e esgotamento emocional.

Diante do peso dessa captura, o irromper dos desabafos de exaustão, os comunicados de "pausa técnica" e a busca pelo "detox digital" emergem hoje em dia como ranhuras e sintomas de falha da engrenagem algorítmica, evidenciando o momento em que a tática neoliberal de conversão do sofrimento em combustível produtivo (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020) atinge o seu limite somático e existencial. À luz das contribuições de Marques et al. (2023) e Rago (2013), "o cuidado de si", "as escritas de si" e a “parrésia” — esta última reativada aqui como o gesto ético-político de dizer a verdade e falar francamente, sem dissimulação — recobram a sua dimensão de resistência micropolítica e de ação ética. Ao romper a cena eufórica da *Disponibilidade* ininterrupta para enunciar visceralmente o próprio esgotamento, o sujeito

assume os riscos relacionais da exposição e opera uma brecha no dispositivo de visibilidade. Assim, a pausa deixa de ser uma mera falha de produtividade para se converter em um ato parresiástico de preservação da vida e de responsabilidade ética para consigo e para com o outro.

Como sintoma social, as atmosferas de *Disponibilidade* e *Cansaço* explicitam a crise limite da subjetividade plataformizada, revelando o custo humano da conversão da existência em práticas compulsórias de comunicação organizacional e de autogerencialismo contínuo. Ao colapsar diante do fluxo ininterrupto, o próprio corpo do sujeito denuncia que a promessa neoliberal de autoexpressão ilimitada deságua no adoecimento coletivo e, nesse sentido, a exaustão contemporânea não parece ser um defeito individual de adaptação à tecnologia, mas a manifestação visceral de um organismo vivo que resiste ao imperativo de mimetizar a máquina.

A exaustão somática apresentada ao longo desta seção não se encerra, contudo, na dimensão de um sofrimento estritamente individual ou num mero percalço contingente na trajetória do *sujeito-gestor* plataformizado. O corpo que colapsa sob a exigência da *Disponibilidade* ininterrupta expõe, na verdade, a ranhura mais profunda de uma engrenagem sistêmica: é no exato ponto em que a fadiga impossibilita a manutenção da performance que a própria promessa de avanço e aperfeiçoamento contínuos revela sua faceta ilusória. Desse modo, o colapso dos corpos nas atmosferas de *Disponibilidade* e *Cansaço* convoca-nos ao deslocamento analítico de ultrapassar a manifestação sintomática da exaustão para problematizar a matriz histórica e social que a produz. Trata-se de apreendermos como esse esgotamento privado responde a um diagnóstico macropolítico sobre a crise da ideologia do progresso, a falência do imperativo da gestão de si e o advento da estagnação como tonalidade constitutiva do contemporâneo, reflexão que se desdobra a seguir.

6.7 A crise da ideologia do progresso e a estagnação no contemporâneo: a falência da gestão de si

Para compreendermos o pano de fundo em que as atmosferas comunicacionais emergem nas redes sociais, faz-se necessário problematizarmos a própria natureza do tempo presente. Acompanhando Gumbrecht (2015) e Mafra (2022), o contemporâneo não se define pela continuidade cronológica do projeto moderno, mas por um cronótopo em profunda crise de inteligibilidade: enquanto a Modernidade histórica se estruturou pela promessa de uma linha ascendente de aperfeiçoamento contínuo — a *ideologia do progresso* (Benjamin, 1987) —, o contemporâneo é assinalado pelo colapso dessa ilusão de um “destino planejado”.

É o que Gumbrecht (2015) conceitua como *presente amplo* (“*broad presente*”): uma dimensão temporal em que o futuro deixa de ser um horizonte aberto de expectativas emancipatórias e passa a ser sentido como uma ameaça iminente; enquanto o passado, longe de oferecer pontos firmes de orientação, inunda o cotidiano em uma enxurrada de simultaneidades. Preso entre um passado irresolvido e um futuro bloqueado, o sujeito contemporâneo experimenta uma “mobilização intransitiva” (Gumbrecht, 2015, p. 88; Mafra, 2022, p. 96), qual seja, um movimento paradoxal de sensação de aceleração frenética e hiperestimulação constante que redundando em um “movimento imóvel” (Gumbrecht, 2015, p. 16; Mafra, 2022, p. 96): a impressão de correr exaustivamente dentro de uma engrenagem suspensa e permanecer exatamente no mesmo lugar. Assim, a *estagnação* (Mafra, 2022, p. 96) emerge como a grande tonalidade afetiva e a atmosfera constitutiva do contemporâneo.

É no interior dessa atmosfera de estagnação que o neoliberalismo opera uma perversa reatualização da *ideologia do progresso*, uma vez que, diante da “falência” e do esvaziamento do Estado, a segurança do indivíduo vai sendo desregulamentada, sobretudo em contextos do Sul Global, como o Brasil, que sofre uma crise estrutural e tende a abandonar sua vocação garantista e de proteção social. Nesse cenário, a racionalidade neoliberal não se apresenta ao sujeito como uma escolha ideológica voluntária, mas como um imperativo de sobrevivência.

Nesse contexto de desamparo, o indivíduo é convocado, e hiperestimulado sobretudo no âmbito das plataformas digitais, a se auto organizar e auto gerir, convertendo a própria existência em uma “organização” e assumindo, com isso, uma gestão de si compulsória e ininterrupta. Contudo, temos aqui uma profunda contradição existencial: a “promessa” ao sujeito de que a autonomia, a autodisciplina e a otimização de suas capacidades trarão ascensão e controle; porém, no contexto do *presente amplo*, não há qualquer garantia de que essa gestão de si será efetiva. Sem o respaldo de horizontes coletivos e diante de promessas de progresso que o próprio sujeito, a essa altura, já sabe estarem falidas, a gestão de si deixa de ser um vetor de libertação para se tornar um mecanismo de aprisionamento temporal e espacial. E assim, o sujeito vê-se tragado por uma dinâmica tautológica, sendo obrigado a operar sob as expectativas de um mundo idealizado em que não mais acredita e forçado a recomeçar continuamente o ciclo de sua própria performance sem jamais alcançar o progresso prometido. No entanto, enquanto o *presente amplo* neoliberal condena o sujeito a um “movimento imóvel” (correr sem sair do lugar), o *contradispositivo* da escrita de si (Mudrovic, 2018) busca devolver ao presente a sua espessura histórica e afetiva, retirando-o da mera estagnação algorítmica.

6.7.1 O Instagram como organização algorítmica e matriz organizacional latente

Na Modernidade ocidental, a *ideologia do progresso* (Benjamin, 1987) foi institucionalizada e propagada por três grandes estratos relacionais: o Estado, o Mercado e a Ciência (Mafra, 2022). Foi no seio dessas organizações modernas que se consolidou o que o filósofo canadense Charles Taylor (2011) conceitua como o “*self* pontual”: uma visão radicalmente desprendida, objetivada e instrumental da identidade humana, originada a partir do pensamento empirista de John Locke. Trata-se de uma concepção na qual o indivíduo adota uma postura de total distanciamento em relação a si mesmo, às suas tradições e à sua comunidade, tratando a própria mente e existência como um objeto a ser moldado, controlado e reformulado de forma puramente racional, sob os ditames da produtividade e do controle técnico. Na plataformização da vida contemporânea, as redes digitais — especificamente o Instagram — operam uma reconfiguração e extensão da força gravitacional dessa matriz moderna, radicalizando a premissa do “*self* pontual” ao convocar o *sujeito-gestor* a auditá-lo e otimizá-lo continuamente em “praça pública”.

Ao radicalizar a premissa do “*self* pontual” (Taylor, 2011), a gestão de si deixa de ser apenas uma operação técnica ou um exercício pragmático de otimização de recursos para se converter em uma dimensão eminentemente ética e normativa da existência. É nesse ponto que as reflexões de Gaulejac (2007) — já mobilizadas no Capítulo 2 para caracterizar a gestão como instituidora de uma sociedade adoecida — ganham uma renovada densidade analítica e crítica. Se, pelo raciocínio de Gaulejac (2007), o gerencialismo se consolida como uma prática estruturante e simbólica de uma sociedade voltada a produzir sujeitos sistematicamente adoecidos, o *sujeito-gestor* projetado e capturado pelo ambiente das plataformas digitais desponta como sintoma dessa engrenagem.

No ecossistema do Instagram, a gestão não se limita ao gerenciamento de recursos, tempos e materiais humanos; ela é erigida como uma espécie de *distintivo moral de personalidade*. Por meio das gramáticas algorítmicas, os indivíduos passam a ser avaliados — e a se autoavaliarem — como moralmente capazes ou incapazes na medida em que conseguem (ou não) performar a autogestão de suas imagens, rotinas e afetos como demonstração de uma suposta “superioridade da espécie humana”, pautada na eficiência, no autocontrole e na performance ininterrupta.

Desse modo, Gaulejac (2007) revela-se um autor fundamental para compreendermos não apenas as estruturas macrossociais do gerencialismo, mas, sobretudo, as suas ranhuras subjetivas, demonstrando como os sujeitos assumem esses desafios sociais como dilemas

íntimos e deveres morais. Não por acaso, a proliferação dos padecimentos psíquicos e dos sintomas de saúde mental no contemporâneo — como a ansiedade crônica, a depressão e o esgotamento — atesta a existência de uma sociedade em que os sujeitos adoecem não unicamente por enfermidades biológicas ou contingentes, mas porque se sentem moralmente incapazes diante do ideal de *sujeito-gestor* colocado em circulação contínua pelas lógicas comunicacionais das plataformas.

É dessa forma que o Instagram não atua como uma simples "rede de contatos", mas como uma *organização algorítmica* que internaliza e automatiza as exigências do Mercado e da visibilidade corporativa. Na plataforma, o "relatar a si mesmo" e o "performar o gênero" (Butler, 2015, 2018) tornam-se uma prática obrigatória e mediada por métricas; a gestão de si e os recursos da comunicação organizacional deixam de ser rotinas restritas ao ambiente corporativo para se tornarem práticas compulsórias latentes, entranhadas na linguagem, nos afetos e na exposição da intimidade do usuário comum. O ambiente digital converte-se, assim, no terreno em que a tentativa desesperada de gerir a subjetividade deixa os seus rastros e ranhuras mais visíveis.

Embora a gestão de si e as tecnologias do eu constituam temas amplamente investigados por diferentes campos das Ciências Humanas, sustentamos aqui que, no cenário contemporâneo de plataformização da vida, essa gestão de si se manifesta e se operacionaliza, essencialmente, por meio das lógicas e das práticas da comunicação organizacional impostas ao indivíduo, posto que a racionalidade neoliberal não atua no abstrato; ela exige do sujeito a corporificação de processos comunicacionais organizados.

É por essa razão que conceituamos o Instagram, como já argumentamos, como uma *organização algorítmica*, uma ambiência relacional e organizacional produzida, parametrizada e tonalizada por lógicas algorítmicas subterrâneas. Ao internalizar os imperativos dessa matriz corporativa latente, o *sujeito-gestor* é induzido a converter suas memórias, afetos e rotinas em "produtos comunicacionais", demonstrando que o poder algorítmico se efetiva na medida em que transforma a própria existência humana na plataforma em uma prática compulsória e contínua de autogestão pela comunicação organizacional.

Para operacionalizar essa leitura e apreender de que modo essa matriz organizacional atravessa e tensiona a experiência cotidiana do sujeito, recorreremos às "notas experienciais na/da comunicação organizacional" mapeadas por Mafra (2022, p. 96) a partir do estatuto comunicacional das organizações. Essas categorias oferecem-se como chaves heurísticas para auxiliar na "leitura comunicacional do próprio tempo presente" e, desse modo, nos ajudam a interpretar as modulações subjetivas apreendidas na empiria desta tese:

a) *Tensões entre diferenças e progresso*, em meio às quais organizações modernas lançam mão da “ideologia do progresso, da qual não conseguem se livrar, no modo como tentam lidar com fraturas no tempo presente, provocadas pelas diferenças” (Mafra, 2022, p. 97);

No ecossistema das redes, a singularidade do sujeito e suas diferenças existenciais só encontram espaço de circulação e legitimidade se pagarem um "pedágio" à produtividade e ao progresso. A escrita de si precisa ser traduzida em performance, em engajamento e em conteúdos monetizáveis ou esteticamente palatáveis. Quando a dor, o luto, a maternidade ou a exaustão transbordam sem o filtro da otimização, a engrenagem tende a castrar ou a neutralizar essas irrupções, exigindo o retorno imediato à tônica do equilíbrio e da superação.

b) *Dificuldades à ampliação de horizontes comuns*, a partir de ameaças frente ao “aparecimento das diferenças”, que se veem prejudicadas no endereçamento de “suas demandas por atualização no/do mundo comum” (Mafra, 2022, p. 98);

A despeito da promessa de "conexão global", a mediação algorítmica pulveriza o espaço público (Arendt, 2007) em bolhas autorreferenciadas e em simultaneidades isoladas. Incapazes de construir projetos coletivos de futuro, os sujeitos confinam-se a lutas individuais por visibilidade e reputação, aprofundando o sentimento de isolamento e impotência política.

c) *Pulverização de latências*⁵² (Gumbrecht, 2014) em meio às quais diferenças ficam impedidas de se manifestar em público e tendem a aparecer somente em “bolhas invisíveis de confiança” (Mafra, 2022, p. 100).

O imperativo da euforia e do progresso contínuo exige a ocultação do sofrimento na exposição da vida nas plataformas digitais, o que acaba por abrir um fosso entre a superfície maquiada dos *feeds* e a realidade somática dos corpos. Como destaca Mafra (2022), as latências pulverizam-se em silêncios, em exaustões não ditas, nos "choros em banheiros" e na exaustão clandestina daqueles que precisam embaçar seu esgotamento para continuar performando adequação. No Instagram, essa latência irrompe nos detalhes, nas ausências, nas pausas bruscas de publicação e nos desabafos que atestam a falha da autogestão.

⁵² Segundo Mafra (2022, p. 99), “como tonalidade afetiva presente em atmosferas interacionais num mundo pós Guerra Fria, Gumbrecht (2014) compreende a *latência* como produto de frustrações que atravessaram o tempo histórico, sobretudo diante de promessas de futuro não alcançadas e da coexistência de inúmeras diferenças não intensificadas, incapazes de produzir horizontes comuns, postas, portanto, num espaço de clandestinidade”.

Essa engrenagem eufórica e produtivista do *presente amplo* desnuda uma contradição da própria gestão de si no ecossistema digital: ao transpor os parâmetros da comunicação organizacional para a experiência íntima do usuário, a plataforma vende aquilo que Baldissera (2022) conceitua como a "promessa pelo organizado". Conforme adverte o autor, a cultura gestonária ocidental alimentou historicamente o atributo "organizado" como um valor simbólico supremo, pautado na busca por estabilidade, controle, previsibilidade e na tentativa sistemática de invisibilizar ruídos, conflitos e falhas. Na organização algorítmica do Instagram, essa promessa corporativa é internalizada pelo *sujeito-gestor*, que passa a acreditar que o "bem performar" e o uso disciplinado de métricas, estéticas e agendamentos darão a ele o domínio absoluto sobre sua própria trajetória e visibilidade.

Ocorre que, como ressalta Baldissera (2022, p.55), as organizações são instâncias dinâmicas e vivas que operam na “permanente tensão constitutiva entre os fenômenos de desorganização e de reorganização (entropia e neguentropia)” e, diante disso, pretender fixar um estado absoluto e maquiado de harmonia contínua é, em última análise, flertar com o colapso do próprio sistema. É esse colapso ontológico que o contexto empírico da tese evidencia: a falha da gestão de si — manifestada no desejo da pausa e do silêncio, no desabafo somático e no esgotamento do corpo que não consegue mais performar adequação — não deve ser lida como um fracasso técnico ou moral do indivíduo; pelo contrário, essa falha constitui o indício visível da falência da própria "promessa pelo organizado". No momento em que o sujeito não consegue mais conter a entropia do cotidiano nem recalibrar sua vida ao ritmo de uma planilha corporativa, a maquiagem algorítmica se rompe, denunciando a estagnação de um sistema que exige produtividade ininterrupta de corpos inevitavelmente vulneráveis.

Assim, a investigação das escritas de si do perfil @mairacastanheiro, como já dissemos antes, não busca aferir uma “verdade factual” sobre uma vida individual, mas tomar essa trajetória como *sintoma do contemporâneo*. Com isso, a análise das atmosferas comunicacionais, em especial o contraponto entre a *Expectativa do Progresso* e a estagnação do *Cansaço*, revela o drama da subjetividade plataformizada: um sujeito convidado ininterruptamente a gestar a si mesmo sob a promessa de uma evolução que o próprio sistema impede de concretizar.

Entretanto, é justamente na falha da gestão de si que reside a potência crítica da nossa investigação, pois quando a maquinaria comunicacional organizacional colapsa sob o peso do *Cansaço* e o sujeito não consegue mais sustentar a cena performática, a atmosfera de estagnação escancara a falência do próprio projeto moderno-neoliberal. Nesses momentos de ruído, a singularidade irreduzível da experiência humana transborda o algoritmo, demonstrando que, sob

a espessa neblina da produtividade compulsória, os corpos também podem resistir ao imperativo de serem reduzidos a organizações de si mesmos.

6.8 Considerações finais do capítulo

O percurso analítico e crítico-social empreendido neste capítulo visou cumprir o Objetivo Específico 4 da tese, elevando as evidências extraídas do perfil @mairacastanheiro à condição de *indícios do campo* (Braga, 2008). Ao longo das seções anteriores, tentamos demonstrar como as modulações interacionais operadas pelo Instagram não atuam apenas como recursos neutros de navegação, mas constituem uma infraestrutura biopolítica que prescreve modos específicos de interagir, aparecer e existir na contemporaneidade.

A síntese promovida nesta etapa da investigação evidencia a tensão ontológica fundamental que atravessa a plataforma e tensiona a constituição da subjetividade contemporânea. Por um lado, o Instagram busca normatizar e prever os comportamentos através de *lógicas comunicacionais* organizadas nos planos da *aparência* e da *latência*, atraindo os sujeitos por visibilidade, engajamento e reconhecimento, enquanto mantém latentes a extração contínua de dados e os imperativos do progresso e da gestão de si. Por outro lado, a experiência vivida pelos usuários escapa ao controle absoluto da plataforma, permitindo a emergência de *atmosferas comunicacionais* justamente nessa zona de fricção, no *entre* incontornável onde a engenharia técnica encontra a sensibilidade irreduzível do *corpo-sismógrafo*.

As quatro duplas atmosféricas tensionadas — *Expectativa e Progresso*; *Aprovação e Pressão*; *Excitação e Frustração*; e *Disponibilidade e Cansaço* — funcionam como uma espécie de “diagnóstico” do tempo presente, revelando que os sofrimentos psíquicos contemporâneos, como a ansiedade diante da opacidade algorítmica e o colapso do esgotamento, não se configuram como desvios individuais triviais, mas como sintomas estruturais de uma sociedade cuja vida social e produtiva foi intensamente plataformizada (Poell; Nieborg; van Dijck, 2020; Zuboff, 2021).

Ao reafirmarmos o *giro ético-político* do fazer científico (Rangel e Araujo, 2015; Rangel, 2019; Santos e Rangel, 2015), esta tese tenta cumprir o seu dever como pesquisa produzida no âmbito da universidade pública. A teorização sobre as *atmosferas comunicacionais* intenciona oferecer uma lente de inteligibilidade para os dilemas de milhares de sujeitos que diária e silenciosamente afetam e são afetados pelos ecrãs de seus dispositivos móveis. Fechando o ciclo didático dos quatro objetivos específicos da tese, este capítulo crítico-social reativa as teorias dos capítulos iniciais, dialogando com outras solicitadas pelas próprias

análises do capítulo anterior, na tentativa de devolver à sociedade uma reflexão comprometida com as ranhuras do existir contemporâneo, preparando o terreno para as considerações finais integrativas de todo o trabalho apresentadas a seguir.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aportar ao término de uma tese não significa selar em definitivo as portas do pensamento; é, antes, o gesto de quem se detém no cume da travessia para escutar o sopro que permanece no ar e contornar, com olhar demorado, os relevos, os abalos e os rastros do caminho percorrido. A pesquisa empreendida constituiu-se no exercício de colocar meu próprio corpo a vibrar com os climas invisíveis que cruzam as telas; este fecho, por sua vez, constitui-se no exercício reflexivo do percurso atravessado e organiza-se numa trilha em cinco movimentos integrados.

Na seção 1 *Retrospectiva da jornada: objetivos, percurso e a demonstração da tese*, revisitamos a gênese do estudo, amarrando o objetivo geral aos quatro objetivos específicos para demonstrar a tese central, isto é, como o Instagram captura e tensiona a constituição da subjetividade contemporânea. Na seção 2 *Dos indícios de caso aos indícios de campo: a falha das lógicas e as atmosferas como tendências contemporâneas*, operamos o salto epistêmico da experiência singular para o tecido social, desvelando como a falha das lógicas na plataforma expõe atmosferas que se manifestam como sintomas e tendências do nosso tempo. Na seção 3 *A metodologia como resultado: a ética do cuidado, a escuta sismográfica e a validação da análise de atmosferas comunicacionais*, afirmamos a abordagem estético-interpretativa construída como contribuição em si mesma, formalizando a ética do cuidado e a defesa da validade epistêmica dessa escuta. Na seção 4 *O pensamento de risco, as inferências faltantes e a metodologia como dispositivo aberto*, habitamos a incerteza com honestidade intelectual para examinar as lacunas da jornada, oferecendo ao campo da Comunicação um arranjo metodológico vivo, plástico e inacabado. E, por fim, na seção 5 *Escutar desde dentro: a tese aberta e a hipótese para os estudos futuros na Comunicação*, buscamos selar a escrita em tom ético, político e filosófico, formulando uma hipótese de trabalho para pesquisas futuras e reafirmando o papel insubstituível da universidade pública na acolhida e na escuta das vulnerabilidades humanas.

Esse desenho de encerramento nos convida a voltar os olhos para a tessitura da jornada realizada. Antes de lançar o olhar em direção aos horizontes que continuam abertos, cabe ao gesto científico o repouso atento sobre as marcas do trajeto, reconhecendo como as inquietações teóricas e empíricas iniciais ganharam corpo, densidade e maturação ao longo da investigação. É nesse movimento de retorno contemplativo, rigoroso e comprometido com os achados da pesquisa que adentramos, a seguir, o primeiro momento destas considerações.

7.1 Retrospectiva da jornada: objetivos, percurso e a demonstração da tese

Toda tese guarda, em sua gênese, o desejo de escutar o pulso de um tempo. Ao chegarmos ao limiar destas considerações finais, a paisagem que se descortina não é a de um ponto de chegada estático, mas a de uma travessia sensível pelas fissuras e ecos do contemporâneo. Percorrer os labirintos do Instagram não foi apenas observar telas reluzentes e fluxos ininterruptos de informação, mas colocar o meu próprio corpo para *escutar com a pele* as vibrações sutis que modulam o modo como existimos, sentimos, sofremos e nos comunicamos na era da plataformização da vida. Foi a partir dessa atitude de presença, abertura e escuta que esta investigação se orientou pelo seu objetivo geral de *investigar como lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram afetam a constituição de subjetividades contemporâneas*, na tentativa de compreender as dinâmicas pelas quais a experiência humana é capturada e tensionada no ecossistema digital.

Para dar densidade e sustentação a essa busca, a pesquisa traçou um itinerário integrado, desdobrado em quatro objetivos específicos que encontraram maturação e resposta ao longo dos capítulos deste trabalho. O objetivo teórico, desenvolvido ao longo dos Capítulos 1 e 2, dedicou-se a *investigar os modos como subjetividades são constituídas no contemporâneo, e a relação de tais modos com lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram*. Nesse primeiro momento, articulamos as noções de escritas de si e performatividade de gênero com os imperativos da racionalidade neoliberal, da gestão de si e das práticas compulsórias de comunicação organizacional pelo sujeito comum. Demonstramos que o Instagram não opera como um suporte técnico neutro, mas como uma *organização algorítmica* e matriz organizacional latente que prescreve a visibilidade, a eficiência e a contabilidade existencial como normas de conduta e permanência na plataforma.

Pelo objetivo metodológico, desenvolvido no Capítulo 3, empenhamo-nos em *compreender as atmosferas como caminhos metodológicos possíveis à leitura de lógicas comunicacionais operadas pelo Instagram, na constituição de subjetividades contemporâneas*. Para responder a esse desafio, construímos a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* — uma abordagem estético-interpretativa de dupla visada que combina reciprocamente a pesquisa indiciária (foco no sentido) com a pesquisa das materialidades (foco na presença) — assumindo o meu *corpo-sismógrafo* como uma interface senciante e ressonante, capaz de captar, registrar e vibrar com as forças invisíveis, com as tensões algorítmicas e com os abalos afetivos subterrâneos que cruzam a tela do Instagram. A metodologia concebida tem o desenho do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo* como modelo analítico e mapa de

forças vetoriais para cartografar as vibrações que emanam da oscilação entre os efeitos de presença e de sentido na interface, possibilitando identificar e nomear *atmosferas comunicacionais* emergentes.

O objetivo analítico, desenvolvido no Capítulo 4, voltou-se a *identificar as atmosferas comunicacionais que emergem pelo perfil @mairacastanheiro no Instagram*. Minha imersão em deriva cartográfica, com atenção flutuante e cognição focada e incorporada, pelo diário público do perfil estudado, permitiu mapear 30 unidades de análise que, após serem submetidas ao Diagrama, possibilitaram reconhecer a irrupção de quatro movimentos atmosféricos em permanente atrito dialético: a fricção entre *Expectativa* e *Progresso*; *Aprovação* e *Pressão*; *Excitação* e *Frustração*; e *Disponibilidade* e *Cansaço*. A análise atmosférica de cada movimento deu-se pelo exame de duas unidades de análise representativas, compreendidas em sua natureza relacional e integradas por quatro dimensões fundamentais: a imagem ou o vídeo publicado; a legenda textual; a trilha sonora escolhida (ou sua ausência); e o ambiente interacional.

Por fim, o objetivo crítico-social, desenvolvido no Capítulo 5, buscou *examinar como as atmosferas comunicacionais emergentes pelo perfil @mairacastanheiro no Instagram afetam a constituição de subjetividades contemporâneas quando atravessadas pelas plataformas digitais*. Ao realizarmos o salto analítico dos *indícios do caso* para os *indícios do campo*, problematizamos a crise da ideologia do progresso e a atmosfera macropolítica de estagnação, revelando como as falhas da gestão de si na *organização algorítmica* atinge o sujeito comum submetido às plataformas digitais. Essa evidenciação das falhas desmascara o mito neoliberal da autogestão “perfeita”, pois ao publicizar a exaustão somática, a perda de alcance, as angústias financeiras e o adoecimento, o sujeito acaba expondo as fissuras de um sistema que exige a conversão contínua da vida em capital reputacional, desencadeando, como consequência, uma crise simbólica e afetiva profunda para a subjetividade contemporânea. Forçado a gerir a si mesmo como uma corporação, mas privado das condições materiais e psíquicas para sustentar tal performance, o indivíduo é capturado por um ciclo de ansiedade, culpa e isolamento em bolhas, no qual a promessa de avanço se converte na sensação de estagnação e o cansaço deixa de ser um mero desvio individual para se firmar como o sintoma coletivo de um tempo plataformizado.

Com a integração desse percurso, a tese demonstra que o Instagram *captura* o sujeito ao estabelecer sua submissão às suas gramáticas, métricas e parâmetros formais de exibição. Essa captura se dá na medida em que a plataforma opera como um *software* corporativo que cooptou a própria vida cotidiana, constrangendo o indivíduo à autogestão ininterrupta, manifestada pela

prática da comunicação organizacional de si mesmo e a consequente conversão de suas afetividades em capital reputacional na rede. O sujeito é convocado a performar uma existência sem falhas, pautada na disponibilidade contínua, na excitação constante e no alinhamento à promessa neoliberal do progresso individual.

Todavia, o trabalho revela com igual força que a plataforma *tensiona* esse mesmo sujeito quando o imperativo de funcionar como uma "organização de si" colapsa diante da incontornável vulnerabilidade humana. É na irrupção do cansaço somático, da frustração com os algoritmos, do adoecimento e do isolamento em bolhas que a engrenagem técnica humana dá sinais de esgotamento. O sujeito tenta adequar-se à velocidade da máquina, mas o seu corpo, dotado de limites, ambiguidades e dores imponderáveis, recusa-se a funcionar como um motor produtivo ininterrupto.

A subjetividade contemporânea constitui-se, assim, na fresta e no atrito constante entre a norma técnica prescrita e a impossibilidade somática e existencial de corresponder a ela integralmente. Não somos máquinas operadas pelos códigos, mas tampouco somos indivíduos plenamente autônomos e imunes à sua força. Existimos *desde dentro* da tecnologia e é justamente na fresta desse atrito, quando a escrita de si expõe a dor, desmascara a farsa do sucesso contínuo e publiciza as falhas, que a lógica latente da plataforma perde sua opacidade e o humano insiste em reemergir.

7.2 Dos indícios de caso aos indícios de campo: a falha das lógicas e as atmosferas como tendências contemporâneas

O contexto empírico ancorado nas escritas de si publicadas no perfil @mairacastanheiro revelou-se um ponto de observação privilegiado não por buscar um levantamento quantitativo exaustivo, mas pela eficácia indiciária do caso singular. O exame das 30 unidades de análise, culminando na análise aprofundada das oito unidades ilustrativas dos quatro movimentos atmosféricos, evidenciou uma dinâmica fundamental: no ecossistema do Instagram, as *escritas de si* e a *performatividade de gênero* funcionam como *lógicas aparentes*, isto é, a dimensão visível do aparecer, do narrar-se e do expor-se em busca de reconhecimento e pertencimento na rede. Por outro lado, a *gestão de si* e a *comunicação organizacional* atuam como *lógicas latentes*, ou seja, engrenagens invisíveis operadas pela plataforma que induzem o indivíduo a tratar a própria existência sob a lógica contábil e mercantil da produtividade.

O mérito analítico do perfil estudado residiu no fato de que sua autora, ao narrar seus desabafos, impasses com seguidores e esgotamentos cotidianos, realizou um gesto de

explicitação do latente. Ao dar a ver o custo psíquico, financeiro e corporativo de manter-se visível, a autora expôs que as lógicas subterrâneas de autogestão falharam em se manter opacas e essa falha das lógicas na plataforma acabou por escancarar a farsa de uma vida perfeitamente calculada, abrindo, com isso, espaço para a irrupção das *atmosferas comunicacionais* identificadas pelo meu *corpo-sismógrafo* e batizadas de modo a dar inteligibilidade às suas análises.

A passagem dos *indícios do caso* para os *indícios do campo* sustenta que as quatro duplas de atmosferas nomeadas nesta tese não pertencem exclusivamente ao perfil investigado, nem dependem da reprodução exata de suas circunstâncias biográficas. Trata-se de resultado da pesquisa, o qual estamos identificando como *tendências constitutivas da subjetividade contemporânea*, visto que em um mundo no qual o poder comunicacional se confunde e se entrelaça ao poderio financeiro, tecnológico e biopolítico exercido pelas *big techs* e por Estados transnacionais, qualquer indivíduo que utilize o dispositivo móvel como *microlugar* de existência está tendencialmente sujeito a ser atravessado por dilemas semelhantes, traduzidos nas pelas atmosferas aqui identificadas, conforme sintetizado na Figura 5:

Figura 5 – Esquema síntese da articulação entre lógicas comunicacionais, atmosferas comunicacionais e os sintomas da subjetividade contemporânea



Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Habitar o ano de 2026 e ser sujeito no tempo presente significa tentar equilibrar-nos entre a euforia e a exaustão. Como ilustra a Figura 5, a subjetividade plataformizada encontra-

se capturada na tensão entre o visível e o subterrâneo: enquanto as lógicas e atmosferas aparentes convocam corpos ansiosos e hiperestimulados a perseguirem o engajamento, a aprovação e a disponibilidade ininterrupta, as lógicas e atmosferas latentes depositam no *corpo sentido* o peso desmedido da pressão por progresso e do cansaço crônico. É no momento em que a promessa da autogestão “perfeita” colapsa que esses dois polos se chocam, convertendo a aceleração contínua em uma sensação macropolítica de estagnação contemporânea. A dissolução definitiva das fronteiras entre o "real" e o "virtual", sobretudo no pós-pandemia da Covid-19, faz com que esses movimentos atmosféricos ultrapassem a tela do celular e passem a modular a tonalidade afetiva do nosso próprio modo de viver, sentir e comunicar na contemporaneidade, confirmando as atmosferas aqui apreendidas como *tendências relacionais e constitutivas* do nosso tempo.

7.3 A metodologia como resultado: a ética do cuidado, a escuta sismográfica e a validação da análise de atmosferas comunicacionais

Uma das premissas que sustentam esta tese é a de que o desenho metodológico construído não constitui apenas um instrumento operacional, mas é, em si mesmo, um dos resultados centrais da pesquisa. Diante da complexidade dos fenômenos midiaticizados, foi necessário construir uma travessia epistêmica que não estivesse dada *a priori* e a validação dessa proposta metodológica estético-interpretativa assenta-se na sua capacidade de demonstrar rigor sem engessar a sensibilidade, respeitando a singularidade de cada experiência de pesquisa sem abrir mão do alcance científico.

Nesse percurso, a escolha por uma postura ético-política, de minha parte, de não realizar uma interação direta com o perfil pesquisado cumpriu papel fundamental. Minha decisão deliberada de não curtir, não comentar e limitar a coleta ao salvamento e à captura de publicações garantiu o distanciamento analítico que entendemos ser necessário para preservar a calibração do meu *corpo-sismógrafo*. Tentamos evitar, com isso, a sobreposição de papéis relacionais que pudessem gerar conflitos de interesse ou introduzir ruídos afetivos alheios ao escopo da investigação. Minha intenção foi a do exercício de uma ética do cuidado e da sororidade para com a autora do material que viria a constituir a empiria da pesquisa: escutar e analisar as narrativas sobre a trajetória de uma mulher sem dela se apropriar, reconhecendo nas suas escritas de si públicas os sintomas de um tempo que atinge a todas nós.

Essa metodologia de análise encontrou sua maturação a partir da aproximação conceitual com o campo dos Estudos Atmosféricos, oportunizada pela realização do estágio doutoral sanduíche junto ao Kobe Institute for Atmospheric Studies, no Japão. A vivência no

ambiente telúrico da cidade de Kobe — fortemente marcado pela atmosfera que emana da memória do Grande Terremoto de Hanshin-Awaji, ocorrido em 1995 — funcionou como catalisador epistemológico para compreender que os ambientes digitais também emitem tremores e tonalidades afetivas subterrâneas. A noção de atmosfera converteu-se, assim, em uma chave metodológica capaz de fundar um modo de *escuta*, uma abordagem em que passei a tentar a *escutar com a pele* e a *inferir com os ouvidos* a partir daquilo que eu via na tela, captando os climas que pairam no ar antes mesmo da tentativa de interpretá-los.

Aplicada, no campo da Comunicação, aos contextos de plataformização digital, a leitura atmosférica opera um deslocamento decisivo: o foco não recai no conteúdo estrito do que se publica ou na contabilidade métrica de engajamentos e números, mas volta-se às intensidades e afetações que atravessam o *corpo-sismógrafo* de quem pesquisa. Esse movimento não pretende tomar as afetações individuais como absolutas ou exclusivas; ao contrário, reconhece que o olhar do investigador é legítimo como pessoa e cidadão, mas que, na condição de cientista, busca operar uma generalização possível. Trata-se de um gesto analítico que recusa o descarte dos "restos" e das "sobras" cotidianas, pois advogamos que é exatamente no surgimento dessas frestas e falhas que um sujeito humano emerge *desde dentro* da própria tecnologia.

Para tornar essa abordagem operacional e replicável por outras pesquisas sobre ambientes plataformizados no campo, a *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais* consolida-se em cinco elementos integrados:

1. *Corpo-sismógrafo*: Metáfora conceitual e corpórea inspirada na experiência no território telúrico de Kobe, no Japão. Define o *corpo sentido* do pesquisador atuando como uma interface senciante e ressonante, capaz de captar, registrar e vibrar com as forças invisíveis, as pressões algorítmicas e os abalos afetivos que cruzam a interface do celular;
2. *Paradoxo do usuário-pesquisador*: Condição metodológica de duplo posicionamento na rede que dissolve as fronteiras entre o consumir (a navegação ordinária, cotidiana e espontânea na qual o *corpo-sismógrafo* é afetado) e o pesquisar (o rastreamento intencional, a checagem rigorosa e o ordenamento científico das evidências coletadas);
3. *Pacto sensorial*: Vetor de entrada na análise atmosférica. Consiste no instante de sintonização afetiva e estética inicial em que o aparato perceptivo do pesquisador é capturado e desestabilizado por uma intensidade na interface, abrindo o corpo para a instalação do fenômeno atmosférico;

4. *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*: Modelo analítico bidimensional e mapa de forças vetoriais que cruza o *Eixo da Visibilidade Epistêmica* (visibilidade/aparência versus opacidade/latência) com o *Eixo da Intencionalidade Operacional* (estratégia versus algoritmo). Esse cruzamento organiza as dinâmicas de subjetivação no Instagram em quatro quadrantes: 1) *A Performance Eficiente*; 2) *A Fissura Exposta*; 3) *A Gramática Oculta*; e 4) *A Captura Biopolítica*;
5. *Atmosferas comunicacionais emergentes*: O produto condensado do tensionamento analítico sofrido pelas escritas de si ao cruzarem os quadrantes do Diagrama, gerando os efeitos climáticos e relacionais concretos que passam a ser qualitativamente nomeados e interpretados pela investigação.

A validação da metodologia construída reside em compreendermos o que está dado no próprio contexto de mediação: uma dinâmica ininterrupta entre visibilidade e opacidade, entre estratégia individual e coerção algorítmica, da qual emergem inevitavelmente as fendas, as brechas, as falhas. As atmosferas comunicacionais emanam justamente da interação sensível do pesquisador com esse movimento estrutural e, independentemente das nomenclaturas específicas que cada pesquisa venha a nomear, este dispositivo metodológico permanece válido como uma via possível de leitura da subjetividade afetada pelas plataformas digitais.

Ao entregar esse arranjo epistêmico, a tese cumpre o papel de demonstrar que a metodologia não foi apenas um meio para se chegar aos resultados, mas a tentativa de contribuição teórica e metodológica para os estudos sobre mediação e subjetividade na Comunicação.

7.4 O pensamento de risco, as inferências faltantes e a metodologia como dispositivo aberto

A construção de um caminho metodológico inovador no campo da Comunicação exige mais do que o rigor técnico das etapas de coleta e análise, demanda a coragem de habitar a incerteza; e foi sob a perspectiva do *pensamento de risco* e da intuição fundamentada que esta tese se desenvolveu. Inspirado nas reflexões sobre a presença e a experiência estética, o *pensamento de risco* pressupõe uma entrega radical ao acontecimento e ao presente da manifestação. Trata-se do gesto epistêmico em que o pesquisador abre mão das garantias e das redes de segurança conceituais pré-estabelecidas — aquelas categorias rígidas que

antecipadamente pretendem explicar o mundo antes mesmo de tocá-lo — para colocar o próprio corpo em exposição diante da interface digital.

Ao permitir que o meu *corpo-sismógrafo* ficasse vulnerável às forças e às turbulências do *feed* do Instagram, o *pensamento de risco* possibilitou a emergência de lampejos inéditos de análise: intuições teóricas e percepções atmosféricas que não teriam vindo à tona se tivéssemos nos blindado com esquemas analíticos pré-moldados. Assumir o risco significa aceitar que a realidade plataformizada é fluida, opaca e contraditória, e que apreendê-la exige a abertura para o imprevisto da afetação.

É justamente a partir dessa postura de honestidade intelectual e abertura ao risco que reconhecemos o que estamos denominando como *inferências faltantes*, isto é, as lacunas, as fraturas e os caminhos de aperfeiçoamento da matriz metodológica que só se tornam visíveis quando a jornada analítica se conclui.

Como primeira inferência faltante, destacamos a ausência, durante a movimentação das derivas cartográficas, de um *diário de bordo sistemático*. A opção pelo termo *diário de bordo* — em preterição à consagrada expressão "diário de campo" — não é simplesmente estilística, mas guarda uma coerência conceitual com a metodologia empregada. O conceito tradicional de *campo* evoca a ideia de um território físico, delimitado e relativamente estável, onde o pesquisador adentra para observar. Por outro lado, a nossa investigação pautou-se pelo exercício das *derivas cartográficas* pelas águas instáveis, pelos fluxos algorítmicos e pelas marés afetivas da plataforma Instagram. O *diário de bordo* é o instrumento clássico dos navegadores que cruzam oceanos em movimento; ele registra não um solo fixo, mas a travessia, as variações de clima, as tempestades repentinas, a direção dos ventos e o estado da embarcação em tempo real. Como estávamos à deriva pelas atmosferas da rede, o registro necessário era o de uma navegação em mar aberto.

Do mesmo modo, a qualificação desse diário como *sistemático* justifica-se porque, embora tivessem ocorrido anotações e registros episódicos das afetações ao longo da pesquisa, faltou um protocolo disciplinado e contínuo de anotação diária. A ausência de um *diário de bordo* com esse caráter *sistemático*, no qual pudessem ter sido registrados, em tempo real, as nuances do meu fluir cotidiano, o cenário dos acontecimentos políticos do país e as microcircunstâncias do momento em que cada afetação irrompeu no meu *feed*, revelou-se, retrospectivamente, uma oportunidade valiosa de aprendizado metodológico.

Embora essa lacuna não invalide a consistência dos achados empíricos nem a eficácia analítica da *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*, a sua percepção permite-nos propor, para investigações futuras, a incorporação do *diário de bordo sistemático* como um

recurso capaz de adensar a espessura temporal e histórica das leituras atmosféricas em meios digitais, amarrando a afetação somática do pesquisador às variações do macrocenário social.

Para além do *diário de bordo*, a mirada retrospectiva sobre a tese permite-nos identificar outras três *inferências faltantes* que se desenham como horizontes de continuidade para outras pesquisas realizadas no campo da Comunicação:

1. *A rastreabilidade da opacidade algorítmica e das mudanças de interface:* Durante o período de observação (janeiro de 2025 a julho de 2026), a plataforma Instagram passou por atualizações técnicas, mudanças de *layout* e alterações algorítmicas no peso conferido a diferentes formatos (como a alternância de relevância entre *stories*, *feed* e *Reels*)⁵³. Uma inferência faltante foi o registro técnico e sistemático dessas mutações na arquitetura da interface em paralelo às alterações de humor e desabafos no perfil pesquisado, o que permitiria cruzar, com ainda mais precisão, a atualização dos códigos corporativos com a irrupção de atmosferas comunicacionais;
2. *A dimensão ecossistêmica e multiplataforma:* A pesquisa concentrou-se na territorialidade do Instagram, contudo, a constituição da subjetividade contemporânea opera em rede transmidiática. A observação de como as atmosferas comunicacionais que emergem no Instagram repercutem, se reconfiguram ou colapsam ao transbordarem para outros ecossistemas (como TikTok, WhatsApp, Threads ou YouTube) configura-se como um ponto que ultrapassou o escopo deste trabalho, mas que clama por investigações ecossistêmicas futuras;
3. *A expansão dos marcadores interseccionais no corpo-sismógrafo:* O *corpo-sismógrafo* que escuta a plataforma é um corpo situado, atravessado por marcadores específicos de gênero, raça, classe e localização geográfica. Uma importante inferência faltante — e que se abre como convite — é investigar como a calibração da *escuta sismográfica* e a recepção das atmosferas comunicacionais se alteram quando exercidas por corpos situados em outras encruzilhadas interseccionais.

⁵³Informações detalhadas sobre o conjunto dessas alterações estruturais encontram-se documentadas em canais corporativos e de auditoria de mercado, divididos em duas linhas principais: a) *Pronunciamento institucional / Canais oficiais do provedor de serviço:* manifestações públicas de Adam Mosseri (Diretor Executivo do Instagram), informando sobre a transição do *layout* da grade de perfil para o formato vertical e as novas diretrizes de engenharia de recomendação da Meta; e b) *Estudos de caso de monitoramento de plataformas digitais:* relatórios técnicos emitidos por plataformas de análise e gestão de redes sociais, como [Hootsuite](#) e [Planoly](#), que mapearam o comportamento prático do algoritmo, as novas ferramentas de reordenação de mídia e o peso atribuído às métricas de compartilhamento privado e retenção de tela.

A metodologia que entregamos ao campo da Comunicação é, por definição, uma metodologia aberta. A nossa intenção fundamental é a de que ela não se encerre como um dogma rígido ou um protocolo estático a ser repetido mecanicamente, mas que se configure como um dispositivo maleável e vivo. Trata-se de um convite aberto para que outras pesquisadoras e outros pesquisadores possam apropriar-se da *Metodologia de Análise de Atmosferas Comunicacionais*, do *corpo-sismógrafo* e do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, testando-os, reformulando-os e atualizando-os diante de novos objetos digitais, novos arranjos plataformizados e, sobretudo, a partir de diferentes marcadores interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade e territorialidade. É nessa capacidade de transformação e reapropriação que a ciência da comunicação renova o seu compromisso com a escuta sensível do contemporâneo.

7.5 Escutar desde dentro: a tese aberta e a hipótese para os estudos futuros na Comunicação

A presente investigação chega ao seu encerramento formal, mas a tese que dela emana permanece viva, pulsante e aberta ao debate acadêmico. O movimento fundamental que realizamos ao longo desta jornada recusou duas armadilhas teóricas e epistemológicas recorrentes no pensamento contemporâneo: de um lado, o *pessimismo totalizante* de matriz frankfurtiana, que enxerga as plataformas digitais como máquinas panópticas de controle absoluto e insuperável; de outro, o *relativismo ingênuo*, que supõe um indivíduo voluntarista, plenamente autônomo, imune às coerções dos códigos e senhor de suas escolhas na rede.

Contra o risco do elitismo acadêmico — que supõe os pesquisadores a salvo das lógicas que investigam —, tentamos demonstrar que lemos e sentimos as atmosferas porque somos, antes de tudo, sujeitos imersos no mesmo tecido social mediatizado. A partir dessa premissa, esta tese enfrentou um dos impasses próprios dos estudos em Comunicação ao lidar com recortes empíricos temporais: quando a pesquisa "radiografa" um perfil e delimita um recorte temporal, um risco ao qual o pesquisador está submetido é o de transformar esse tempo em um "cadáver" analítico, um objeto inerte a ser dissecado em laboratório. Ao recusarmos essa perspectiva, o desafio metodológico que assumimos foi o de restituir a vida e as relações comunicacionais que afetam a empiria, movimento que a análise atmosférica tornou possível ao operar a passagem da singularidade do caso para a generalização do campo.

Reconhecemos, com isso, que um estudo de caso meramente descritivo não se sustenta se servir apenas para isolar e falar de uma experiência individual; o estudo de caso torna-se uma

metodologia científica legítima quando realiza tensionamentos teóricos a partir da singularidade, produzindo inferências e interpretações aplicáveis a realidades semelhantes. Nesse sentido, a análise do perfil @mairacastanheiro no Instagram não se esgota em sua biografia; ela lança hipóteses e chaves de leitura possíveis a serem endereçadas ao ecossistema plataformizado como um todo. Outras plataformas digitais — como TikTok, YouTube, WhatsApp ou X —, a seus modos e com suas linguagens e modulações específicas, também tendem a capturar e afetar a constituição de subjetividades através das lógicas e atmosferas comunicacionais apontadas nesta tese, consolidando o mal-estar digital como um sintoma do nosso próprio tempo.

Pensar a midiaticização e a plataformização *desde dentro* significa assumir, em primeiro lugar, que a tecnologia não é um exterior do qual possamos nos isolar utopicamente, pois não há um "fora" puro ou um refúgio pré-digital para onde retornar; a vida cotidiana dá-se na imersão técnica. Em segundo lugar, significa reconhecer que, ao convivermos inevitavelmente com os dispositivos digitais, somos frequentemente capturados, modulados e cooptados por suas engrenagens. O sujeito não pode tudo: há momentos em que ele está estruturalmente submetido, aguardando ansiosamente por uma curtida, refém das métricas e impotente diante da perda de alcance.

Contudo, é precisamente no interior dessa estrutura de poder que a dimensão imprevisível, experiencial e acontecimental da vida humana insiste em emergir. A humanidade irrompe na tela causando uma “falha no sistema”, uma fresta no discurso normativo que prescreve o que é sucesso, eficiência, beleza e correção.

É contra a totalização mercantil imposta à plataformização da vida que a postura de escutar *desde dentro* se afirma, pois se o campo da Comunicação se limitar a mapear as estruturas de dominação das *big techs* sem escutar as emergências dos indivíduos, poderá recair no fatalismo de que a experiência humana perdeu qualquer sentido. O desafio ético é pensar a partir do atrito, observando o que os sujeitos pedem urgentemente em meio aos labirintos da interface algorítmica.

O Instagram opera como um *software* imaterial que produz materialidades profundas e dolorosas no corpo. Ao observarmos um sujeito expor sua intimidade de forma tão visceral e vulnerável no Instagram, testemunhamos o ápice e o colapso das lógicas comunicacionais operadas pela plataforma. O indivíduo, capturado por uma lógica de visibilidade desincorporada, busca desesperadamente no comentário, na curtida e na interação um "corte simbólico" que valide a sua existência. No caso estudado, as escritas de si mostraram-se como tentativas corajosas de recuperar esse simbólico e transformar o perfil em um espaço de

elaboração subjetiva. A resistência do sujeito não residiu em atingir a promessa de uma gestão de si “perfeita”, mas manifestou-se nas brechas e falhas que decidiu publicizar. A falha exposta deixou de ser um mero erro de percurso para se tornar um ato político de desmascaramento da ideologia neoliberal do progresso.

Diante de todo esse panorama, a contribuição que esta tese intenciona legar aos estudos da Comunicação sintetiza-se em uma nova hipótese de trabalho para o campo: *É possível constituir e sustentar uma escuta sensível e crítica desde dentro das próprias tecnologias digitais?*

Sustentamos vigorosamente que sim. Ao longo desta tese, o que fizemos foi tentar escutar a autora do perfil analisado *desde dentro* do Instagram. Atravessamos as camadas da performatividade do eu, das escritas de si, da autogestão neoliberal e da comunicação organizacional para, ao final, enxergarmos uma mulher em carne e osso vivendo um cotidiano desafiador; uma mulher tentando sobreviver, amar, trabalhar e ser escutada na sua diferença e nas suas identificações, em uma sociedade que tende a isolá-la em bolhas ou a monetizar sua dor.

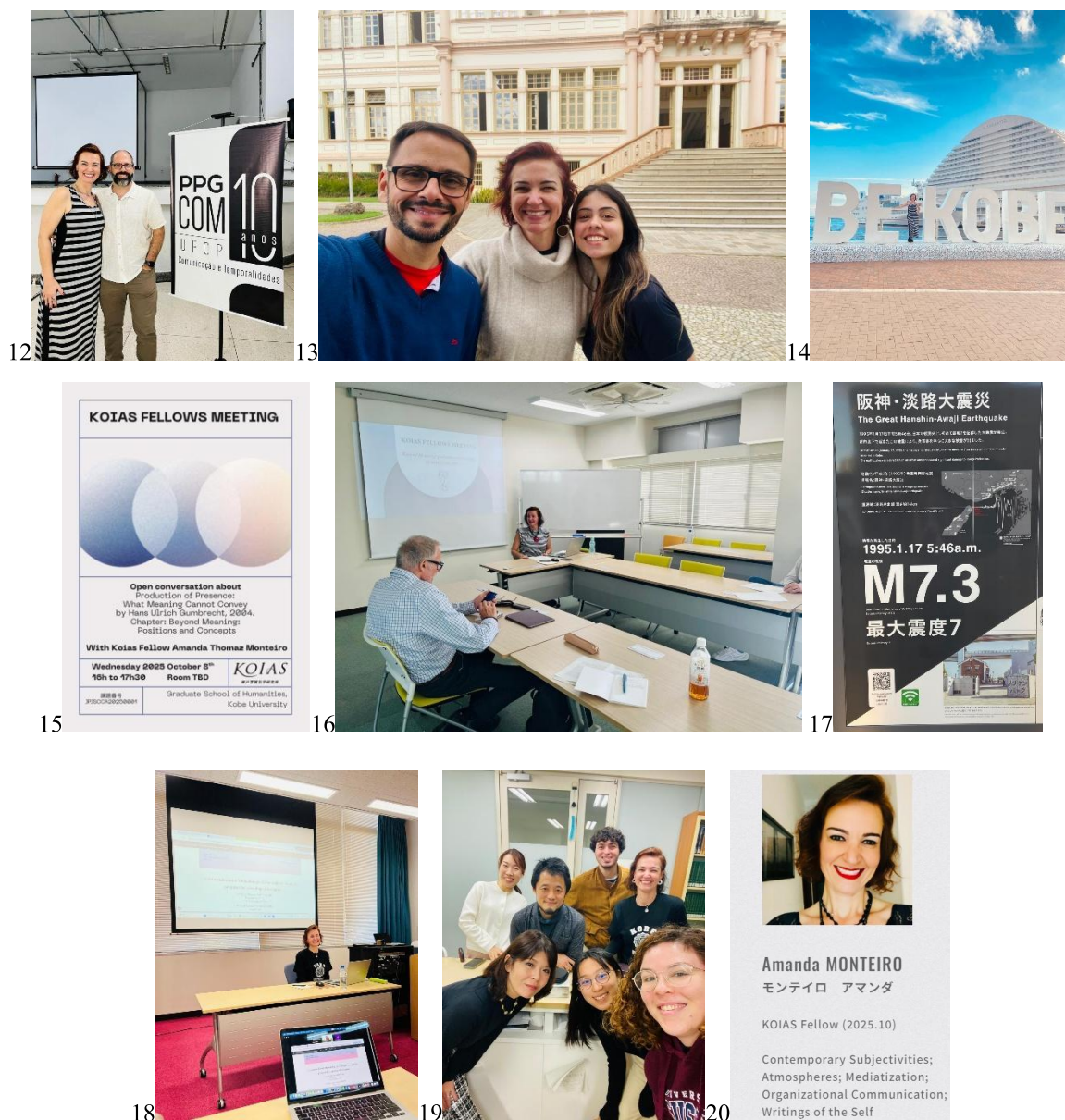
Sustentar uma escuta *desde dentro* é recusar a ideia de que fomos inteiramente capturados. Na falha da máquina, no cansaço exposto, na pausa reivindicada e na escrita de si que recusa a aceleração descartável, ressoa a dimensão viva e imprevisível do humano que o algoritmo não consegue extinguir.

Esta tese tenta oferecer, portanto, uma contribuição social, política e filosófica ao denunciar o massacre subjetivo imposto pela racionalidade das *big techs* no contemporâneo. Reafirmamos, assim, o papel da universidade pública como um espaço insubstituível de rigor acadêmico, acolhimento e reflexão crítica, dedicado a lançar luz e escuta justamente às vivências e aos sofrimentos que o sistema plataformizado tenta tornar opacos. Escutar essas fissuras é o gesto ético, político e científico que nos cabe continuar exercendo.

8 POSFÁCIO

Unidade de Análise Final: A travessia





• **Formato:** Carrossel de 20 imagens. Todas as imagens foram estampadas, pois constituem-se como registros pessoais da trajetória percorrida no doutorado. Legendas: 1) Festa de despedida surpresa em Diamantina (2022); 2) Viagem para Juiz de Fora (2022); 3) Turma do Doutorado (2022); 4) 14º Encontro Internacional Hannah Arendt (UFV, 2023); 5) 46º Intercom Nacional (PUC Minas, 2023); 6) Integrantes do DIZ - Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença (2023); 7) VI Seminário Internacional de Comunicação Organizacional (Sico), com Hans Gumbrecht (UFV, 2023); 8) Seminário de Tese (2023); 9) I Colóquio de Estudos Atmosféricos (UFF, 2025); 10) XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas — Abrapcorp (PUC RS, 2025); 11) XV Encontro Nacional de História da Mídia — Alcar (UFOP, 2025); 12) 10 anos do PPGCOM/UFOP (2025); 13) Orientador e orientandas na UFV (2025); 14) Kobe, Japão (2025); 15) Cartaz palestra proferida

KOIAS (2025); 16) Palestra proferida KOIAS, com presença do prof. Jürgen Hasse (2025); 17) Memorial do Terremoto em Kobe (2025); 18) Apresentação da pesquisa KOIAS (2025); 19) Equipe KOIAS, Universidade de Kobe (2025); 20) *Print* site KOIAS (2025).

- **Data de publicação:** 28/07/2026
- **Trilha sonora:** Tocando em Frente | Almir Sater e Renato Teixeira | música de fundo
- **Acesso à publicação:** Esta tese poderá ser acessada no [Repositório Institucional Digital da Produção Científica e Intelectual da UFJF](#)



Legenda original de @amandathomazmonteiro:

Olho para o painel de escrita desta tese e sinto o motor — aquele mesmo que começou a aquecer no primeiro semestre de 2021 — finalmente desacelerar. Lembro-me com carinho do reencontro com a universidade na condição de estudante, ao cursar on-line a disciplina isolada *Temporalidade e Comunicação*, ministrada pela professora Christina Musse e pelo professor Rennan Mafrá 🇧🇷. Mal sabia eu que a professora Christina, com toda a sua elegância e delicadeza, viria a integrar as bancas do meu Seminário de Tese e, agora, da minha Defesa. Tampouco imaginava que o professor Rennan, que eu conheci nos meus tempos de graduação em Comunicação Social na UFMG, cruzando os corredores da Fafich, se tornaria, com sua imensa generosidade, meu orientador de doutorado 🍀. Naquelas primeiras aulas, após anos distante dos bancos acadêmicos da Comunicação, confesso que me sentia, por vezes, um peixe fora d'água. Mas aquele reencontro acendeu a faísca dentro de mim 🔥💡. No segundo semestre de 2021, participei do processo seletivo do PPGCOM/UFJF e veio a tão sonhada aprovação: em abril de 2022, a aventura do doutorado começava de fato 🎓🎉.

O início da jornada, contudo, testou cada um dos meus limites. Servidora pública na UFVJM desde 2009, conquistei o direito ao afastamento integral para o doutorado após participar do processo regulamentado pela instituição. No entanto, o ato de liberação enfrentou entraves administrativos na gestão superior da época, submetendo-me a um desgastante período de barreiras institucionais 🤯. Mas esta tese nasceu do desejo profundo de escutar o pulso de um tempo, e esse desejo era inegociável. Para não recuar, passei a percorrer 1.200 km todas as

semanas entre Diamantina e Juiz de Fora 🗺️ 🚗 . Trabalhava presencialmente na UFVJM — fazendo todas as horas extras permitidas por lei para compensar as ausências, inclusive aos sábados — e cursava presencialmente as disciplinas do primeiro semestre na UFJF. O corpo cobrava o preço de um cansaço extremo 📅 🏠 , mas o desejo pelo doutorado era infinitamente maior do que as distâncias geográficas e os obstáculos institucionais. No apagar das luzes do primeiro semestre de 2022, a portaria de afastamento foi finalmente publicada. Em setembro, mudei-me para Juiz de Fora, onde morei por um ano para viver integralmente o curso 📦 🏠 .

Morar em Juiz de Fora foi um verdadeiro alento e eu adorei a cidade. O campus da UFJF, com sua natureza e beleza serena, sua vida pulsante e seu espaço aberto à comunidade, presenteou-me com momentos de profunda alegria 🌳 . Foi ali que nasceram relações preciosas; minha turma tornou-se abrigo, escuta e afeto. Confesso que mais nos charmosos cafés da cidade ☕ 🍷 🍰 do que nos bares, Drica Helena, Adri, Lary, Maurício, Sarinha e eu compartilhávamos comilanças, gargalhadas e as boas fofocas acadêmicas 💬 . Esses queridos dividiram comigo os pesos e as doçuras da caminhada ❤️ .

Dois marcos foram muito importantes na minha transformação durante o doutorado: o Seminário de Tese, no qual apresentei meu projeto consolidado, e a Qualificação, na qual expus a tessitura do material que eu havia conseguido desenvolver até aquela etapa. Ali, algo profundo se transformou em mim: deixei de apenas "fazer um curso" para me reconhecer, me sentir e me validar enquanto pesquisadora, enquanto cientista 😊 .

E, no ápice dessa travessia, um anseio se colocou em curso. Logo que entrei no doutorado, eu tinha um sonho: fazer doutorado-sanduiche 🌐 . Não sabia em que país do mundo e, na verdade, isso nem importava tanto. Imaginava que pudesse ser na Europa, na América Latina ou, até mesmo, nos Estados Unidos. Mas nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar que isso se realizaria no Japão, e ainda com uma bolsa para subsidiar parte dos custos 🧳 ✈️ . Aprendi sobre atmosferas sentindo-as na própria pele, mergulhei no aprofundamento metodológico de que a pesquisa necessitava e encantei-me por uma sociedade pautada pelo respeito, pela organização, pela limpeza, pela pontualidade e pela gentileza 🏯 🚶 🏠 🌸 // . O Japão guardou para sempre um pedaço do meu coração 🇯🇵 ❤️ .

Nada disso, porém, teria sido possível sem o mestre que a vida me deu 🍀. Faltam-me as palavras exatas para expressar o tamanho da minha gratidão ao meu orientador. Foram 100 reuniões de orientação registradas no meu computador — ensaios teóricos e afetivos, verdadeiros “testes no laboratório” realizados na nossa sala virtual do Google Meet 🧑🏫 🧑🏫, onde nos encontrávamos semanalmente —, além de incontáveis trocas em congressos, chamadas telefônicas e áudios de WhatsApp 📠 🎧. Rennan segurou a minha mão desde o primeiro rabisco até este último ponto final 🤝. Se esta tese foi gestada ao longo de quatro anos, ele foi a melhor doula que eu poderia ter: ofereceu suporte técnico, emocional e humano em cada contração, até o momento da dilatação final para o parto natural deste trabalho 🧑🏫 🤝.

Às vésperas da defesa, sinto chegar a doçura melancólica de um “*baby blue*” — ou seria de uma “*thesis blue*”? 💙 Afinal, quem foi que disse que só parimos bebês? 📖 📖 O ciclo se fecha e me sinto realizada e profundamente transformada ✨. Concluir este doutorado é um mérito que assumo e celebro com orgulho 🎓. Muito além de um título ou de uma progressão na carreira, torno-me alguém um pouco mais sabida, levando no peito a lição da canção que embalou cada passo desta estrada: “Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe / Só levo a certeza de que muito pouco sei, ou nada sei...”. “É preciso amor pra poder pulsar” — e esta tese pulsou desejo e vida 💖.

Ambiente interacional (comentários e diálogo coletivo):

- **Orientador:** Amanda, parabéns! Não é fácil, sobretudo diante de desafios tão complexos, mas nós conseguimos. Que orgulho da pesquisadora maravilhosa que se apresentou diante de mim. Esse fio de cabelo que nos liga como orientador e orientanda até a entrega da tese vai cair naturalmente, porque nos tornamos colegas de profissão. Porque, no final das contas, Amanda, ser orientador de uma tese é formar recursos humanos; é formar doutores capazes de formar outros doutores.
- **Resposta de Amanda:** Ai, Rennan, que emoção escutar tudo isso, porque eu sei que é tudo muito sincero. Isso tudo emerge das profundezas dos seus sentimentos, do que te constitui como o ser humano maravilhoso que você é, como profissional, como professor, como mestre no sentido mais bonito da palavra mestre.
- **Orientador:** Meu agradecimento vai pra você, que me deu a oportunidade de oferecer o meu melhor, sabe, Amanda, isso nem sempre é possível, mas você me deu essa

oportunidade. Obrigado por confiar em mim lá no início, acreditando que eu poderia, naquele momento, te conduzir no seu doutorado. Foi ali, Amanda, foi ali que o seu desejo de fazer seu doutorado e o meu desejo de te orientar se conectaram. Que privilégio ver você com um trabalho que é resultado direto do seu investimento. Você não merece nada menos do que isso!

- **Resposta de Amanda:** Eu quero, para mim, cada palavra bonita dessa, cada sentimento maravilhoso, cada gesto de gratidão, que é totalmente recíproco entre nós, internalizados em mim, e me dando força nesse momento de conclusão.

Observação: 4 fragmentos interacionais selecionados das trocas de áudio entre orientador e orientanda, operando como índices analíticos do acolhimento pedagógico, do afeto compartilhado e da transição do estatuto de orientanda para o de colega pesquisadora.

Fonte: Doutorado @amandathomazmonteiro (2026). Registro autobiográfico e transcrição de áudios de orientação. Acervo da autora.

Vinculação Atmosférica: Fricção dialética entre as atmosferas de *Disponibilidade e Cansaço* (vivenciadas no esgotamento dos deslocamentos geográficos e na dupla jornada) e *Expectativa e Progresso* (experimentadas na consolidação da autonomia científica, no estágio no Japão e no parto da tese).

Vinculação ao Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo:

- *Quadrante 2 – A Fissura Exposta:* Revela as amarras institucionais, o cansaço somático de percorrer 1.200 km semanais e as angústias da formação acadêmica.
- *Quadrante 1 – Performance Eficiente:* Transmuta a vulnerabilidade em potência metodológica e rigor acadêmico, atingindo a autonomia da práxis científica.

Análise Atmosférica:

A Unidade de Análise Final materializa o fechamento do circuito investigativo ao voltar o dispositivo analítico para o próprio corpo da pesquisadora, confirmando a premissa epistemológica do *corpo-sismógrafo* adotada ao longo da tese. Na escrita de si de Amanda, o relato da jornada de doutoramento não se reduz a um inventário de etapas formais, mas expõe a densidade afetiva, política e corpórea que atravessa a produção de conhecimento na universidade pública.

A narrativa desvela o atrito dialético entre a rigidez dos fluxos institucionais/gerenciais — corporificada na asfixia burocrática dos deslocamentos entre Diamantina e Juiz de Fora — e a emergência de uma atmosfera de acolhimento e resistência, tecida pelas redes de amizade e pela mediação pedagógica do orientador. O ambiente interacional simulado a partir do diálogo real no WhatsApp expõe o momento do *giro ético-político* do processo de formação: o desatamento gradual do laço hierárquico de orientação para a emergência de uma parceria de pares entre colegas pesquisadores.

Ao acionar a metáfora do "parto" e da "doula", a autora tensiona a visão mercantil da pós-graduação como mera produtividade, reafirmando o doutoramento como um processo de gestação existencial e transformação de si. A análise revela que fazer ciência com sensibilidade e rigor exige habitar as vulnerabilidades do percurso — entre dores e delícias —, consolidando a tese não apenas como um produto acadêmico, mas como o testemunho ético de uma mulher que se fez pesquisadora ao afetar e deixar-se afetar pelo mundo.

9 REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização**: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020.

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26-56, 2021.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (orgs.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano, Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 43-60.

ARENDT, Hannah. O declínio do Estado-Nação e o fim dos direitos do homem. In: ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 297-332.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BALDISSERA, Rudimar. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. **Organicom**, nº 7, 2007, p. 229-243.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional: uma reflexão possível a partir do Paradigma da Complexidade. In: OLIVEIRA, Ivone; SOARES, Ana Thereza Nogueira (orgs.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008. p. 149-177.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, São Paulo: USP, v.6, n.10-11, p. 115-120, abril, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. Notas para uma epistemologia da comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; LIMA, Fábica Pereira; SAMPAIO, Adriano de Oliveira (orgs.). **Comunicação organizacional e relações públicas**: 15 anos da Abrapcorp. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 47-61.

BALDISSERA, Rudimar; VINHOLA, Bruno. Mídiação e comunicação organizacional: aproximações tentativas. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 19, n. 39, 2020. DOI: 10.5902/2175497739595. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/39595>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BÖHME, Gernot. Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics. **Thesis Eleven**, v. 36, n. 1, p. 113-126, 1993.

BÖHME, Gernot. **The aesthetics of atmospheres**. London: Routledge, 2017.

BRAGA, José Luiz. Mdiatização como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 15., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: UNESP, p. 1- 16, 2006.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 73-88, abr. 2008.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.

BRAGA, José Luiz. Circuito versus campos sociais. In: JANOTTI JÚNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação e mediação**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, José Luiz *et al.* **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 16-41. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/59g2d>. Acesso em: 17 jun. 2026.

BRANDÃO, Marcílio Dantas. **Dito, feito e percebido: controvérsias, performances e mudanças na arena da maconha**. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife; École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2017. 410 f.

BRUNO, Fernanda. Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows. **Contemporânea**, v. 3, n. 2, p. 53-70, 2005. DOI: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v3i2.3461>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3461>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARELLI, Rodrigo de Lacerda. O trabalho em plataformas e o vínculo de emprego: desfazendo mitos e mostrando a nudez do rei. In: CARELLI, Rodrigo de Lacerda; CAVALCANTI, Tiago Muniz; FONSECA, Vanessa Patriota da (org.). **Futuro do trabalho: os efeitos da revolução digital na sociedade**. Brasília: ESMPU, 2020. p. 65-83.

CARVALHO, Virgínia Martins; BRITO, Margarete Santos de; GANDRA, Mário. Mães pela cannabis medicinal em um Brasil aterrorizado entre luzes e fantasmas. **Forum Sociológico** [Online], 30, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/1747#quotation>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CASTANHEIRO, Maíra. **@mairacastanheiro**. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/mairacastanheiro/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Às vezes, tudo que a gente precisa é admitir pra gente mesmo que somos incompetentes...** [post]. 22 jul. 2025. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DMarNK3s03c/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 28 jul. 2026.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Eu perguntei ao ChatGPT se é possível me livrar dos deveres de filha...** [reels]. 19 fev. 2026. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em: <https://www.instagram.com/reels/DU8FmPhkSzV/>. Acesso em: 28 jul. 2026.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Perguntei para o chat GPT Quem é a maior referência de Mãeconheira no Brasil...** [post]. 26 jun. 2025. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DLXHNEYMhyc/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 28 jul. 2026.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Querido diário, constantemente me confundem com ativista e feminista...** [post]. 23 jan. 2026. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DT2lYygEVaj/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 28 jul. 2026.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Querido diário, é muito bom quando a gente conquista algo por mérito próprio...** [post]. 14 fev. 2025. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DGDrcKfM1tM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 28 jul. 2026.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Querido diário, é o terceiro texto que eu escrevo hoje. Porque se eu não escrever eu piro...** [post]. 20 fev. 2025. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DGT2vSZx0L-/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 28 jul. 2026.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Querido diário, no ano de 2015 eu voltei pra o Brasil, para a Bahia...** [post]. 19 jan. 2025. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFA21D4xIGR/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 28 jul. 2026.

CASTANHEIRO, Maíra [**@mairacastanheiro**]. **Querido diário, ser escritora e professora é o que me faz feliz...** [post]. 30 maio 2026. Instagram: **@mairacastanheiro**. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DY9rxEWRm_t/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA%3D%3D. Acesso em: 28 jul. 2026.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 304 p.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. **Communication Theory**, v. 23, p. 191–202, 2013.

DAMASIO, Antonio R. **Descartes' error**: emotion, reason, and the human brain. New York: Avon Books, 1994.

DAMASIO, Antonio R. **The feeling of what happens**: body and emotion in the making of consciousness. New York: Harcourt Brace, 1999.

DATAREPORTAL. **Digital 2026 Global Overview Report**. [S. l.]: Kepios: We Are Social: Meltwater, 15 out. 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2026-global-overview-report>. Acesso em: 2 jun. 2026.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2020.

DEBORD, Guy. Teoria da deriva. **Internationale Situationniste**, Paris, n. 2, dez. 1958. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1958/12/90.htm>. Acesso em: 17 jun. 2026.

DEWEY, John. Tendo uma experiência. In: DEWEY, John. **Os Pensadores**. Tradução de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 89-105.

ETZIONI, Amitai. **Organizações Modernas**. São Paulo: Pioneira, 1984.

FARAJ, Samer; PACHIDI, Stella; SAYEGH, Karla. Working and organizing in the age of the learning algorithm. **Information and Organization**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 62-70, 2018.

FAUSTO NETO, Antonio. **Fragmentos de uma analítica da mediatização**. Matrizes, São Paulo: USP, v.1, n.2, p. 89-105, abril, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organização de Manoel Barros de Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162. (Ditos e escritos, v. 5).

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O objeto e a pesquisa em Comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Claudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 153-174.

G1. **Instagram começa testes para ocultar número de curtidas no Brasil**. G1, São Paulo, 17 jul. 2019. Economia: Tecnologia e Games. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/07/17/instagram-comeca-testes-para-ocultar-numero-de-curtidas-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2026.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2007. 338 p.

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the Internet: Platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media**. New Haven: Yale University Press, 2018.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GUMBRECHT, Hans Ulrich; PFEIFFER, Ludwig. **Materialities of communication**. Stanford: Stanford University Press, 1994.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 10–22, 2009. DOI: 10.15848/hh.v0i3.68. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/68>. Acesso em: 17 set. 2025.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Graciosidade e estagnação: ensaios escolhidos**. Organização de Luciana Villas Bôas. Tradução de Luciana Villas Bôas e Markus Hediger. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Contraponto, 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência e Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura**. Tradução: Ana Isabel Soares. 1.ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed PUC-Rio, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GRIFFERO, Tonino. **Quasi-cose: la realtà dei sentimenti**. Milano: Bruno Mondadori, 2013.

GRIFFERO, Tonino. **Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces**. New York: Routledge, 2016.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, Aracaju, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HASSE, Jürgen. **Der Leib der Stadt**: phänomenographische Annäherungen. Freiburg; München: Karl Alber, 2015.

HASSE, Jürgen. **Mikrologien räumlichen Erlebens**. v. 2: Märkte und ihre Atmosphären. Freiburg; München: Karl Alber, 2018.

HEIBACH, Christiane. Convincing atmospheres? The influence of diffuse factors on conviction building. In: FINGER, Anke; WAGNER, Manuela (org.). **Bias, belief, and conviction in an age of fake facts**. London: Routledge, 2024. p. 44-58.

HELAL, Ronaldo George; AMARO, Fausto; GAUZISKI, Débora. Uma partida em imagens: Instagram, Futebol e Materialidades da Comunicação. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 82-95, 2012. DOI: 10.12957/logos.2012.4215. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/4215>. Acesso em: 29 jul. 2026.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 45–64, 2014. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v8i1p45-64](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p45-64). Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizess/article/view/82930>. Acesso em: 25 maio. 2026.

HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 21–44, 2014. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44). Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizess/article/view/82929>. Acesso em: 25 maio. 2026.

HOOTSUITE. **The Instagram Algorithm Analysis Report**. Vancouver: Hootsuite Media Inc., 2026. Disponível em: <https://blog.hootsuite.com/instagram-algorithm/>. Acesso em: 28 jul. 2026.

INSTAGRAM. **Requisitos para solicitar o selo de verificação no Instagram**. Central de Ajuda do Instagram, [S. l.], 2026. Disponível em: <https://help.instagram.com/312685272613322>. Acesso em: 22 jul. 2026.

JAPAN SOCIETY FOR THE PROMOTION OF SCIENCE. **Core-to-Core Program**. Tokyo: JSPS, 2025. Disponível em: <https://www.jsps.go.jp/english/e-c2c/>. Acesso em: 27 jul. 26.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no método da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 32-51.

KELLOGG, Katherine C.; VALENTINE, Melissa A.; CHRISTIN, Angèle. Algorithms at work: The new contested terrain of control. **Academy of Management Annals**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 366-410, 2020.

KOBE INSTITUTE FOR ATMOSPHERIC STUDIES (KOIAS). **About the Institute**. Kobe: Graduate School of Humanities, Kobe University, 2022. Disponível em: <https://www.lit.kobe-u.ac.jp/koias/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

LEMONS, André; PASTOR, Leonardo. Experiência algorítmica: ação e prática de dado na plataforma Instagram. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 2, p. 132-146, ago./nov. 2020.

MACHADO, Juremir. Mediação e midiatização. In: FERREIRA, Jairo et al. (orgs.). **Midiatização, polarização e intolerância (entre ambientes, meios e circulações)**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. p. 15-19.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. **Vestígios da dengue no anúncio e no jornal**: dimensões acontecimentais e formas de experiência pública na (da) cidade. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. 366 f.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 89-105, 2022. DOI: 10.12957/logos.2021.62436. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/62436>. Acesso em: 9 jun. 2026.

MAFRA, Rennan Lanna Martins; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Estéticas e discursos de uma pandemia midiatizada: a Covid-19 e as diferenças no/do contemporâneo. In: BRAIGHI, A. A.; LESSA, C. H.; AZEREDO, L. (orgs.). **Vozes na pandemia**. Belo Horizonte: LED, 2022. p. 86-102.

MARQUES, Ângela; PESSOA, Sônia; MARTINO, Luis Mauro. Relatos, histórias, testemunhos: modalidades da produção de narrativas autobiográficas a partir de seu contexto político e situacional. **Revista NUPEM**, v. 14, n. 32, p. 22-40, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2022.14.32.22-40>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MARQUES, Ângela; CAMARGO, Gabriela; LINS Marcela; DUARTE, Mariana. A potência estética e política dos relatos de si na fotoescrivência. **Temática**, v. 19, n. 12, p. 88-109, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/68831>. Acesso em 28 abr. 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

META. **Meta Verified: obtenha o selo de verificação no Instagram e no Facebook**. Portal Institucional Meta, [S. l.], 2026. Disponível em: <https://www.meta.com/pt-br/meta-verified/>. Acesso em: 22 jul. 2026.

MOSSERI, Adam. **A few thoughts on why creators matter and how Instagram needs to evolve**. Instagram, 31 dez. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DS7pz7-DuZG/>. Acesso em: 28 jul. 2026.

MOURÃO, Victor Luiz Alves. Mapeamento Preliminar de Controvérsias Científicas do Uso Medicinal de Cannabis no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20., 2021, Online. **Anais...** Belém:

Universidade Federal do Pará, 2021. Disponível em:

<https://www.sbs2021.sbsociologia.com.br/site/anaisarquivoresumo#M>. Acesso em: 19 jun. 2023

MUDROVICIC, María Inés. **Políticas del tiempo, políticas de la historia**: ¿quiénes son mis contemporáneos? *ArtCultura*, Uberlândia, v. 20, n. 36, p. 7-14, jan.-jun. 2018.

PLANOLY. **Guide to Instagram's New Vertical Grid Layout**. Austin: Planoly Inc., 2025. Disponível em: <https://www.planoly.com/blog/guide-to-instagram-new-vertical-grid>. Acesso em: 28 jul. 2026.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Tradução de Rafael Grohmann. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>. Acesso em: 2 jun. 2026.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva. In: MACHADO, Ida Lucia; SOUZA, Mônica Santos de. **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 299-326.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Unicamp, 2013.

RANGEL, Marcelo de Mello; ARAUJO, Valdei Lopes de. Apresentação: Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 8, n. 17, p. 318-332, 2015. DOI: 10.15848/hh.v0i17.917. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/917>. Acesso em: 17 set. 2025.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 13, n. 25, p. 39-57, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/12619/10219>. Acesso em: 17 set. 2025.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Coleção Biblioteca do Estudante).

ROSENBLAT, Alex; STARK, Luke. Algorithmic labor and information asymmetries: a case study of Uber's drivers. **International Journal of Communication**, [S. l.], v. 10, p. 3758-3784, 2016.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTOS, Fabio Muruci dos; RANGEL, Marcelo de Mello. Algumas palavras sobre giro ético-político e história intelectual. **Revista Ágora**, Vitória/ES, n. 21, p. 7-14, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/11243>. Acesso em: 17 set. 2025.

SCHMITZ, Hermann. **Atmospheres**. Roma: Mimesis International, 2023.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 17, n. 3, p. 353-364, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2015.173.09>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. 268 p.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017. 120 p.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. Tradução de Márcia Miguel Feitosa e Renata França Pereira. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 1, verão 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150>. Acesso em: 26 maio 2026.

URIBE, Pablo Múnera. **La idea de organización**: una concepción amplia para una acción efectiva. Medellín: Comunicación, 2007.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The embodied mind**: cognitive science and human experience. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

WOLTON, Dominique. **Pensar a incomunicação**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2024.

WOOD, Alex J. et al. Good gig, bad gig: autonomy and algorithmic control in the global gig economy. **Work, Employment and Society**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 56-75, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. 784 p.

APÊNDICE — Detalhamento e categorização do *corpus* empírico

As tabelas e o quadro a seguir apresentam a sistematização do *corpus* empírico integral desta pesquisa, constituído pelas 30 Unidades de Análise (UAs) mapeadas no perfil do Instagram @mairacastanheiro. Esse acervo empírico foi apreendido pelo corpo-sismógrafo da pesquisadora e submetido às vetorações do *Diagrama dos Quadrantes do Regime Afetivo*, derivando na identificação dos quatro *Movimentos Atmosféricos*.

Para fins de organização e transparência metodológica, a apresentação do *corpus* divide-se em duas etapas: as Tabelas 1 e 2 fornecem a síntese quantitativa da distribuição das postagens nos quadrantes e movimentos atmosféricos, evidenciando as forças de atração da plataforma; em seguida, o Quadro 3 detalha a totalidade das 30 unidades de análise, registrando o formato de veiculação no *feed*, a síntese do conteúdo e da legenda, a dinâmica interacional nos comentários e o devido enquadramento teórico-analítico. Destacam-se, com sinalização própria, as oito unidades de análise representativas que foram detalhadamente examinadas no Capítulo 4.

Tabela 1 – Resumo Quantitativo por Quadrante do Regime Afetivo

Resumo Quantitativo por Quadrante do Regime Afetivo		
Quadrantes do Regime Afetivo	Quantidade de UAs	Porcentagem (%)
Quadrante 1: A performance eficiente	3	10%
Quadrante 2: A fissura exposta	11	36,7%
Quadrante 3: A gramática oculta	3	10%
Quadrante 4: A captura biopolítica	13	43,3%
Total	30	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Tabela 2 – Resumo Quantitativo por Movimento Atmosférico

Resumo Quantitativo por Movimento Atmosférico		
Movimento Atmosférico	Quantidade de UAs	Porcentagem (%)
Movimento 1: Expectativa e Progresso	7	23,3%
Movimento 2: Aprovação e Pressão	5	16,7%
Movimento 3: Excitação e Frustração	8	26,7%
Movimento 4: Disponibilidade e Cansaço	10	33,3%
Total	30	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Quadro 3 – Detalhamento do *Corpus* Empírico (30 Unidades de Análise)

Unidade Análise (UA)	Formato no feed	Descrição sucinta da publicação e do Ambiente Interacional	Vinculação ao Diagrama e Movimento Atmosférico
UA 1 <i>(Analisada no Cap. 4)</i>	Carrossel	Carrossel de 10 imagens iniciado por uma fotografia de um amanhecer sombreado por árvores, sob a trilha sonora de Erasmo Carlos ("É preciso dar um jeito, meu amigo"). Na legenda, Maíra relata o pagamento de uma dívida de 25 mil reais acumulada em uma batalha jurídica de dez anos, o cansaço que quase a levou a desistir e a celebração de sua resiliência através de autocuidado e consumo cultural no show do BaianaSystem. Nos comentários, ela interage com advogadas e seguidoras legitimando sua trajetória de luta.	Quadrante 2 - A fissura exposta Movimento 2: Aprovação e Pressão.
UA 2 <i>(Analisada no Cap. 4)</i>	Carrossel	Carrossel de 3 imagens contendo retratos profissionais de estúdio com fundo branco infinito, sob a música "Trabalho Duro" de 2metro. Na legenda, Maíra celebra a conquista de um novo emprego por mérito próprio, sem apadrinhamentos, exaltando sua resiliência e o direito de ser autêntica. Nos comentários, capitaliza a comoção e a identificação de suas seguidoras para ofertar o acesso pago ao seu infoproduto ("Laboratório Escrita de Si") e ao seu financiamento coletivo no Apoia.se.	Quadrante 1 — A performance eficiente Movimento 1: Expectativa e Progresso.
UA 3 <i>(Analisada no Cap. 4)</i>	Foto única	Fotografia em plano aberto e em preto e branco de Maíra, solitária no topo de uma duna de areia em Florianópolis, de frente para o mar. Sob a melancólica trilha de Otto (<i>Por Que</i>), a legenda expressa um forte desabafo sobre rejeição no mercado de trabalho e afetivo, o sentimento de punição social por sua conduta e a dor da incompreensão. Nos comentários, Maíra interage com seguidoras acolhendo desabafos financeiros semelhantes e direcionando-as ativamente para o consumo de seu conteúdo fechado no Apoia.se.	Quadrante 2 — A fissura exposta Movimento 3: Excitação e Frustração.
UA 4	Foto única	Fotografia em plano médio de uma pichação em <i>spray</i> preto sobre um muro cinza de contenção, na qual se lê "Foste o meu mais lindo quase", acompanhada por um desenho de <i>emoticon</i> com os olhos em	Quadrante 4 — A captura biopolítica.

		"X" e um coração partido. Embalada pela trilha sonora homônima de Pato Fu (<i>Quase</i>), a legenda expressa um forte desabafo de Máira sobre a reiteração do fracasso nos campos afetivo e profissional, o pavor da pobreza, do envelhecimento e da solidão, contrapondo a precariedade de sua existência ao refúgio soberano de sua escrita. Nos comentários, ela rebate tentativas de romantização de sua dor apontando a urgência material da sobrevivência.	Movimento 3: Excitação e Frustração.
UA 5	Foto única	Fotografia colorida de Máira sentada em um banco sob a copa frondosa de uma grande árvore, com a postura inclinada enquanto lê um livro que segura nas mãos. Sob a melancólica trilha sonora de Otto (<i>Por Que</i>), a densa legenda discursa sobre o processo de "ir parando" na vida (deixar de procurar emprego, abandonar atividades sociais e físicas e se isolar) como uma forma de desistência compulsória causada por sucessivas rejeições. A autora denuncia a inviabilidade de lutar pela filha diante da precariedade financeira e da ausência de rede de apoio familiar. Nos comentários, ela acolhe o apoio financeiro e emocional idealizado por seguidoras e direciona novas leitoras ao Apoia.se.	Quadrante 3 — A gramática oculta. Movimento 4: Disponibilidade e Cansaço.
UA 6	Carrossel de 5 imagens	Carrossel de fotografias retratando Máira e sua filha; na primeira estão sorridentes, abraçadas no saguão do aeroporto de Florianópolis. Sob a melancólica trilha sonora caipira de Zezé di Camargo e Luciano (<i>No dia em que eu saí de casa</i>), a legenda assume o tom de uma carta íntima direcionada à filha, descrevendo sua partida para uma viagem ao Peru com o pai. No texto, Máira tece elogios à inteligência do ex-companheiro e justifica a ausência de lágrimas no aeroporto como um ato de proteção e de aceitação do amor vivido, apesar dos conflitos judiciais passados. No espaço interacional, uma seguidora critica severamente a exaltação pública do "genitor" como um desserviço à luta coletiva de mães que sofrem violência institucional, gerando um debate acalorado no qual Máira defende sua autonomia	Quadrante 4 — A captura biopolítica Movimento Atmosférico 2: Aprovação e Pressão

		narrativa e oferece seus cursos de escrita como solução terapêutica.	
UA 7	Carrossel de 12 imagens	Carrossel de imagens sem trilha sonora. A legenda anuncia o lançamento de uma programação de cursos para o mês de maio, promovendo a "Escrita de Si" como método terapêutico e convocando os seguidores a assinarem seu financiamento coletivo no Apoia.se. No ambiente interacional, que conta com apenas dois comentários, um seguidor demonstra forte interesse em participar do laboratório, obtendo a confirmação das turmas pela autora.	Quadrante 1 — A performance eficiente Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso
UA 8	Carrossel de 5 imagens	Carrossel de cinco imagens de Maíra com uma expressão serena, em diferentes poses na mesma cena (em frente a uma mata). Sem som de fundo, a legenda é construída como uma página de diário íntimo que narra o almoço de comemoração dos 65 anos de sua mãe. O texto detalha a superação da precariedade alimentar na infância e o diálogo sobre o trauma de internações psiquiátricas sofridas pela mãe no passado, elaborando poeticamente a ideia de reconciliação e de que "mãe é uma casa". A legenda encerra-se com a chamada para assinatura de seu financiamento coletivo no Apoia.se. No ambiente interacional, seguidores validam a sabedoria da mãe de Maíra, debatem as marcas históricas da violência institucional psiquiátrica e ressignificam a metáfora da "casa".	Quadrante 3 — A gramática oculta. Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço
UA 9	Carrossel de 9 imagens	Carrossel de 9 imagens acompanhado pela música de fundo <i>Simples assim</i> . As fotos são variações de poses alternativas de Maíra praticando exercícios na varanda, ângulos aproximados de sua residência na montanha e enquadramentos complementares da paisagem natural da lagoa. A legenda, construída no tom confessional de um diário íntimo, reflete sobre o estilo de vida simples, saudável e autônomo da autora, ao mesmo tempo que expõe a precariedade financeira e a falta de recursos básicos cotidianos decorrentes de sua escolha de viver exclusivamente de sua escrita. No ambiente interacional, seguidores validam seu talento literário,	Quadrante 2 — A fissura exposta. Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço

		oferecem suporte afetivo e identificam-se com a coragem de sua trajetória.	
UA 10	Foto estática	Fotografia analógica antiga, desgastada pelo tempo, retratando cinco crianças em uma calçada urbana, ao lado de malas de viagem. Publicada sem trilha sonora no Dia dos Namorados (12/06), a legenda contrasta com a data romântica comercial ao narrar, em tom literário e de memória traumática, o esfacelamento da família de Maíra na infância. O texto descreve a partida de seus irmãos com o pai rumo à Bahia e a sua permanência, aos 12 anos de idade, no Rio de Janeiro para cuidar da mãe (em sofrimento psíquico) e de seu irmão mais novo (que não é filho de seu pai). Na legenda, ela conclui caracterizando o trauma herdado como "uma bagagem pesada e sem alça". No ambiente interacional, seguidores demonstram forte comoção, elogiam a força da autora e relatam a leitura ou o interesse em adquirir seu diário íntimo/romance no Apoia.se, com Maíra direcionando ativamente os usuários para o seu <i>link</i> de assinatura.	Quadrante 2 — A fissura exposta. Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço
UA 11	Carrossel de 12 imagens	Carrossel de imagens heterogêneas publicado sem trilha sonora. A sequência inicia com retratos de Maíra em meio a um bambuzal, passa por uma paisagem natural da lagoa e pelo altar de uma capela católica, exibe capturas de tela (<i>prints</i>) de uma conversa privada em que a autora debate a "fofoca literária" de usar fofocas reais de amigas em suas histórias, e encerra-se com cartões de reflexão psicológica. Na legenda, Maíra narra sua rotina física e espiritual, mas logo transiciona para um tom de desabafo amargo: relata tentativas frustradas de inserção nos "mercados" de trabalho e afetivo, e ataca diretamente o perfil político de sua própria audiência (de esquerda e feminista), acusando-a de ser conivente com a pirataria e de recusar-se a remunerar o trabalho artístico. Ela expõe o contraste entre seus 8 mil seguidores e as escassas 40 assinaturas no Apoia.se para justificar suas dificuldades financeiras. No ambiente interacional, a baixíssima adesão (apenas 2 comentários) é representada pelo incentivo de um seguidor.	Quadrante 2 — A fissura exposta Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço

UA 12 <i>(Analisada no Cap. 4)</i>	Carrossel de 7 imagens	Carrossel de sete imagens publicado com recurso de áudio original de narração na segunda tela. A primeira imagem mostra um retrato de Maíra; as telas seguintes exibem capturas de tela (<i>prints</i>) de respostas geradas pelo ChatGPT, que conceitua e coroa Maíra Castanheiro como "a maior referência de 'mãeconheira' no Brasil", justificando a titulação com base em sua autoria pioneira, intelectualidade afetiva, ativismo vivo e presença midiática nacional. Na legenda, a autora valida o veredicto da máquina para autoafirmar sua independência identitária ("sem me submeter a nada e a ninguém") e anuncia uma estratégia comercial de urgência: a rifa de seu último exemplar físico e esgotado do <i>Diário de uma Mãeconheira</i> para levantar fundos rápidos. No ambiente interacional, os seguidores reagem com entusiasmo, celebram a "concordância" entre a máquina e a realidade, confirmam a aquisição de seus livros anteriores e legitimam sua posição de vanguarda no debate público nacional.	Quadrante 2 — A fissura exposta. Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço
UA 13 <i>(Analisada no Cap. 4)</i>	Carrossel de 10 imagens	Carrossel de imagens que tensiona o refúgio na natureza e a crueza da sobrevivência digital. A primeira imagem apresenta Maíra sorrindo de forma serena diante de uma lagoa ao entardecer; a segunda tela exibe a linha do horizonte entre árvores tropicais sob o pôr do sol. Em forte contraste visual e temático, as telas seguintes trazem capturas de tela (<i>prints</i>) de e-mails institucionais e interfaces de plataformas: o aceite de sua matrícula na UFJF e a página de repasses financeiros da plataforma Apoia.se. Na legenda, a autora elabora um manifesto sobre o "direito ao fracasso", rejeitando as desculpas estruturais macropolíticas para assumir a crueza de sua vulnerabilidade econômica, a necessidade urgente de vender livros, e o desejo ambivalente de alcançar uma escrita tão avassaladora que a retire definitivamente da necessidade de se expor. No ambiente interacional, os seguidores tentam validar seu talento literário enquanto Maíra expõe o cansaço diante da métrica invisível das plataformas.	Quadrante 2 — A fissura exposta Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço

UA 14	Carrossel de 3 imagens	Carrossel de três imagens costurado pela música de fundo satírica "Você não soube me amar", da banda Blitz. A primeira imagem apresenta o recorte de uma mensagem datada de 2016 contendo uma praga direcionada à autora ("tenho fé nas divindades sertanejas que essa dor se perpetuará e se multiplicará em seu coração infinitas vezes"); a segunda tela exibe uma mensagem corporativa padrão de rejeição de currículo ("infelizmente não seguiremos com sua participação"); a terceira estampa o saldo atualizado e decrescente de repasses da plataforma Apoia.se. Na legenda, estruturada como uma página de diário íntimo ("Querido diário..."), Maíra relata o choro sob o cobertor, a ideiação de abrir mão da guarda da filha por se considerar um "fracasso" socioeconômico e a comparação dolorosa com o pai da criança, descrito como a encarnação do "sucesso" e da "conquista". O ambiente interacional é marcado por um denso debate de classe, gênero e vulnerabilidade, onde seguidoras pobres partilham táticas de sobrevivência braçal em cidades litorâneas e tentam disputar o conceito de dignidade com Maíra.	Quadrante 2 — A fissura exposta Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço
UA 15	Carrossel de 5 imagens	Carrossel de 5 imagens com a música de fundo "Trabalho Duro" (2 metro). A primeira foto apresenta Maíra em seu ambiente de trabalho; a terceira imagem revela uma perspectiva de sua bancada de trabalho, repleta de pilhas de livros, uma caveira mexicana roxa, canetas, papéis e um laptop coberto de adesivos com referências canábicas; a quarta traz a captura de tela de mensagens privadas de uma seguidora elogiando as referências teóricas sobre Virginia Woolf e a estrutura do curso. Na legenda, a autora estabelece um elo temporal entre 2021 e 2025, relatando como o estigma de seus livros publicados a excluiu do mercado tradicional de trabalho e como a leitura de Virginia Woolf a inspirou a criar seus próprios "Laboratórios de Escrita de Si" como ferramenta de emancipação. No ambiente interacional, ex-alunos e seguidores elogiam a potência pedagógica	Quadrante 2 — A fissura exposta. Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço

		e o caráter curativo de suas aulas, enquanto Máira anuncia a abertura de novas mentorias individuais e turmas.	
UA 16	Foto estática	Foto estática que retrata uma paisagem litorânea com uma bandeira vermelha de sinalização de perigo cravada na areia. Sobreposta à imagem, há a inscrição em caixa alta: "O transativismo nega a verdade e isso é perigoso". A trilha sonora de fundo é a canção "Homem", de Alice Caymmi. Na legenda, estruturada como desabafo ("Querido diário, estamos fudidos..."), Máira defende o essencialismo biológico, equipara a identidade trans a um dogma de "fé" ou "crença" (em oposição à "certeza" da matéria) e critica a perda de espaços e direitos conquistados pelas mulheres baseados no sexo biológico. O ambiente interacional é o mais combatente e provocador do <i>corpus</i> , marcado por um embate teórico e político. Acusada de transfobia e de usufruir de privilégios de classe, Máira reage de forma agressiva e defensiva, expondo as entranhas de sua pobreza material (o ganho de R\$ 1.142 no Apoia.se, a vida em uma kitnet pequena onde divide a cama com a filha e o histórico de fome na infância) para blindar seu posicionamento discursivo e acusar a agenda transativista de conspiração farmacêutica e transumanista.	Quadrante 4 – A captura biopolítica. Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração
UA 17	Carrossel de 4 imagens	Carrossel de 4 imagens com a música de fundo "Desculpe, Babe" (Os Mutantes). A imagem apresenta um plano fechado do rosto de Máira, sem maquiagem e com expressão serena, debruçada sobre uma janela de madeira rústica. No vidro da janela, que reflete a vegetação verde ao fundo, está grafada a data de seu nascimento: "9/01/1984". Na legenda, escrita no dia de seu aniversário de 42 anos, a autora realiza um desabafo intimista e um balanço de sua maturidade, abordando as marcas físicas do envelhecimento (fios brancos, manchas no rosto, alteração do metabolismo) e afirmando-se como uma escritora que vive de sua própria palavra. No ambiente interacional, a autora fixa um comentário em que renuncia à "foto sexy" tradicional de aniversário para solicitar	Quadrante 2 – A fissura exposta Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso

		apoio financeiro via Pix. A comunidade reage com mensagens de validação literária, carinho, resgate de memórias de infância e manifestações de suporte material.	
UA 18	Carrossel de 5 imagens	Carrossel de 5 imagens com a música de fundo "A mentira" (Rebeca Matta). A primeira apresenta a imagem de uma praia, sobreposta pelo título "PARA MEUS EX-AMIGUES". A segunda exibe o <i>print</i> de uma coluna na Folha de S. Paulo sobre o preço das ideias para os intelectuais. A última imagem redireciona o tráfego para a conta de Máira no <i>Apoia.se</i> . Na legenda, a autora expõe de forma crua o rompimento de amigos íntimos após seu posicionamento crítico ao transativismo. Para desqualificar o distanciamento deles, expõe intimidades compartilhadas do passado (drogas e práticas sexuais), além de criticar amigas escritoras e docentes que a apoiavam apenas por "caridade" ou amizade. O ambiente interacional é polarizado: de um lado, seguidores legitimam seu "exílio" e seu ressentimento biopolítico; de outro, interlocutores a acusam de guinada conservadora, provocando respostas defensivas e agressivas da autora.	Quadrante 2 – A fissura exposta. Movimento Atmosférico 2: Aprovação e Pressão
UA 19 (Analisada no Cap. 4)	Carrossel de 5 imagens	Carrossel de 5 imagens com a trilha sonora de fundo "Carpinteiro do Universo" (Marcelo Nova e Raul Seixas). A primeira tela mostra uma praia com uma bandeira vermelha de sinalização na areia, sobreposta por uma caixa de texto onde se lê: "Eu não sou ATIVISTA e FEMINISTA, eu TENTO ser ARTISTA e INTELLECTUAL". A segunda tela traz um bloco de texto, no qual Máira defende seu argumento (a terceira e a quarta imagens são continuidade do texto). A última imagem direciona o público para a assinatura de no <i>Apoia.se</i> . Na legenda, Máira recusa os rótulos de ativista e feminista para se afirmar como mulher, mãe e escritora, resgatando sua trajetória juvenil no movimento estudantil e recorrendo à história literária da contracultura (Geração Mimeógrafo e Beatniks) para legitimar a escrita de si	Quadrante 3 – A gramática oculta, com sobreposição ao Quadrante 1 – A performance eficiente Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso

		como busca pela verdade. O ambiente interacional é receptivo, debatendo o binarismo ideológico e o esvaziamento das causas sociais transformadas em mercadorias estéticas na internet.	
UA 20	Carrossel de 8 imagens	Carrossel de 8 imagens, publicado sem trilha sonora de fundo. As imagens de fundo repetem a estética de praia ou trazem retratos texturizados das teóricas feministas Virginia Woolf, Hélène Cixous e Virginie Despentes. A publicação funciona como panfleto digital de vendas para o "Laboratório Escrita de Si Escrita Criativa Curativa", divulgando um ciclo de encontros em março. Na legenda, Maíra conceitua a escrita de si feminina como uma condição histórica de resistência ligada à independência material e corporal, mobilizando o repertório das três autoras. Apesar do apelo comercial e das perguntas reflexivas para gerar engajamento, a publicação obteve zero comentários, expondo um silêncio interacional.	Quadrante 4 – A captura biopolítica. Movimento Atmosférico 4: Disponibilidade e Cansaço
UA 21 (Analisada no Cap. 4)	Reels	<i>Reels</i> com áudio original de Maíra falando, com exibição de legendas geradas de forma automática, ao que parece. No áudio, ela desabafa sobre a pesada obrigação legal e moral de cuidar de um genitor idoso e negligente que a abandonou na infância; ao que tudo indica parece ser sua mãe. Maíra teoriza que o "cuidado de si" não é um direito, mas um dever biopolítico para evitar tornar-se um "peso" financeiro e emocional para o Estado e a sociedade, cobrando autorresponsabilidade dos indivíduos. No ambiente interacional, a publicação gerou debates sobre a crueldade da indústria farmacêutica/alimentícia, desabafos de seguidores vivendo dramas semelhantes e observações sobre a prática religiosa de Maíra.	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 2: Aprovação e Pressão.
UA 22	Reels	<i>Reels</i> focado em conversão comercial. Na capa e no vídeo, Maíra aparece de biquíni na praia performando bem-estar físico e conexão corporal. No áudio, ela apresenta um estudo japonês com idosos para argumentar que escrever à mão por 15 minutos diários previne o declínio cognitivo, comparando o cérebro a um músculo que precisa de treino. A partir	Quadrante 4 – A captura biopolítica. Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso

		desse gancho, ela anuncia a "Academia Criativa Curativa" e, na legenda, vende o "Passaporte Mulheres Verão", um pacote promocional oferecido para duplas de mulheres. A publicação obteve 9 comentários focados na recepção positiva das metáforas de treino mental e na frase de efeito da capa.	
UA 23	Carrossel de 4 imagens	Carrossel de 4 imagens sob a trilha sonora de Caetano Veloso ("Você é linda"). As telas trazem <i>selfies</i> do rosto de Maíra ao ar livre, evidenciando sinais de envelhecimento natural, sem retoques digitais. Sob o formato de um "diário íntimo", a legenda aborda abertamente o incômodo com as rugas, manchas e flacidez, conectando a frustração estética à falta de dinheiro para realizar procedimentos e à tese de Virginia Woolf sobre a urgência da independência material feminina. Maíra rejeita o discurso militante padrão de aceitação corporal em prol de um realismo lírico sobre a decadência física e o surgimento de uma "beleza da velhice" baseada na harmonia. O ambiente interacional funcionou como espaço de validação da sua vulnerabilidade e de desejos de ascensão econômica.	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração
UA 24	<i>Reels</i>	No <i>Reels</i> , Maíra relata sua trajetória de superação desde 2015, quando voltou com filha pequena do México, divorciada, desempregada e sem rede de apoio, encontrando na escrita livre e sem amarras teóricas uma via de sobrevivência e cura. Ela contrapõe a liberdade de trabalhar de casa como escritora à dureza do trabalho formal e do transporte público, mas admite manter dificuldades financeiras de "qualquer trabalhador". O relato autobiográfico serve como estratégia de venda para a "Academia Criativa Curativa" (turma de maio focada em diários), oferecendo apenas 5 vagas por turma via contato direto. A publicação obteve 15 comentários com tom de inspiração e confidências.	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso
UA 25	Foto estática	Publicação com imagem estática em formato <i>colab</i> com o perfil @instituto.bioser, veiculada no Dia das Mães, com a trilha sonora "Mother's Day".	Quadrante 4 – A captura biopolítica

		A imagem exibe Máira de sutiã de renda e shorts jeans, segurando um cigarro de maconha aceso, acompanhada de texto que questiona a perda da guarda de filhos por mães usuárias de maconha no Brasil. A legenda apoia-se em matéria assinada por Máira na Revista AzMina, trazendo dados, pareceres médicos e depoimentos de outras mulheres afetadas pelo estigma jurídico. Nos comentários, o espaço configurou-se como rede de acolhimento e denúncia política, onde a autora desabafou sobre as sanções econômicas de sua trajetória e promoveu seu livro "Tornar-se Mãeconheira".	Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração
UA 26	Foto estática	Captura de tela estática do cabeçalho de um texto exclusivo para apoiadores financeiros da plataforma Apoia.se, sob os acordes melancólicos de Cartola ("Preciso me encontrar"). Na legenda, Máira compartilha o exercício de escrita de seu laboratório pedagógico, inspirado na obra <i>A Dor</i> , de Marguerite Duras, revelando em tom confessional a morte trágica de seu pai, ocorrida logo após ele ler uma carta escrita por ela. A autora interrompe o desabafo alegando falta de tempo por precisar ministrar suas aulas de escrita de si e convida os seguidores a assinarem seu perfil pago para lerem o texto na íntegra. A publicação gerou 6 comentários focados em comoção e redirecionamento comercial.	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração
UA 27	Carrossel de 8 imagens	Carrossel de 8 imagens, com a trilha sonora "Ouro de Tolo", de Raul Seixas. As imagens exibem mesas de refeições fartas contrastando com tarjas textuais que relatam um episódio de fome vivido pela autora em 2018. Na longa legenda, Máira narra o luto, a humilhação e o isolamento de passar 48 horas apenas tomando água antes de iniciar em um emprego de professora estadual. Ela descreve o paradoxo de possuir um computador Mac mas não ter o que comer. Ao fim, o texto conclui com uma promessa de autopreservação ("nunca mais passar fome, mesmo que deixe de pagar o aluguel"). A publicação obteve 21 comentários, servindo de gancho para a comercialização	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração

		de assinaturas da plataforma Apoia.se e de seus livros autorais.	
UA 28 <i>(Analisada no Cap. 4)</i>	Foto estática	Imagem de Maíra com aparência natural, editada com ilustrações douradas digitais (<i>doodles</i>) e frases românticas sobre a escrita terapêutica baseadas em sugestões geradas por inteligência artificial. Na legenda, Maíra reflete sobre seu ofício de professora e escritora independente, orgulhando-se de pagar suas contas sem recorrer a concessões estéticas (maquiagem, filtros) ou mercadológicas extremas, mesmo enfrentando dificuldades financeiras e dívidas no cartão de crédito. Ela defende que sua vida "está dando certo" à margem das cobranças de ostentação das redes, embora reafirme sua obstinação em prosperar por meio de seu infoproduto. Nos comentários, Maíra disponibiliza o <i>link</i> de assinatura do Apoia.se e compartilha com a audiência o método tecnológico de criação de sua identidade visual.	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 3: Excitação e Frustração
UA 29	Foto estática	Captura de tela estática do título de um texto restrito na plataforma Apoia.se, sob a densa atmosfera musical de Ney Matogrosso interpretando "Poema". Na legenda, Maíra relata um dia de choro compulsivo enquanto executava tarefas domésticas e laborativas, desencadeado pelo silêncio temporário de sua mãe idosa, que mora sozinha e sofre com o vício e complicações de saúde. A autora confessa a frustração de chegar aos 42 anos sem atingir a estabilidade financeira necessária para dar dignidade à mãe — por quem foi abandonada na infância — e admite que sua "criança interna" ainda busca salvá-la. A postagem termina com um <i>link</i> convidando os seguidores a assinarem seu perfil pago para lerem a íntegra da reflexão.	Quadrante 4 – A captura biopolítica Movimento Atmosférico 2: Aprovação e Pressão
UA 30	Carrossel de 5 imagens	Carrossel de 5 imagens contendo fragmentos de um texto reflexivo de Maíra sobre a diferença entre a autosssexualização explícita e a realização de procedimentos estéticos, ambos sob a lente da aceitação social e do patriarcado. A legenda fornece o contexto dessa reflexão, citando uma troca de ideias com outra perfil (@maternidadeseletiva) e admitindo as contradições da própria autora ("eu só	Quadrante 1 – A performance eficiente Movimento Atmosférico 1: Expectativa e Progresso

		queria mostrar minha beleza"). O conteúdo encerra convidando os seguidores a assinarem o Apoia.se para acessar o texto na íntegra, transformando um debate sobre o corpo feminino em um produto de informação exclusivo.	
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2026).